

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM

ANA BEATRIZ ARENA

**CONSTRUCIONALIZAÇÃO DO CONECTOR *DAÍ QUE* EM PERSPECTIVA
FUNCIONAL CENTRADA NO USO**

NITERÓI
2015

ANA BEATRIZ ARENA

**CONSTRUCIONALIZAÇÃO DO CONECTOR *DAÍ QUE* EM PERSPECTIVA
FUNCIONAL CENTRADA NO USO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Estudos de Linguagem. Área de concentração: Linguística.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. MARIANGELA RIOS DE OLIVEIRA

**NITERÓI
2015**

ANA BEATRIZ ARENA

**CONSTRUCIONALIZAÇÃO DO CONECTOR *DAÍ QUE* EM PERSPECTIVA
FUNCIONAL CENTRADA NO USO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Estudos de Linguagem. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 9 de março de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. MARIANGELA RIOS DE OLIVEIRA – Orientadora
UFF

Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário
UFF

Prof^ª. Dr^ª. Maria Célia Lima-Hernandes
USP

Prof. Dr. José Carlos de Azeredo
UFRJ/UERJ

Prof^ª. Dr^ª. Priscilla Mouta Marques
UFRJ

Prof^ª. Dr^ª. Lygia Maria Gonçalves Trouche – Suplente
UFF

Prof. Dr. Diogo Pinheiro– Suplente
UFRJ

Aos meus pais, Elza e Orlando (*in memoriam*), pelo amor incondicional e eterno incentivo. Aos meus irmãos, Guilherme, Angela e José Roberto, pelo carinho, acompanhamento e dedicação nos momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Aos espíritos de luz que instrumentalizaram o Dr. Fulvio Toshio Hara, permitindo-lhe devolver minha vida saudável.

À professora e orientadora Mariangela Rios de Oliveira, por sua competência, carinho e amizade ao longo de tantos anos.

Aos membros titulares e suplentes desta banca, que gentilmente aceitaram participar deste momento tão importante de minha vida acadêmica, bem como a todos os meus professores de Mestrado e Doutorado.

À Direção da Escola Municipal Debora Mendes de Moraes, por compreender a importância desta etapa acadêmica.

Ao amigo Ivo da Costa do Rosário, por seu saber instigante, que me estimula a aprender sempre mais.

Às amigas Alexandra Ferreira, Ana Cláudia Machado Teixeira, Milena Aguiar e Rossana Rocha, pelas trocas de saberes que tanto enriqueceram meu trabalho.

A todo o Grupo D&G-UFF, por tantos momentos de estudo e de prazer inestimáveis.

Às amigas Paula Solano e Mônica Amim, pelo carinho e apoio sempre e pela ajuda com a formatação da tese.

Ao amigo Reinaldo Souza Santos, pelo incentivo e auxílio com os dados estatísticos.

A todos os meus amigos e amigas, por compreenderem minha ausência nos últimos anos.

À minha família, por acompanhar *minha rota de evolução* e estar ao meu lado em todos os momentos.

A todos vocês, muito obrigada!

EPÍGRAFE

*“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, **daí que** a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.”*

Paulo Freire, 1983

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 PERFIL ETIMOLÓGICO DE <i>DAÍ E QUE</i>	16
2 REVISÃO DA LITERATURA: CONECTORES TEXTUAIS	19
2.1 PERSPECTIVA DA TRADIÇÃO GRAMATICAL	21
2.2 A DESCRIÇÃO PROPOSTA POR AZEREDO (2008) E VILELA E KOCH (2001)	28
2.3 A PERSPECTIVA LINGUÍSTICA	35
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	51
3.1 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO	52
3.2 GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES: O MODELO DE CROFT (2001)	61
3.3 GRAMATICALIZAÇÃO DE CONTEXTOS: O MODELO DE DIEWALD (2006)	69
3.4 A PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL DE TRAUGOTT E TROUSDALE (2013)	72
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	88
4.1 FORMAÇÃO DO <i>CORPUS</i> DE PESQUISA	90
4.2 COLETA E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS	90
4.3 ANÁLISE DE DADOS E REDAÇÃO DA TESE	96
5 ANÁLISE DE DADOS	100
5.1 CONTEXTOS ATÍPICO E CRÍTICO: OS MICROPASSOS DA MUDANÇA	103
5.2 CONTEXTO DE ISOLAMENTO: CONSTRUCIONALIZAÇÃO DO <i>DAÍ QUE</i>	143

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	175
8. ANEXOS	182
8.1 ENDEREÇOS E PERFIS DOS <i>CORPORA ONLINE</i>	182
8.2. CONTEXTOS ATÍPICOS E CRÍTICOS E DE ISOLAMENTO, POR SEQUÊNCIAS TIPOLOGICAS E GÊNEROS TEXTUAIS	184
8.3 OCORRÊNCIAS DE VERBOS E LOCUÇÕES VERBAIS: CONTEXTO ATÍPICO.	185
8.4 OCORRÊNCIAS DE VERBOS E LOCUÇÕES VERBAIS: CONTEXTO CRÍTICO.	186

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Definição de conjunção e classificação das consecutivas e conclusivas	22
Quadro 2. Semelhanças entre os níveis hierárquicos de Traugott (2008a) e Croft (2001)	56
Quadro 3. Tipos de contextos em gramaticalização como construções	69
Quadro 4. Correlação entre os micropassos da mudança e os estágios de gramaticalização de contextos.	76
Quadro 5. Grau de esquematicidade e características dos contextos iniciais	142
Quadro 6. Quadro sinóptico dos contextos atípico, crítico e de isolamento	170

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1. Rede taxonômica construcional das locuções conjuntivas	67
Esquema 2. Estágios da construcionalização do conector lógico-argumentativo <i>daí que</i>	171

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Níveis de esquematicidade construcional	57
Figura 2. A estrutura simbólica de uma construção	62
Figura 3. Pareamento forma-significado do conector lógico-argumentativo <i>daí que</i>	64
Figura 4. Cline de dependência entre as porções textuais articuladas pelo <i>daí que</i>	151

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Ocorrências em contextos atípico, crítico e de isolamento e respectivas frequências totais por tipo de contexto e século	100
Tabela 2. Ocorrências e respectivas frequências de contextos atípico e crítico em estrutura oracional, por sequências tipológicas e séculos	104
Tabela 3. Distribuição de <i>daí que</i> por sequência tipológica e por século	152
Tabela 4. Número de ocorrências dos padrões de uso de <i>daí que</i> segundo sequências tipológicas	153
Tabela 5. Frequência <i>token</i> de <i>daí que</i> na expressão de consequência e conclusão, em articulação intrafrásica e interfrásica, por sequências tipológicas	159
Tabela 6. Contextos atípicos e críticos e de isolamento, por sequências tipológicas e gêneros textuais	159

RESUMO

Na presente tese, investiga-se a rota de construcionalização de *daí que* em função conectora. Com base nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), numa perspectiva dialógica entre Gramática de Construções, Gramaticalização de Construções e a abordagem construcional de Traugott & Trousdale (2013), entendem-se construções como o pareamento forma-sentido de duas ou mais palavras. Compõem o *corpus* textos escritos a partir do século XVII até a sincronia contemporânea (séculos XX e XXI) da língua portuguesa. Adotando-se metodologia pancrônica, propõe-se que usos em estruturas oracionais complexas, como *daí se infere que* e *Conclui-se daí que*, configurem-se, diacronicamente, como a gênese do conector *daí que*. Sincronicamente, após passar por mudanças construcionais, nosso objeto de estudo se consolida como conector lógico-argumentativo, verificando-se perda de fronteira e de composicionalidade de seus componentes: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, *daí que* a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele” (Paulo Freire, 1981¹). Assumimos que relações metonímicas, pressões pragmático-discursivas, inferências sugeridas e subjetificação e intersubjetificação gradativas são fatores cruciais para o processo de construcionalização gramatical de *daí que* como conector lógico argumentativo, articulando relações de consequência e conclusão. Após extensas análises, pode-se confirmar a tese de que o conector *daí que* é um novo *type* no esquema [X-que], cujos padrões sintático-semânticos e pragmático-discursivos se forjaram em seus contextos de mudança.

Palavras-chave *Daí que; Construcionalização; Linguística Funcional Centrada no Uso*

¹ Trabalho apresentado na abertura no Congresso Brasileiro de Leitura, realizado em Campinas, novembro, 1981.

ABSTRACT

In this thesis, we research the route of the constructionalization *daí que* in a connective function. Based on the assumptions of Usage Based Grammar theory, in a dialogical perspective of construction grammar, grammaticalization of constructions and Traugott & Trousdale (2013)'s constructional approach, we understand constructions as the form-meaning pairing of two or more words. The *corpus* is formed of Portuguese written texts from the 17th to the 21st centuries. By means of panchronic methodology, we propose that, diachronically, uses in complex sentences, as *daí se infere que* and *Conclui-se daí que*, are the genesis of *daí que* as a connective. In a synchronic dimension, after successive constructional changes, our object of study arises as an argumentative connective, and its components are no more compositional: “*A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele*” (Paulo Freire). We assume that metonymic relations, pragmatic and discursive pressures, invited inferences and gradual subjectification and (inter)subjectification are crucial factors in the process of grammatical constructionalization of *daí que* as a logical-argumentative connective, linking onsequence and conclusion relations. After extensive data analysis, we can confirm our thesis that *daí que* connector is a new type in the schema [X-que], and its syntactic-semantic and pragmatic-discursive patterns were raised in its changing contexts.

Key words *Daí que; Constructionalization; Usage-based Grammar Theory*

INTRODUÇÃO

Desde que iniciamos os estudos de pós-graduação, as questões linguísticas envolvendo a formação de conectores têm-nos despertado profundo interesse. No mestrado (Arena, 2008), com base na teoria funcionalista de orientação norte-americana, apresentamos estudo sobre a multifuncionalidade e a polissemia do *então*, enfocando sua trajetória de gramaticalização, passando de advérbio a operador argumentativo de conclusão. Nesta tese de doutorado, ampliamos o olhar sobre conectores e um novo objeto de estudo tornou-se alvo do nosso interesse: a microconstrução *daí que*. Trata-se de “novo” objeto por ser não só uma expressão diferente da anterior, com distintos padrões de uso, mas também, conforme indicam os *corpora* pesquisados e os dados coletados, uma expressão linguística de uso bastante recente, da qual só encontramos registro a partir da segunda metade do século XX.

Portanto, embora voltemos a tratar sobre conectores, a abordagem se dá de forma renovada, ampliada e aprofundada, suscitando duas questões:

1. Quais as motivações para o surgimento do conector lógico-argumentativo *daí que*?
2. Que relação essas motivações têm com seus padrões de uso?

Por esta ser uma estrutura complexa, exige que as mais recentes pesquisas e publicações relativas à investigação da língua em uso estejam na linha de frente desta tese, como é o caso da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que ancora todo este estudo.

Ao longo dos últimos quatro anos, profícuas discussões entre os membros do Grupo de Estudos Discurso e Gramática da Universidade Federal Fluminense (D&G-UFF) trouxeram à luz estudos sobre Gramaticalização de Construções (Traugott, 2012; Bybee, 2009; Diewald, 2006) e Gramática de Construções (Croft, 2001), além da mais recente abordagem de Traugott e Trousdale (2013) sobre mudanças construcionais e construcionalização, esteios teóricos da LFCU. São perspectivas que consideram o **uso linguístico** e têm embasado as

pesquisas do grupo, incentivando o desenvolvimento de diferentes metodologias. Apropriamo-nos, cada vez mais, da riqueza dos dados de uso real, e as análises levam em conta fatores morfossintáticos, semânticos e pragmático-discursivos em diferentes contextos de mudança. Segundo Diewald (2006), as mudanças se dão em três estágios, ordenados cronologicamente. O primeiro, atípico, caracteriza-se pelas implicaturas conversacionais; o segundo é considerado crítico, porque dispara o gatilho para a gramaticalização e depois desaparece, quando o terceiro, de isolamento, consolida o processo de gramaticalização.

Uma vez que pesquisadores funcionalistas passaram a se dedicar mais intensamente ao estudo da gramaticalização de elementos não atômicos, a abordagem cognitivista no que se refere à pesquisa de construções veio se somar à teoria da gramaticalização. De fundamental importância para o desenvolvimento desta tese, são os pressupostos de Croft (2001), de orientação cognitivo-funcional. O linguista propõe um modelo de análise construcional baseado no uso, de forma contextualizada, pareando forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e significado (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais).

No entanto, não estamos diante de uma simples fusão de disciplinas, ou apenas dando perspectiva histórica para a gramática de construções. A investigação da gradiência sincrônica, ao lado do estudo diacrônico, que flagra gradualmente os micropassos da mudança linguística, aponta para uma abordagem mais abrangente do desenvolvimento de funções gramaticais: a construcionalização. Segundo Traugott e Trousdale (2013), construcionalização é a criação de (combinações de) signos com forma_{nova}-significado_{novo}. Ela forma novos nós (*types*), os quais apresentam nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, na rede linguística de uma população de falantes.

Portanto, com base nessa perspectiva teórico-metodológica, formulamos a seguinte **tese** para o objeto de estudo desta tese: o conector *daí que* é um novo *type* no esquema [X-que], cujos padrões sintático-semânticos e pragmático-discursivos se forjaram em seus contextos de mudança.

Como **hipótese central**, pressupomos que, as mudanças tenham se dado de forma gradativa, em contextos em gramaticalização, nos quais pressões contextuais, pragmático-discursivas e metonímicas motivaram neoanálises de *daí* e *que* em seus usos composicionais, propiciando a construcionalização do conector lógico-argumentativo *daí que*. Com base nesta, levantamos duas outras hipóteses:

- 1) os contextos atípico e crítico e de isolamento configuram-se como a rota evolutiva de *daí que*;
- 2) sequências tipológicas e gêneros textuais nos quais se expressem relações de causalidade exercem importantes pressões contextuais sobre *daí que*.

Para que tais hipóteses possam ser testadas e os achados as confirmem, ou não, traçamos um **objetivo geral**: investigar o processo de mudança linguística que leva à construcionalização de *daí que* como conector, considerando-se estudos relacionados à construcionalização gramatical, com base na LFCU, em abordagem panorâmica. Assim, ao longo de cada capítulo, o objetivo geral é desdobrado em objetivos específicos.

No capítulo 1, apresentamos brevemente o perfil etimológico da preposição *de*, do pronome adverbial locativo *daí* e da conjunção integrante *que*, com o intuito de demonstrar como, de forma mais direta, ou mais indireta, apresentam condições de participar de um processo de mudança linguística que envolva movimento transferencial.

O capítulo 2 é uma revisão da literatura sobre conectores. Nele, dissertamos sobre obras que tratam o tema, desde uma perspectiva normativa, tradicional, a uma abordagem linguística. Considerar tantos compêndios e estudos caros à língua portuguesa objetiva ampliar nosso olhar para o que buscamos descrever na presente tese e nos levar a conhecer mais e melhor o objeto que aqui estudamos. Ao longo do capítulo, estabelecemos relação entre a literatura existente e o que propomos para o *daí que*, delineando seu perfil, que se caracteriza por ambiguidades sintático-semânticas e pragmático-discursivas. Em face de sua vocação para conectar relações mais factuais ou mais inferenciais, caracterizamos *daí que* como *conector lógico-argumentativo*.

No capítulo 3, discorreremos sobre os pressupostos teóricos que fundamentam esta pesquisa. Na seção 3.1, apresentamos a LFCU e detalhamos sua abrangência, considerando obras de cunho funcionalista, como as de Traugott (2008a e 2010b), sobre gradualidade e gradiência em gramaticalização, e as de Bybee (2010 e 2013), já apontando para uma interface com o cognitivismo, além de obras de cunho cognitivista, como a de Croft (2001), que caracteriza as estruturas gramaticais supostamente representadas na mente do falante. Nas seções que seguem, detalhamos cada modelo que seguimos. Em 3.2, apresentamos o modelo de Croft e a estrutura simbólica de uma construção, com pareamento forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e significado (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais). Em 3.3, o modelo de Diewald, com a caracterização dos contextos atípico, crítico e de isolamento. Por fim, em 3.4, dissertamos sobre o modelo teórico de

Traugott e Trousdale (2013), conhecido como construcionalização. Trata-se de perspectiva para a qual convergem todas as outras, por propiciar que se enfoquem os passos graduais envolvidos no surgimento das construções.

O capítulo 4 apresenta o corpus formado para esta pesquisa, composto de textos escritos coletados de fontes virtuais, como *corpora* históricos ou portais de domínio público, e também os procedimentos metodológicos para empreender a redação do texto e a análise de dados.

No capítulo 5, procedemos à análise de dados. Por se tratar de pesquisa pancrônica, dividimos em duas seções: na seção 5.1, analisamos os dados relativos aos contextos atípico e crítico, na dimensão diacrônica. São interpretados os fatores pragmático-discursivos e sintático-semânticos de cada instanciação apresentada, com vistas a destacar as mudanças construcionais verificadas em cada estágio de mudança. Na seção 5.2, consideramos a dimensão sincrônica, e nos detemos no contexto de isolamento, com o objetivo de detalhar os padrões de uso de *daí que* já construcionalizado como conector lógico-argumentativo.

No capítulo 6, fazemos as considerações finais, em que sintetizamos os aspectos mais importantes do trabalho desenvolvido. Destacamos a relevância do presente estudo e apontamos a necessidade de maior aprofundamento na pesquisa que aqui apenas iniciamos. O conector *daí que* merece estudo inserido na rede construcional a que pertence: o esquema [X-que].

Por fim, apresentamos as referências bibliográficas e os anexos.

Passamos, a seguir, para o desenvolvimento da tese propriamente dita, esperando contribuir para os estudos que têm como foco a língua em uso.

1 PERFIL ETIMOLÓGICO DE *DAÍ* E *QUE*:

Por motivações pragmático-discursivas e sintático-semânticas, alvos de investigação ao longo desta tese, o conector *daí que* apresenta, em sua formação, três elementos que, conforme a tradição gramatical e considerando-se seus usos canônicos, classificam-se morfologicamente como preposição *de*; advérbio locativo² *aí*; e conjunção integrante *que*.

Leoni (1858), na terceira parte de um estudo extenso sobre a língua portuguesa, trata das preposições. O autor apresenta as propriedades da preposição *de*, das quais destacamos as que seguem:

DE

É a mesma preposição que a latina *de*, a qual denota: – *movimento de um ponto de partida*, como o da pedra que despenhada do cume do monte rola pela encosta, pela falda, pela planície, e não se sabe quando e onde ha de parar. D'esta primitiva idéa, que é a mesma, que a de afastamento, provém naturalmente a *de* – *diminuição, privação e falta*. – A idéa de movimento offerece a *de* – *modo*, – e esta a *de* – *meio*. – Da idéa de movimento de um ponto de partida nasce tambem a *de* – *logar e parte d'onde* – e a *de* – *origem e principio d'onde alguma coisa vem, ou procede*. – D'esta ultima idéa se depreheende a *de* – *causa*. (...) (Leoni, 1858:44-45)

Como se pode verificar, a preposição *de* está, etimologicamente, vinculada à semântica de movimento a partir de um ponto de origem; nos usos mais lexicais, esse movimento pode ser a partir de um ponto físico, enquanto, nos contextos mais abstratos, essa origem pode ser entendida como causa. Trata-se de semântica muito importante para as hipóteses que levantamos a respeito do conector *daí que*, o qual, possivelmente, inscreve-se em relações de causalidade, na expressão de resultado, consequência.

Em seguida, o foco recai no uso metaforizado do *aí*, como elemento anafórico, recuperador de porções do texto, em função dêitica textual, ou como um articulador de partes

² Seguimos classificação de Câmara Jr. (1979).

do texto, em função gramatical. Mesmo os dados coletados em textos mais antigos apontam para a confirmação do que Braga e Paiva (2012) e Souza (2012) demonstram em seus estudos: trata-se de um elemento polissêmico e multifuncional, ora em função textual anafórica, ora em função juntora intraoracional ou interoracional, estando, portanto, em processo de gramaticalização como conector.

De acordo com Tavares (2006), é somente a partir do século XIV que se encontram registros da preposição *de* contraída com o locativo *aí*, formando o pronome adverbial *daí*. Nos dados que coletamos, verificamos a contribuição da preposição na expressão de movimento textual, indicando a origem ou causa de um evento.

Por sua vez, o *que*, em consonância com a nomenclatura da tradição gramatical (Cegalla, 2000; Cipro Neto e Infante, 2003; Faraco e Moura, 1999; Cunha e Cintra, 2001), é conjunção integrante. Segundo Câmara Jr. (1979:184), em português, “[o] fato primacial foi o aparecimento da partícula *que* como conjunção subordinativa por excelência, em homonímia com o pronome relativo *que*”. Supostamente, passa a fazer parte do conector *daí que* em contextos nos quais a estrutura oracional complexa não se apresenta mais como necessária.

Como este é um estudo que compreende estágios mais antigos da língua portuguesa, os usos metaforizados dos constituintes *de* e *aí* aparecem codificados de três maneiras nos dados: pela forma contraída *daí*, a mais recente; pelo seu estágio anterior *d’ ahi* ou *dahi*, provavelmente intermediário; e por formas mais antigas ainda, em que cada elemento mantém preservadas todas as suas propriedades gramaticais, como na locução *de ahi*. Igualmente importante para este estudo é a formação etimológica do pronome adverbial locativo *daí*, que conta com a preposição *de*, além do advérbio locativo *aí*, resultante da aglutinação, segundo Nascentes (1966:23), do prefixo *a-* de valor intensivo ou enfático, com a forma arcaica *i* (ou *hi*), originária do locativo latino *ibi*.

Ainda que de forma sucinta, o conhecimento da etimologia e da trajetória de evolução linguística dos elementos constituintes do *daí que* ajuda sobremaneira na compreensão dos padrões de uso do conector. Esta breve exposição serve também para justificar por que, ao longo da presente tese, tratamos *daí* como pronome adverbial locativo, e não como define o *Dicionário Eletrônico Houaiss* [s/d]: “contração”, não obstante a existência da preposição *de* em sua formação. Muito mais do que uma contração, *daí* é o elemento de maior teor lexical do conector *daí que*, e, nos últimos séculos do período moderno da língua portuguesa, principalmente na sincronia contemporânea, os elementos se fundiram de tal maneira, que a composicionalidade de cada um vai se perdendo cada vez mais.

Por fim, os diferentes usos de *daí* categorizado como pronome adverbial locativo em função conectora são alvos de investigação em vários estudos sobre gramaticalização, como o de Tavares (2006), e a construcionalização da locução conjuntiva *daí que*, na presente tese, recebe sua primeira investigação, em dimensão histórica.

2 REVISÃO DA LITERATURA: CONECTORES TEXTUAIS

Em sentido lato, é conector ou conectivo qualquer elemento linguístico que promova a junção entre palavras ou porções de texto, participando da coesão (e coerência) textual. Luft (1990:124) tem compreensão bastante expandida sobre o significado de conectivo, visto que inclui verbos de ligação: “[h]á quatro classes de palavras que fazem de conectivos (sic): conjunções, pronomes relativos, preposições e verbos de ligação ou copulativos”. Em outras obras, preposições são também incluídas na abonação para “conectivos”, como na *Enciclopédia e Dicionário Ilustrado Koogan/Houaiss* (1997:421): “Termo gramatical que estabelece conexão entre palavras ou partes da frase: em português, as conjunções, os pronomes relativos e as preposições são conectivos.”

Não é nosso propósito discutirmos sobre quais categorias gramaticais contam com elementos que podem atuar como conectores, mas, sim, antes de iniciarmos a revisão da literatura propriamente, apresentarmos preliminarmente motivos para optarmos pelo termo *conector* e não *conectivo* para o *daí que*.

Apesar de ser um termo frequente em estudos linguísticos, ao buscarmos *conector* em dicionários, manuais de português e enciclopédias, ou não encontramos qualquer acepção relacionada à gramática, como no *Dicionário de Português Online Michaelis* [s/d] e no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1986), ou somos direcionados para as acepções referentes a *conectivo*. O *Dicionário Eletrônico Houaiss* [s/d], por exemplo, apresenta cinco abonações para *conectivo*, das quais destacamos as que se aplicam ou podem ser aplicadas à linguística:

s.m. **4** GRAM forma linguística que estabelece ligação entre dois termos de uma oração, ou entre orações num período (são as conjunções e os advérbios ou pronomes relativos); conector **5** LÓG termo (p.ex., *ou, e, não*), ou símbolo dele, que relaciona proposições de modo tal que a verdade ou inverdade da afirmação resultante é determinada pela verdade ou inverdade dos seus componentes

Como se pode confirmar pelo trecho citado, *conector* aparece como um sinônimo para *conectivo*. Não obstante essa constatação, nesta tese, não só optamos pelo termo *conector*, mas também defendemos uma caracterização não frequente, seja nos compêndios de natureza normativa, seja nos estudos linguísticos: *lógico-argumentativo*. Tais escolhas se justificam, em primeiro lugar, para evitar eco com a nomenclatura que propomos para o *daí que*: *conectivo lógico-argumentativo* não nos parece soar bem. Em segundo lugar, a maior frequência de uso de *conectivo* acaba gerando maior associação com outro termo bastante empregado, *conjunção*, normalmente presente em estudos gramaticais cujo tratamento para as formas linguísticas que estabelecem elo entre orações ou períodos é dicotômico: as conjunções ou são coordenativas ou são subordinativas. Embora nosso objeto de estudo alinhe-se de maneira bem próxima às conjunções, ele apresenta traços morfossintáticos, semânticos e pragmático-discursivos que dificilmente se enquadrariam em uma categorização discreta. Em adição, alinhamo-nos com o que defende Rosário (2012:112) e igualmente evitamos o termo *conjunção* para nos referirmos ao *daí que* “pelo fato de esse termo envolver uma discussão teórica, quanto à sua conceituação, que excederia os propósitos desta pesquisa”.

Entendemos, portanto, que *conector* é uma nomenclatura que contempla, senão todas, pelo menos grande parte dessa diversidade, para a qual damos um tratamento bastante diferenciado do que se encontra na literatura da tradição gramatical. Até mesmo os estudos linguísticos que revisamos, os quais apresentam propostas viáveis de tratar o objeto de estudo desta tese, não se mostram plenamente capazes de dar conta dos padrões de uso que temos flagrado para o *daí que* como elemento de coesão textual.

Passamos, a seguir, a apresentar revisão da literatura sobre conectores e, paralelamente, vamos justificando a escolha da caracterização *lógico-argumentativo* para o conector *daí que*. Na seção 2.1, enfocamos o que a tradição gramatical denomina conjunções, entre estas as locuções conjuntivas. Ressaltamos que entendemos as gramáticas normativas, especialmente as pedagógicas, como representantes da tradição gramatical. Descrevemos o tratamento que esses compêndios dão para as conjunções e destacamos alguns padrões de uso do conector *daí que*, a fim de justificar por que não o consideramos uma conjunção coordenativa conclusiva ou subordinativa consecutiva, nos moldes da tradição gramatical, tampouco um dos elementos adverbiais – não obstante a origem adverbial do *aí* – que estabelecem coesão entre partes do texto, conforme ressalva Bechara (1999:322). Na seção 2.2, apresentamos as duas únicas gramáticas, dentre o extenso material teórico consultado,

que citam o *daí que*. Pelo fato de ambas serem de orientação fronteira entre os estudos linguísticos e a tradição gramatical, optamos por descrevê-las em seção própria, neste capítulo. Na seção seguinte (2.3), resgatamos alguns estudos linguísticos sobre conectores e apontamos recortes destes que podem justificar em grande parte o tratamento que damos ao nosso objeto de estudo. Demonstramos, ainda, a necessidade de a abordagem que propomos nesta pesquisa ser diferenciada, em alguns aspectos, até mesmo do que propõem estudos de base puramente linguística, em face de o *daí que* ser um conector de uso muito recente na língua – nos dados que levantamos, o registro mais antigo data de meados da década de 1950 – e requer, conseqüentemente, olhar atento e cuidadoso.

2.1 A PERSPECTIVA DA TRADIÇÃO GRAMATICAL

É fato que a grande maioria das gramáticas tradicionais brasileiras não explora as semelhanças e diferenças entre os elementos coesivos, grupo no qual se inserem as conjunções, as preposições e os pronomes, tampouco os denomina *conectores*. Normalmente, esses elementos são apresentados em categorias discretas, sendo listados conforme características, principalmente, morfossintáticas, de maneira bastante sintética, sem deixar realmente claro o seu papel no texto. Seguem essa linha de abordagem gramáticos como Rocha Lima (1973), Cegalla (2000), Cunha e Cintra (2001), Terra (2002), Cipro Neto e Infante (2003), para citar apenas alguns do período contemporâneo. No que se refere às conjunções, todos são unânimes em classificá-las como coordenativas ou subordinativas, numa definição apenas por referência ao estatuto sintático dos segmentos entre os quais ocorrem: a conjunção coordenativa une elementos de igual estatuto sintático, enquanto a conjunção subordinativa une elementos de estatutos sintáticos diferentes, sendo um subordinado e o outro, subordinante. Essa taxonomia está associada aos modos de organização do período composto, respectivamente, por coordenação ou por subordinação, o que é compreensível e esperado no que se refere à tradição gramatical, já que questões textuais estão fora do escopo dessa abordagem.

Como o *daí que* transita entre consequência e conclusão, apresentamos, de forma sintética, como os autores de cinco compêndios gramaticais definem *conjunção* e que tratamento dão para as consecutivas e conclusivas.

Quadro 1. Definição de conjunção e classificação das consecutivas e conclusivas

Autoria	Definição	Classificação	
		Consecutivas *	Conclusivas**
Cegalla (2000)	Conjunção é uma palavra invariável que liga orações ou palavras da mesma oração.	Iniciam orações que exprimem consequência: <i>que</i> (precedido dos termos intensivos <i>tal, tão, tanto, tamanho</i> etc.), <i>de sorte que, de modo que, de forma que, de maneira que, sem que, que</i> (não).	Iniciam uma conclusão: <i>logo, portanto, por conseguinte, pois</i> (posposto ao verbo), <i>por isso</i> .
Cipro Neto e Infante (2003)	Conjunções são palavras invariáveis que unem termos de uma oração ou unem orações.	Exprimem consequência: <i>que, de sorte que, de forma que</i> etc.	Exprimem conclusão: <i>logo, portanto, por conseguinte, pois</i> (posposto ao verbo) etc..
Cunha e Cintra (2001)	Conjunções são os vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração.	Iniciam uma oração na qual se indica a consequência do que foi declarado na anterior: <i>que</i> (combinada com uma das palavras <i>tal, tanto, tão</i> ou <i>tamanho</i> , presentes ou latentes na oração anterior), <i>de forma que, de maneira que, de modo que, de sorte que</i> etc.	Que servem para ligar à anterior uma oração que exprime conclusão, consequência. São: <i>logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim</i> .
Rocha Lima (1973)	Conjunções são palavras que relacionam entre si: a) dois elementos da mesma natureza; b) duas orações de natureza diversa. As conjunções do primeiro tipo chamam-se <i>coordenativas</i> ; as do segundo, <i>subordinativas</i> .	<i>Que</i> (relacionado com <i>tal, tão, tanto, tamanho</i>); <i>de modo que, de maneira que, de sorte que, de forma que</i> .	Relacionam pensamentos tais, que o segundo encerra a conclusão do enunciado no primeiro. São: <i>logo, pois, portanto, conseqüentemente, por conseguinte</i>
Terra (2002)	Conjunção é a palavra invariável que liga duas orações ou dois termos que exercem a mesma função sintática dentro de uma oração.	Exprimem resultado, consequência - <i>que</i> (precedida de <i>tão, tal, tanto</i>), <i>de modo que, de maneira que</i> , etc.	Indicam conclusão – <i>pois</i> (quando posposta ao verbo), <i>logo, portanto, então</i> , etc.

* Em todas as obras, são classificadas como subordinativas.

** Em todas as obras, são classificadas como coordenativas.

Esse quadro é apenas uma amostra do universo de compêndios gramaticais da língua portuguesa. Por meio dele, é possível confirmar o tratamento dicotômico destinado às conjunções na perspectiva tradicional. Todavia, não podemos deixar de destacar que Rocha Lima (1973:261), na classificação das conclusivas, e Cunha e Cintra (2001:588), na classificação das consecutivas, são os únicos que, de alguma forma, apontam para o caráter textual das conjunções: as conclusivas “[r]elacionam pensamentos tais, que o segundo encerra a conclusão do enunciado no primeiro” e as consecutivas “[i]niciam uma oração na qual se indica a consequência do que foi declarado na anterior”, respectivamente.

Trazendo para a perspectiva tradicional alguns pressupostos linguísticos, Bechara (1999:319-330), único entre os gramáticos consultados a usar o termo *conector*, apresenta o capítulo sobre conjunção apontando a diferença entre conector e transpositor. Vamos iniciar abordando o conceito proposto pelo autor para *conector*.

Segundo Bechara, as unidades da língua que reúnem orações ao mesmo nível sintático, isto é, orações independentes umas das outras, são exemplos de conectores, como é o caso da conjunção coordenativa *e* no exemplo: *Pedro fez concurso para medicina e Maria se prepara para a mesma profissão* (Bechara, 1999:319).

Ainda conforme o gramático, como a missão da conjunção coordenativa “é reunir unidades independentes, pode também ‘conectar’ duas unidades menores que a oração, desde que de igual valor funcional dentro de um mesmo enunciado” (Bechara, 1999:319). Este é o papel assumido novamente por *e* em um dos vários exemplos apresentados pelo autor:

a) *Pedro e Maria (dois substantivos)* (Bechara, 1999:319).

Bechara defende, portanto, que a conjunção coordenativa é um conector e, como tal, refere apenas as aditivas (*e, nem*), alternativas (*ou*) e adversativas (*mas, porém, senão*). Lembra que os outros elementos que a tradição gramatical chama de conjunções coordenativas (*pois, logo, portanto, entretanto, porquanto, então, contudo, todavia* etc.), na verdade, são advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. Trata-se de “lição antiga” igualmente ensinada por outros estudiosos da língua, como Câmara Jr. (1979) e Dias (1970, *apud* Bechara, 1999). Bechara, então, apresenta como argumento o fato de esses elementos adverbiais poderem se compatibilizar com as conjunções, o que não seria possível se fossem conjunções *stricto sensu*, como se verifica no exemplo dado pelo autor (Bechara, 1999:322):

b) *Não foram ao mesmo cinema e, portanto, não se poderiam encontrar.*

Temos, nesse ponto, orientações diferentes entre essa abordagem e a estritamente tradicional, que lista o *portanto* – e ainda *por isso* ou *por conseguinte* – entre as conjunções coordenativas conclusivas. Todavia, não queremos estender esse debate, mas, sim, destacar que o *daí que* apresenta traços que o alinham a ambas as abordagens: embora não seja listado nas gramáticas tradicionais como conjunção conclusiva, tem função conectora e pode expressar valor conclusivo; embora não pertença ao rol de “certos advérbios” apresentado pelo gramático (Bechara, 1999:322), participa da coordenação de orações, assemelhando-se, em alguns casos, funcional e semanticamente ao *portanto*, ou ao *então*, uma vez que

estabelece relações interoracionais ou intertextuais, como se pode observar na instanciação³ a seguir, retirada do *corpus* formado para esta pesquisa:

(1) (...) pois nada sobrou de Francisco de Assis Rodano, razão pela qual Corinθο (com th) da Fonseca, que acumulava a função policial com a de escrivão juramentado do Cartório da Comarca de Vassouras (da qual Rodeio era distrito) e com a de principal colaborador do semanário A Voz da Serra, não teve fundamento jurídico para dar a competente baixa do nome de Francisco de Assis Rodano no Registro Civil. **Daí que** Francisco de Assis Rodano, reduzido a tição, a cinzas ou a nada, continuou oficialmente vivo, tornando-se assim o único fantasma da história humana com existência comprovada e legal.

(CP⁴ – *O Piano e a Orquestra*. Carlos Heitor Cony, 1996)

Ademais, *daí que* funciona de forma semelhante à das conjunções *stricto sensu*, pois não pode se compatibilizar com outras conjunções. Em uma paráfrase do exemplo apresentado anteriormente por Bechara, ao substituir-se o *portanto* pelo *daí que*, teríamos o seguinte:

- *Não foram ao mesmo cinema **e, daí que**, não se poderiam encontrar.

Percebe-se, claramente, que a coocorrência do *e* com o *daí que* na paráfrase não corresponde a um enunciado usual na língua portuguesa. Por outro lado, certamente não haveria estranhamento por parte do interlocutor se a paráfrase fosse:

- Não foram ao mesmo cinema, **daí que** não se poderiam encontrar.

Por fim, ainda que não seja um conector *stricto sensu* conforme define Bechara, *daí que*, diferentemente dos elementos coesivos entre os quais se alinha funcional e semanticamente, assume posição fixa na frase, encabeçando a oração que introduz, sem possibilidade de ser deslocado:

- *Não foram ao mesmo cinema, não se poderiam, **daí que**, encontrar.
- *Não foram ao mesmo cinema, não se poderiam encontrar, **daí que**.

No que se refere ao outro conceito apresentado por Bechara (1999:319-320), o de *transpositor*, o gramático o associa ao papel das conjunções subordinativas. Em um enunciado complexo do tipo: *Soubemos que vai chover*, a locução *vai chover* perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer a função de palavra, no caso, objeto direto do núcleo verbal *soubemos*. A conjunção subordinativa integrante *que* assume, dessa forma, o papel de “transpositor de um enunciado que passa a uma função de

³ Sempre que estivermos lidando com dados do *corpus* formado para esta tese, isto é, com construtos, empregamos o termo *instanciação*.

⁴ As siglas que antecedem os nomes das obras abaixo de cada instanciação referem-se aos *corpus* de onde cada caso foi retirado. Assim, CP = Corpus do Português; DP = Domínio Público; PerB = Periódicos brasileiros

palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical” (Bechara, 1999:320).

Seguindo essa lógica, ainda com base em Bechara (1999:323-324), são transpositoras também as conjunções *se* integrante, *se* condicional e o *que* pronome relativo, já que igualmente transpõem um enunciado (oração substantiva, oração adverbial e oração adjetiva) ao nível de uma palavra (substantivo, advérbio e adjetivo, respectivamente).

De especial interesse para este estudo, outro grupo de transpositores citado por Bechara (1999:324-325) é o das locuções conjuntivas, as quais são formadas por advérbio seguido do transpositor relativo *que* (logo que, sempre que, ainda que etc.). Cabe, a esse respeito, um destaque: o autor não lista o *daí que* nesse grupo de transpositores, ou porque não o reconhece como tal, pois se trata de locução conjuntiva relativamente recente na língua portuguesa, ou porque considera que, morfologicamente, o *daí que* apresenta configuração estrutural diferente daquela das locuções exemplificadas. Ambas as possibilidades nos parecem pertinentes, em especial a segunda, visto que, de acordo com o que temos observado, historicamente, sobre os micropassos da mudança gramatical do conector em estudo, o constituinte *daí* há muito já havia se distanciado da sua função adverbial dêitica espacial. Quanto ao constituinte *que*, este já se apresentava gramaticalizado como conjunção integrante desde o português arcaico (Mattos e Silva, 2006:182) e, apesar de ser originário do esvaziamento semântico de pronomes latinos neutros (o indefinido-interrogativo *quid* e o relativo *quod*) (Câmara Jr., 1979:184), seguiu trajetória diferente daquela do relativo *que*.

Nesse sentido, se considerarmos a forma como Bechara descreve as locuções conjuntivas, possivelmente, o *daí que* não deva mesmo fazer parte desse grupo. Por outro lado, Câmara Jr. (1979:184) destaca que, em português, houve uma remodelação profunda das conjunções subordinativas, aparecendo a partícula *que* como conjunção subordinativa por excelência. Esta, além de integrar uma oração à outra, subordinar um termo a outro, introduzir uma oração que expresse causa da outra, assinalar uma consequência do que se comunica, também figura como parte final de locuções conjuncionais subordinativas (*à medida que, ao passo que, de modo que, de sorte que* etc.). Na verdade, é essa configuração que impossibilita a mudança de ordenação das locuções na estrutura frasal que integram, ocorrendo obrigatoriamente antes da oração que encabeçam. Diante do exposto, entendemos que o *daí que* reúne as condições morfológicas necessárias para fazer parte do paradigma das locuções conjuntivas, mas sem associação necessária àquelas estritamente subordinativas, se é que tal

restrição existe para os elementos de conexão textual, especialmente os derivados de advérbios ou pronomes adverbiais.

Sendo assim, com base no que até aqui se apresentou, postulamos que o *daí que* alinha-se morfologicamente com as locuções conjuntivas, porém, no eixo sintagmático, não corresponde plenamente ao que os gramáticos denominam *conjunção* ou ao que Bechara (1999:319-325) entende por *conector e transpositor*.

Como se pode verificar na instanciação (1), *daí que* estabelece conexão entre períodos, podendo relacionar até mesmo parágrafos. Ainda que atue de forma bastante aproximada à das conjunções, assumindo posição fixa na frase, o conector em estudo apresenta traços sintáticos e semânticos que o alinham tanto com as conclusivas, quanto com as consecutivas. A comparação entre as instanciações (2) e (3) esclarece parte dessa ambiguidade pragmática⁵:

(2) Segundo a Comissão de Condóminos, os andares, que adquiriram à cerca de dez anos, sofreram uma desvalorização na ordem dos três mil contos, já que a obra não respeita a distância que é de lei entre dois edifícios, e a entrada para as garagens não tem em conta a segurança e a privacidade dos moradores. “A rampa de acesso às garagens fica a metro e meio da janela do meu quarto, *daí que* fico obrigado a ouvir os ruídos qualquer hora do dia e da noite e a receber os fumos dos escapes dos carros. Além disso, os moradores com as janelas e varandas para o lado da rampa ficam sujeitos a ser assaltados”.

(CP – *Acção em tribunal contra a Câmara da Guarda*. Jornal da Beira, 29/4/1997)

(3) A política não desapareceu, mas seu campo de ação está se deslocando. As incontáveis comunidades criadas via redes sociais estão renovando a experiência da política. Focalizar o debate sobre a exigência por qualidade dos serviços públicos devolve-lhe a clareza.

A estrutura do poder reflete hoje somente um determinado modo de encaminhamento das decisões no labirinto organizacional da máquina pública. *Daí que* novas formas de corrupção podem florescer.

(PerB – *Sem Automatismo*. Tarcísio Padilha Jr., Jornal do Brasil, 2013)

No trecho exemplificado em (2), encontramos, na mesma estrutura frasal, dois eventos numa relação factual de causa (*A rampa de acesso às garagens fica a metro e meio da janela do meu quarto*) e consequência (*fico obrigado a ouvir os ruídos qualquer hora do dia e da noite e a receber os fumos dos escapes dos carros*), sendo a oração que codifica o segundo evento introduzida pelo conector em estudo. Nesta instanciação, há dependência

⁵ Empregamos o termo *ambiguidade pragmática*, em vez de *polissemia*, seguindo orientação de Traugott e Trousdale (2013:200). Ambiguidade pragmática é o caso em que uma construção tem um só valor semântico, que é pragmaticamente aplicado de formas diferentes de acordo com o contexto pragmático. Esse conceito será retomado no capítulo sobre a fundamentação teórica.

relativamente forte entre as duas orações unidas pelo *daí que*, em uso aproximado ao das conjunções subordinativas consecutivas.

Por sua vez, no fragmento (3), o conector é empregado para introduzir um ponto de vista do enunciador a respeito do que foi apresentado na porção textual antecedente. Em uma relação sintaticamente mais frouxa com a oração anterior, reforçada pela presença de um ponto e o início de novo período, o conector anuncia um fragmento marcado pela subjetivação, papel alinhado com o dos operadores argumentativos de conclusão.

A princípio, parece uma distinção simples de se fazer, tendo, de um lado, relações mais factuais e mais dependentes e, de outro, relações mais abstratas e mais independentes. Contudo, o conector *daí que*, como já foi antecipado, está em um contínuo entre dois domínios – consequência e conclusão –, havendo diferentes sutilezas em seus usos, para as quais há que se recorrer a outras abordagens teóricas e diferentes estratégias de análise. Uma dessas sutilezas reside no fato de que, mesmo nas relações mais factuais de causa-consequência, dificilmente a natureza de ambos os segmentos se afasta totalmente do nível epistêmico. Na instanciação (2), por exemplo, a expressão da consequência, embora se refira a um estado de coisas, isto é, a uma situação que ocorre no mundo real, traz concomitantemente a perspectivização do enunciador⁶ (*fico obrigado*), numa atitude argumentativa. Por outro lado, é possível reconhecer usos em que, mesmo iniciando períodos, o conector *daí que* integra porções textuais com forte vínculo sintático-semântico entre si, conforme exemplificado a seguir:

(4) Pelo que, inoque significou trampoleiro ou ladrão dos finos. Mas como havia ainda os ladrões dos “grossos”, não foi difícil meter dentro da palavra mais um veneno. Como, porém, as desgraças e a cólera do povo pediam cada dia têrmos novos para se exprimirem, “inócuo” foi inchando de mais significações. Quando o Rainha deu um tiro de caçadeira, num dia de arraial, ao homem da amante, chamaram-lhe, evidentemente, inoque, por ser um devasso e um assassino de caçadeira. *Daí que* fôsse fácil meter também no inoque o assassino de faca e a cróia de porta aberta.

(CP – *A Palavra Mágica*. Vergílio Ferreira, 1976)

Note-se que, neste caso, o *daí que* sequer poderia ser substituído por uma das conjunções coordenativas conclusivas normalmente elencadas como tal (*portanto, por isso* ou *então*) em face da estrutura oracional na qual se encontra, com verbo no modo subjuntivo

⁶ Como o *corpus* desta pesquisa é composto apenas de textos na modalidade escrita, optamos por empregar o termo *enunciador*, e não *falante*, para evitar ambiguidades com a modalidade falada. No entanto, sempre que algum autor citado empregar *falante*, respeitamos esta escolha.

(*fôsse*). Ademais, o uso apresentado em (4) partilha características tanto do uso instanciado em (2) – vínculo sintático-semântico mais forte entre os dois períodos integrados pelo conector –, quanto do uso exemplificado em (3) – ocorrência em estruturas frasais diferentes.

Avançando na tentativa de lançar luz sobre a morfossintaxe, semântica e pragmática de conectores em geral e muito especialmente do *daí que*, passamos para a revisão de duas obras que estão na fronteira entre a tradição gramatical e os pressupostos linguísticos *stricto sensu*.

2.2 A DESCRIÇÃO PROPOSTA POR AZEREDO (2008) E VILELA E KOCH (2001)

Anteriormente, alertamos que o *daí que* não é arrolado no grupo das conjunções nas gramáticas tradicionais ou nos dicionários investigados. Na verdade, dentre a bibliografia alinhada com o gênero gramática, apenas dois compêndios mencionam o *daí que*: a *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (Azeredo, 2008), doravante *Gramática Houaiss*, e a *Gramática da Língua Portuguesa* (Vilela e Koch, 2001). Estas obras, não obstante serem apresentadas como gramática, não têm como objetivo listar categorias gramaticais aristotelicamente, nem prescrever ou proscriver usos linguísticos. Ambas as obras descrevem a língua levando em conta as diferentes variedades, incluindo a padrão, assumindo uma orientação, até certo ponto, de natureza funcionalista.

A *Gramática Houaiss* (Azeredo, 2008) aborda vários aspectos conceituais da língua, entre eles variação e mudança; linguagem, discurso e texto. Somente essa abordagem já a coloca em um rol bastante distinto do das gramáticas tradicionais.

Por sua vez, a *Gramática da Língua Portuguesa* (Vilela e Koch, 2001) segue, declaradamente, “o caminho que todas as correntes linguísticas mais ou menos seguem”. Com foco na palavra, frase e texto/discurso, os autores deixam claro, ainda, que “é impossível encontrar fronteiras entre a gramática da palavra e gramática da frase e mesmo do texto” (Vilela e Koch, 2001:5-7).

Logo, não causa estranheza que, com tais perspectivas teóricas, as quais dão conta também dos aspectos de ordem pragmático-discursiva, ambos os compêndios arrole o conector *daí que* nos capítulos destinados às conjunções, no caso de Azeredo (2008), ou entre os elementos de coerência e coesão textual, no caso de Vilela e Koch (2001).

Na *Gramática Houaiss*, quando trata do período composto, Azeredo (2008:307-310) apresenta o quadro de conjunções e adjuntos conjuntivos de conclusão e de explicação. Em

capítulo anterior, o autor havia definido que os adjuntos conjuntivos são sintagmas que pressupõem alguma porção de sentido precedente no discurso ou texto, em relação à qual a porção a que eles se unem expressa, entre outras possibilidades, “uma conclusão, uma inferência, um resultado (*portanto, pois, por isso, por conseguinte, em consequência*)” (Azeredo, 2008:288). São listadas, ainda, mais cinco porções de sentido, que fogem ao escopo desta pesquisa.

O autor apresenta três grupos de adjuntos conjuntivos de conclusão. No primeiro grupo, descreve o funcionamento de *portanto* e *logo*, demonstrando que uma inversão na ordem das orações conectadas levaria a uma relação de explicação (Azeredo, 2008:308):

- a) *As águas baixaram um pouco; logo (ou portanto), já podemos atravessar.*
- b) *Já podemos atravessar, pois (ou porque) as águas baixaram um pouco.*

Segundo Azeredo (2008:308), “[*p*]ortanto (ou *logo*) introduz a conclusão que se tira de um fato ou ideia”, enquanto “*pois/porque* inicia um argumento para uma tese/opinião ou uma atitude expressa na oração anterior”:

- c) *Tínhamos obrigação de ganhar o jogo (opinião/tese), pois nossa equipe estava mais preparada. (argumento)*
- d) *Levem agasalhos (atitude), porque no alto da serra a temperatura é muito baixa. (argumento)*

O segundo grupo de adjuntos conjuntivos de conclusão descrito pelo autor é formado por *por conseguinte, conseqüentemente, por isso* e *então*. Para Azeredo, a diferença entre os quatro reside no grau de formalidade, sendo os dois primeiros mais formais e os dois últimos mais coloquiais. O autor destaca que *por isso* e *então* são usuais no discurso narrativo (Azeredo, 2008:308) e, à semelhança de Bechara (1999:322), lembra que a natureza adverbial dessas formas permite que a elas se junte uma autêntica conjunção, como já exemplificado anteriormente, com base em Bechara (1999:322): *Não foram ao mesmo cinema e, portanto, não se poderiam encontrar.*

Diante do que até aqui se expôs sobre a descrição proposta na *Gramática Houaiss*, é correto deduzir que, para o autor, o conceito de conclusão engloba as noções de opinião/tese e de atitude. Vejamos a confirmação dessa perspectiva ao invertermos a ordem das orações e substituímos os conectores empregados por Azeredo (2008:308) pelo *daí que* nas seguintes paráfrases dos dois últimos exemplos apresentados:

- *Nossa equipe estava mais preparada (argumento), daí que tínhamos obrigação de ganhar o jogo (opinião/tese).*

- No alto da serra a temperatura é muito baixa (argumento), **daí que** devem levar agasalhos (atitude).

Por termos lidado com o conector *daí que* em dados de uso real que guardam grande semelhança com os exemplos parafraseados, não nos parece que estes causem qualquer estranheza ou soem pouco natural. Todavia, mesmo que essas interpretações confirmem a possibilidade de ocorrência do *daí que* no segundo grupo, somente no terceiro Azeredo menciona o conector, conforme demonstramos na revisão a seguir.

O terceiro grupo – *de modo que, de sorte que, de maneira que, daí que* (negrito nosso) – é o que nos interessa mais diretamente. Azeredo (2008:309) não mais os denomina *adjuntos conjuntivos*, empregando o termo mais genérico *conectivos*. Além disso, pela primeira vez, desde que começou a tratar do tema, assume que estes conectivos “são de coordenação quando, anunciando um efeito ou conclusão do fato anterior, introduzem uma oração com verbo no indicativo”. Outra distinção anunciada pelo autor, que confirma o que observamos na revisão de Bechara (2009), é que, diferentemente das formas que compõem o segundo grupo – as quais, como advérbios, podem se deslocar e combinam livremente com *e* – as deste terceiro grupo “são conectivos puros, ocorrendo obrigatoriamente antes da oração”. A seguir, o exemplo que o autor apresenta para o *daí que*:

e) *Empurradas para o mercado de trabalho, as mulheres não aceitavam mais ser posse passiva de seus maridos, **daí que** a primeira bandeira de sua luta foi contra a violência em casa. [Veja, 26/11/1977] (Azeredo, 2008:309)*

Embora a descrição feita por Azeredo constitua um avanço muito grande em relação ao que se tem nas gramáticas tradicionais, há ainda um longo caminho a percorrer até que o conector *daí que* tenha reconhecidos todos os seus traços sintático-semânticos e pragmático-discursivos. Ao enquadrá-lo como elemento daquilo que se reconhece como *coordenação*, associando seu uso com verbos no modo indicativo, fica de fora da abordagem do autor grande parte de outras sutilezas que o conector em estudo apresenta. O fragmento a seguir instancia um uso efetivo do *daí que* em estrutura frasal com verbo no subjuntivo (*possa*), semelhante ao que já foi apresentado em (4), mas não nos parece que a diferença entre o exemplo apresentado por Azeredo e os encontrados em nossos dados se deva às distinções entre coordenação e subordinação simplesmente. Trata-se, antes, de uma variação nos níveis de subjetivação, portanto pragmático-discursivos, apresentando relações mais calcadas no campo das ideias, com mais abstrações do que o fragmento apresentado pelo autor da *Gramática Houaiss*.

(5) (...) implica uma diferente compreensão da História. Implica entendê-la e vivê-la, sobretudo vivê-la, como tempo de possibilidade, o que significa a recusa a qualquer explicação determinista, fatalista da História. Nem o fatalismo que entende o futuro como a repetição quase inalterada do presente, nem o fatalismo que entende o futuro como algo pré-dado. Mas o tempo histórico, sendo feito por nós e refazendo-nos enquanto fazedores dele. ***Daí que*** a Educação Popular, praticando-se num tempo-espço de possibilidade, por sujeitos conscientes ou virando conscientes disto, não **possa** prescindir do sonho.

(DP – *Educação de Adultos: algumas reflexões*. Paulo Freire, 1993)

Ao associar o uso do modo indicativo à coordenação, Azeredo demonstra que a sua perspectiva sobre coordenação ancora-se, ainda, nas bases aristotélicas da tradição gramatical, ao passo que, na abordagem que propomos para o tratamento do *daí que*, consideramos, na relação entre as orações ligadas pelo conector, tanto o nível de *dictum*, mais próximo das relações factuais e possivelmente com predomínio do modo indicativo, quanto o nível de *modus*⁷, alinhado com a atitude do falante ou com a emissão de sua conclusão, possivelmente com predomínio do modo subjuntivo. A modalização epistêmica é intrínseca à constituição de conectores que se especializam no estabelecimento de relações lógico-argumentativas, por isso, ao lado de dados com verbos no indicativo, encontramos tantos dados com verbos no subjuntivo nas estruturas frasais encabeçadas pelo conector *daí que*.

O outro compêndio em análise nesta seção, *Gramática da Língua Portuguesa*, de Vilela e Koch (2001), apesar da organização dos elementos gramaticais por categorias, ou classes de palavras, propõe um tratamento inovador para estas e também para os conectores da língua portuguesa. Apresentados na parte denominada *Gramática da Palavra*, eles são distribuídos em quatro capítulos diferentes: preposições; conjunções; partículas e partículas modais; marcadores da coerência/coesão discursiva. É neste último grupo que os autores inserem o *daí que*.

O simples fato de trazerem para discussão elementos linguísticos que, normalmente, são omitidos das gramáticas tradicionais, ou, quando são citados, aparecem em listas pouco esclarecedoras, é indicativo de uma abordagem realmente mais abrangente e detalhada dos elementos de conexão. Trata-se de uma perspectiva preocupada com as relações semânticas, semântico-sintáticas e também pragmático-discursivas, desvelando uma série de usos que “transitam” por esses diferentes aspectos. Antes de discutirmos o que os autores apresentam para o *daí que*, vamos revisar o tratamento que dão para as conjunções.

Ao abordarem as conjunções, Vilela e Koch (2001:259-268), primeiramente, enfocam a natureza sintática da relação estabelecida entre os membros ligados, de modo que temos as

⁷ Os conceitos de *dictum* e *modus* são retomados e ampliados na seção 2.3.

conjunções coordenativas e as subordinativas. Em seguida, distinguem a sua constituição quanto à forma, como sendo conjunções simples (*quando, pois, que, se, e, ou* etc.), conjunções compostas (*se bem que, antes que, desde que* etc.) e conjunções compostas de dois membros (*não só... mas também, ou...ou, quer...quer* etc.). Por último, a distinção se dá por relações semânticas ou semântico-sintáticas, de acordo com diferentes valores, incluindo elementos adverbiais que funcionam como conjunções. Dentre os valores semânticos levantados pelos autores, destacamos os dois que são de interesse para este estudo: causa (*pois, então, daí, porque* etc.) e consequência (*de tal modo, por conseguinte, portanto* etc.) (Vilela e Koch, 2001:259-260). É nesse grupo, também, que se percebe tratamento para o tema numa orientação muito próxima à das vertentes linguísticas, pois os autores lembram que “advérbios, preposições e conjunções se misturam, se confundem, se servem dos mesmos elementos, e, por vezes, não é fácil distinguirmos se estamos numa classe ou noutra” (Vilela e Koch, 2001:267).

Entretanto, apesar desse alerta e do distanciamento da tradição gramatical, a *Gramática da Língua Portuguesa* não se furta a apresentar um “quadro de conjunções”, separando-as em coordenativas e subordinativas, ficando as conclusivas (*logo, portanto, pois, por conseguinte, por isso*) no grupo das primeiras e as consecutivas (*de tal modo/maneira que, tão/tanto...que*) no grupo das segundas. Ou seja, elas deixam de ser consideradas em sua semântica e voltam a ser categorizadas pelo seu caráter apenas sintático, à semelhança do que se faz nas gramáticas normativas. O *daí*, que havia sido mencionado no grupo das conjunções que expressam causa, evidentemente numa relação de causalidade e não de causa *stricto sensu*, não voltou a ser considerado no quadro das conjunções, seja entre as conclusivas, seja entre as consecutivas, possivelmente porque os autores optaram, nesse ponto, por um alinhamento mais próximo ao da norma gramatical.

O capítulo destinado aos marcadores da coerência/coesão discursiva é, por si só, um grande diferencial em se tratando de gramática, mais ainda se considerarmos a presença do *daí que* nesse grupo, já que, como temos destacado, trata-se de um elemento linguístico de uso recente na língua portuguesa. Vilela e Koch (2001:272) assim caracterizam os marcadores da coerência e coesão textual:

elementos que se alimentam dos advérbios ou locuções adverbiais, de conjunções, de adjetivos, de verbos, de combinações várias, mas são sempre expressões que funcionam em bloco, como expressões já (total ou parcialmente) lexicalizadas.

Como o tratamento que adotamos para o conector *daí que* se dá numa perspectiva construcional funcionalista, essa definição dos autores alinha-se bem com os objetivos teórico-metodológicos deste estudo, especialmente no que diz respeito a “expressões que funcionam em bloco”, que, em termos funcionais, seria o que Traugott (2008a) denomina microconstrução. Para Vilela e Koch (2001:273), “[t]rata-se da gramaticalização (e respectiva dessemantização) de determinados elementos que perderam suas características funcionais, valorizando apenas sua função conectora”. Dentre as formas que apresentam, mencionam o que acontece com os dêiticos espaciais, entre eles o “daí”, e os dêiticos temporais, entre eles o “então”. Ainda segundo os autores, “[s]ão elementos que perdem sua função semântica original que fica apenas reduzida à função de coordenação” (Vilela e Koch, 2001:274).

Com relação a esta última descrição funcional dos elementos *daí* e *então*, podemos falar mais diretamente sobre o segundo, já que foi nosso objeto de estudo em dissertação de mestrado (Arena, 2008). Naquele trabalho, foi possível reconhecer sua multifuncionalidade e polissemia em perspectiva pancrônica. Os dados históricos e sincrônicos demonstraram que a forma mais gramaticalizada do *então* apresentava funções conectoras tanto nas relações lógicas, quanto nas relações argumentativas, unindo estruturas frásicas não só em atos de fala únicos, mas também em dois atos de fala. Isso incompatibilizaria um enquadramento reducionista do *então* “à função de coordenação” (Vilela e Koch, 2001:274), por ser esta francamente associada às relações estabelecidas em atos de fala distintos.

Apesar de deixarem claro que sua obra não é o “lugar para uma análise mais aprofundada” dos valores fóricos e coesivos desses elementos (Vilela e Koch, 2001:274), os autores seguem com sua descrição e mencionam os conectores discursivos situados no plano diretamente nocional. Dos seis grupos listados, destacamos aqueles que, segundo Vilela e Koch (2001:275), se apresentam:

- com pendor argumentativo (*mas repara, por exemplo, além disso, portanto, de fato, etc.*),
- com incidência no valor causal (*por conseguinte, assim, pois, **daí que**, de fato, então, etc.*) (Negrito nosso.)

Reiteramos a relevância que tem para esta tese o fato de o *daí que* ser arrolado em um grupo de elementos que fogem ao escopo das gramáticas normativas, recebendo, na obra de Vilela e Koch, um tratamento que considera, de fato, os estudos linguísticos sobre o tema. Ainda assim, percebe-se certa persistência do hábito tradicional de se fazerem categorizações discretas, já que não vemos razão para que o *daí que* não tenha sido arrolado, também, entre

os conectores discursivos com pendor argumentativo. Conforme exemplificamos anteriormente, nosso objeto de estudo apresenta espectro que cobre ambos os valores: causal e argumentativo. Relembremos os seguintes fragmentos das instanciações (2) e (3), apresentadas na seção 2.1:

(2a) A rampa de acesso às garagens fica a metro e meio da janela do meu quarto, *daí que* fico obrigado a ouvir os ruídos qualquer hora do dia e da noite e a receber os fumos dos escapes dos carros.

(CP – Acção em tribunal contra a Câmara da Guarda. Jornal da Beira, 29/4/1997)

(3a) A estrutura do poder reflete hoje somente um determinado modo de encaminhamento das decisões no labirinto organizacional da máquina pública. *Daí que* novas formas de corrupção podem florescer.

(PerB – *Sem Automatismo*. Tarcísio Padilha Jr., Jornal do Brasil, 2013)

Para o que vamos discutir sobre esses dois casos nesta seção, recorreremos ao tratamento que os autores da *Gramática da Língua Portuguesa* dão ao tema *Conexão* quando abordam os processos de construção textual (Vilela e Koch, 2001:500-503).

No fragmento (2a), o uso do *daí que* apresenta compatibilidade com o que os autores chamam de relações lógico-semânticas, estabelecendo, no caso, relação de causalidade (Vilela e Koch, 2001:500-501). Causalidade, tal como compreendida pelos autores e que encampamos nesta tese, encerra relação de causa-consequência, podendo ser veiculada sob diversas formas estruturais (Vilela e Koch, 2001:501):

- a) O torcedor *ficou rouco* porque *gritou demais*.
- b) O torcedor *gritou tanto* que *ficou rouco*.
- c) O torcedor *gritou demais*; então (por isso) *ficou rouco*.
- d) *Como tivesse gritado demais*, o torcedor *ficou rouco*.
- e) *Por ter gritado demais*, o torcedor *ficou rouco*.

Uma vez que são frases construídas especialmente para a *Gramática da Língua Portuguesa*, e não dados de uso efetivo, poderíamos perfeitamente incluir o conector *daí que* como alternativa para a terceira forma estrutural dessa sequência de exemplos:

- O torcedor *gritou demais*; *daí que* *ficou rouco*.

Trata-se de um uso que é compatível com o trecho instanciado em (2a). Guardadas as devidas diferenças no que se refere a questões epistêmicas entre o exemplo criado e aquele

que representa uso real, assumimos haver, em ambos os casos, um estreito elo estrutural entre as orações, próprio das relações mais factuais de causa-consequência.

No fragmento (3a), ainda que não se descarte a relação de causalidade, esta não é estrita, pois reconhecemos um uso muito próximo daquilo que os autores, anteriormente, chamaram de “*função de coordenação*”. Cada enunciado é resultado de dois atos de fala distintos, estando as orações em duas estruturas frásicas igualmente distintas, sob a forma de períodos (Vilela e Koch, 2001:503). Entendemos que se trata de um uso que estabelece relações discursivas ou argumentativas; que encerra uma opinião/tese do enunciador.

Diante do exposto nesta seção, não obstante todo o avanço que as duas gramáticas aqui revistas representam em termos de descrição dos elementos de conexão, ainda percebemos a necessidade que os autores das duas obras revisadas têm de enquadrar os elementos conectores como sendo exclusivamente ou do domínio das relações lógicas ou do domínio das relações argumentativas; ou do âmbito da subordinação ou do âmbito da coordenação. Talvez, por serem obras que ainda guardam princípios da concepção clássica de gramática, os termos precisem ser alocados em categorias discretas. Nas pesquisas que desenvolvemos, primeiro de mestrado e agora de doutorado, temos reconhecido usos para o mesmo elemento, respectivamente *então* e *daí que*, que se distribuem funcionalmente num espectro que abrange desde as relações lógicas até as argumentativas, perpassando pelos níveis sintático-semântico e pragmático-discursivo.

Portanto, a fim de não deixar de fora a descrição e a análise de traços linguísticos importantes do conector *daí que*, apoiamo-nos em alguns pressupostos de natureza eminentemente linguística, que se apresentam como mais pertinentes ao que se propõe nesta pesquisa. Estes, se não nos dão todas as respostas para o leque de sutilezas presentes no uso do conector *daí que*, subsidiam grande parte do estudo e abrem portas para nossas próprias inferências e proposta de análise diferenciada em relação ao que se encontra na literatura.

2.3 A PERSPECTIVA LINGUÍSTICA

Em face do que até aqui discutimos, confirma-se que a dicotomia conjunções coordenativas e conjunções subordinativas, conforme apresentada pela tradição gramatical, não se aplica ao estudo do conector *daí que*. Mesmo as duas gramáticas apresentadas na seção anterior, que têm abordagens preocupadas com o uso linguístico e reconhecem o *daí que* como conector, enfocam o uso deste apenas como operador do discurso, estabelecendo

relação de semelhança com o papel exercido pelas conjunções coordenativas. Não consideram que, dependendo do contexto, o conector pode participar, também, da coesão de sentenças mais integradas, numa relação de maior dependência, de forma aproximada ao que fazem as conjunções subordinativas.

Como a perspectiva que adotamos a respeito do *daí que* é mais ampla do que essa dicotômica categorização, voltamos o olhar para estudos de vertente linguística, que procuram abordar o uso de conectores de forma contextualizada e, sempre que possível, apresentam dados de uso efetivo. Alertamos que, salvo uma exemplificação entre os articuladores enunciativos ou discursivo-argumentativos em obra de Koch (2005:135), sem que seja apresentada qualquer discussão a respeito, nenhuma das obras que revisamos nesta seção menciona o *daí que* nos grupos de conectores avaliados; tampouco as análises que são feitas sobre estes podem ser estendidas para todos os traços sintático-semânticos e pragmático-discursivos do conector. Por isso, tornam-se necessários recortes do que se tem na literatura que nos levem a uma abordagem mais completa e inovadora do nosso objeto de estudo.

Iniciamos por estudos no campo da Linguística de Texto, que muito têm contribuído para a compreensão e tratamento dos elementos de coesão textual em português. Em obras sobre conectores interfrásicos, Koch (1987, 2001, 2004 e 2005) é a linguista que mais tem se debruçado sobre o tema. Por terem abordagens bastante semelhantes, optamos por revisar o trabalho de 1987.

Trata-se de um estudo com abordagem teórica voltada para as questões relativas à construção textual dos sentidos, como, por exemplo, as estratégias de progressão textual. Em seu trabalho, a autora distingue dois tipos básicos de elementos de conexão interfrásica: os conectores do tipo lógico e os encadeadores do tipo discursivo. Para Koch (1987:85-86),

a função dos primeiros é a de apontar o tipo de relação lógica que o locutor estabelece entre o conteúdo de duas proposições. Trata-se, no caso, de um único enunciado, resultante de ato de fala único, visto que nenhuma das proposições constitui objeto de um ato de enunciação compreensível independentemente da outra.

Já os segundos, ainda de acordo com a linguista (Koch, 1987:86),

são responsáveis pela estruturação de enunciados em textos, por meio de encadeamentos sucessivos, sendo cada um dos enunciados resultante de ato de fala diferente. (...) Tal tipo de encadeamento pode, pois, ocorrer entre orações de um mesmo período, entre dois ou mais períodos e, também, entre parágrafos.

Em seguida, a autora se dedica a examinar cada uma dessas possibilidades, iniciando pelos conectores de tipo lógico, responsáveis pelas relações lógico-semânticas. Apresenta oito tipos de relações: condicionalidade, causalidade, mediação, disjunção, conformidade, temporalidade, complementação, delimitação ou restrição. Conforme assinalamos na seção anterior, a relação de causalidade é a que nos interessa, já que expressa a combinação de duas proposições, uma das quais encerra a causa que acarreta a consequência expressa pela outra. Mais importante é a observação da autora de que tal relação pode ser veiculada de diferentes maneiras, entre elas uma oração encabeçada pelo conector *por isso*. Apresentamos o exemplo dado pela linguista (Koch, 1987:87), mas não podemos deixar de lembrar que as gramáticas normativas consideram esse conector uma conjunção coordenativa conclusiva:

a) *Choveu demais; por isso, o riacho transbordou.*

Trata-se de uma relação em que, novamente, a paráfrase com o conector *daí que* é possível:

- Choveu demais; *daí que*, o riacho transbordou.

Sendo assim, entendemos que *daí que* faz parte de uma estrutura frásica que, de acordo com a perspectiva da autora, estabelece relação lógico-semântica de causalidade, encabeçando oração que expressa a consequência da anterior, cujas proposições fazem parte de ato de fala único.

Ao tratar dos encadeadores de discurso, Koch (1987:89-94) destaca que estes veiculam relações pragmáticas ou retóricas e que podem ser de duas espécies: operadores argumentativos e operadores de sequencialização. Os primeiros, “responsáveis pela orientação discursiva global dos enunciados que encadeiam” (Koch, 1987:87), são o nosso foco de interesse por reconhecermos no conector *daí que* orientação argumentativa de valor conclusivo, inferência/dedução o mesmo se dando com os conectores apresentados pela autora no grupo dos operadores de conclusão: “*portanto, logo, pois, então, por conseguinte*” (Koch, 1987:92). Mais uma vez, lembramos que esses conectores também são arrolados pelas gramáticas tradicionais entre as conjunções coordenativas conclusivas. Um dos exemplos que a autora apresenta para esse grupo (Koch, 1987:92):

b) *O time jogou desentrosado. O novo atacante não poderia, pois, ter mostrado toda sua classe.*

novamente permite uma paráfrase utilizando-se o *daí que* como conector:

- O time jogou desentrosado. *Daí que* o novo atacante não poderia ter mostrado toda sua classe.

Em ambos os casos, os conectores participam da coesão de atos de fala distintos, próprios das relações pragmáticas, independentemente da posição que cada um ocupa na oração de que faz parte.

Fica claro, portanto, que o conector *daí que*, além de não se enquadrar somente no âmbito da coordenação ou no da subordinação, não expressar apenas relações lógico-semânticas ou apenas as argumentativo-discursivas, também não vincula proposições exclusivamente em atos de fala únicos ou em atos de fala distintos. Por sua vez, as obras de Koch sobre conectores inter ou intrafrásicos, especialmente a que acabamos de revisar, contribuem grandemente para o reconhecimento do espectro de traços sintático-semânticos e pragmático-discursivos que compõe o perfil do *daí que*, desde uso como conector lógico a usos como operador argumentativo.

A seguir, passamos a revisar outros estudos linguísticos para que, paralelamente, possamos, cada vez mais, refinar e justificar o tratamento que propomos para o *daí que*.

Em abordagem funcionalista sobre as construções causais, Neves (1999:475-476) considera que estas apresentam entre si uma relação *lato sensu* de causa a efeito, esclarecendo que “**causa** abrange **causa real, razão motivo, justificativa ou explicação**, e **efeito** abrange **consequência real, resultado, conclusão**” (negritos originais). Trata-se de abordagem semelhante à de Vilela e Koch (2001:501) e à de Koch (1987), quando estes defendem, conforme demonstramos anteriormente, que a relação causa-consequência pode ser veiculada sob diversas formas estruturais, uma delas possivelmente estabelecida pelo conector *daí que*, como nas paráfrases que rerepresentamos a seguir:

- O torcedor *gritou demais; daí que, ficou rouco*
- Choveu demais; *daí que*, o riacho transbordou.

Percebemos, em ambos os casos, que o conector opera na abrangência do efeito, simultaneamente no que a tradição gramatical chama de coordenação e subordinação: ao mesmo tempo que sintaticamente liga orações com vínculo mais frouxo, podendo até ser separadas graficamente por pausa, semanticamente o nexos se dá na seara da causalidade, expressando consequência real, já que se trata da codificação de dois eventos externos à língua.

A esse respeito, Halliday e Matthiessen (2014:611), representantes da linguística sistêmico-funcional, esclarecem que as relações que se estabelecem na situação comunicativa unem segmentos do texto, seja em blocos (*chunk*) de experiência, seja em blocos de interação. Ainda segundo os autores,

[r]elações entre representações de segmentos de experiência são chamadas **relações externas**, e as conjunções que marcam tais relações são denominadas **conjunções externas**. (...) Relações que unem segmentos de texto no seu aspecto interpessoal são chamadas de **relações internas** – internas ao texto como um evento de fala, e as conjunções que marcam tais relações são denominadas **conjunções internas** (Halliday e Matthiessen, 2014:611).

De acordo com Neves (1999:473), relação externa pode ser chamada ainda de experiencial, e é interpretada como uma relação entre os significados no sentido de representações de conteúdos (ou experiências) da realidade externa. Já a relação interna é aquela em que segmentos são relacionados como etapas em um argumento. Trata-se, pois, de uma relação interna à situação comunicativa, que se dá entre significados, no sentido das representações das impressões particulares do falante acerca da situação. Desse modo, relação interna corresponde ao domínio epistêmico e aos níveis da proposição⁸. A autora chama o primeiro tipo de “relação entre eventos” e o segundo de “relação entre argumentos”.

Entretanto, conforme Neves (1999:473) destaca em seguida, as construções causais não se operam simplesmente entre predicções, ou estado de coisas – correspondente ao nível de conteúdo de Sweetser (1990, *apud* Neves, 1999:472) –, situando-se, mais geralmente, numa camada superior, no mínimo a proposição – fato possível, em correspondência com o nível epistêmico igualmente de Sweetser (1990, *apud* Neves, 1999:472). No que temos observado para o conector *daí que*, esse quadro é pertinente, com certo predomínio na expressão de relações externas.

Portanto, a abrangência da causa e do efeito nas construções causais, conforme descritos por Neves (1999:475-476), contempla o que temos observado para o conector *daí que*, especialmente no que diz respeito à abrangência do efeito. Nos dados coletados, encontramos usos em que o conector *daí que* veicula:

I) consequência real, como demonstrado na instanciação a seguir, que retoma a (2a); trata-se de relação externa à situação comunicativa, entre eventos, experiencial ou de conteúdos, correspondendo ao que Halliday e Matthiessen (2014:611) denominam “conjunção externa”:

(2a) A rampa de acesso às garagens fica a metro e meio da janela do meu quarto, **daí que** fico obrigado a ouvir os ruídos qualquer hora do dia e da noite e a receber os fumos dos escapes dos carros.

⁸ Para Koch (1987), o termo *proposição* abrange indistintamente atos de fala únicos e atos de fala diferentes. Para Neves (1999), *proposição* abrange relações entre argumentos e valores epistêmicos.

II) conclusão, como nos fragmentos (3a) e (4a), também instanciados anteriormente; trata-se de relação interna à situação comunicativa, entre argumentos, que veicula as impressões do enunciador a respeito da situação, correspondendo ao que Halliday e Matthiessen (2014:611) denominam “conjunção interna”:

(3a) A estrutura do poder reflete hoje somente um determinado modo de encaminhamento das decisões no labirinto organizacional da máquina pública. ***Daí que*** novas formas de corrupção podem florescer.

(4a) Quando o Rainha deu um tiro de caçadeira, num dia de arraial, ao homem da amante, chamaram-lhe, evidentemente, inoque, por ser um devasso e um assassino de caçadeira. ***Daí que*** fôsse fácil meter também no inoque o assassino de faca e a cróia de porta aberta.

Vale destacar que nem sempre as fronteiras entre esses usos são claramente delimitadas. Na verdade, entre as orações complexas que expressam causa-consequência, há predomínio de uma ou outra relação – externa ou interna –, mas, seja de forma mais explícita, seja de forma mais desbotada, a presença de marcas linguísticas de ordem epistêmica é muito frequente. Talvez por isso Neves (1999:473) afirme que as construções causais se situam mais geralmente na camada da proposição.

Em outra obra de abordagem funcionalista, *Gramática de Usos do Português*, Neves (2000:913-924), além de retomar as construções causais, trata especificamente das construções consecutivas. Quanto ao modo de construção, a autora destaca que são dois os tipos principais: construções consecutivas com antecedente (correlativas) e construções consecutivas sem antecedente (não correlativas). São as segundas que nos interessam diretamente:

São construções que têm a **oração consecutiva** iniciada pelo que tradicionalmente se denomina **locuções conjuntivas consecutivas**: *DE (TAL) MODO QUE, DE (TAL) MANEIRA QUE, DE (TAL) SORTE QUE, A TAL PONTO QUE*. As **orações** desse tipo exprimem, mais especificamente, um **resultado**: (Neves, 2000:914) (negritos originais)

Na sequência, a autora apresenta uma série de exemplos, dos quais destacamos os seguintes⁹:

⁹ Entre parênteses, ao final de cada exemplo, a autora apresenta a sigla da obra examinada. Assim, G-O se refere a *Desenvolvimento e Independência* – discurso; PE se refere a *Práticas escolares*. D’AVILLA, A. São Paulo: Saraiva, 1954. 3v; CRE se refere a *O crepúsculo do macho*. GABEIRA, F., 1980; e AC se refere a *Auto da compadecida*. SUASSUNA, A. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

- a) *Vamos mobilizar o povo para o desenvolvimento, **DE MODO QUE** ele tenha plena consciência da sua missão.* (G-O)
- b) *Escola Única é a organização unitária das instituições educacionais de um povo, **DE SORTE QUE** elas sejam acessíveis a todos os seus membros.* (PE)
- c) *A porta dos fundos ficava aberta para mim, **DE MANEIRA QUE** podia entrar e sair à vontade.* (CRE)
- d) *O padeiro vive dizendo que é amigo do homem, **DE MODO QUE** a diferença é muito pouca.* (AC)

Apesar de não termos acesso aos contextos completos nos quais esses exemplos se inserem, o que temos verificado para o conector *daí que* nos permite fazer algumas associações com o que se tem na literatura. No exemplo a), não há qualquer possibilidade de paráfrase utilizando-se o *daí que*:

- *Vamos mobilizar o povo para o desenvolvimento, **DAÍ QUE** ele tenha plena consciência da sua missão.

Trata-se de um indício de que a predicção da oração antecedente àquela introduzida pelo conector *daí que* não pode estar no modo imperativo, veiculando sugestão, pedido, ordem em atos de fala semelhantes a esses. Tampouco a oração subsequente, encabeçada pelo *daí que*, pode ter o valor de meta, finalidade. De fato, não encontramos esse tipo de relação nos dados que investigamos.

Quanto aos exemplos b) até d), as paráfrases são sintaticamente possíveis, guardadas as devidas diferenças entre as locuções conjuntivas cujos núcleos são nomes (modo, maneira, sorte) e a que é representada pelo nosso objeto de estudo, cujo núcleo é pronome adverbial locativo (*daí*). Aquelas são mais lexicais do que esta, e isso se reflete no âmbito semântico-pragmático.

- Escola Única é a organização unitária das instituições educacionais de um povo, **DAÍ QUE** elas sejam acessíveis a todos os seus membros.
- A porta dos fundos ficava aberta para mim, **DAÍ QUE** podia entrar e sair à vontade.
- O padeiro vive dizendo que é amigo do homem, **DAÍ QUE** a diferença é muito pouca.

Em b) e sua respectiva paráfrase, trata-se de uma relação interna à situação comunicativa, veiculando as impressões do enunciador a respeito da situação; tal subjetivação é confirmada pelo uso de forma verbal no subjuntivo na oração encabeçada pelo conector. Em c) e sua respectiva paráfrase, encontra-se uma relação externa à situação comunicativa,

experiencial, entre conteúdos, em que as marcas epistêmicas ou inexistentes ou são mais sutis. Por sua vez, d) e respectiva paráfrase estão em uma relação mista: a oração antecedente expressa relação experiencial, porém a subsequente, encabeçada por conector, veicula uma impressão do enunciador, comum nas relações internas.

Ainda com relação às consecutivas do tipo não correlativo, Neves (2000:914-915) aponta que elas podem ser construídas como independentes:

e) *Estremecia a cabeça e, revirando os olhos, que o marido a deixou por uma negra, e negra horrorosa era aquela! DE MANEIRA QUE nada valia ser bonita.* (CE)¹⁰

Mais uma vez, cabe a paráfrase com o conector *daí que*:

- Estremecia a cabeça e, revirando os olhos, que o marido a deixou por uma negra, e negra horrorosa era aquela! **DAÍ QUE** nada valia ser bonita.

Chama a atenção o fato de que, quando trata das relações expressas pelas consecutivas, Neves (2000:915) considera que estas exprimem o resultado ligado a um evento da oração principal ou a um elemento que está na oração principal. Apesar de a linguista ter apresentado fartos exemplos de construções consecutivas variando quanto aos graus de (in)dependência entre as orações, e, nesse caso, entendemos que ela se refere à (in)dependência sintática, ainda assim trata a oração antecedente como **principal** (negrito nosso). Consequentemente, essa perspectiva torna **subordinada** (negrito nosso) a oração que expressa resultado, mesmo que esteja numa relação interna à situação comunicativa e que veicule a impressão do enunciador, como é o caso dos exemplos b) e e).

Acreditamos ter apresentado até aqui ampla exemplificação de que o conector *daí que*, seja em situação de uso efetivo, seja em paráfrases, resiste a uma categorização dicotômica segundo os conceitos de coordenação ou subordinação; oração independente/coordenada ou oração subordinada. Embora na literatura de abordagem linguística se considerem aspectos sintático-semânticos e pragmático-discursivos das construções conclusivas (no âmbito da coordenação) e construções causais/consecutivas (no âmbito da subordinação), cada uma dessas perspectivas, isoladamente, não contempla todas as possibilidades de uso do *daí que*. Reconhecemos, inclusive, que o mesmo tratamento é dado a outros conectores com funcionamento semelhante ao do objeto de estudo desta tese (*portanto, logo, por isso, de modo/maneira/sorte que*), pois o que predomina ainda é uma classificação em que os aspectos sintáticos têm maior relevância do que os pragmático-discursivos. Prova disso é o fato de, nos exemplos b) e e), *de sorte que* e *de maneira que* estarem, respectivamente, numa função clara

¹⁰ CE se refere a *Cemitério de elefantes*. TREVISAN, D. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1975.

de orientação argumentativa, porém, ainda assim, Neves (2000:914-915) os trata como elementos subordinantes apenas.

Parece-nos, portanto, ser necessário um olhar sobre os conceitos de subordinação e coordenação à luz da perspectiva linguística. Por isso, passamos a apresentar revisão do estudo de Carone (2006) sobre ambos os conceitos, por entendermos que estão intrinsecamente ligados ao uso de conectores e, conseqüentemente, à abordagem que propomos para o *daí que*.

Carone (2006:16) inicia lembrando que “quando as palavras se organizam para formar sintagmas, e estes se articulam para tecer uma oração, fazem-no graças à conexão sintática (...) que vem a ser a subordinação”. Por entender que a subordinação é mais básica e simples do que a coordenação, a linguista defende que, em todas as gramáticas, a primeira deveria ser apresentada antes da segunda (Carone, 2006:17). Assim, de acordo com a autora, “sem a subordinação, nada feito” (Carone, 2006:18), lembrando que o traço fundamental que caracteriza a estrutura do sintagma é o binarismo:

Em sentido amplo, função é (...) a relação de dependência que se estabelece entre dois elementos que se articulam. Forma-se dessa maneira um sintagma, construção binária que se fecha sobre si mesma, constituindo nova unidade, mais complexa, pronta para articular-se com outra, contraindo com esta nova função. (Carone, 2006:18)

Em seguida, ao tratar da coordenação, a autora discute uma série de traços, questionando-os. Por exemplo, por tornar possível a troca de elementos com a mesma função, a coordenação nasceria do eixo paradigmático. Citando Câmara Jr.¹¹, lembra que o linguista considera “rejeitadas do quadro dos sintagmas as sequências de coordenação, por pertencerem seus componentes ao quadro das associações paradigmáticas” e que “[t]odos esses agrupamentos se acham, com efeito, em séries associativas abertas, só fechadas por convenção, e poder-se-ia prolongá-las à vontade” (Carone, 2006:22). Ao fim desta exposição, a autora conclui provisoriamente que à coordenação faltaria a marca do binarismo, mas logo surge outro questionamento quanto a um traço considerado definidor da natureza da coordenação – formação de sequências abertas. Serão estas sempre abertas?

Para tratar dessa questão, chama a atenção para as conjunções do grupo *mas/pois/logo*, já que evidentemente elas organizam os coordenados em pares, o que significa que se trata

¹¹ CÂMARA JR., Joaquim M. A teoria sintagmática de Mikus. In: *Dispersos*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1972. P. 15-31.

“de um procedimento sintático de estruturação binária”. Tal perspectiva se reforça ao considerar que qualquer das conjunções do grupo supracitado, “ao acrescentar uma expansão a um termo preexistente, cria um novo par, que também se fecha, à maneira do sintagma formado por subordinação” (Carone, 2006:28-29). Apresentando um exemplo, a autora explica que, na frase *Deus é bom, mas justo*, o predicativo composto forma uma construção binária e fechada. O segundo termo, que se opõe ao primeiro pela conjunção adversativa *mas*, fecha decisivamente a construção, eliminando a hipótese de uma sequência aberta.

Especial para este estudo sobre o conector *daí que* é a exemplificação que Carone (2006:29) apresenta da estrutura sintática do silogismo, uma evidência do binarismo da coordenação:

A) Todos os homens são mortais.

B) João é homem.

logo

C) João é mortal.

A premissa maior (A) e a premissa menor (B) formam, por adição, uma unidade, com a qual se articula retrojetivamente a conclusão (a conjunção se volta para trás, concluindo algo que foi dito antes). Ou seja: a conclusão “nasce não de uma ou de outra [premissa], mas do par já articulado” (Carone, 2006:29), ficando claro, dessa forma, que tanto a subordinação quanto a coordenação estabelecem relações lógicas e instauram sintagmas binários. Apenas a título de ilustração, no silogismo apresentado, o conector *daí que* caberia com naturalidade no lugar de *logo*.

Ainda que Carone (2006:24) reconheça que não há divergências quanto à identidade funcional dos termos coordenados, na verdade, quando se faz tal asserção sobre o procedimento sintático da coordenação, o que está sendo observado é a subordinação. Nesse caso, “[p]assa-se a falar de um termo que não pertence ao âmbito da coordenação”, como é o caso de se coordenarem dois objetos diretos, complementos de um verbo, ou dois adjuntos adnominais de um substantivo. Para a autora,

entra aí um terceiro elemento, os termos com que os coordenados mantêm uma relação de subordinação, pois a identidade funcional só pode ser verificada em relação a esse terceiro (Carone, 2006:24).

A linguista parte, então, para o tratamento da articulação de orações, olhar igualmente muito importante para a perspectiva que defendemos na caracterização e análise do *daí que*.

Apoiando-se nos pressupostos de Bally (1965:53-75, *apud* Carone, 2006:58), a autora destaca que duas orações se coordenam – C^1 e C^2 – quando a segunda retoma a primeira, “incorporando-a a sua própria estrutura, seja como oração explícita, seja sob a forma de um anafórico” (Carone, 2006:58). Esmiuçando um exemplo – “Faz frio; não sairemos por causa disso” –, apresentado por Bally na obra supracitada, demonstra essa retomada e incorporação:

- a) *Faz frio; como faz frio, não sairemos.*
- b) *Faz frio; por causa disso, não sairemos.*
- c) *Faz frio; por isso, não sairemos.*
- d) *Faz frio; portanto, não sairemos.*

Em seguida, Carone (2006:58) destaca que:

esse representante de C^1 é um termo subordinado dentro de C^2 ; seu valor adverbial e sua condição de subordinado estão patentes na oração “como faz frio”, no adjunto “por causa disso”, na expressão “por isso” – que, em vias de cristalizar-se, é uma transição entre adjunto adverbial e conjunção coordenativa.

Dessa forma, no deslizamento de adjunto adverbial até conjunção coordenativa, as relações de subordinação e coordenação estão imbricadas, assim como a natureza de seus conectores. Numa paráfrase de qualquer um dos três últimos exemplos criados por Carone (2006:58), é possível empregar-se o conector *daí que*:

- *Faz frio; daí que, não sairemos.*

Nesse caso, a sua condição de subordinado dentro de C^2 encontra reflexos na função anafórica do pronome adverbial *daí*, que mantém o vínculo entre C^1 e C^2 ; no entanto, a cristalização de seu uso nessa cadeia sintagmática faz com que a noção de que é uma anáfora de C^1 encontre-se desbotada, de modo que sua função relacionadora ganha força, assumindo traços das conjunções coordenativas. Mas um novo “capricho da língua”, promovido por questões pragmático-discursivas, leva ao pareamento forma-significado do *daí* com a conjunção integrante *que*, gerando uma microconstrução que, desde o seu surgimento, participa tanto da coordenação, quanto da subordinação, desta vez nos termos definidos e defendidos por Carone em sua obra.

Naturalmente que o estudo da autora é muito mais extenso e profundo do que aqui revisamos, mas o recorte que optamos por fazer tem como objetivo destacar as pistas deixadas por ela de que não se pode tratar coordenação e subordinação dicotomicamente ou de forma discreta, o mesmo se aplicando aos conectores que operam relações intra ou interoracionais. É

possível encontrar relações lógico-semânticas e também argumentativas entre proposições unidas pelo *daí que* em uma única frase ou em frases distintas. Nem sempre frases distintas constituem atos de fala diferentes, o inverso também sendo verdadeiro: frases únicas não representam necessariamente atos de fala únicos. É preciso lembrar que a pontuação não é um recurso puramente sintático; o seu uso ou não uso está também sujeito à intervenção do enunciador. Assim, não há como, pelo menos em se tratando do *daí que*, propor uma relação de igualdade entre conjunção coordenativa – operador argumentativo, de um lado, e conjunção subordinativa – conector lógico de outro.

Por último, apresentamos uma obra de grande importância para esta investigação: *Processos sociocognitivos da mudança gramatical: estruturas x-que* (Lima-Hernandes, 2010). A autora defende que o processo de mudança gramatical é deflagrado por mecanismos sociocognitivos (metonímia e metáfora) pressionados por aspectos pragmáticos da comunicação (Lima-Hernandes, 2010:7). Uma vez que, obedecendo à nomenclatura tradicional, *daí que* é morfologicamente uma locução conjuntiva adverbial e sintaticamente um elemento de coesão textual, é lícito o enquadrarmos entre as estruturas x-que.

Em sua obra, Lima-Hernandes se detém na discussão da rota de surgimento das locuções conjuntivas adverbiais, ancorada em estudos históricos (Nunes, 1930; Ribeiro, 1950; Dias, 1959; Bueno, 1967; Mattos e Silva, 1989 e Barreto, 2002 *apud* Lima-Hernandes, 2010). Dentre as locuções elencadas por esses estudiosos da língua portuguesa, encontram-se aquelas que são de especial interesse para o presente trabalho, as chamadas conclusivas (*de maneira que, de modo que, de sorte que, assim que* etc.), ilustradas apenas por Dias (1959, *apud* Lima-Hernandes, 2010:115).

Ainda com base nos estudos históricos, a autora destaca o trabalho de Barreto (2002 *apud* Lima-Hernandes, 2010:117), que reconhece oito grupos de conjunções, dos quais Lima-Hernandes faz um recorte “voltado à explicitação das estruturas x-que”, destacando seu interesse nas conjunções de base adverbial, tais como *ainda que, assim que, já que, logo que* etc. (Lima-Hernandes, 2010:117). Além da escolha desse grupo, a linguista apresenta outros quatro critérios para seleção dos dados a serem estudados, entre eles “analisar conjunções consideradas inovadoras na contemporaneidade” (Lima-Hernandes, 2010:149). Em relação aos critérios de seleção da autora, cabe destacar que a tese central da presente pesquisa é o uso do *daí que* como conector justamente por se tratar, igualmente, de uma inovação na contemporaneidade.

À semelhança do que propomos na presente tese, Lima-Hernandes aproxima campos teóricos – no caso do seu estudo, a teoria da gramaticalização, a teoria funcionalista e a teoria cognitivista – para dar conta da ampla concepção de língua que sua perspectiva pressupõe. Segundo a autora, língua não pode ser tida unicamente como cognição, pois, se assim fosse,

não teríamos muitas diferenças entre as gramáticas das línguas. Existem espaços em que as línguas reagem de forma diferente, e esse espaço é justamente o sociocultural. (...) língua (e linguagem) é uma forma de cognição, mas (...) é também processamento social porque ela serve para fazer coisas no plano individual e também as ações conjuntas (social)... (Lima-Hernandes, 2010:31)

Somente esse fragmento já diz muito do que temos observado a respeito do *daí que*, conforme destacamos nas revisões anteriores. O uso do conector no plano individual pode ser associado com os processos de (inter)subjetivação presentes na mudança gramatical e construcionalização de elementos de ordem procedural ¹²(Traugott e Trousdale, 2013:12). No plano sociocultural, quando se compara a variedade brasileira com a portuguesa, é possível verificar que os gêneros textuais nos quais o conector *daí que* mais frequentemente ocorre são distintos. No português europeu, por exemplo, o conector predomina em textos jornalísticos, como crônicas esportivas, especialmente as de futebol, e reportagens, além de também figurar com frequência em enciclopédias e dicionários. No português brasileiro, por sua vez, a predominância se dá em textos acadêmicos, como teses de doutorado, e no discurso religioso ou filosófico. Apesar dessa distinção quanto ao gênero, em sua maioria, a argumentação é a intenção comunicativa mais frequente nos contextos de uso do *daí que* como conector, seja no Brasil, seja em Portugal.

Pautada na ampla concepção que tem de língua, Lima-Hernandes (2010:35) defende que:

tomar como alvo de análise o comportamento linguístico de indivíduos permitirá tanto recolher fragmentos da evolução linguística da espécie quanto projetar rotas de evolução linguística.

Esse percurso de evolução pode servir como subsídio para a compreensão das transformações estruturais da língua, posto que quanto maior o compartilhamento de informações, menor o material linguístico necessário em sua codificação sintática.

¹² Segundo os autores, expressões procedurais têm sentidos abstratos que sinalizam relações linguísticas, perspectivas e orientações dêiticas.

No que diz respeito às “transformações estruturais da língua” que possivelmente suscitarão a formação do conector *daí que*, pressupomos, igualmente à autora, que a alta frequência de compartilhamento de informações gera menor material linguístico na sua codificação sintática. Em dados do *corpus* organizado para esta tese, quando observamos a rota de “evolução linguística” do *daí que*, encontramos orações complexas, do tipo matriz-completiva, que perdem material linguístico, o que poderia se propício para o surgimento do nosso objeto de estudo.

De maneira bem simplificada, demonstramos, nas instanciações a seguir e, mais adiante, em suas respectivas paráfrases¹³, as transformações estruturais da língua que, por hipótese, teriam originado o conector lógico-argumentativo *daí que*:

(6) Tudo tem fim, e esta história também o tem. Vossa Excelência se dignou de a querer ouvir, e agora se indignará de a ver mal contada. ***Daí se seguirá que tirarei tão boas certidões das histórias como dos contos***, e que não só morrerei praticante, porém riscado do número dos bons escritôres.

(CP – *Cartas*. Cavaleiro de Oliveira, 1756)

(7) Quanto às atividades do CETREINA, os estagiários e ex-estagiários consideram satisfatórias: o atendimento, a alocação de estagiários nas empresas e a divulgação interna do CETREINA e dos estágios. ***Depreende-se daí que o CETREINA está atuando como facilitador entre o aluno e a empresa.***

(DP – Anais do II Seminário Regional de Pesquisa em Educação, Tais Carrilho, 1981)

Quanto mais frequentemente estruturas como essas são usadas, maior a sua rotinização, de modo que seja elidido da sequência sintática aquilo “que é conhecido e supostamente compartilhado em situação interativa” (Lima-Hernandes, 2010:36). Como resultado possível, decorrente do seu percurso histórico, a oração matriz e a completiva fundem-se em uma só, tornando a estrutura, antes complexa, simples ou menos complexa. Ainda no que diz respeito aos fragmentos instanciados, propomos a seguinte rota: a gama de informações veiculadas pelo material linguístico elidido, a saber, as formas verbais *seguirá* e *depreender*, ambas do domínio epistêmico, somada ao uso gramaticalizado do locativo *daí* como um anafórico textual, em posição pré ou pós-verbal, passa a ser contemplada pela nova construção x-que após a unificação das orações. Pressupomos, portanto, que contextos como

¹³ As estruturas instanciadas em (6) e (7) são o que Diewald (2006) chama de “contexto atípico” e “contexto crítico”, respectivamente. Já as paráfrases são exemplos do que a mesma autora denomina “contexto de isolamento”. Esses três tipos de contexto estão detalhados nos capítulos sobre a fundamentação teórica desta tese e na análise de dados.

esses apresentem, conforme defende Lima-Hernandes (2010:57-66), motivações sociocognitivas, como a metonímia e a metáfora, para a formação do conector lógico-argumentativo *daí que*. As seguintes paráfrases das instanciações (6) e (7) permitem verificar essa possibilidade:

- Tudo tem fim, e esta história também o tem. Vossa Excelência se dignou de a querer ouvir, e agora se indignará de a ver mal contada. *Daí que tirarei tão boas certidões das histórias como dos contos...*
- Quanto às atividades do CETREINA, os estagiários e ex-estagiários consideram satisfatórias: o atendimento, a alocação de estagiários nas empresas e a divulgação interna do CETREINA e dos estágios. *Daí que o CETREINA está atuando como facilitador entre o aluno e a empresa.*

A obra revisada apresenta estudo amplo, complexo e profundo naquilo a que se propõe: desenvolver uma série de procedimentos que permitam “chegar à conclusão que hipóteses aventadas são as que explicam melhor a evolução de estruturas x-que em direção à recategorização como conjunção subordinativa” (Lima-Hernandes, 2010:95). Nesta revisão, por questões de escopo, optamos por destacar, de forma sintética, o foco da proposta da linguista, numa tentativa de traçar um paralelo com o ponto central da presente tese, que, de forma mais específica, investiga a rota de construcionalização do conector *daí que*.

Vale lembrar que, não obstante a qualidade da obra, bem como o detalhamento e aprofundamento de todos os levantamentos e análises feitos, não há menção ao *daí que* em nenhuma instância do estudo. Essa ausência reforça o que temos demonstrado ao longo desta revisão de literatura: nosso objeto de estudo ainda não é amplamente reconhecido como um elemento pertencente à gramática da língua, nem nas investigações linguísticas mais avançadas e específicas sobre o tema. Por isso, ao flagrarmos os micropassos da mudança gramatical e surgimento do *daí que* como locução conjuntiva adverbial, acreditamos estar contribuindo com mais uma estrutura x-que para o maior conhecimento dos membros dessa classe de conectores no português.

Ao longo deste capítulo, procuramos traçar paralelos entre o *daí que* e elementos coesivos de natureza semelhante à sua, descritos nas obras revisadas. Em face da ambiguidade pragmática reconhecida para o primeiro, apresentada de forma preliminar nesta revisão, entendemos que chamá-lo de conjunção ou locução conjuntiva adverbial não contempla a variedade de valores sintático-semânticos e pragmático-discursivos que ele pode expressar; por isso, optamos por criar uma nomenclatura que abarque os padrões de uso que temos

verificado ao longo das análises. Trata-se de um elemento coesivo que estabelece relações de causalidade, conforme destacamos na obra de Neves (1999:475-476) e de Vilela e Koch (2001:501), sejam elas relações lógicas, de conteúdo proposicional, no âmbito da causa-consequência, em nível mais próximo do *dictum*, sejam elas relações discursivo-argumentativas, no âmbito da dedução, inferência, mais próximas do nível do *modus*. Ademais, há ainda usos intermediários, entre um e outro tipo de relações, indicando um contínuo de possibilidades dentro do espectro lógico-argumentativo. A esse respeito, Neves (2010:219) lembra que, para Charles Bally, “todo enunciado combina a representação de um processo ou estado (o *dictum*) com uma modalidade que o afeta (o *modus*) a partir do sujeito falante”. Diante do exposto, denominamos *daí que* como *conector lógico-argumentativo*.

Ressaltamos que entendemos, nessa nomenclatura, um amplo espectro de possibilidades, confirmando a vocação do nosso objeto de estudo para conectar relações do domínio epistêmico, que serão amparadas pelo tratamento teórico-metodológico e analítico que propomos para o conector lógico-argumentativo *daí que*.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), corrente teórica que conjuga a Linguística Funcional norte-americana, representada por Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Joan Bybee, Elizabeth Traugott, entre outros, e a Linguística Cognitiva, nos termos, principalmente, de George Lakoff, Ronald Langacker, Adele Goldberg e William Croft. Segundo Furtado da Cunha (2012:29),

[e]ssas duas correntes compartilham vários pressupostos teórico-metodológicos, como a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e sintaxe, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural. A gramática é vista como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a linguagem; portanto, ela pode ser afetada pelo uso da língua.

No bojo da LFCU, três abordagens embasam o tratamento metodológico que propomos para a investigação da rota de mudanças hipoteticamente geradoras do conector lógico-argumentativo *daí que*, assim como dos seus padrões de uso na sincronia contemporânea: gramática de construções (Croft, 2001), de orientação cognitivista; gramaticalização de contextos (Diewald, 2006) e construcionalização e mudanças construcionais (Traugott, 2012; Traugott e Trousdale, 2013), de orientação cognitivo-funcional. A estas perspectivas, entremeiam-se os pressupostos de Bybee (2003, 2010) sobre frequência (*type* e *token*) e o processo de *chunking*. Ao longo desta exposição, são feitos os recortes necessários para que o enfoque seja direcionado para os objetivos desta pesquisa; além disso, sempre que necessário, apresentamos outras abordagens teóricas subsidiárias que comunguem com as principais.

3.1 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

O século XXI encontra a ciência da linguagem expandindo seu escopo a fim de entender a língua de forma contextualizada. De acordo com Croft (2007), os estudos linguísticos da nova era devem dar conta de uma concepção de estrutura de língua que não pode ser totalmente compreendida se não se levar em conta o seu papel essencial na interação social, naquilo que o autor denomina *joint actions*, ou ações conjuntas. Cada indivíduo envolvido nas ações conjuntas deve considerar as crenças, intenções e ações do outro, de forma cooperativa. Assim, o estudo da estrutura da língua deve estar relacionado a correntes teóricas atuais de outros domínios científicos, como, por exemplo, o sociocognitivism, e a pesquisas desenvolvidas nas áreas de transmissão cultural e evolução, conhecimento compartilhado, entre outras.

Em face desse cenário apresentado por Croft, optamos por seguir uma abordagem no âmbito de uma das investigações linguísticas que se contrapõem ao gerativismo: a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Uma vez que estudamos uma estrutura complexa, em que dois elementos – *daí* e *que* – formam juntos um único bloco forma-função, é fundamental que as mais recentes pesquisas e publicações relativas aos estudos sobre construções estejam na linha de frente desta investigação.

Estudos pautados na LFCU abarcam a investigação de elementos cruciais para o processo de mudança linguística: pressão de informatividade, processo metonímico no qual, conforme Martelotta (2003:66), “o elemento linguístico passa a assumir um valor novo que emerge de determinados contextos em que esse sentido novo pode ser inferido do sentido primeiro”, e pressões pragmáticas, como subjetivações e intersubjetivações. Mas essa vertente assume também a gramática como “representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a linguagem” (Furtado da Cunha, 2012:29), abrangendo, por isso, alguns pressupostos cognitivistas para o tratamento das questões pertinentes ao processo cognitivo que envolve ações mentais, como transferências de domínios conceituais por meio de metáforas e analogizações.

A esse respeito, Miranda (1999), ao postular a linguagem como um instrumento cognitivo, apresenta a contribuição do Modelo dos Espaços Mentais (EM) (Fauconnier, 1994, 1997, *apud* Miranda, 1999:81), que, alinhando-se com uma perspectiva integradora da cognição, considera a organização cognitiva como um conjunto integrado de sistemas, dentre os quais estão a linguagem e a estrutura sociocultural. De acordo com a autora,

EM são domínios dinâmicos, ou seja, proliferam enquanto pensamos e falamos. (...) São produzidos como funções da expressão linguística que os suscita e do contexto que os configura. Externamente esses domínios estão ligados uns aos outros por conectores: marcas linguísticas e contextuais (Construtores de Espaços Mentais (CE)). (Miranda, 1999:86)

Ainda segundo Miranda (1999:86), os Construtores de Espaços Mentais (CE) em nível gramatical apresentam formas variadas: são sintagmas preposicionais, sintagmas adverbiais, conectivos, sentenças, marcas de tempo e modo verbal. Os CE introduzem a diferença entre os Espaços Mentais (EM), criando, dentre outros possíveis, os seguintes tipos de espaços: crença, hipótese, contrafactualidade, tempo, lugar. Nesse sentido, postulamos que o conector *daí que* enquadra-se entre os construtores de espaços mentais por ser uma marca linguística e contextual responsável por relações que variam desde o (re)conhecimento de um resultado (consequência/efeito) até a veiculação de uma crença, por meio da expressão de um ponto de vista.

Principalmente na última década, a LFCU tem embasado pesquisas e desenvolvido diferentes metodologias que levam em conta apenas dados de uso real, cujas análises são sempre focadas no contexto, considerando fatores pragmáticos, semânticos e morfossintáticos. Em suma, o foco não recai mais sobre os itens de forma atômica, mas, sim, sobre construções que se enquadram no contínuo do mais lexical para o mais gramatical. Essa perspectiva assume, também, que estudos históricos são de fundamental importância para a análise das construções e dos contextos nos quais elas se inserem. A investigação da gradiência sincrônica, ao lado do estudo diacrônico, que flagra gradualmente os micropassos da mudança linguística, aponta para uma abordagem mais abrangente do desenvolvimento de funções gramaticais. Portanto, para dar conta da gradiência e da gradualidade dos usos linguísticos, a LFCU alinha-se aos pressupostos da teoria da gramaticalização, encampando pesquisas em nível pancrônico. O *continuum* do mais lexical para o mais gramatical, do menos gramatical para o mais gramatical ou, ainda, a escala espaço > (tempo) > texto (Traugott e Heine, 1991) apresentam-se, agora, em perspectiva que considera a relação entre gradiência, gradualidade e gramaticalização, conforme os termos de Traugott (2010b:20).

Uma vez que pesquisadores funcionalistas passaram a se dedicar mais intensamente ao estudo da gramaticalização de elementos não atômicos, a abordagem cognitivista no que se refere à pesquisa de construções veio se somar à teoria da gramaticalização. Essa abordagem, nomeadamente gramática de construções, considera, em sua análise, o pareamento forma-significado convencional tanto de morfemas, quanto de palavras, já que, segundo a

perspectiva cognitivista, uma construção pode ser atômica ou complexa. Não se trata, no entanto, como alerta Dirk Noël (2007: 178), de uma simples fusão de disciplinas, ou apenas de dar uma perspectiva histórica para a gramática de construções. Aos estudiosos da teoria da gramaticalização interessam, principalmente, as construções complexas, para as quais pesquisas vêm sendo desenvolvidas no âmbito da gramaticalização de construções.

Essa associação “cognitivo-funcional” (Furtado da Cunha, 2012) tem rendido frutíferos diálogos entre linguistas alinhados com as duas correntes. Um pesquisador cognitivista que tem contribuído muito para o desenvolvimento de estudos a respeito de construções é William Croft. Em sua *Radical Construction Grammar (Gramática de Construções Radical)* (Croft, 2001), ele desenvolve uma teoria sobre sintaxe, isto é, uma teoria que caracteriza as estruturas gramaticais supostamente representadas na mente do falante (Croft, 2001:3). O autor destaca que as construções são as unidades básicas de representação sintática, e as categorias são derivadas da(s) construção(ões) em que aparecem (Croft, 2001:4). Por isso, o modelo que propõe é não reducionista, e os elementos sintáticos primitivos não são considerados atômicamente.

Apesar de se tratar de um modelo de análise de construções relativamente novo, já em 1982, alguns defensores alinhados com a teoria da gramaticalização, como Christian Lehmann, não se detinham apenas no item em mudança linguística. Em trabalho pioneiro daquele ano, *Thoughts on Grammaticalization*, depois transformado em livro (Lehmann 1995, *apud* Traugott, 2003:625), Lehmann já destacava que, em gramaticalização, “alguns processos semânticos, sintáticos e fonológicos interagem na gramaticalização de morfemas e de construções inteiras”. Posteriormente, o autor reforça essa posição ao afirmar que “a gramaticalização não abarca meramente uma palavra ou morfema, mas toda a construção formada pelas relações sintagmáticas do elemento em questão” (Lehmann, 1992:406, *apud* Traugott, 2003:625). Também Bybee, Perkins e Pagliuca (1994:4 *apud* Traugott, 2008a:221) já destacavam, há duas décadas, que é a construção inteira, e não simplesmente o significado lexical do item, o precursor e, portanto, a fonte do significado gramatical.

Aprofundando o diálogo cognitivo-funcional, Traugott (Traugott, 2008a:221) lembra que nem sempre é claro que “construção” significa muito mais do que “cadeia sintática” ou “cadeia em um contexto morfossintático”. Segundo a autora, há multicamadas na gramaticalização, a qual envolve várias mudanças correlacionadas, destacando os ambientes pragmáticos e semânticos para a mudança morfossintática (Traugott, 2008a:222). Entrando especificamente na seara cognitiva, a pesquisadora funcionalista aponta que a gramática de

construções, cujos principais representantes, na atualidade, são Fillmore e Kay (2003), Goldberg (1995) e Croft (2001), é uma das poucas teorias de gramática que estabelece correlações diretamente dentro do modelo, e, por isso, é útil considerar sua relevância para as perspectivas de multicamadas da gramaticalização. Nesse modelo cognitivista, nenhum nível gramatical é autônomo ou “nuclear”; pelo contrário, semântica, morfossintaxe e fonologia, em alguns casos, pragmática, atuam juntas em uma construção (Traugott, 2008a:223).

A comprovação de que não só o diálogo cognitivo-funcional está aberto, como também há interação entre as duas correntes, é o fato de a funcionalista Traugott (2008a:224) apresentar o modelo cognitivista de Croft (2001) como sendo, até então, um dos mais adequados para o desenvolvimento de uma abordagem mais articulada para as correlações entre gramaticalização e gramática de construções, testando-o no seu estudo sobre os modificadores de grau em inglês (Traugott, 2008a). A autora descreve os passos no desenvolvimento das construções modificadoras de grau e, alertando que se trata de uma simplificação, apresenta como exemplos os casos de *a sort of* (uma espécie de), *a lot of* (uma grande quantidade de), *a shred of* (um pingo ¹⁴de). As mudanças pelas quais essas construções passaram podem ser resumidas no seguinte esquema, conforme Traugott (2008a):

Pré-partitivo > Partitivo > Modificador de grau > Advérbio de grau > Adjunto de grau

Para Traugott, uma observação surpreendente em sua pesquisa são as semelhanças significativas no que se refere aos níveis hierárquicos de análise da gramaticalização e da gramática de construções, especialmente a de Croft (2001). Um esboço dessa relação pode ser visualizado no paralelo a seguir apresentado no quadro 2:

¹⁴ No sentido de quantidade ínfima.

Quadro 2. Semelhanças entre os níveis hierárquicos de Traugott (2008a) e Croft (2001)

<p>Gramaticalização <u>esquemas</u> macroestruturas como o esquema anterior, dentro das quais mudanças particulares podem ser descritas;</p>	<=>	<p>Gramática de Construções Radical <u>macroconstruções</u> pareamento forma-significado, definidos pela estrutura e função; a construção partitiva, por exemplo;</p>
<p><u>types de mudança generalizada</u> grupos de cadeias cujo comportamento é similar, sendo (a) <i>sort of</i>, (a) <i>kind of</i>, um subesquema distinto de <i>a lot (of)</i>, <i>a bunch (of)</i>; este, por sua vez, é um outro subesquema distinto de (not) <i>a shred of</i>, e assim por diante;</p>	<=>	<p><u>mesoconstruções</u> grupos de construções específicas com comportamento semelhante;</p>
<p><u>types de mudança específica</u> como (a) <i>sort of</i>, <i>a lot (of)</i>;</p>	<=>	<p><u>microconstruções</u> <i>types</i> de construções individuais;</p>
<p><u>tokens empiricamente atestados</u> o <i>locus</i> da mudança.</p>	<=>	<p><u>construtos</u> <i>tokens</i> empiricamente atestados, que são o <i>locus</i> da mudança.</p>

Traugott (2008a:236) ressalta que, em nenhum dos dois casos, essa hierarquia restringe-se aos três primeiros níveis, pois níveis de generalização mais elaborados podem ser relevantes em alguns casos; em outros, nem tanto. Ademais, o quarto nível é muito caro para a pesquisa pautada na LFCU e, conforme Traugott e Trousdale (2013:16):

Construtos são *tokens* empiricamente atestados (...) em uma ocasião em particular, empregados por um enunciador em particular, com um propósito comunicativo em particular. Construtos são muito ricos, impregnados de grande quantidade de sentido pragmático, muito do qual pode ser irrecuperável fora do evento de fala em particular. (...) Fundamentalmente, para um modelo baseado no uso, construtos são o que o falante/escritor produz e o que o ouvinte/leitor processa. (Tradução nossa.¹⁵)

Apenas a título de ilustração, consideramos a relação estabelecida por Traugott (2008a) entre os quatro níveis de análise da gramaticalização e da gramática de construções, para demonstrar, a partir do nível do construto, como o conector lógico-argumentativo *daí que* se insere nessa rede hierárquica.

a) no nível do construto, *daí que* é um conector lógico-argumentativo empiricamente atestado em nossos dados;

¹⁵ “Constructs are empirically attested tokens (...), instances of use on a particular occasion, uttered by a particular speaker (or written by a particular writer) with a particular communicative purpose. Constructs are very rich, imbued with a great deal of pragmatic meaning, much of which may be unrecoverable outside of the particular speech event. (...). Crucially, for a usage-based model, constructs are what speakers/writers produce and what hearers/readers process.”

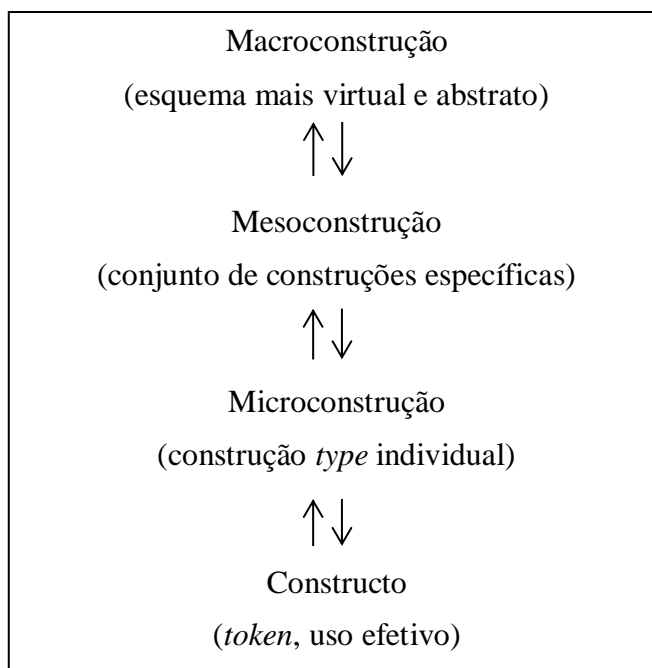
- b) enquadra-se no nível dos *types* de mudança específica, isto é, trata-se de uma microconstrução;
- c) embora não façam parte desta investigação especificamente, pressupomos que, por exemplo, *de modo que*, *de maneira que*, *de forma que*, por um lado, e *à medida que*, *ao passo que*, por outro, constituam grupos de construções específicas cujo comportamento é similar, isto é, são *types* de mudança generalizada, ou mesoconstruções;
- d) pressupomos, também, que *daí que*, *de modo que* ou *à medida que*, por exemplo, façam parte de um esquema, aqui considerado, à semelhança do que propõe Lima-Hernandes (2010), como esquema [X-que], o qual compreende o subesquema das locuções conjuntivas, ou perífrases conjuncionais, conforme definição de Câmara Jr. (1979:185).

Presumindo-se que a hierarquia da qual o *daí que* faz parte tenha níveis mais altos ainda, é possível que:

- e) o esquema [X-que] seja, por sua vez, um subesquema de uma estrutura mais esquemática ainda, como a dos conectores em geral.

Na figura a seguir, reproduzimos a representação de Oliveira e Batoréo (2014) dos quatro níveis distintos de esquematicidade construcional, conforme a proposta de Traugott e Trousdale (2013):

Figura 1: Níveis de esquematicidade construcional



Segundo as autoras, as setas para cima representam a gramaticalização como rota de construcionalização, na criação de pareamentos cada vez mais convencionais, capazes de serem captados na história da língua. As setas para baixo constituem gramaticalização como mudança construcional analógica, partindo dos modelos existentes para replicação de outros (Oliveira e Batoréo, 2014).

Do esboço que acabamos de traçar, o nível de construto do conector lógico-argumentativo *daí que* é o que diz respeito diretamente aos objetivos deste estudo e para o qual este arcabouço teórico se volta prioritariamente. Partindo dele, procuramos dar conta do movimento de baixo para cima e de cima para baixo das setas, uma vez que não só buscamos captar sua rota de construcionalização, como também investigar sua mudança construcional analógica e sua inserção no paradigma dos conectores.

Igualmente em franco diálogo com a perspectiva cognitivista e vindo ao encontro dos pressupostos de Traugott (2008a) e Croft (2001), Bybee (2010) explora a possibilidade de que o fenômeno estrutural observado na gramática de uma língua natural seja derivado de processos cognitivos de domínio geral, já que estes atuam em várias instâncias do uso da língua (Bybee, 2010:1-2). Dentre esses processos, a autora destaca o *chunking*, um mecanismo de processamento que envolve as atividades tanto de produção da mensagem, quanto da sua decodificação. As aplicações repetidas de um *chunking* dão forma à gramática. Assim:

Chunking é o processo por meio do qual sequências de unidades que são usadas juntas formam um todo de unidades mais complexas. (...) Na língua, *chunking* é básico para a formação de unidades sequenciais expressas como construções, constituintes e expressões formulaicas. Sequências de palavras (ou morfemas) repetidas são “empacotadas” juntas na cognição, de modo que a sequência pode ser acessada como uma unidade única. É a interação do *chunking* com a categorização que dá às sequências convencionais variados graus de analisabilidade ou composicionalidade (Bybee, 2010:7) (tradução nossa¹⁶).

A experiência principal que aciona o *chunking* é a repetição. Se, por exemplo, dois ou mais *chunks* menores ocorrem juntos com algum grau de frequência, forma-se um *chunk* maior contendo os menores. Quanto ao *daí que*, pressupomos que esse processo cognitivo

¹⁶ “Chunking is the process by which sequences of units that are used together cohere to form more complex units. As a domain-general process chunking helps to explain why people get better at cognitive and neuromotor tasks with practice. In language, chunking is basic to the formation of sequential units expressed as constructions, constituents and formulaic expressions. Repeated sequences of words (or morphemes) are packaged together in cognition so that the sequence can be accessed as a single unit. It is the interaction of chunking with categorization that gives conventional sequences varying degrees of analyzability and compositionality.”

tenha sido de grande importância para a sua formação como conector. É possível que, no contexto crítico, a nova distribuição do *chunk* menor – formado pelo *daí*, o qual, em face de mudança distribucional, passou a ser usado também ao lado da conjunção integrante *que* – tenha ocorrido com frequência tal, que formou um novo *chunk* maior, com morfologia, sintaxe, semântica e pragmática diferentes de suas partes. Essa nova configuração, agora convencionalizada, tem seu grau de analisabilidade reduzido, isto é, não há mais como analisar os elementos separadamente, e também se torna menos composicional, com perda de fronteiras, especialmente as morfosintáticas e semânticas, não sendo mais possível apreender o sentido do todo do sentido dos elementos individuais.

Uma vez que os processos cognitivos de domínio geral aplicam-se ao uso linguístico, a autora esclarece que também investiga como a frequência afeta a estrutura (Bybee, 2010:12). Em trabalho anterior sobre o papel da frequência como um dos mecanismos da mudança linguística, Bybee (2004) destaca que uma das mais notáveis características dos morfemas gramaticais e das construções nas quais eles ocorrem é sua frequência extremamente alta, quando comparados com morfemas lexicais típicos. Essa alta frequência resulta de um aumento no número e tipos de contextos nos quais esses morfemas gramaticais se mostram adequados.

A esse respeito, a autora (Bybee, 2004:604) apresenta dois métodos relevantes de contar frequência. Um deles é conhecido como frequência *token*¹⁷ (frequência de ocorrência), que é o número de ocorrências de um item ou uma unidade empiricamente atestadas, ou seja, a frequência dos construtos. O outro, frequência *type* (frequência de tipo), pode se referir a um padrão em particular, como um padrão de acentuação ou de um afixo, conforme apresentado em dicionário, e também pode ser uma noção que se aplica a construções em processo de gramaticalização, por meio da contagem dos diferentes itens lexicais com os quais uma construção pode ser usada.

Mais uma vez, apenas para ilustrar, o esquema [X-que] apresenta cinco *types* diferentes, cujos elementos preenchedores do espaço X são verbos, nomes, advérbios, preposições e, o de uso mais recente na língua, pronome adverbial locativo, como, por exemplo, *dado que*, *de modo que*, *assim que*, *até que*, *daí que*, respectivamente. Vale destacar que nosso objeto de estudo é o único representante do *type* com pronome locativo, não tendo sido encontrado registro de *daqui que* ou *dali que* convencionalizados como conectores.

¹⁷ Optamos por manter as expressões *token* e *type* em inglês, para que suas possíveis traduções não se confundam com os usos que fazemos dos termos *ocorrência* e *tipo*, referindo-nos a outros casos não necessariamente relacionados à frequência *stricto sensu*, como tipo textual ou tipo de contexto, por exemplo.

Supomos que estas expressões, principalmente *daqui que*, estejam em processo inicial de gramaticalização na expressão de tempo, não formando ainda um par forma-significado e admitindo, inclusive, elementos intervenientes entre seus constituintes: *daqui que eles voltem, daqui, então, que cheguem, daqui que façam* etc. são seus possíveis contextos sintagmáticos de ocorrência.

Portanto, segundo Bybee (2004), frequência não é apenas um resultado da gramaticalização; é também um colaborador primário para o processo de gramaticalização, uma força ativa instigando as mudanças que ocorrem em contextos específicos.

Nesse diálogo cognitivo-funcional, o conceito de contexto se amplia para, segundo Traugott e Trousdale (2013:196), “o contexto linguístico largamente interpretado como ambiente linguístico, incluindo sintaxe, morfologia, fonologia, semântica, inferência pragmática, modalidade (falada ou escrita) e, por vezes, contextos discursivos e sociolinguísticos mais amplos”, abrangendo, ainda, a frequência de uso. Em adição, o contexto passa a ser considerado como ponto de partida para a mudança linguística e o processo de gramaticalização de construções. Tal compreensão sobre contexto, como ponto de partida, como ambiente linguístico vasto, é a que nos orienta no desenvolvimento desta pesquisa sobre o conector lógico-argumentativo *daí que*.

Em estudo específico sobre o tema, Traugott (2008b) toma como base quatro hipóteses já existentes sobre *onset contexts*, ou contextos iniciais¹⁸, nos quais o processo de gramaticalização pode ser percebido desde os seus primeiros momentos:

a) O primeiro a ser apresentado é um contexto inicial basicamente estrutural e distribucional, pautado nos trabalhos de Himmelmann (2004:31), Lehmann (1993:6) ou König e Vezzosi (2004:229; 239), todos citados por Traugott (2008b).

b) O segundo, proposto em trabalhos como os de Traugott e König (1991) ou de Traugott e Dasher (2002), adiciona implicaturas pragmáticas ou inferências sugeridas que surgem daqueles contextos estruturais e distribucionais.

Tanto no primeiro quanto no segundo contexto, o foco recai sobre o item em mudança.

c) O terceiro, pautado em uma perspectiva que parece conceituar contextos iniciais como pragmáticos apenas, estende-se para a noção de contextos-ponte como sendo um tipo de contexto linguístico, não uma atividade na qual os falantes estão engajados. Texto e contexto sincrônicos são amplamente utilizados para descrever ou reconstruir contextos-ponte, nos

¹⁸ Nesta tese, o termo *inicial* refere-se às primeiras pressões contextuais e ambiguidades pragmáticas percebidas nos contextos em gramaticalização; são as primeiras mudanças construcionais, que podem levar ou não à construcionalização. Não tem, portanto, relação com sentido mais antigo e mais lexical dos subcomponentes da microconstrução.

quais a expansão semântica geralmente tem sua gênese. Duas importantes variantes da noção desses contextos foram desenvolvidas por Evans e Wilkins (2000) e Heine (2002), em trabalhos citados por Traugott (2008b). Segundo a autora, os contextos-ponte sozinhos não levam à gramaticalização.

d) O quarto e último contexto apresentado é o contexto crítico, que envolve opacidade pragmática, semântica e estrutural. Trata-se de uma proposta alternativa de Diewald (2002, *apud* Traugott, 2008b), que trabalha com evidência histórica do desenvolvimento de modais. É o segundo de três estágios, no qual possibilidades semânticas e estruturais que estavam distribuídas em diferentes contextos acumulam-se em um específico contexto crítico.

Seja no terceiro, seja no quarto contexto, o potencial da mudança recai sobre o próprio contexto, uma vez que é ele que está mudando.

Diante do exposto, com base nos pressupostos da LFCU, propomos, nesta tese, a integração entre gramática de construções segundo Croft (2001), gramaticalização de contextos como construções (Diewald, 2006; Traugott, 2008b) e estudos, principalmente, de Traugott (2008a, 2010b), Trousdale (2008a, 2008b) e de Bybee (2010), sobre processos de mudança linguística centrada no uso. O entrelaçamento desses esteios teóricos, além de outros subsidiários, vai ao encontro da perspectiva construcional, conforme proposta por Traugott (2012) e Traugott e Trousdale (2013), igualmente de capital importância para esta pesquisa. Trata-se de uma perspectiva para a qual convergem todas as outras, propiciando, dessa forma, a investigação das mudanças que são específicas a construções particulares e a classes de construções. Tais mudanças se subdividem em dois tipos (Traugott, 2012):

- a) mudanças construcionais – mudanças que afetam subcomponentes de uma construção;
- b) construcionalização – subgrupos de mudanças construcionais, nos quais novas combinações de signos são criadas, formando pares convencionalizados de forma-significado.

Na próxima seção, passamos a apresentar os pressupostos das principais abordagens teóricas que embasam o tratamento metodológico aqui proposto para a investigação e análise das mudanças construcionais e da construcionalização do conector lógico-argumentativo *daí que*.

3.2 GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES: O MODELO DE CROFT (2001)

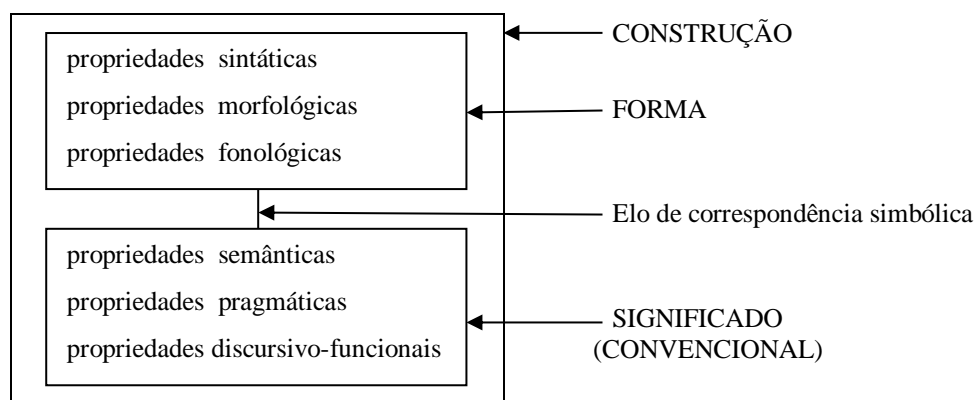
No capítulo 1 da *Gramática de Construções Radical*, Croft (2001) destaca que a gramática de construções surge como reação ao modelo componencial no tratamento da teoria

sintática. No modelo componencial, diferentes tipos de propriedades de um enunciado (som, sintaxe e significado) são representados em componentes separados, cada um dos quais consistindo de regras que operam sobre elementos primitivos dos tipos relevantes (fonemas, unidades sintáticas e unidades semânticas), não havendo, portanto, metodologia para lidar com um fenômeno problemático: as expressões idiomáticas (Croft, 2001:15).

Nesse contexto, uma sentença como *Toma lá, dá cá* apresenta idiossincrasias sintáticas e semânticas difíceis de serem analisadas pelo modelo supracitado; trata-se de uma expressão fixa, não esquemática, isto é, sem possibilidade de que os espaços ocupados pelo verbo e pelos pronomes sejam preenchidos por outros itens lexicais que instanciam essas categorias. Mesmo uma sentença como *João chutou o balde*, em que há possibilidade de o espaço preenchido pelo sujeito ser representado, por exemplo, pelo pronome *ele*, ou de o verbo variar quanto ao tempo – *vai chutar*, representa um problema para esse viés analítico. Embora a expressão *chutar o balde* seja parcialmente esquemática, também apresenta idiossincrasias sintático-semânticas que dificilmente são capturadas pelo modelo componencial. Portanto, expressões idiomáticas, independentemente do grau de esquematicidade, são construções e, para Croft (2001:16), todas são semanticamente idiossincráticas, não seguindo regras gerais de interpretação semântica.

Uma vez que construções são fundamentalmente unidades simbólicas, Croft (2001:18) apresenta um modelo de análise construcional baseado no uso, de forma contextualizada, pareando forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e significado (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais), representado na figura 2:

Figura 2. A estrutura simbólica de uma construção



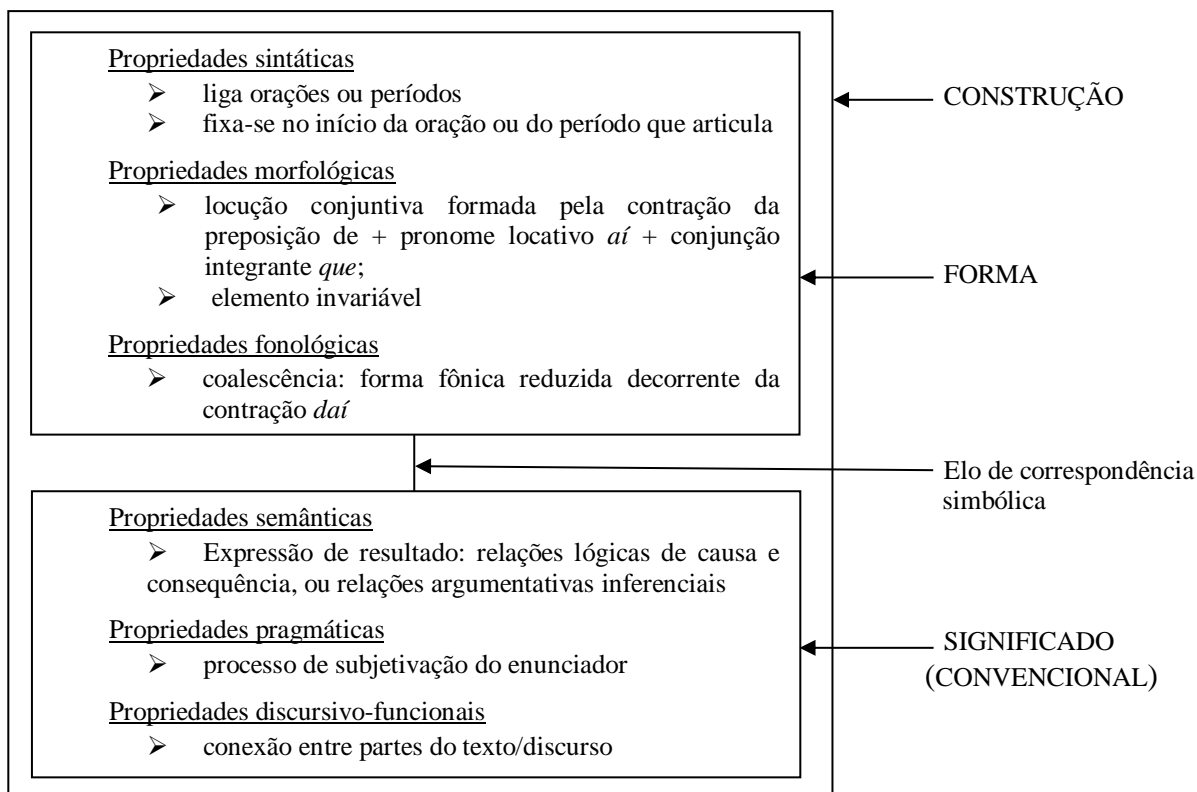
De acordo com o autor, o termo *significado* tem o objetivo de representar todos os aspectos convencionalizados da função de uma construção, podendo incluir não apenas

propriedades da situação descrita pela fala, mas também propriedades do discurso e da situação pragmática em que a fala se insere. Um exemplo da propriedade discursivo-funcional é o uso do artigo definido para indicar que o objeto referido é conhecido tanto pelo falante, quanto pelo ouvinte. Por sua vez, a situação pragmática dos interlocutores também pode ser capturada, como, por exemplo, no uso de uma construção instanciada por *Que belo gato!* para transmitir a surpresa – ou até mesmo a ironia – do falante (Croft, 2001:19).

Quanto ao aspecto formal, todas as três propriedades estão relacionadas com a estrutura sintática da construção. Segundo o autor, a estrutura interna de uma construção é a estrutura morfossintática de frases que instanciam as construções. As partes da estrutura sintática são chamadas elementos e as partes da estrutura semântica, componentes. Assim, um elo simbólico une um elemento da estrutura sintática de uma construção a um componente da estrutura semântica da mesma construção, formando uma unidade, um todo simbólico, pareando a forma gramatical com o significado correspondente da estrutura semântica. Conseqüentemente, a estrutura interna dessas unidades simbólicas é mais complexa na gramática de construções do que no modelo componencial.

Considerando-se que, da perspectiva da gramática de construções, o foco de análise recai no par forma-significado da construção como um todo, o pareamento proposto por Croft considera os níveis de maior esquematicidade das construções. Apesar de o foco da presente tese ser o nível de construto do conector lógico-argumentativo *daí que*, procuramos descrevê-lo, na figura 3, de forma sintética, com base nos seis fatores correlacionados na figura 2.

Figura 3. Pareamento forma-significado do conector lógico-argumentativo *daí que*¹⁹



A apresentação em um boxe é simplesmente uma tentativa de reproduzir o ideário de Croft (2001) de que as mudanças das três dimensões da forma e das três do significado ocorrem independentemente. Em uma abordagem centrada no uso, as análises partem do nível do construto e tendem a indicar que essa relação é flexível. Por exemplo, a presente pesquisa considera apenas textos da modalidade escrita, por isso, no que diz respeito às propriedades fonológicas, além da já convencionalizada perda de fronteira entre a preposição *de* e o locativo *aí*, é possível apenas generalizar sobre a produção sonora da cadeia *daí que*: pressupomos haver um enfraquecimento da conjunção *que* quanto à tonicidade, formando com o seu antecedente um vocábulo único. Esse hipotético enfraquecimento pode ser consequente ao que Martelotta (2012:21) entende por perda de fronteira, fusão e perda de composicionalidade, em que estruturas juntam-se, fixam-se e cristalizam-se, havendo idiomatização e desaparecimento do sentido composicional da construção. Trata-se de fenômenos comuns ao processo de gramaticalização.

Vale lembrar que o conector em estudo é uma microconstrução em nível gramatical, portanto a sua representação não segue a mesma complexidade de construções representadas

¹⁹ Com base em Croft (2001:18).

por sentenças, como, por exemplo, *Maria dorme*, que é uma das possíveis instanciações de uma construção intransitiva. Ademais, o modelo proposto pela gramática de construções concentra-se na análise sincrônica dos dados, sem que se considere a mudança gradual em micropassos, até se chegar à forma construcionalizada *daí que*.

No que se refere à organização de construções, Croft retoma Langacker (1987:63-76 *apud* Croft, 2001:25) ao destacar que estas formam um rol estruturado do conhecimento que o falante tem das convenções de sua língua. Esse rol é normalmente representado em termos de uma rede taxonômica de construções. Diante disso, qualquer construção com propriedades morfológicas, sintáticas, lexicais, semânticas, pragmáticas ou discursivo-funcionais únicas, idiossincráticas, deve ser representada como um nó independente na rede construcional a fim de capturar o conhecimento que o falante tem da sua língua. Nessa perspectiva de língua como rede de relações entre construções, amparada pelo modelo baseado no uso, as mudanças estão interconectadas, as redes aumentam, tornando-se mais produtivas, ou se contraem.

Trousdale (2008b), adotando o modelo proposto por Croft (2001) sobre a organização de construções, traça aspectos da história da construção impessoal do inglês para, primeiro, demonstrar como o desaparecimento dessa construção está associado com a emergência, via gramaticalização, da construção transitiva e, em seguida, também demonstrar como taxonomias construcionais estão implicadas nesses processos de gramaticalização. De acordo com Trousdale, “construções e partes de construções formam uma rede na qual elementos estão relacionados por taxonomia” (Trousdale, 2008b:304). Mais adiante, o autor destaca que “cada nível na taxonomia construcional é sancionado por uma construção mais esquemática em um nível mais alto” (Trousdale, 2008b:304) (tradução nossa²⁰).

3.2.1 A rede construcional do esquema [X-que]: esquematicidade e produtividade

Conforme temos reiterado, o conector *daí que* faz parte do esquema [X-que], o qual, por sua vez, possivelmente faça parte de uma estrutura mais esquemática ainda, como a dos conectores em língua portuguesa. A esse respeito, Barreto (1999), em sua tese de doutorado, faz estudo minucioso sobre a gramaticalização de conjunções na história do português. Uma das hipóteses da autora é que

²⁰ “...constructions, and parts of constructions, form a network, in which elements are related by taxonomies; (...) Each level in the constructional taxonomy is sanctioned by a more schematic construction at a higher level.”

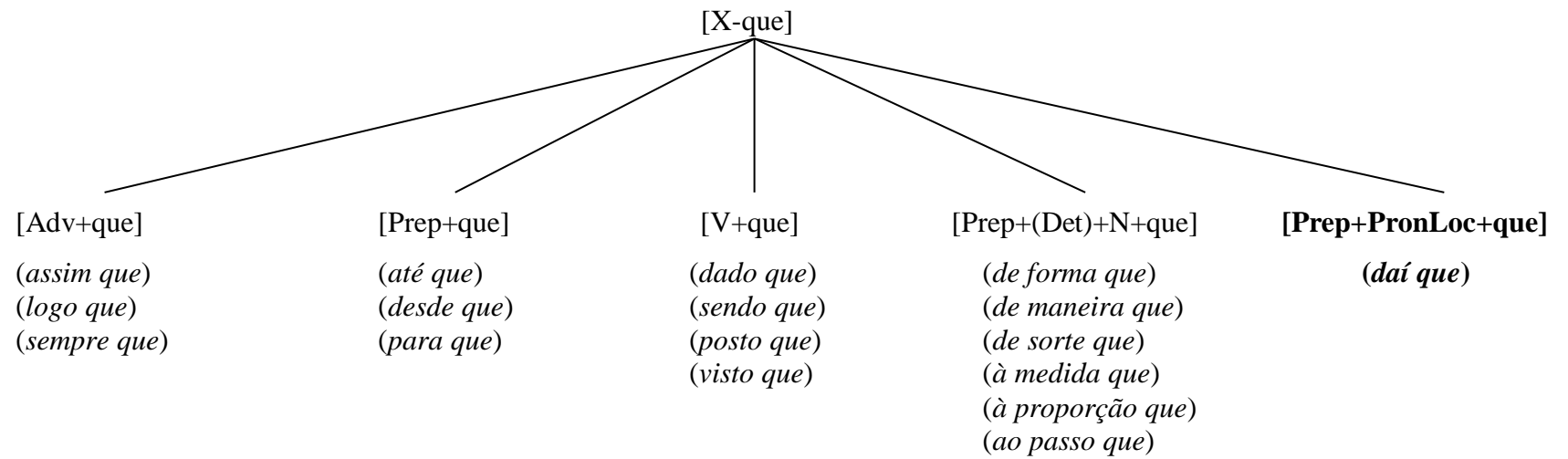
os processos de gramaticalização experimentados pelas conjunções não atingem apenas itens isolados mas grupos de itens conjuncionais, isto é, determinados processos atingem um determinado grupo, enquanto outros se referem a outro conjunto de elementos.

Essa hipótese de Barreto encontra amparo no que Croft (2001) e Trousdale (2008b) entendem por *taxonomia construcional*. Quando a autora apresenta, por exemplo, as locuções conjuntivas²¹ formadas com a associação do *que*, evidencia-se uma rede que contempla “conjunções de base adverbial”: [Adv+que] (*ainda que, assim que, já que*); “conjunções de base preposicional”: [Prep+que] (*até que, desde que, para que*); “conjunções de base verbal”: [V+que] (*dado que, posto que, sendo que*) e “conjunções de base nominal” [N+que]. Este último grupo nos interessa diretamente por encerrar, entre outras, as locuções que são encabeçadas por preposição, com ou sem determinante antecedendo o nome: [prep+(det)+N+que]. Com determinante, encontram-se as locuções encabeçadas pela preposição *a* (*à medida que, à proporção que, ao passo que*); sem determinante, encontram-se aquelas encabeçadas pela preposição *de* (*de forma que, de maneira que, de modo que, de sorte que*) (Barreto, 1999).

Embora *daí que* não figure na obra de Barreto como uma perífrase conjuncional, há indícios de que forma um novo nó independente, de base pronominal, no esquema [X-que], podendo ser representado por [prep+PronLoc+que], à semelhança das locuções conjuntivas ilustradas pela autora. Portanto, valendo-nos da organização de Barreto (1999) e do estudo de Trousdale (2008b), propomos, com base na proposta de Croft (2001), a seguinte rede construcional taxonômica para o esquema [X-que], no qual o conector lógico-argumentativo *daí que* se inclui como novo membro desse paradigma:

²¹ Barreto (1999) usa o termo *conjunções*.

Esquema 1. Rede taxonômica construcional das locuções conjuntivas



Assim como Trousdale (2008b), verificamos diferentes níveis de esquematicidade na rede taxonômica construcional [X-que]. Em uma organização hierárquica do menor para o maior grau de esquematicidade, encontram-se três níveis:

1º nível: Nível de esquematicidade zero, em que os espaços do esquema se encontram totalmente preenchidos; é representado pelas microconstruções *assim que*, *até que*, *dado que*, *à medida que*, *de forma que*, *daí que* etc. e sancionado pelo 2º nível.

2º nível: Nível de esquematicidade parcial; é preenchido por diferentes categorias nucleares, sendo representado pelas mesoconstruções [Adv+que], [Prep+que], [V+que], [Prep+(Det)+N+que] e [Prep+PronLoc+que] e sancionado pelo 3º nível.

3º nível: Nível de maior esquematicidade para essa construção; é representado pela macroconstrução, ou esquema, [X-que].

Cabe ressaltar que nossa proposta de níveis hierárquicos de esquematicidade considera apenas a rede construcional do esquema [X-que]. Naturalmente que um estudo como o de Barreto (1999), o qual analisa o universo conjuncional no português brasileiro, apresentaria níveis ainda mais esquemáticos do que este que propomos, assim como outros nós independentes na rede construcional dos conectores em geral.

Na seção 3.1, à semelhança do estudo de Traugott (2008a) sobre a gramaticalização dos modificadores de grau, reconhecemos os diferentes níveis de análise do processo de gramaticalização do esquema [X-que], no qual o conector *daí que* se insere; nesta seção, identificamos uma rede taxonômica construcional [X-que], tendo como inspiração os trabalhos de Barreto (1999) e de Trousdale (2008b). Diante do exposto, o modelo de gramática de construções conforme proposto por Croft (2001) se confirma como de grande valia para que, primeiramente, numa visão panorâmica, identifiquemos o esquema [X-que] e a rede construcional que o compõe; porém, mais importante ainda é o reconhecimento do novo nó independente nesta rede de conectores, o conector lógico-argumentativo *daí que*, o qual contribui para o aumento de produtividade da rede a que pertence.

Uma vez que esta investigação considera não só o uso do *daí que* como conector lógico-argumentativo, o que se dá apenas na sincronia contemporânea, mas também destaca os micropassos da mudança na dimensão diacrônica, é preciso ir além da gramática de construções, que, mesmo sendo centrada no uso, não tem como foco estudos históricos. Por isso, nas próximas seções, 3.3 e 3.4, apresentamos as bases teóricas que subsidiam a investigação da rota de construcionalização do *daí que*, ao longo de diferentes sincronias, que remontam até o século XVII.

3.3 GRAMATICALIZAÇÃO DE CONTEXTOS: O MODELO DE DIEWALD (2006)

Com relação aos fatores sintático-semânticos e pragmático-discursivos que, de acordo com a observação dos dados em perspectiva diacrônica, possivelmente motivam a formação do conector lógico-argumentativo *daí que*, é de fundamental importância para esta pesquisa o estudo sobre gramaticalização de contextos como construções. Daqueles resenhados por Traugott (2008b), apresentados na seção 3.1, assumimos que o modelo de Diewald (2006) é o mais adequado para subsidiar o que defendemos no que diz respeito aos micropassos da mudança do *daí que*, flagrados ao longo de sua construcionalização como conector lógico-argumentativo.

Ciente do quanto os estudos sobre gramaticalização demonstram grande interesse no impacto que fatores contextuais exercem nas mudanças linguísticas, a autora sugere um modelo integrador dos aspectos semânticos, morfológicos e estruturais na definição dos vários tipos de contextos presentes no processo de gramaticalização, numa perspectiva diacrônica. Diewald (2006:4) sintetiza três estágios cronologicamente ordenados no surgimento diacrônico de funções gramaticais:

Quadro 3. Tipos de contextos em gramaticalização como construções

Estágio	Contexto	Significado/Função
I pré-condições de gramaticalização	atípico	implicaturas conversacionais
II gatilho para a gramaticalização	crítico	opacidade múltipla
III reorganização e diferenciação	de isolamento	polissêmico/heterossêmico

Fonte: Diewald, G. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions* SV1-9 2006.

Cada estágio é associado com um tipo particular de contexto (Diewald, 2006:4-5):

1. Contexto atípico: É o primeiro estágio. Apresenta pré-condições de gramaticalização; presença de implicaturas conversacionais. Há uma expansão inespecífica da distribuição da unidade lexical para contextos nos quais a unidade ainda não havia sido usada.
2. Contexto crítico: É o segundo estágio, associado com uma construção altamente marcada. Descreve o real gatilho do processo de gramaticalização. Caracteriza-se por múltiplas situações de opacidade estrutural e semântica, levando, por isso, a várias possibilidades de interpretação, entre elas o novo significado gramatical. É uma espécie de catalisador

(estimulador); é encontrado apenas durante o estágio II e **desaparece no desenvolvimento posterior**.

3. Contexto de isolamento: Terceiro estágio. Apresenta a consolidação do processo de gramaticalização, isto é, apresenta a reorganização e diferenciação dos formativos gramaticais (afixos derivacionais ou flexionais) e o paradigma, que é a categoria-alvo do processo de gramaticalização em curso. Nesta fase, o novo significado gramatical é isolado como um significado separado do mais antigo, mais lexical. Essa separação dos dois significados é alcançada pelo desenvolvimento de **contextos de isolamento para ambas as leituras, lexical e gramatical**, ou seja, contextos linguísticos específicos que favorecem uma leitura excluindo a outra. Assim que a oposição entre os contextos de isolamento se estabelece, o processo de gramaticalização pode ser considerado completo, sem ser reversível a um estágio anterior. O novo significado gramatical não depende mais de implicatura conversacional, uma vez que o elemento linguístico em gramaticalização tornou-se verdadeiramente polissêmico.

Não obstante esse modelo ser o esteio de parte desta pesquisa, cabem algumas observações e questionamentos em face do que temos observado nos dados coletados. Uma delas diz respeito ao que Traugott chama de *onset contexts* (contextos iniciais): “É mais importante determinar a diversidade de ‘contextos iniciais’ em um caso particular de gramaticalização do que se concentrar em apenas um tipo” (Traugott, 2008b:21, tradução nossa²²). Na primeira fase da coleta de dados para a formação do *corpus* da presente tese, foram reconhecidas pelo menos duas possibilidades de contextos iniciais presentes na construcionalização do *daí que*: as estruturas oracionais complexas, do tipo matriz-completiva (*daí se conclui que...* ou *conclui-se daí que...*), e as sentenças clivadas²³ (*daí é que...* ou *é daí que...*), achado que corrobora o que a autora sugere quanto à diversidade desses contextos. Contudo, apesar de termos encontrado essa dupla possibilidade, optamos, por questões metodológicas, pelo tratamento e análise apenas das estruturas oracionais complexas na dimensão diacrônica desta investigação. Sendo assim, nas instanciações²⁴ que seguem, as sentenças clivadas inserem-se no conjunto somente a título de ilustração.

²² “It is more important to determine the range of “contexts of origin” in a particular case of grammaticalization than to focus on just one type.”

²³ Braga (1991) diferencia construção *é que*, correspondente ao caso instanciado em (2), e sentença clivada propriamente dita, como instanciado em (4). Segundo a autora (2009), a expressão *É QUE* está se gramaticalizando como uma locução sinalizadora de foco e os segmentos vinculados por ela não constituem uma estrutura bioracional. Tal distinção foge ao escopo deste trabalho.

²⁴ Nesta tese, o termo *instanciação(ões)* e formas correlatas são empregados sempre que o exemplo for retirado do *corpus* formado para esta pesquisa.

Como se trata de simplesmente instanciar o que recolhemos dos bancos de dados pesquisados, os casos apresentados a seguir foram reduzidos para que se destaque cada contexto: atípico, crítico e de isolamento. No capítulo de análise, apresentamos as instanciações na íntegra.

Considerando-se todos os dados recolhidos para esta pesquisa, em fase inicial e de efetiva análise, reconhecemos que os casos instanciados em (1) e (2) enquadram-se no primeiro estágio, o **atípico**, sendo o primeiro correspondente à estrutura complexa e o segundo, à clivada. Os negritos, itálicos e colchetes são nossos, sendo empregados para delimitar as estruturas oracionais que se configuram como contextos atípico e crítico.

(1) Tudo tem fim, e esta história também o tem. Vossa Excelência se dignou de a querer ouvir, e agora se indignará de a ver mal contada. [*Daí* se seguirá **que** tirarei tão boas certidões das histórias como dos contos, e que não só morrerei praticante, porém riscado do número dos bons escritvães.]

(CP²⁵ – Cartas, Cavaleiro de Oliveira, 1756)

(2) Descobri no jardim outra porta secreta que dá para a rua. É hoje! disse eu comigo. E saí! Vi-te, e amei-te. [*Daí é que* principiei a ligar o nome.] Paulo - Mas.. se dão pela tua ausência? Princesa - Não dão. Tenho por costume fechar-me por dentro.

(CP – A Princesa dos Cajueiros, Artur Azevedo, 1880)

Por sua vez, as instanciações (3) e (4) são contextos **críticos** para o surgimento do conector lógico-argumentativo *daí que*: a primeira representa a estrutura complexa e a segunda, a clivada:

(3) como V. A. legislou naquela occasiao que as saúdes se haviam de jazer em roda com a mesma quantidade e com a mesma qualidade de vinho com que o barao as principiasse, [seguiu-se *daí que* satisfiz por força e por política às ordens que nem por serem de V. A. deixaram para mim de ser tiranas.]

(CP – Cartas familiares, Francisco Xavier de Oliveira, 1736)

(4) As pessoas valem o que vale a afeição da gente, [e é *daí que* mestre Povo tirou aquele adágio que quem o feio ama bonito lhe parece.]

(DP – Dom Casmurro, Machado de Assis, 1899)

Finalmente, retomamos parte de uma instanciação já apresentada no capítulo 2, a qual se insere no terceiro estágio do modelo de Diewald (2006:4), o contexto de **isolamento**. Neste, é reconhecido o uso inovador do *daí que* como conector lógico-argumentativo.

²⁵ As siglas que aparecem antes dos títulos das obras correspondem aos nomes dos *corpora* de onde os fragmentos foram retirados, a saber: CP = Corpus do Português; DP = Domínio Público.

(5) A rampa de acesso às garagens fica a metro e meio da janela do meu quarto, *daí que* fico obrigado a ouvir os ruídos qualquer hora do dia e da noite e a receber os fumos dos escapes dos carros.

(CP – Acção em tribunal contra a Câmara da Guarda, Jornal da Beira, 29/4/1997)

Nesse tipo de contexto, não se percebe mais a composicionalidade dos elementos constituintes, mas, sim, perda de fronteira entre eles, expansão morfossintática e semântico-pragmática, confirmando o que preconizam Traugott e König (1991) e Heine (2003) sobre a importância dos ambientes pragmáticos e semânticos para a mudança morfossintática. Formase, assim, um novo bloco estrutural, a microconstrução *daí que*, a qual vem se especializando na conexão textual, veiculando valores relacionados a resultado, como consequência e conclusão.

Nos dados coletados para esta tese, observamos a coexistência, em mesmas sincronias, de contextos diferentes: o atípico e o crítico coexistem nos séculos XVII a XIX; na sincronia contemporânea, ambos coexistem com o contexto de isolamento. Esse achado especificamente não se coaduna com o que defende Diewald (2006:3), para quem o estágio II – contexto crítico – tem curta duração, vindo a desaparecer. Divergindo de Diewald e confirmando o que indica esta pesquisa, Traugott (em comunicação pessoal com a autora desta pesquisa, em 2012) defende que essa coexistência é possível, já que um contexto não precisa, necessariamente, desaparecer, para que outro surja.

É possível que essa divergência se deva ao fato de que, em termos de motivações sintático-semânticas e pragmático-discursivas, o universo da pesquisa de Diewald para a gramaticalização de contextos é bastante diferente daquele que compreende a construcionalização do *daí que*, visto que a autora tratou do desenvolvimento de modais. O que verdadeiramente importa para a presente investigação é que o modelo de Diewald (2006) apresenta condições favoráveis para que se reconheçam, em cada estágio – atípico, crítico e de isolamento –, os micropassos da mudança do *daí que*, alinhando-se com a perspectiva construcional, que passamos a apresentar a seguir.

3.4 A PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL DE TRAUGOTT E TROUSDALE (2013)

Nesta seção, os pressupostos que apresentamos a seguir norteiam-se, principalmente, pelo modelo teórico conhecido como construcionalização, proposto por Traugott (2012) e Traugott e Trousdale (2013). Outros estudos que tenham como foco mudança linguística

centrada no uso, como os de Traugott (2003, 2008a, 2008b, 2010a; 2010b), Trousdale (2008a, 2008b), Bybee (2004, 2010, 2013), Himmelmann (2004), Lehmann (1995, *apud* Gonçalves e Carvalho, 2007), também servem de base para a investigação que propomos para o conector lógico-argumentativo *daí que*.

Construcionalização é uma abordagem cujo objetivo é dar conta, de maneira uniforme e fundamentada, das mudanças tradicionalmente descritas como gramaticalização, mas também daquelas tradicionalmente descritas como lexicalização e degramaticalização (Trousdale, 2014). Uma vez que, conforme temos reiterado, *daí que* é uma microconstrução, nível do esquema cujos espaços estão totalmente preenchidos, e que nossos dados são empiricamente atestados, no nível do construto, interessam-nos, exclusivamente, as mudanças tradicionalmente descritas como gramaticalização, que, nesta tese, são tratadas como construcionalização gramatical.

A adoção do termo *construcionalização*²⁶ por Traugott (2012) propicia que se enfoquem os passos graduais envolvidos no surgimento das construções. Porém, ainda que o modelo da construcionalização se baseie nas substanciais pesquisas tradicionalmente associadas com gramaticalização, importa destacar que não se trata simplesmente de aplicar a teoria da gramaticalização aos pareamentos forma-significado abstratos, arquitetura proposta pela gramática de construções. Nas palavras de Traugott e Trousdale (2013:22), a caracterização de construcionalização, cujo esboço começamos a delinear nas seções anteriores, apresenta-se de forma mais elaborada:

Construcionalização é a criação de (combinações de) signos com forma_{nova}-significado_{novo}. Ela forma novos nós (*types*), os quais apresentam nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, na rede linguística de uma população de falantes. [Construcionalização] É acompanhada de mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e é, portanto, gradual. Novas microconstruções podem igualmente ser criadas gradualmente, mas também podem ser instantâneas. As microconstruções formadas gradualmente tendem a ser procedurais, e as formadas instantaneamente tendem a ser de conteúdo. (Tradução nossa.²⁷)

²⁶ Supostamente, o termo foi usado pela primeira vez por Rostila (2004, *apud* Traugott e Trousdale, 2013)

²⁷“Constructionalization is the creation of form_{new}—meaning_{new} (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meanings, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degrees of schematicity, productivity, and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual. New micro-constructions may likewise be created gradually, but they may also be instantaneous. Gradually created micro-constructions tend to be procedural, and instantaneous created micro-constructions tend to be contentful.”

Traugott, em entrevista à *Revista Linguística* (2013), afirma que um de seus mais recentes projetos é questionar como a gramática de construções poderia oferecer novos caminhos para se pensar sobre mudança linguística em geral, incluindo, mas sem se limitar a, gramaticalização e lexicalização. Acrescenta que a gramática de construções proporciona um excelente enquadramento para se pensar sobre conjuntos de mudanças interligados, considerando-se a) forma e significado igualmente; b) tanto construções substantivas²⁸ individuais, quanto esquemas predominantemente abstratos para os quais as construções são recrutadas; c) a rede maior da qual todas as construções são parte. Por fim, a autora destaca que, justamente por não fazer distinção incisiva entre léxico e gramática, a gramática de construções é também um ótimo enquadramento para se reconhecerem as consideráveis semelhanças em desenvolvimento entre o que costumava ser fortemente distinguido: gramaticalização e lexicalização.

Em uma perspectiva construcional da mudança, assume-se que a língua se compõe de construções, que pareiam, simbolicamente, forma e significado, podendo variar de tamanho, desde uma sentença complexa a afixos (Goldberg, 2006 *apud* Traugott, 2012). Na seção 3.2, expusemos o estudo de Croft (2001), que, em harmonia com essa vertente, propõe um modelo destacando seis subcomponentes do pareamento forma-significado: sintaxe, morfologia, fonologia, semântica, pragmática, função discursiva. A esse respeito, Traugott (2012), buscando uma descrição coerente da construcionalização gramatical, destaca o desenvolvimento de construções ao longo do tempo. Admitindo que mudança é mudança no uso, e que sucessivas micromudanças são tão importantes quanto ou até mais importantes do que macromudanças, a autora pauta sua abordagem a) na distinção entre o desenvolvimento de novas construções (construcionalização) e mudanças que afetam os subcomponentes de construções já existentes (mudanças construcionais); b) na discussão de duas perspectivas diferentes de gramaticalização: gramaticalização como redução (Lehmann, 1995) ou como expansão (Himmelmann, 2004), e como ambas podem ser conciliadas numa abordagem construcional; c) em questões relativas a analogia (Fischer, 2007 *apud* Traugott, 2012) e reanálise²⁹.

²⁸ Por substantivas, entendemos construções totalmente preenchidas.

²⁹ Mais adiante no artigo e em outra obra, Traugott (2012; Traugott e Trousdale, 2013) redefine o termo como neoanálise, por este ser mais amplo. Para a autora, nem sempre se trata de reanalisar uma construção, já que esta pode ser desconhecida para uma criança ou um falante não nativo de uma determinada língua; neste caso, uma interpretação diferente daquela do enunciador não se dá por pressões de informatividade ou por ambiguidades pragmáticas: eles fazem apenas uma análise diferente, isto é, uma neoanálise. Nesta tese, acatamos a orientação de Traugott e empregamos neoanálise, salvo em casos de tradução do original.

No que se refere à gramática de construções, talvez a questão mais sensível para os estudos funcionalistas seja a não distinção entre léxico e gramática. A abordagem de construcionalização proposta por Traugott (2012; Traugott e Trousdale, 2013) assume um gradiente entre construções lexicais e gramaticais, as primeiras primando pela semântica contedística e referencial; as segundas, pela semântica procedural, linguisticamente relacional, não referencial (Diewald, 2011). Dado que o conector lógico-argumentativo *daí que* é de natureza relacional, enfocamos os fenômenos de mudança construcional e construcionalização gramatical, de modo que abordagens sobre lexicalização estão fora do escopo das hipóteses e objetivos deste estudo.

De acordo com Traugott (2012), a mudança começa com microinovações no nível do construto, isto é, no uso linguístico, mas só pode ser considerada mudança quando a inovação já se espalhou para outros usuários e se convencionalizou como uma microconstrução. Na mesma obra, ao estabelecer a distinção entre mudanças construcionais e construcionalização, a autora apresenta os principais micropassos presentes no processo de mudança:

a) Inovação. O ouvinte interpreta um construto e o analisa de uma forma que não se ajusta à análise do falante.

b) O ouvinte que (re)analisou o construto e criou uma tênue ligação entre este e uma parte nova da rede construcional se torna um falante e reutiliza o construto com o novo significado ou em formas distribucionais novas.

A convencionalização começa quando:

c) Outros ouvintes passam por processos similares (mas não necessariamente os mesmos), os quais tipicamente envolvem a livre associação de uma inferência sugerida por um construto com a semântica de uma construção existente na rede construcional e a preferência por usar partes do construto em um nicho distribucional em particular, ou repetir partes do construto como um *chunk*. Como resultado de associações repetidas, grupos de falantes concordam tacitamente com uma relação convencional entre a forma original e um significado analisado de forma nova, o que leva a ambiguidades entre a morfossintaxe da construção original e os novos construtos. Por causa da convencionalização, pode-se dizer que houve reanálise semântica, ou seja, uma **mudança construcional**.

A construcionalização somente ocorre quando:

d) Alguns ouvintes (re)analisam a forma morfossintática dos construtos emergentes³⁰ no micropasso c). Quando reanálises morfossintáticas e semânticas são compartilhadas entre falantes e ouvintes em uma rede social, uma nova microconstrução é adicionada à rede [construcional], pois uma nova unidade simbólica convencional, e daqui por diante, um novo nó, foi criado. Isto é **construcionalização**. (Negritos nossos.)

Traugott (2012) destaca que pode haver, ainda, pós-construcionalização, como expansão de colocação, isto é, os elementos que formam a construção podem ocorrer concomitantemente com categorias com as quais antes não ocorreriam; redução da forma em virtude da rotinização e frequência de uso; além de obsolescência e redução fonológica.

Um aspecto interessante que reconhecemos nos micropassos descritos por Traugott (2012) são os pontos em comum com os estágios da gramaticalização de contextos, apresentados no modelo sugerido por Diewald (2006) na seção anterior. No quadro a seguir, propomos um paralelo entre ambas as teorias:

Quadro 4. Correlação entre os micropassos da mudança e os estágios de gramaticalização de contextos

Micropassos da mudança (Traugott, 2012)	Estágios de gramaticalização de contexto (Diewald, 2006)
a) Inovação	Estágio I. Pré-condições de gramaticalização: implicaturas conversacionais. Contexto atípico
b) Reutilização do construto com o novo significado ou em formas distribucionais novas (neoanálise)	Estágio II. Gatilho para a gramaticalização: opacidade múltipla. Contexto crítico
c) Convencionalização	Estágio III. Reorganização e diferenciação. Contexto de isolamento
d) Construcionalização	

É possível que uma avaliação mais detalhada desse quadro aponte que o micropasso b não corresponde de forma plena ao estágio II, visto que nesta fase pode ainda não haver mudança construcional. Entretanto, a correspondência é pertinente quando se considera que formas distribucionais novas, como a que se dá com a nova sequência (*chunk*) formada por *daí que*, também podem ser gatilhos para a gramaticalização. Na verdade, o maior valor dessa correspondência se deve ao fato de que, por meio dela, confirmamos a importância de se aliar a dimensão diacrônica à sincrônica nos estudos voltados à investigação da mudança linguística de uma construção, de modo que a análise se dê pancronicamente.

³⁰ Para Traugott e Trousdale (2013), o uso do termo *emergente* significa surgir a partir do uso de estruturas e normas ainda vigentes.

3.4.1 Ambiguidade pragmática, gradualidade e mudanças construcionais

Segundo Traugott e Trousdale (2013:74-75), normalmente apenas uma característica de uma construção muda de cada vez, o que significa que os passos são pequenos, graduais. Nesse sentido, as noções de gradualidade, em perspectiva diacrônica, e gradiência, o resultado sincrônico da gradualidade, precisam ser consideradas no desenvolvimento de novas construções:

‘gradualidade’ se refere a um fenômeno de mudança, especificamente micromudanças estruturais discretas e transmissão em micropassos através do sistema linguístico. Sincronicamente, a gradualidade se manifesta em variação de pequena escala e ‘gradiência’. (...) Uma distinção importante é que enquanto a gradualidade (mudança ao longo do tempo) pode ser discreta de geração em geração, a gradiência (variação na gramática sincrônica) não pode.

Em virtude de, em termos sincrônicos, este estudo não compreender toda a rede construcional do esquema [X que], questões relativas à gradiência entre os diferentes *types* da rede estão fora do escopo da investigação. Sincronicamente, interessam-nos questões relacionadas à polissemia, ou, mais especificamente, à ambiguidade pragmática que reconhecemos haver nos usos do conector lógico-argumentativo *daí que*.

Traugott e Trousdale (2013:200) apresentam o conceito de ambiguidade pragmática como sendo de importância central em trabalhos sobre mudança linguística. Com base em definição de Sweetser (1990), o termo se refere a um só valor semântico aplicado pragmaticamente de diferentes formas, de acordo com o contexto. Os autores apresentam um exemplo dado por Sweetser para *because*, o qual adaptamos para a língua portuguesa, usando seu correspondente, o conector *porque*:

- a) João voltou porque a amava.
- b) João a amava, porque ele voltou.
- c) O que você vai fazer hoje à noite, porque está passando um ótimo filme.

Semanticamente, *porque* expressa razão. Pragmaticamente, o trecho a) exemplifica uma relação de sentido mais básico: a razão de João para voltar; entendemos que se trata de uma relação de causa-consequência factual. Em b), expressa-se a razão apresentada pelo enunciador para achar que João a amava; trata-se de uma dedução, própria das relações de maior subjetividade. Em c), o que se expressa pragmaticamente é a razão do pedido feito pelo

enunciador: *O que você vai fazer hoje à noite?* A relação é de intersubjetividade, cujo objetivo é, de forma indireta, fazer um convite ao interlocutor.

Conforme abordamos e exemplificamos no capítulo anterior, seção 2.1, o conceito de ambiguidade pragmática pode ser aplicado ao conector lógico-argumentativo *daí que*. Nos dados em análise, observamos que o *daí que* tem um só valor semântico, de resultado. Pragmaticamente, por sua vez, esse resultado pode se dar na veiculação de relações externas à língua, no âmbito da consequência factual, ou na expressão de relações internas à situação comunicativa, como as argumentativas, no âmbito da inferência ou dedução do enunciador, de valor subjetivo.

Diacronicamente, a presente pesquisa aponta para o que supomos serem os micropassos da mudança e construcionalização do *daí que* como conector. Desde aqueles que consideramos como contextos iniciais de sua trajetória – atípico e crítico –, nosso objeto de estudo vem passando por neoanálises morfosintáticas, semânticas e pragmático-discursivas, até formar uma microconstrução conectora, que se insere no paradigma das locuções conjuntivas, com gradativa redução de material linguístico.

Traugott e Trousdale (2013) defendem que a construcionalização envolve neoanálise da forma (morfossintática) e do significado (semântica/pragmática); mudanças discursivas e fonológicas também podem estar implicadas em vários estágios. Portanto, mudanças isoladas, seja dos elementos da forma, seja dos componentes do significado, não constituem construcionalização, caracterizando-se como mudanças construcionais, conforme os autores exemplificam na definição a seguir:

Mudanças que afetam características de uma construção existente, por ex. semânticas (*will* - ‘intenção’ > futuro), morfofonológicas (*will* > ‘ll), restrições de colocação (expansão da construção *way* para incluir verbos denotadores de ações que acompanham a criação de um caminho, por ex. *whistle ones’s way home*) etc. Essas mudanças não levam necessariamente a uma nova construção. São chamadas ‘mudanças construcionais’. (Traugott e Trousdale, 2013:1, tradução nossa ³¹)

Entre as mudanças que afetam construções existentes, podendo levar, gradualmente, a novas construções, estão diferentes tipos de expansão, como aumento de produtividade e de

31 “Changes that affect features of an existing construction, e.g. semantics (*will* - ‘intend’ > future), morphophonology (*will* > ‘ll), collocational constraints (expansion of the *way*-construction to include verbs denoting actions accompanying creation of a path, e.g. *whistle one’s way home*), etc. These changes do not necessarily lead to a new construction. We call them ‘constructional changes’.”

esquemática, ou de redução, como decréscimo de composicionalidade. O primeiro caso enfoca o que acontece externamente com um item ou grupo de itens e se coaduna com a perspectiva de gramaticalização como expansão (Himmelmann, 2004); no segundo caso, o foco recai nas mudanças internas ao item ou grupo de itens, estando de acordo com a perspectiva de gramaticalização como redução (Lehmann, 1995 *apud* Gonçalves e Carvalho, 2007).

Na abordagem construcional, em que, além de se considerar o surgimento de novas construções, levam-se em conta os contextos nos quais elas se formam, o recomendado é aliar tanto a gramaticalização como redução (GR), quanto a gramaticalização como expansão (GE) ao longo da investigação. Esse é o caminho que optamos por seguir na análise da rota de construcionalização do *daí que* como conector lógico-argumentativo. Ressaltamos, ainda, que, nesta pesquisa, contexto vai além do que Himmelmann (2004) considera como tal – cadeia sintagmática na qual a construção ocorre –; para nós, contexto engloba desde gêneros textuais, até, mais localmente, as sequências tipológicas. Em adição, conforme apresentamos na seção 3.3, os contextos também passam por estágios de gramaticalização, constituindo-se como fatores contribuintes para o surgimento de uma nova (micro)construção. Contudo, mesmo que o conceito de contexto que aqui empregamos seja mais amplo do que o de Himmelmann, concordamos com o autor que “gramaticização³² é essencialmente um processo de expansão de contexto” (Himmelmann, 2004:32).

Um exemplo clássico do entrelaçamento da GR com a GE é o caso da gramaticalização do verbo *ir* em português, que, segundo estudos como o de Gonçalves (2013), encontra-se em estágio adiantado de gramaticalização no português brasileiro. De acordo com a autora, seu uso mais comum é como marcador temporal, ou seja, como auxiliar em perífrases verbais, marcadoras de futuro, com maior frequência do que o uso como marcador espacial, em sua forma lexical. Por não se tratar de um estudo de base construcional, Gonçalves pauta sua análise enfocando a GR, já que, em suas observações, destaca a redução significativa dos usos das formas lexicais, que deram lugar às formas gramaticais, formadas pelo verbo *ir*, como auxiliar, seguido de um verbo principal no infinitivo. Trata-se de um estudo que, considerando-se os parâmetros de Lehmann (1995 *apud* Gonçalves e Carvalho, 2007:71), indica redução de autonomia da forma *ir* tanto no eixo

³² Segundo Rosário (2007): “Alguns autores associam o termo gramaticalização a uma perspectiva histórica, e gramaticização a uma perspectiva sincrônica da mudança contínua de categorias e significados”. Como o trecho em questão é uma tradução, mantivemos o termo empregado por Himmelmann (2004), já que, para os propósitos desta tese, essa diferença não é importante.

paradigmático, quanto sintagmático, “à medida que o item contrai certas relações de coesão (...) com outros signos” (Gonçalves e Carvalho, 2007:70).

Todavia, se considerarmos que a forma gramaticalizada do verbo *ir*, simultaneamente à perda de usos da forma lexical, passa a ser empregada em novos contextos semânticos e pragmáticos, como aqueles em que se expressa futuro, aumentando sua autonomia gramatical, temos um caso de GE. Ademais, além de se expandir para esses novos contextos, *ir* passa a ter novos ambientes sintáticos, antecedendo, obrigatoriamente, um verbo no infinitivo, configurando-se outro caso de expansão, agora da classe hospedeira, pois a forma em gramaticalização aumenta sua gama de coocorrência com outras categorias, para além daquelas que comumente acompanham a forma lexical. Por fim, trata-se, igualmente, como GE o fato de, na expressão de futuro, o verbo *ir* apresentar nova configuração morfossintática, sendo empregado como auxiliar, e não mais principal, nas perífrases verbais.

Cada uma dessas expansões corresponde, respectivamente, ao que Himmelmann (2004:32) denomina expansão semântico-pragmática, expansão da classe hospedeira e expansão sintática. Traugott e Trousdale (2013:107) não só concordam com o autor que a expansão do contexto semântico-pragmático é central para o processo de gramaticalização, como também defendem que, de alguma forma, essa expansão usualmente precede a construcionalização gramatical. Ainda para ambos, a expansão da classe hospedeira também pode fazer o mesmo, mas em menor escala, e a expansão (morfo)sintática acompanha a construcionalização gramatical, com o pareamento de forma_{nova} com significado_{novo}. Por fim, os autores acrescentam que todos os tipos de expansão podem continuar após a construcionalização, especialmente a da classe hospedeira e a sintática.

Assim, cada uma dessas expansões é resultado de neoanálises no nível de construto, isto é, no uso linguístico, as quais constituem graduais mudanças construcionais, em micropassos, contribuindo para que a construção de futuro com o verbo *ir* se torne mais esquemática e produtiva. Além disso, na expressão de futuro, *ir* perde em composicionalidade, uma vez que o elo entre forma e significado não é mais transparente, já não sendo possível reconhecer, com clareza, a noção semântica de movimento físico nas propriedades sintáticas e morfológicas do verbo. Portanto, dentre as possíveis mudanças que afetam, diacronicamente, uma construção, a neoanálise é de capital importância.

Guardadas as devidas, e várias, diferenças entre a construcionalização do futuro com o verbo *ir* e a do conector lógico-argumentativo *daí que*, na trajetória empreendida por este até os dias atuais, reconhecemos igualmente mudanças graduais, promovidas por expansões e

reduções, principalmente para o elemento mais referencial do par, *daí*. Entre essas mudanças, destacamos dois tipos de deslizamento: no nível morfossintático, de pronome adverbial para conector; no nível semântico, de anafórico textual, na retomada de diferentes valores semânticos veiculados anteriormente, para a expressão de resultado.

Diante do exposto, para o tratamento dessas mudanças, propomos seguir a orientação de Heine (1994, *apud* Gonçalves *et alii*, 2007, p.42), segundo o qual, “para se dar conta da gênese e desenvolvimento de categorias gramaticais, é necessário analisar a manipulação cognitiva e pragmática”. No processo de mudança gramatical, a manipulação pragmática se dá nos contextos que, metonimicamente, favorecem possíveis reinterpretações; por sua vez, a manipulação cognitiva se dá no âmbito da transferência conceptual entre diferentes domínios cognitivos, de forma metafórica, tendo como base dois mecanismos de mudança: neoanálise e analogização, respectivamente.

3.4.2 Mecanismos de mudança: neoanálise e analogização³³

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), uma questão importante em linguística histórica é como os usuários de uma língua adicionam representações mentais alternativas de uma expressão ao longo do tempo. Cognitivamente, nós, humanos, somos seres analógicos: combinamos e categorizamos coisas, o que envolve pensamento analógico; entretanto, esse pensamento não leva, necessariamente, a uma mudança linguística analógica. Igualmente, analisamos e diferenciamos em partes menores, mas essa ação cognitiva não leva, necessariamente, a uma neoanálise linguística. Ainda que a abordagem comum seja contrastar os mecanismos (como) de mudança e as motivações (por quê) desta, na presente pesquisa, investigamos os dados considerando prioritariamente os mecanismos de mudança, isto é, “processos que ocorrem enquanto a língua está sendo usada, (...) processos que criam a língua” (Bybee, 2001:190, *apud* Traugott e Trousdale, 2013:35). Portanto, embora as motivações para a mudança gerada pelo pensamento analógico ou pela análise em partes menores sejam fatores caros à perspectiva construcional, não aprofundamos essa questão, pois pautamos esta pesquisa nas mudanças que se dão no uso efetivo da língua, e nos detemos na neoanálise e na analogização.

³³ Optamos pelo emprego de *analogização* em lugar de *analogia*. A variante *analogia* é usada sempre que fazemos referência ao texto de algum autor que tenha usado este termo. Mais adiante, justificamos por que escolhemos *analogização*.

Considerada básica na literatura sobre gramaticalização, a neoanálise enfoca as diferenças entre a forma gramaticalizada e a forma-fonte; já a analogização tem seu foco voltado para a correspondência entre a fonte original e uma determinada construção existente que seja considerada similar em alguns aspectos. Meillet (1912:133), em trabalho basilar sobre a evolução das formas gramaticais, assim define analogia e gramaticalização³⁴:

[e]nquanto a analogia pode renovar detalhes da forma, mas geralmente deixando intacta a estrutura do sistema existente, a “gramaticalização” de certas palavras cria novas formas, introduz categorias que não tinham expressão linguística anteriormente, transforma o sistema como um todo. (Tradução nossa.³⁵)

Bem antes de o termo variante *neoanálise* ter sido cunhado, Langacker (1977:58, *apud* Traugott e Trousdale, 2013:36) apresentou definição basilar para *reanálise*: “mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões que não envolve qualquer modificação imediata ou intrínseca de sua manifestação de superfície”. Com base em estudo sobre o desenvolvimento dos modificadores de grau em inglês (Traugott, 2008a), Traugott e Trousdale (2013:36) apresentam um exemplo desse tipo de mudança, que não se traduz como modificação imediata da manifestação de superfície: a mudança de Núcleo + Modificador > Modificador + Núcleo proposta para os partitivos binominais > quantificadores binominais. A seguir, empregando a expressão *um monte de areia*, procuramos demonstrar brevemente o que essa proposta significa:

- | | |
|-------------|-------------|
| Núcleo | Modificador |
| (partitivo) | |
- [um monte] [de areia] = parte de uma superfície que se eleva, formada de areia
- >
- | | |
|-----------------|--------|
| Modificador | Núcleo |
| (quantificador) | |
- [um monte de] [areia] = grande quantidade de areia

Traugott e Trousdale (2013:36) lembram que o fato de a neoanálise não se manifestar de imediato na superfície constitui um problema até que novas distribuições sejam modeladas

³⁴ Traugott e Trousdale (2013:36) esclarecem que Meillet (1912) não usa a palavra *reanálise*, pois se trata de um termo que surgiu nos anos 1970.

³⁵ “Tandis que l’analogie peut renouveler le détail des formes, mais laisse le plus souvent intact le plan d’ensemble du système existant, la “grammaticalisation” de certains mots crée des formes neuves, introduit des catégories qui n’avaient pas d’expression linguistique, transforme l’ensemble du système.”

com base na nova e ainda não reconhecida análise. Ou seja, não há como saber que *um monte* foi neoanalisado sem evidências comprovadas empiricamente. Portanto, considerar o aspecto gradual da mudança constitui-se como importante contribuição para qualquer pesquisa linguística de dimensão panocrônica, como é o caso desta tese.

Em português, um caso clássico no qual se verifica mudança na estrutura do sistema é o da formação do futuro do presente na sua forma simples, cuja origem é a forma perifrástica latina composta pelo verbo *habere* flexionado no presente mais o verbo principal no infinitivo (Câmara Jr., 1979:129-130):

cantare habeo > cantare hei > cantarei

Por serem formas que representam estágios muito distantes um do outro, é possível perceberem-se as manifestações de superfície decorrentes de micropassos na mudança construcional, ou seja, decorrentes de neoanálises. Para efeito de ilustração, destacamos mudança na constituição – uma estrutura frasal, *cantare habeo*, tornou-se uma palavra, *cantarei* – e mudança de rótulos categoriais – o verbo principal *habe-* gramaticaliza-se como um afixo de futuro.

Possivelmente, nosso objeto de estudo passou por neoanálises semelhantes às demonstradas para o desenvolvimento do futuro simples, como mudanças na constituição e nos rótulos categoriais. Respectivamente, há indícios de que, na expressão de resultado, o *daí que* seja o produto da passagem de formas mais analíticas, como as estruturas oracionais complexas *Daí se conclui que > Conclui-se daí que...*, para uma forma mais sintética, o conector lógico-argumentativo *daí que*; ademais, ambos os elementos da microconstrução mudam de pronome adverbial locativo (*daí*) e conjunção integrante (*que*) para, conforme a nomenclatura que propomos, conector lógico-argumentativo. Pressupomos que estes sejam alguns dos micropassos em nível morfossintático percorridos pelo *daí que*, todos propiciados pelos contextos de uso, os quais, metonimicamente, favoreceram as possíveis (re)interpretações, ou neoanálises.

O outro mecanismo que hipoteticamente está presente na construcionalização do conector lógico-argumentativo *daí que* é a analogia, ou, conforme Traugott e Trousdale (2013:37), analogização, isto é, o alinhamento de novas microconstruções a (sub)esquemas. Na mesma entrevista que concedeu à *Revista Linguística* (2013), Traugott defende o uso de *analogização* em face de, em estudos anteriores sobre analogia, como o de Fischer (2009), este termo ter sido usado para se referir tanto ao mecanismo da analogia, quanto ao pensamento analógico (motivação para mudança). Na presente tese, acatamos a orientação

dada por Traugott na entrevista e confirmada em Traugott e Trousdale (2013), e empregamos *analogização*, terminologia que os autores relacionam aos mecanismos de mudança, não às motivações desta.

Diferentemente do pensamento analógico, que motiva, possibilita, mas pode ou não resultar em mudança, a analogização vai além da motivação, levando ao recrutamento de um item para um subesquema, ou mesoconstrução. Trata-se de um mecanismo que acarreta pareamentos de significado e forma que não existiam antes, fazendo com que um novo par forma-significado se alinhe a um padrão existente (Traugott e Trousdale, 2013:38).

De acordo com Bybee (2010:57), na língua, uma fonte importante de criatividade e produtividade que propicia a expressão de conceitos novos e a descrição de situações igualmente novas é a habilidade de expandir os espaços esquemáticos de construções para preenchê-los com itens lexicais, frases ou outras construções novas. Evidência considerável indica que esse processo se refere a conjuntos de itens específicos que foram previamente experienciados e armazenados na memória. Ainda segundo a autora, vários pesquisadores, entre eles, Bybee e Eddington (2006), têm empregado o termo *analogia* para se referir ao uso de um item novo em um padrão existente, com base em exemplares específicos armazenados. Para Bybee (2010:57):

Dada a especificidade das construções e o modo como são construídas mediante a experiência com a língua, a probabilidade e aceitabilidade de um novo item é gradiente e tem como base o grau de semelhança com usos anteriores da construção.

Retomando o que apresentamos na seção 3.2.1, sobre a rede construcional do esquema [X-que] (cf. esquema 1), observamos possível atuação do mecanismo da analogização no surgimento de novos nós na rede. Partindo do nível esquematicidade zero, cujos espaços estão todos preenchidos, pressupomos que, entre as construções de *types* específicos, isto é, combinações mais convencionalizadas, como *assim que*, *de forma que*, *logo que*, podem ter servido de exemplares para a formação recente do conector *daí que* por similaridade morfossintática e semântica. Trata-se de uma perspectiva sincrônica, e, no que se refere exclusivamente à expressão de resultado, flagramos gradiência entre as microconstruções *de modo que*, *de forma que*, *de maneira que*, *de sorte que* e *daí que*, sendo este último um conector de uso ainda marginal, mas, possivelmente, já entrando em competição com os outros quatro, mais centrais. Como este estudo não abarca todo o esquema [X-que], apenas o conector *daí que*, podemos apenas levantar hipóteses a esse respeito.

Vale destacar que, ao acatarmos o termo *analogização*, destacamos o processo: *-ação*. De acordo com Traugott e Trousdale (2013:37), na literatura sobre gramaticalização, o foco mudou das trajetórias de expressões individuais, como *cantare habeo* > *cantarei*, e de *clines* abstratos, tais como verbo principal > auxiliar > clítico > flexão, para formas nas quais itens em gramaticalização pudessem se alinhar dentro de uma categoria ou construção. Essa perspectiva é consistente com a atenção dada aos conjuntos e redes na gramática de construções. Todavia, de uma perspectiva histórica, como a que propomos nesta tese, é preciso considerar que, conforme destacam os mesmos autores (Traugott e Trousdale, 2013:58), a analogização necessariamente envolve mudança em micropassos, isto é, neoanálise. Em outras palavras, toda analogização é um tipo de neoanálise, pois resulta em nova estrutura. Ademais, se considerarmos o que demonstra Lehmann (2004, *apud* Traugott, 2012) em estudo sobre o surgimento, em inglês, do artigo indefinido (*an*) a partir do numeral (*one*), é possível haver neoanálise sem analogização, uma vez que não existia, anteriormente, artigo na língua para modelar o surgimento desse novo uso. Nesse sentido, “por recobrir mais casos de mudança, a neoanálise é mais primária, no sentido de mais importante, do que a analogização” (Traugott e Trousdale, 2013:58).

Por fim, uma vez que, conforme o modelo teórico que adotamos nesta investigação, as neoanálises começam no nível dos construtos, é preciso levar em consideração o que o enunciador produz e o que o receptor processa. Acatamos a hipótese de Traugott e Trousdale (2013:51) de que “ao processar um construto, o receptor ³⁶tenta ajustar o que recebe com os nós da sua rede construcional”. Por vezes, a combinação entre o que o enunciador produz e o que o receptor capta é completa, havendo sanção total; outras vezes, a sanção é parcial, pois o receptor pode relacionar todo o enunciado ou apenas parte deste com nós diferentes daqueles pretendidos pelo enunciador. Este caso pode ocorrer em face de alguma ambiguidade já sancionada pelo sistema linguístico. Por exemplo, o *chunk* formado por *daí* e *que* no contexto crítico configura uma possível neoanálise, mas não constitui construcionalização ainda, pois tanto *daí* quanto *que* mantêm, independentemente, suas propriedades morfossintáticas e semânticas (Traugott, comunicação pessoal, 2012); todavia, estarem lado a lado em um contexto que expressa resultado, seja este da realidade externa ou interna à língua, gera ambiguidade estrutural e semântica, podendo levar o receptor a uma interpretação inovadora, também de resultado, em virtude do que Kuteva (2001:16) denomina absorção contextual:

³⁶ A autora usa *ouvinte* (*hearer*). Nesta tese, por tratarmos apenas de textos escritos, optamos pelo termo mais generalizante *receptor*. O mesmo se dá com *falante* (*speaker*), casos em que empregamos *enunciador*.

“[d]e acordo com esse modelo, a implicatura de uma expressão linguística pode ser reinterpretada como parte do significado daquela expressão, ou, de fato, seu significado”.

Todo esse processo de interação enunciador/receptor, no qual atuam inferências sugeridas, pressões de informatividade e, naturalmente, neoanálises, está associado com o que, na supracitada entrevista, Traugott denomina (inter)subjetificação. Em obra na qual revisita os conceitos de subjetificação e intersubjetificação (Traugott, 2010a:4), a autora defende que:

- subjetificação e intersubjetificação são mecanismos por meio dos quais:
- a. os significados são recrutados para codificar e regular atitudes e crenças (subjetificação), e
 - b. uma vez subjetificados, podem ser recrutados para codificar significados centrados no receptor (intersubjetificação). (Tradução nossa.³⁷)

Mais uma vez, a partícula *-ação* é muito importante, pois denota desenvolvimento e mudança na dimensão diacrônica. A autora lembra que, embora haja intersubjetividade em todos os usos linguísticos por causa da interação diádica entre enunciador e receptor, apenas em alguns casos a mudança aponta para um sentido mais subjetivo (orientada para o enunciador) ou mais intersubjetivo (orientada para o receptor).

Ainda segundo os pressupostos apresentados por Traugott na referida entrevista, apesar de estar presente tanto no domínio contedístico, que aqui exemplificamos com o desenvolvimento de nomes de lugares terminados em *-dromo* (camelódromo, sambódromo, namoródromo etc.), quanto no procedural, a exemplo do desenvolvimento do uso epistêmico de *deve*, a subjetificação tende a ocorrer mais frequentemente no desenvolvimento de construções procedurais. Nesses casos, são deixadas pistas sobre como o enunciador conceptualiza relações, tais como a estrutura argumental (caso), verificabilidade (modalidade), relações temporais (tempo, aspecto), conectividade textual/metatextual (conectores, marcadores pragmáticos), entre outras. Por sua vez, a intersubjetificação tende a ser mais estreitamente associada com as mudanças contedísticas. Conforme já destacamos anteriormente neste capítulo, o *daí que* é de natureza procedural, atuando na conectividade textual; por isso, pressupomos que, ao longo das neoanálises pelas quais passou, a mudança se direcionou para sentidos cada vez mais subjetivos.

³⁷ “In my view, subjectification and intersubjectification are the mechanisms by which:
a. meanings are recruited by the speaker to encode and regulate attitudes and beliefs (subjectification),
and,
b. once subjectified, may be recruited to encode meanings centered on the addressee (intersubjectification).”

Encerramos este capítulo cientes de que capturamos apenas uma parte dos pressupostos teóricos norteadores desta investigação. O recorte é necessário em virtude do escopo desta investigação, mas cremos ter destacado a importância das noções de rede construcional, contexto atípico e crítico, gradualidade, analogização e neoanálise, entre outras interligadas a estas, no processo de mudança construcional e na construcionalização do conector lógico-argumentativo *daí que*.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nosso interesse em estudar elementos de conexão é de longa data. Entendemos que as relações coesivas estabelecem relações de sentido, condição necessária para a configuração da textualidade, sendo estratégias fundamentais de produção textual e de compreensão da escrita. Cientes de que muitos dos compêndios gramaticais existentes tratam a questão dos elementos de conexão do ponto de vista normativo, destacamos a necessidade de se desenvolverem estudos como este, cujo foco é a descrição da língua em situações reais de uso, especialmente no que diz respeito aos conectores, que configuram categoria não discreta e bastante heterogênea. Assim, alinhando-nos com outros trabalhos de perspectiva linguística sobre o tema, procuramos, por meio de nossos estudos, como a presente tese e Arena (2008), tratar de questões relativas à conectividade, desenvolvendo pesquisas sobre o *daí que* e o *então*, respectivamente.

Resguardadas as devidas semelhanças sintático-semânticas que são próprias dos conectores, uma das diferenças entre o *então* e o *daí que* diz respeito à entrada de ambos na língua portuguesa como conectores lógico-argumentativos. Enquanto há registro do primeiro já no século XV, somente a partir do início da segunda metade do século XX encontramos usos do conector *daí que*, em ambas as variedades, brasileira e europeia. Entender como esta expressão entrou no português contemporâneo e o que motivou seu surgimento interessou-nos de imediato ao depararmos, em 2012, com o seu emprego por um aluno de 9º. ano do ensino fundamental, algo que, até aquele momento, não havíamos observado em textos escolares sob nossa supervisão. A partir de então, ficou claro que a microconstrução *daí que* já era de uso corrente na língua como elemento conector, ocorrendo, inclusive, na modalidade escrita e em textos mais formais. Essa constatação atraiu nosso olhar de pesquisador, o que nos fez sair em busca de dados e selecionar teorias e métodos para proceder à análise do objeto de estudo desta investigação.

Conforme expusemos nos capítulos anteriores, desenvolvemos, na presente tese, estudo histórico, no qual são investigadas as motivações sintático-semânticas e pragmático-discursivas para o surgimento da microconstrução *daí que* e sua fixação como conector lógico-argumentativo, tornando-se um novo *type* do paradigma das locuções conjuntivas. Para tal, a metodologia adotada segue os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), assumindo tratamento qualitativo prioritariamente, mas considerando a necessidade de se olhar para o aspecto quantitativo dos dados. Sendo assim, para testar as hipóteses levantadas e atingir os objetivos traçados, lançamos mão de estudos cognitivo-funcionais, segundo, principalmente, Traugott (2003, 2008a, 2008b, 2010, 2012), Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2004, 2010, 2013), Croft (2001, 2007, 2009) e Diewald (2006).

Por ser a LFCU uma corrente que defende o estudo de dados em situação de uso efetivo da língua, com foco no contexto e na rota de mudança das construções, optamos por dar um tratamento pancrônico para os dados, recobrando desde o século XVII até os dias de hoje. Embora, segundo a divisão de Câmara Jr. (1979:18), o período que nos interessa seja enquadrado como português moderno, há diferenças gramaticais nítidas, especialmente ortográficas, entre os textos das sincronias mais extremas; logo, optamos por estabelecer uma subdivisão dos séculos que englobam este estudo. Ademais, visto que o século XXI, ainda na metade da sua segunda década, guarda forte vínculo linguístico e cultural com o século XX, ambos são tratados como uma só sincronia, ou período. Por fim, a subdivisão se justifica, também, em face de, nos dados que coletamos, somente termos registro do uso do *daí que* como conector a partir de 1954 até os dias de hoje, o que nos leva a supor que o século XX seja um divisor de águas para o surgimento do nosso objeto de estudo. Diante do exposto, por questões metodológicas, organizamos os séculos que compreendem este estudo da seguinte forma:

- séculos XVII ao XIX (1601 a 1900) – período moderno da língua portuguesa;
- séculos XX e XXI (a partir de 1901) – período contemporâneo da língua portuguesa.

Uma vez que não há possibilidade de acesso a textos da modalidade falada em sincronias anteriores à contemporânea, optamos por investigar somente material na modalidade escrita, evitando, dessa forma, possíveis enviesamentos dos resultados.

4.1 FORMAÇÃO DO *CORPUS* DE PESQUISA

A fim de constituir um *corpus* abrangente, foi preciso recorrer a *corpora* eletrônicos, históricos ou não, disponíveis em diferentes bancos de dados virtuais. Após busca minuciosa por, pelo menos, nove deles, os seguintes se delinearão como os mais adequados à nossa proposta: Corpus do Português, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Domínio Público e Projeto Vercial.

Como a primeira consulta, feita no Corpus do Português relativamente ao século XX, indicou muito maior frequência de uso do *daí que* como conector no português europeu do que no brasileiro, constituímos mais um banco de dados, este formado por artigos e reportagens de algumas publicações periódicas brasileiras, todas disponíveis *online*: revista *Superinteressante*, revista *Marie Claire*, revista científica *Ambiente e Sociedade* e *Jornal do Brasil*. Tal escolha teve como objetivo equiparar as discrepâncias não só em termos da frequência observadas para o conector *daí que*, mas também para ajustar os gêneros e as sequências textuais, já que, no português brasileiro, predominaram os textos de ficção, aqui classificados como *romances*, e as sequências tipológicas narrativas, enquanto, na variedade europeia, o predomínio ficou com textos jornalísticos e acadêmicos, liderando as sequências argumentativas. Essa ação só se mostrou necessária para a pesquisa no período contemporâneo, especificamente no que diz respeito ao uso do *daí que* como conector, tendo sido adicionadas ocorrências do século XXI.

Juntos, os *corpora* pesquisados permitiram a formação de um banco de dados com 440 amostras de textos na modalidade escrita, desde o século XVII até os dias de hoje, em diversidade satisfatória para o propósito deste estudo. As consultas aos *corpora* e a coleta de dados se estenderam do ano de 2012 até janeiro de 2014. A lista com os *corpora*, seus endereços eletrônicos e respectivos perfis constam dos Anexos.

4.2 COLETA E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Traçamos, como meta inicial, pesquisar e coletar os dados que fossem encontrados até o português arcaico. Em todos os *corpora* e séculos investigados, optamos pela entrada *daí*, bem como suas outras possibilidades gráficas, como *de ahi*, *d'ahi* e *dahi*, primeiro porque o

pronome adverbial locativo³⁸ é o constituinte de maior teor lexical do par; segundo porque a tentativa pela entrada *daí que* mostrou-se problemática, pois não apresentou todos os casos que seriam de interesse para a pesquisa.

Começamos a investigação pelo período contemporâneo, em busca de usos tanto do *daí que* como conector, quanto do pronome locativo *daí* articulado com a conjunção integrante *que* em estruturas oracionais complexas, as quais, segundo a primeira hipótese que levantamos, constituiriam os contextos iniciais da formação do nosso objeto de estudo. Logo nessa fase, verificamos que as sentenças clivadas também poderiam atuar como contextos iniciais, tendo sido encontradas três possibilidades de arranjo sintático:

- estruturas oracionais complexas, do tipo oração matriz mais oração completiva³⁹ desenvolvida (*daí vem que...*, *resulta daí que...* etc.), configuradas como contextos atípico e crítico, respectivamente;
- sentenças clivadas (*daí é que...*, *foi daí que...* etc.), igualmente configuradas como contextos atípico e crítico, respectivamente;
- conector *daí que* em articulação intrafrásica ou interfrásica, unindo orações ou períodos, arranjo configurado como contexto de isolamento.

Assim que foi encerrada a coleta de dados no período contemporâneo, a investigação retrocedeu até o século XIII, porém não só não encontramos registro de ocorrência do *daí que* como conector em sincronias anteriores à contemporânea, como também, do século XVI, inclusive, para trás, os supostos contextos favorecedores, em estruturas oracionais complexas ou em sentenças clivadas, deixaram de ser encontrados. Vale destacar que não termos registro desses usos entre os séculos XIII e XVI não significa que eles não existam; essa ausência pode se dar, em parte, pela dificuldade de se encontrar material em séculos mais antigos, principalmente a partir do XVIII, mas acreditamos que esteja mais firmemente relacionada com questões intrínsecas ao *daí que*. Diante do exposto, optamos por não dar aos dados tratamento estatístico mais sofisticado porque, além de a natureza desta tese ser prioritariamente qualitativa, termos encontrado, até o século XVII, contextos favorecedores ao surgimento do conector *daí que* torna nossas hipóteses e objetivos consistentes.

Ademais, não podemos perder de vista que o universo estatístico dos três arranjos sintáticos (515) que recolhemos no início da presente pesquisa foi calculado, em primeira

³⁸ Doravante, utilizaremos os termos *pronome locativo*, *pronome* ou *locativo* para nos referirmos ao *daí*, salvo em casos de ambiguidade.

³⁹ Em nossos dados, vários são os casos em que as orações completivas se configuram como outra estrutura oracional complexa. Não entramos nesse pormenor e consideramos completiva toda a porção frasal introduzida pela conjunção integrante *que*, não importando se é composta de uma só oração, ou de várias.

instância, considerando-se o número total (5.759) encontrado para o pronome locativo *daí*, de amplo uso na língua portuguesa e reconhecido pela sua multifuncionalidade e polissemia. Variando de elemento dêitico a articulador textual, a microconstrução *daí* encontra-se em rota de gramaticalização como conector desde o século XVII (Tavares, 2006). Portanto, é natural que, com tantos outros usos e contextos em competição, os arranjos sintáticos que coletamos sejam apenas uma parcela, talvez nem tão pequena assim, de um todo.

Por fim, as ocorrências relativas aos séculos em que a entrada *daí* não nos levou aos contextos de interesse foram excluídas, o que fez com que delimitássemos a investigação até o século XVII.

Descrevemos, a seguir, em números brutos, o quantitativo de dados encontrados em cada *corpus* ou acervo consultado em versão eletrônica. Os *corpora* são apresentados por ordem decrescente do número de ocorrências total do termo *daí*.

Corpus do Português (CP)

Foram encontradas 3.881 ocorrências do *daí*; desse total, coletamos, no período contemporâneo, 32 ocorrências em estruturas oracionais complexas, 17 em sentenças clivadas e 101 casos do *daí que* construcionalizado como conector. No século XIX, foram encontradas 33 ocorrências em estruturas oracionais complexas e 16 em sentenças clivadas. No século XVIII, foram nove casos em estruturas oracionais complexas e zero em sentenças clivadas. No século XVII, último em que se registraram esses arranjos sintáticos, foram encontrados sete casos em estruturas oracionais complexas e um em sentenças clivadas.

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM)

Por ser inviável a busca em todo o acervo dos séculos XIX e XX (não há material disponível do século XXI) da BBM, selecionamos as obras dos anos com final 1 (1801, 1811, etc); 5 (1805, 1815 etc) e 9 (1809, 1819 etc.). A escolha desses finais foi feita com o intuito de captar dados dos anos iniciais, intermediários e finais de cada década em questão, tendo-se uma amostragem de todo o século pesquisado. Foram encontradas 798 ocorrências do termo *daí*, das quais, no período contemporâneo, recolhemos 40 em estruturas oracionais complexas, nove em sentenças clivadas e nenhum caso do *daí que* em uso como conector. No século XIX, verificamos 24 casos em estruturas oracionais complexas e sete em sentenças clivadas. No século XVIII, foram encontradas oito ocorrências em estruturas oracionais complexas e

nenhuma em sentenças clivadas. Por fim, no século XVII, foram encontrados 13 casos em estruturas oracionais complexas e um caso em sentenças clivadas.

Domínio Público (DP)

Por se tratar de acervo muito extenso, sem ter instrumento de busca refinado como o disponibilizado pelo CP, optamos pela seguinte estratégia metodológica: selecionamos obras sobre literatura, educação, sociologia e teologia. Tratou-se de seleção não aleatória porque objetivávamos manter a coerência com o perfil das obras já investigadas nos outros *corpora*. Foram encontradas 787 ocorrências do termo *daí*, 61 em estruturas oracionais complexas, 16 em sentenças clivadas e 52 usos do *daí que* como conector no período contemporâneo; no século XIX, foram encontrados 13 casos em estruturas oracionais complexas. Nenhum dos temas selecionados nos forneceu dados correspondentes aos séculos XVIII e XVII.

Periódicos Brasileiros (PerB)

Encontramos um total de 184 ocorrências do termo *daí*, todas no período contemporâneo. Destas, 17 se deram em estruturas oracionais complexas, oito em sentenças clivadas e 26 casos do *daí que* construcionalizado como conector.

Projeto Vercial (PrV)

Este acervo foi o único cuja consulta foi direcionada a um século em especial, o XVIII, sincronia que menos forneceu dados para a pesquisa. A dificuldade se confirmou nesta fonte também, pois, nos textos consultados, encontramos apenas 19 ocorrências de *daí*, quatro das quais em estruturas oracionais complexas. Não foram encontrados casos em sentenças clivadas. Esta ação pode ter ajudado a gerar alguma distorção nos percentuais encontrados para esse século, mas, apesar da baixa quantidade de dados encontrados, optamos por manter o material coletado e analisá-lo.

Do total de 5.759 ocorrências do termo *daí* e dos 515 arranjos sintáticos que se configuraram, preliminarmente, como sendo de interesse para esta investigação, 261 são estruturas oracionais complexas; 75, sentenças clivadas; e 179, usos do *daí que* como conector. Uma vez que as sentenças clivadas apresentaram baixa frequência de ocorrência, em comparação com as estruturas oracionais complexas, além de, anteriormente ao século XIX, só termos encontrado dois únicos casos no século XVII, optamos por excluí-las da pesquisa,

de modo que a análise final contempla 440 dados. Ressaltamos que essa exclusão não significa que não reconheçamos as clivadas como possíveis alternativas de contextos iniciais, favorecedores da construcionalização do *daí que*. Interessa-nos, em estudos posteriores, aprofundar ainda mais a pesquisa sobre o esquema [X-que] e voltar o olhar também para essas sentenças. No capítulo destinado à análise, apresentamos tabelas que detalham os achados.

O procedimento metodológico de organização dos dados coletados levou em conta os seguintes aspectos para a análise diacrônica:

- separação, por século e *corpus*, das ocorrências em estruturas oracionais complexas – contextos atípicos e críticos – e em contexto de isolamento;
- levantamento dos verbos e locuções verbais empregados em contextos atípicos e em contextos críticos;
- identificação do perfil sintático-semântico da predicação nos contextos atípicos e nos críticos.

Para a análise sincrônica, consideramos os padrões de uso do *daí que*:

- como conector lógico de valor semântico consecutivo;
- como operador argumentativo de valor semântico conclusivo;
- articulação intrafrásica;
- articulação interfrásica.

Além desses procedimentos, organizamos o *corpus* considerando, ainda, os gêneros textuais e as sequências tipológicas, conforme suas características predominantes, seguindo as orientações de Bronckart (1999), Bonini (2005) e Marcuschi (2005). Os gêneros caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas particularidades linguísticas. Já as sequências configuram-se como esquemas em interação dentro de um gênero, no qual se realizam mediante pressões de ordem discursiva (Marcuschi, 2005:20-22). Assim, na presente tese, gêneros e sequências representam, respectivamente, contextos situacionais e linguísticos que, por pressões pragmático-discursivas e metonímicas, geram ambiente propício para o uso das estruturas oracionais complexas e do conector lógico-argumentativo *daí que*.

Vale destacar que, nesta pesquisa, embora não se confundam, o conceito de contexto linguístico, relacionado às sequências tipológicas, e os conceitos de contexto atípico, crítico e de isolamento (Diewald, 2006) são noções inseparáveis, pois aquelas exercem pressão contextual determinante nas mudanças gramaticais flagradas ao longo da rota evolutiva do *daí que* como conector. Portanto, a ação metodológica de arrolar os gêneros textuais e as

sequências tipológicas reconhecidos nos dados coletados se justifica pela importância, amplamente enfatizada ao longo deste e de outros capítulos, dos contextos no surgimento de novos valores sintático-semânticos de uma determinada (micro)construção.

Ao longo de todas as sincronias estudadas, detectamos 16 gêneros e quatro sequências, nos quais 440 contextos, entre atípicos, críticos e de isolamento, distribuem-se. Por questões de método, tomamos duas medidas em relação aos gêneros textuais:

a) não consideramos a diversidade terminológica existente sobre gêneros textuais, por isso, a fim de sintetizar os achados a esse respeito, categorizamos como gêneros as práticas discursivas próprias de determinadas atividades, como o discurso jornalístico, religioso, jurídico, só para citar alguns;

b) apesar de normalmente serem veiculadas em jornais e revistas, nota e notícia não foram categorizadas como discurso jornalístico por entendermos que têm função discursiva um tanto distinta da exercida pelas reportagens, artigos de opinião ou crônicas argumentativas; reforçou, ainda, essa decisão o fato de que aquelas codificam, predominantemente, sequências narrativas ou expositivas, enquanto estas se destacam pela codificação predominante de sequências argumentativas.

Nos Anexos, item 2, apresentamos tabela com a distribuição dos contextos atípicos e críticos em estrutura oracional complexa e de isolamento, por sequências tipológicas e gêneros textuais, ao longo de todas as sincronias estudadas. No capítulo em que analisamos os dados, detalhamos os achados a esse respeito.

Quanto às sequências tipológicas especificamente, por estas se constituírem no contexto linguístico de mudança imediato, apresentamos, a seguir, aquelas reconhecidas nos dados deste estudo.

Sequências tipológicas

Embora este não seja o espaço de teorizar, apresentamos brevemente os principais traços linguísticos das sequências tipológicas, em face de seu papel relevante em todas as mudanças gramaticais e na construcionalização do *daí que*. Diferentemente dos gêneros, cuja função é mais sociointerativa, as sequências são determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, além de relações lógicas e temporais.

- argumentativas: apresentam e justificam hipóteses com base em argumentos; estabelecem relações lógicas entre os argumentos e contra-argumentos; exemplificam e encaminham conclusões; apresentam pressuposições e inferências; nelas são

empregados conectores de causa/efeito e contradição; apresentam predominantemente vocabulário abstrato e modo subjuntivo;

- narrativas: têm como elementos essenciais para a coesão e a coerência os tempos verbais e os advérbios marcadores de tempo e espaço, permitindo a ordenação temporal referencial dos fatos enumerados;
- expositivas: apresentam estruturas sintáticas complexas para expressar relações lógicas de causa/consequência, contraposição, explicação, comparação, definição, comprovação etc.; colocam-se na perspectiva do conhecer, abstraindo-se do tempo e do espaço;
- injuntivas: apresentam detalhamento dos passos necessários para realizar uma ação, por meio de verbos de procedimento; são representadas por verbos no modo imperativo, os quais podem ser substituídos por uma estrutura mais longa, com a indicação do que se deve fazer ou como executar uma ação.

4.3 ANÁLISE DE DADOS E REDAÇÃO DA TESE

Uma vez encerrado o processo de coleta e organização dos dados, passamos à análise destes e à redação da tese propriamente dita. A fim de testar as hipóteses e trazer subsídios ao que buscamos defender, fizemos extenso levantamento da literatura existente sobre conectores, no qual arrolamos gramáticas alinhadas com a tradição gramatical, além de compêndios e estudos de orientação linguística. Ao longo do processo de discussão sobre as obras consultadas, fomos delineando o perfil do *daí que*, a fim de justificar o termo que a ele atribuímos – *conector lógico-argumentativo*. Em seguida, buscamos os fundamentos teóricos nos quais ancorar as possíveis interpretações dos dados. Como a literatura sobre a perspectiva construcional é majoritariamente composta de estudos escritos na língua inglesa, apresentamos a tradução dos trechos traduzidos fielmente em nota de rodapé. Nos casos em que a tradução mesclou-se com adaptações para o português, não utilizamos esse recurso. Por ser o processo de elaboração de um trabalho acadêmico desta natureza dinâmico, à medida que prosseguíamos com a escrita dos capítulos, voltávamos aos dados e fazíamos um ou outro ajuste sempre que a leitura de uma obra de referência nos apresentasse algo que pudesse iluminar e ampliar o que já havíamos feito.

Dado que consideramos *contexto* para além da restrita definição tradicional de contexto, limitada à seleção dos elementos na frase, no procedimento de análise de dados, adotamos,

primeiramente, a orientação de Traugott (2008b) sobre quanto de um texto deve ser considerado a fim de se compreenderem as micromudanças, pertinentes a uma investigação histórica. Segundo a autora, devemos levar em conta não só os contextos estruturais imediatos das expressões em investigação, mas também elementos contextuais mais amplos, como modalidade, falada ou escrita, inferências pragmáticas. Desse modo, de forma prática, como sugere a linguista, e considerando a natureza dos dados, optamos por analisar excertos com não menos de cinco linhas acima e, pelo menos, duas abaixo da ocorrência das estruturas oracionais complexas ou do conector *daí que*, podendo ser mais, dependendo do caso. Esse número de linhas só não é respeitado quando a fonte de dados não fornece trechos que compreendam a quantidade estipulada.

Ainda que a prioridade da presente pesquisa seja o aspecto qualitativo, não nos furtamos a dar tratamento estatístico para os achados. Exemplificamos, a seguir, as ações adotadas na contagem dos dados, considerando-se a frequência *type* e a frequência *token* (Bybee, 2003; 2010).

Frequência *type*

- a) No que se refere à articulação do pronome locativo *daí* com a conjunção integrante *que*, encontramos dois casos de frequência *type*: um para o contexto atípico e outro para o contexto crítico, no paradigma das estruturas oracionais complexas.
- b) Quanto ao *daí que*, encontramos uma ocorrência de *type*, correspondente ao seu uso como conector em contexto de isolamento, no paradigma das locuções conjuntivas.

Nesses casos, não calculamos percentuais em relação a outros possíveis *types*, por fugir ao escopo da presente tese.

Frequência *token*

A título de exemplo, apresentamos alguns valores encontrados em nesta investigação:

- a) 440 casos totais, considerando-se as duas estruturas oracionais complexas, contextos atípico e crítico, e o uso do *daí que* como conector em contextos de isolamento, em todas as sincronias;
- b) 261 ocorrências em estruturas oracionais complexas;
- c) 179 casos do *daí que* construcionalizado como conector.

Cada total de ocorrências teve calculado seu respectivo percentual em relação ao número de dados efetivamente analisado (440). Portanto, considerando-se todas as sincronias, encontramos frequência *token* de 59% (261/440) para as estruturas oracionais complexas e de 41% para o uso como conector.

No capítulo destinado à análise, os dados foram organizados em duas seções: 1) Contextos atípico e crítico: os micropassos da mudança; 2) Contexto de isolamento: construcionalização do *daí que*. Na primeira seção, consideramos a dimensão diacrônica da pesquisa, na qual interpretamos os aspectos morfossintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos de cada contexto inicial, atípico e crítico, do século XVII ao período contemporâneo. Na segunda, a análise se deu em perspectiva sincrônica, considerando os padrões de uso do *daí que* como conector lógico-argumentativo, interpretando os aspectos morfossintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos em contexto de isolamento, no período contemporâneo. Em ambas as dimensões, diacrônica e sincrônica, todos os dados estão analisados à luz, principalmente, das sequências tipológicas e também dos gêneros textuais em que ocorrem.

Sempre que apresentamos exemplos do *corpus* formado para esta tese, usamos a expressão *instanciação* e formas derivadas. Em todas as instanciações apresentadas, recortadas ou não, os negritos, itálicos e eventuais colchetes são nossos, cujo objetivo é destacar cada estágio da construcionalização no contexto linguístico maior. Quando o destaque não for nosso, indicamos que são do próprio autor do fragmento.

Quanto à numeração das instanciações, elas são identificadas por números arábicos entre parênteses e encontram-se alinhadas à esquerda. A numeração recomeça do (1) a cada capítulo em que precisamos utilizar os dados. A fonte, autoria e ano de publicação são apresentados embaixo da instanciação entre parênteses. Nos casos em que o título é muito grande, utilizamos o recurso da nota de rodapé. Por vezes, os *corpora* consultados não fornecem autor e data da obra; nesse caso indicamos *autor desconhecido* e *[s/d]*.

Para os exemplos retirados das obras revisadas no capítulo 2, a identificação se dá por meio de letras, a), b), c) etc., ou respeita a organização do autor; a cada obra, a apresentação dos exemplos recomeça pela letra a). Quando fazemos paráfrases correspondentes a esses exemplos, sinalizamos com círculo negro (●).

Uma vez que fazem parte do *corpus* desta pesquisa obras do século XVII, por vezes, ao copiarmos um fragmento do original e o colarmos neste trabalho, os traços de algumas letras antigas não encontram correspondência no alfabeto moderno. Um exemplo é o *s*, que aparece transcrito como *f*: *defunioés* (*desuniões*). Nesses casos, não fazemos qualquer interferência e mantemos exatamente como são copiados.

Por fim, a numeração de tabelas, quadros, figuras e esquemas é feita de forma corrida, sem interrupções ou recomeços.

Após a caracterização dos procedimentos metodológicos relativos ao *corpus* e ao tratamento proposto para os dados da presente tese, passamos à análise de dados no próximo capítulo.

5 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, analisamos os dados sobre a construcionalização do *daí que* como conector, à luz do arcabouço teórico apresentado no capítulo 3. A hipótese central da presente tese pressupõe que as mudanças tenham se dado de forma gradativa, em micropassos, em contextos em processo de gramaticalização, ao longo de três estágios: estágio I – contexto atípico; estágio II – contexto crítico; estágio III – contexto de isolamento.

Selecionados a partir de 5.759 ocorrências do termo *daí*, recolhidas dos *corpora* que nos serviram como fonte de informação, contamos com 440 dados para efetiva análise, nos quais o *daí* se articula com o *que*. Os dados se distribuem nas estruturas oracionais complexas, reconhecidas, nesta pesquisa, como contexto atípico⁴⁰ (192) e contexto crítico (69), e no contexto de isolamento (179), em uso como conector. A tabela 1, a seguir, detalha essas ocorrências, considerando-se as sincronias estudadas.

Tabela 1. Ocorrências em contextos atípico, crítico e de isolamento e respectivas frequências totais por tipo de contexto e século

Séculos	Estruturas oracionais complexas		Conector <i>daí que</i>	Total
	Contexto atípico	Contexto crítico	Contexto de isolamento	
Século XVII	18	2	–	20 (4,5%)
Século XVIII	17	4	–	21 (4,7%)
Século XIX	56	14	–	70 (15,8%)
Séculos XX-XXI	101	49	179	329 (75,0%)
Total	192 (43,6%)	69 (15,7%)	179 (40,7%)	440 (100,0%)

⁴⁰ Referimo-nos a cada contexto no singular porque consideramos a frequência *type* (de tipo), isto é, contamos um (1) contexto para cada tipo, que podem ser codificados em diferentes instanciações, ou construtos.

Por meio dos números expostos na tabela 1, confirmamos as hipóteses que pautamos nos pressupostos de Diewald (2006), a respeito da gramaticalização de contextos como construções. Na última coluna da direita, estão os números de ocorrências e percentuais de todos os contextos século a século. Na última linha, estão os números de ocorrências e percentuais de cada contexto em todos os séculos. A análise que segue tem como base o tratamento pancrônico que propomos para os dados coletados.

Considerando-se, primeiramente, a última coluna, verificamos aumento gradativo dos percentuais de ocorrência de todos os contextos a cada sincronia, sendo observada diferença mínima entre os séculos XVII e XVIII, o que pode se dever à pouca disponibilidade de textos relativos a essas duas sincronias, ou a uma eventual estabilidade de usos nesses dois períodos da história da língua portuguesa. Em seguida, há aumento razoável do número de dados no século XIX, dessa vez causado, provavelmente, pela maior disponibilidade de material de consulta. Por fim, o alto percentual encontrado no período contemporâneo, em relação aos anteriores, além de poder estar relacionado com a facilidade que se tem para obter publicações dos últimos cem anos, mantém estreita ligação com o fato de que somente a partir do século XX encontramos usos do *daí que* construcionalizado como conector lógico-argumentativo.

Ao analisarmos as ocorrências e percentuais na última linha, reconhecemos que nossos achados se coadunam, em grande parte, com o que Diewald (2006) preconiza para a gramaticalização de contextos como construções, seja no que se refere aos contextos iniciais, atípico e crítico, seja em relação ao contexto de isolamento. Quando comparamos o contexto atípico com o crítico, os percentuais indicam que o segundo ocorre menos frequentemente do que o primeiro, o que corrobora o pressuposto da autora para cada um: o atípico é um contexto de expansão dos elementos em gramaticalização, fator que possivelmente aumenta seu número de ocorrências; já a menor frequência encontrada para o crítico pode se dever ao fato de este ser o contexto em que as diferentes possibilidades semânticas e estruturais que estavam distribuídas no atípico acumulam-se, sendo mais marcado. Em adição, é provável que o contexto crítico, por já estar começando a se especializar nas ações cognitivas de concluir, inferir, deduzir, apresente maiores restrições, sendo acionado mais especificamente para esses usos.

Outro dado interessante diz respeito ao caráter transitório do segundo estágio, o qual, conforme Diewald (2006), desaparece no desenvolvimento do contexto posterior. Contudo, na presente investigação, essa última característica não se confirma, pois o contexto crítico, embora se apresente sempre bastante reduzido em comparação com o atípico, não chega a

desaparecer com o surgimento do contexto de isolamento, haja vista a coexistência dos dois últimos estágios, ao lado, ainda, do contexto atípico. Há indícios, portanto, de que o princípio da estratificação (*layering*) de Hopper (1991) se confirma para os contextos formadores do *daí que*.

Um olhar exclusivamente sincrônico aponta que o conector lógico-argumentativo *daí que* somente ocorre no período contemporâneo, o que nos leva a confirmar, mais uma vez, as hipóteses que pautamos nos pressupostos de Diewald (2006) para o contexto de isolamento, como sendo o terceiro e o último estágio de gramaticalização, pelo menos no que diz respeito aos dados da presente tese. Fazemos a ressalva porque, apesar de nossas hipóteses encontrarem respaldo no que a autora preconiza para esse contexto, cabe lembrar que as fontes de consulta são somente textos na modalidade escrita, de modo que não há garantias de que o conector *daí que* já não esteja passando por redução fonológica, desenvolvendo-se em outro(s) contexto(s) cujas características sejam favoráveis a esse fenômeno, em uma fase que Traugott (2012) chama de pós-construcionalização. Como essa discussão foge ao escopo desta investigação, não nos detemos nessa possibilidade.

Chama a atenção o percentual encontrado para o *daí que* em uso como conector (40,7%), bastante próximo do encontrado para o contexto atípico (43,6%). É possível que, uma vez isolado do seu significado mais antigo, menos gramatical, em contexto no qual as ambiguidades são reduzidas, nosso objeto de estudo passe a ser selecionado para o uso como conector lógico-argumentativo com relativa frequência, em face de fazer parte de um paradigma, o das locuções conjuntivas. Nesta tese, não objetivamos avaliar a gradiência do *daí que* dentro desse paradigma, mas acreditamos que, por meio do mecanismo da analogização, os outros conectores da mesma natureza, como *de modo que*, *de forma que*, *de maneira que* etc., tenham contribuído para sua construcionalização e seu recrutamento para expressar resultado.

Portanto, em face do que encontramos na tabela 1, dividimos as análises subsequentes em duas seções: a primeira (5.1), relativa às estruturas oracionais complexas, codificações linguísticas dos contextos atípico e crítico, nos quais flagramos os micropassos das mudanças construcionais, ou neoanálises; a segunda (5.2), relativa ao *daí que* propriamente, construcionalizado como conector lógico-argumentativo em contexto de isolamento.

5.1 CONTEXTOS ATÍPICO E CRÍTICO: OS MICROPASSOS DA MUDANÇA

Por serem os contextos atípico e crítico, na presente tese, expressos por meio de estruturas oracionais complexas, identificamos, duas configurações esquemáticas:

a) contexto atípico: *daí* + verbo + *que* + oração completiva;

b) contexto crítico: verbo + *daí* + *que* + oração completiva.

Os espaços destinados ao verbo e à oração completiva são preenchidos de forma variada, mas não totalmente aberta, já que há questões intrínsecas a essas construções que pressionam, por exemplo, a morfosintaxe e a semântica dos verbos a serem empregados. O pronome locativo *daí* e a conjunção integrante *que* são os elementos fixos de cada subesquema.

As instanciações (1) e (2) representam cada uma dessas estruturas oracionais complexas. Alertamos que os fragmentos seguintes foram recortados de instanciações maiores, pois o objetivo é apenas destacar cada um desses contextos nesta apresentação introdutória. Nas subseções 5.1.1 e 5.1.2, essas e/ou outras instanciações são apresentadas na íntegra, a fim de que se avaliem os fatores morfosintáticos, semânticos e pragmático-discursivos:

Contexto atípico: *daí* + verbo + *que* + oração completiva

(1) porque como elle he inventado para tirar o aõ fora da nossa Lingua, e naõ consiste em outra cousa mais que em fazer immediatamente, e sem alguma circumstancia antecipada, aquillo mesmo, para que he inventado, [*dahi se segue que* nem pode ser mais proprio, do que he, para o fim, a que se encaminha, nem acabar mais breve, nem mais exacta, nem mais propria, ou mais perfeitamente a sua operação ...]

(CP – *Antídoto da língua portuguesa*. José de Macedo, 1710)

Contexto crítico: verbo + *daí* + *que* + oração completiva

(2) O redator estende a folha de papel para escrever o seu artigo de fundo; mas, quando procura pelo pensamento, vai descobri-lo no fundo de algum boudoir elegante, donde não há forças que o possam arrancar. [**Resulta *daí que***, depois de algumas horas de esforço baldado, o tal artigo de fundo fica no fundo do tinteiro.]

(CP – *Ao correr da pena*⁴¹. José de Alencar, 1874)

⁴¹ Crônicas publicadas no *Correio Mercantil* entre 3 de setembro de 1854 a 8 de julho de 1855, e no *Diário do Rio* entre 7 de outubro de 1855 a 25 de novembro do mesmo ano, ambos os jornais do Rio de Janeiro.

Considerando-se, ainda, o perfil sintático-semântico delineado para ambas as estruturas oracionais, *daí*, por ser o elemento de maior teor lexical da articulação com o *que*, sofre impacto do verbo, que impacta, também, a oração completiva, determinando sua função sintática. Em nossos dados, a maioria funciona como sujeito do verbo da oração matriz, mas há casos de orações objetivas diretas e completivas nominais. Por sua vez, cada estrutura oracional complexa, como um todo, encontra-se submetida a pressões de informatividade do contexto linguístico maior no qual se insere, sendo este configurado como quatro sequências tipológicas: argumentativa, narrativa, expositiva ou injuntiva. Os dados apontam para o predomínio da primeira sequência e para a total inexpressividade da última, o que dá consistência ao perfil sintático-semântico e pragmático-discursivo dos contextos iniciais.

Na tabela 2, demonstramos os achados numéricos para a correlação entre as sequências tipológicas e cada contexto inicial. Os valores estão em ordem decrescente, por sequência, ao longo das sincronias investigadas. Consideramos as 261 estruturas oracionais nas quais o pronome locativo *daí* se articula com a conjunção integrante *que*, sendo 192 no contexto atípico e 69, no crítico.

Tabela 2. Ocorrências e respectivas frequências de contextos atípico e crítico em estrutura oracional, por sequências tipológicas e séculos

Sequências tipológicas	Contextos / Séculos								Totais por sequência
	Atípico				Crítico				
	XVII	XVIII	XIX	XX/XXI	XVII	XVIII	XIX	XX/XXI	
Argumentativa	16	15	41	64	1	2	11	36	186 (71,26%)
Narrativa	2	–	10	21	–	1	3	5	42 (16,10%)
Expositiva	–	2	5	16	1	–	–	8	32 (12,26%)
Injuntiva	–	–	–	–	–	1	–	–	1 (0,38%)
Totais por século	18	17	56	101	2	4	14	49	
Totais por contexto	192 (73,5%)				69 (26,5%)				261 100,0%

Com base nos percentuais expostos na última coluna, a sequência argumentativa é alçada ao posto de contexto linguístico por excelência para o uso do *daí* articulado com o *que* em estruturas oracionais, em codificações tanto de contexto atípico, quanto de crítico. Verificamos que, ao longo dos séculos, a argumentativa também é a sequência que apresenta estabilidade de ocorrência das estruturas oracionais em estudo, as quais aumentam gradativamente, exceto no século XVIII, tendo sido encontrado um caso a menos do que no XVII. Como já expusemos anteriormente, essa distorção pode se dever tanto à quantidade e gênero de obras disponíveis em ambas as sincronias, quanto a uma estabilidade entre as duas. O uso de *daí* articulado com o *que* distribui-se de forma mais modesta entre as sequências narrativa e expositiva, tendo, em ambas, percentuais de ocorrência próximos; contudo, na narrativa, apresenta maior estabilidade, só não ocorrendo no século XVIII, possivelmente pelos mesmos motivos já apresentados. Na expositiva, a articulação ocorre mais no contexto atípico do que no crítico, e uma possível causa pode ser o fato de este apresentar ambiguidades e opacidades estruturais, o que não condiz com uma exposição, marcada pela objetividade. Por fim, a sequência injuntiva é, numericamente, tão inexpressiva, que, por questões metodológicas, poderia ter sido excluída da análise; todavia, como nosso propósito é tratar os dados prioritariamente pelo viés qualitativo e, a essa altura da pesquisa, aprendemos a não desprezá-los, procedemos, também, à análise do caso referente a esta sequência. Procuramos demonstrar por que a tipologia injuntiva, mesmo se configurando como *locus* não preferencial para a ocorrência do *daí* articulado com o *que*, foi empregada em um caso no contexto crítico.

A tabela 2 aponta, portanto, para o papel fundamental seja das estruturas oracionais nas quais o *daí* se articula com o *que*, seja das sequências tipológicas, que exercem pressões contextuais determinantes nas mudanças gramaticais flagradas nos contextos atípico e crítico. Consideramos, ainda, ao longo das interpretações, os gêneros textuais como outro fator atuante nas mudanças construcionais que reconhecemos em cada contexto. Portanto, norteamos as análises que seguem pelos fatores sintático-semânticos e pragmático-discursivos, de modo que o critério de organização das instanciações considera, em primeiro lugar, o verbo da oração matriz; em seguida, são apresentadas as sequências tipológicas nas quais cada contexto selecionado se insere, a partir da sincronia mais antiga. Ressaltamos que o foco da atenção é a oração matriz, não a completiva, uma vez que, nos contextos iniciais, as neoanálises se dão na primeira.

5.1.1 Contexto atípico

Neste contexto, identificamos 39 verbos e locuções verbais diferentes, dentre os quais se destacam *vir*, *concluir*, *resultar*, *dizer*, *inferir*, *seguir-se*, *decorrer* e *deduzir*. Diante da impossibilidade de se analisarem todos os casos relacionados a cada um, optamos pelos verbos cujos valores semânticos se mostram mais recorrentes nos dados. Após algumas leituras sobre o tema (Garcia, 2004; Silveira, 2006; Benedito, 2008) e visto que um aprofundamento a esse respeito foge ao foco desta tese, fizemos uma síntese ajustada aos nossos propósitos e formamos a seguinte categorização:

Valor semântico dos verbos:

a) transferenciais – implicam uma mudança de uma fonte ou origem para uma meta ou destino:

- VIR: 47 ocorrências, distribuídas por todas as sincronias,
- seguir-se: 6 ocorrências distribuídas entre o século XVIII e o período contemporâneo,
- provir: 5 ocorrências entre o século XIX e o período contemporâneo;

b) cognitivos – indicam o processo mental de percepção, memória, juízo e/ou raciocínio:

- CONCLUIR: 26 ocorrências distribuídas entre o século XIX e o período contemporâneo,
- inferir: 9 ocorrências, considerando-se todas as sincronias,
- deduzir: 4 ocorrências, entre o século XIX e o período contemporâneo;

c) causais – expressam uma relação de causa e efeito entre dois elementos do domínio do verbo, a qual é vista tipicamente como um acontecimento:

- RESULTAR: 16 ocorrências distribuídas entre o século XVIII e o período contemporâneo.

Destacamos, em letras maiúsculas, os verbos mais produtivos⁴², por vezes únicos, de cada grupo, os quais consideramos como prototípicos, usando como critério, primeiro, o maior número de ocorrências e, segundo, a distribuição em mais de uma das sincronias estudadas. Nesses agrupamentos, foram incluídos apenas os verbos com até o mínimo de quatro ocorrências, tendo em vista que o perfil sintático-semântico dos componentes de cada

⁴² Apresentamos a lista completa, com todos os verbos e locuções verbais encontrados nos contextos atípico e crítico, nos Anexos.

grupo é bastante semelhante, tornando desnecessário todos estarem presentes nessa categorização.

Como forma de otimizar essa etapa, analisamos instanciações que contenham apenas o verbo prototípico de cada grupo, à exceção para o valor semântico cognitivo, que conta com a análise dos verbos *concluir* e, de forma complementar, com um caso de *inferir*. Apresentamos, a cada século, uma sequência tipológica, normalmente a mais frequente, cujo contexto atípico apresente o verbo em foco. Alertamos que nem sempre encontramos as três sequências tipológicas principais em todos os séculos, portanto pode haver a análise do contexto atípico em mais de uma tipologia textual na mesma sincronia, para garantir que nenhuma sequência deixe de ser avaliada. Por fim, a ordenação das instanciações obedece ao critério temporal, sendo sempre analisadas a partir do século XVII ou do mais antigo em que o verbo tenha sido encontrado, obedecendo às condições estabelecidas.

Iniciamos pelas instanciações em que o pronome locativo *daí* e a conjunção integrante *que* são intermediados pelo verbo *vir* na oração matriz da estrutura oracional complexa. Os destaques em negrito e itálico são nossos.

Século XVII

- **Sequência narrativa**

(3) (...) hieis atravessando os incognitos desertos de nossa barbara America: asperos atè para às feras, que antes os recebem por patria, que morada. Lâ vos fizestes digno de aquelle nome, que para não perderdes, sois obrigado a cõservar cõ obras arduas; do qual, nem a inveja, nem a ingratião, quando se vos oponhão, consintais que vos despójem. Mas se vos vimos madrugando ao trabalho, tambem vimos que o aplauso, não foi preguiçoso para vòs. ***De ahi veyo, que*** os pòstos grandes, e as empresas estimadas, corressem para vosso cuidado, antes que vòs para sua pretenção. Desta maneira costuma o Sol, tocar primeiro os montes mais altos, sem que se queixem os valles, de que depois lhes amanheça.

(CP – *Epanaphora politica primeira*. Francisco Manuel de Melo, 1637)

Século XVIII

- **Sequência expositiva**

(4) Afeitar a alguem palavras fazendolhe algum presente < Munus ornare verbis. Cic. > Hei por escusado de vos Afeitar palavras, para vos encarecer mais, ec. Jacinto Freire, livro 3. num 29. Cada hum Afeitava as acçoens de seos. Monarch. Lusit. Tom. 3. fol. 90. col. 2. § Afeitar as mercadorias para as vender melhor < Merces expolire, > ou < fucare. > Plin. Hist. < lib. > 23. cap. 1. fallando no sumo de huma raiz, que tem virtude para fazer as carnes mais nedeas, diz, < Laetiori quodam colore, e cutis teneritate mangonizat corpora. > ***Dahi vem, que*** alguns

dizem < Mangonizare merces. Componere merces ad alliciendos emptores. Merces polire, e interpolare, ut pluris vendantur. > A arte do afeitar as mercadorias < Mangonium, ij. Neut. Plin. lib. 10. cap. 50. (...) * AFEITE. Enfeite. Vid. Afeitar, Enfeitar, Ornar.

(CP – Vocabulario portuguez e latino. Rafael Bluteau, 1712-1721)

Período contemporâneo

- **Sequência argumentativa**

(5) “Há casos excepcionais em que um homem se pode apaixonar por uma mulher decididamente feia: e isto se dá de acordo com a lei da concordância dos sexos, quando o conjunto dos defeitos e das irregularidades físicas da mulher são a perfeita antítese e por conseguinte o corretivo dos do homem. Neste caso a paixão atinge geralmente um grau extraordinário”. Podemos dizer, para usar uma expressão de Schopenhauer, que o “gênio da espécie” quer conseguir uma harmonia entre os opostos. **Daí vem que** os opostos se juntam para formar harmonias nos filhos.

(DP – *Terceira Jornada Filosófica*. Luiz Caramaschi, s/d)

Nos três contextos, as estruturas oracionais contam com as formas verbais *veyo* e *vem* na oração matriz. O perfil sintático-semântico em cada instanciamento é semelhante: em todas, os verbos estão conjugados na terceira pessoa do singular; por *vir* ser categorizado como verbo transitivo relativo⁴³, seleciona dois argumentos, o sujeito, que são as orações completivas, e o pronome *daí*. Chama a atenção o uso da vírgula entre a oração matriz e a completiva nos dois primeiros casos, o que, possivelmente, sendo estes os mais antigos, deve-se à ausência de padronizações gramaticais, entre elas as relativas à pontuação e à ortografia. Especular se essa vírgula gera, entre a oração matriz e a completiva, pausa maior nas instanciações (3) e (4) do que na instanciação (5) não só se mostra pouco produtivo para as análises que desenvolvemos, como também foge ao escopo desta pesquisa, uma vez que, para essa discussão, seriam necessários dados de fala, os quais não fazem parte do *corpus* formado para a presente tese.

Todas as formas verbais de *vir* registradas nos três contextos são usos gramaticalizados, sendo possível verificar o valor semântico transferencial, mas não físico; trata-se de uma movimentação virtual, sendo o ponto de origem a porção textual anterior à oração matriz, enquanto o ponto de chegada é a oração completiva. Essa configuração sintático-semântica do sintagma verbal se deve, possivelmente, à pressão contextual que o

⁴³ Acatamos a orientação de Azeredo (2008:222), que classifica *vir* e *ir* entre os verbos transitivos relativos. São verbos de movimento, ordinariamente seguidos de expressão locativa. Incluímos nesse grupo o verbo *seguir*, que, em nossos achados, apresenta perfil sintático-semântico semelhante ao dos outros dois; acrescentamos a este a indicação *pronominal*, o que entra em discussão na análise dos contextos.

verbo exerce na seleção do pronome locativo *daí*, uma vez que este, igualmente, em usos gramaticalizados, refere-se à dêixis espacial virtual, ou textual, e, juntamente com o verbo, remete ao que foi dito na porção textual anterior.

Ainda com relação ao uso conjugado das formas verbais e o pronome locativo *daí*, destacamos o primeiro caso, (3), que, por ser o mais antigo, apresenta uso composicional da preposição *de*, igualmente selecionada pelo verbo da oração, não constituindo com o pronome *ahi* uma microconstrução: cada elemento linguístico guarda suas propriedades gramaticais, diferente do que ocorre nos outros dois casos. Naturalmente que a atração de ambos não é aleatória e, além da importância do contexto de uso, encontra respaldo na etimologia de cada um, conforme apresentamos no capítulo 1. Logo, assim como o verbo *vir* e o locativo *ahi*, *de* é um elemento linguístico que denota movimentação a partir de um ponto, estando, portanto, totalmente absorvido pelos três contextos sintático-semânticos apresentados de (3) a (5).

A primeira instanciação é também a única na qual a forma verbal apresenta flexão temporal: *veyo*. Tal diferença morfossintática se explica, possivelmente, pelo fato de a estrutura oracional complexa estar inserida em um contexto discursivo maior, no qual predominam as sequências narrativas, especializadas na marcação de espaço e tempo. Nestas, o tempo verbal atua como fator de coesão e coerência, permitindo a ordenação temporal, para o que conta com seu argumento, não por acaso de teor adverbial, *de ahi*, elemento anafórico, cuja dêixis pode ser espacial, temporal ou textual. Em (3), o uso de *de ahi* como dêitico textual se destaca, porém não há como descartar a dêixis temporal também, uma vez que se podem observar, além de *veyo*, algumas outras marcas claras de tempo, como *madrugar* e o uso de várias formas verbais no passado, como *hieis*, *fizestes* ou *vimos*. A esse respeito, cabe ressaltar o título e o gênero textual do livro do qual retiramos a instanciação (3): uma epanáfora é um termo literário e se trata de um “[a]rtifício retórico comparável à anáfora” (Ceia, 2014); ademais, a obra é de cunho historiográfico, gênero textual no qual predominam as sequências narrativas, plenas de usos verbais em tempos pretéritos. Parece-nos claro que pressões pragmático-discursivas atuam fortemente na configuração desse cenário codificado linguisticamente por *veyo* e *de ahi* na oração matriz.

Por sua vez, nas instancias (4) e (5), o tempo verbal é o presente. Novamente, as sequências e os gêneros textuais possivelmente exerçam pressões metonímicas e pragmáticas. Em (4), a obra é um dicionário, gênero no qual predominam sequências expositivas, que primam pela linguagem objetiva, quase didática e, na perspectiva do conhecer, abstraem tempo e espaço. Em (5), flagramos o jogo argumentativo do enunciador, que não poupa

recursos retóricos persuasivos na defesa de seu ponto de vista. Entre esses recursos, está um distanciamento forjado, a ponto de um leitor menos autônomo achar, inicialmente, que se trata de uma sequência expositiva. De fato, há exposição de ideias, justificadas, inclusive, com argumentos de autoridade (*Schopenhauer*), mas essa suposta objetividade serve tão somente para conseguir a adesão do receptor, em um discurso que nada tem de objetivo, pois se trata de uma obra de cunho religioso/filosófico.

Poderíamos continuar tratando de cada instanciação ainda por muitas linhas, no entanto devemos lembrar que o objeto de estudo é o conector lógico-argumentativo *daí que*, e a interpretação dos contextos, não obstante sua importância, é subsidiária. Por isso, passamos às análises de contextos atípicos que apresentam verbos com valor semântico cognitivo nas orações matrizes.

As instanciações de (6) a (9) reproduzem quatro casos nos quais *daí* e *que* são intermediados por verbo cognitivo na oração matriz. Nos três primeiros, analisamos as estruturas oracionais predicadas por *concluir*; no quarto e último caso, o foco se volta para *inferir*. Tal escolha se justifica em virtude de, pelo critério da frequência, *concluir* ser o prototípico do grupo; porém, *inferir* foi o único que encontramos em todas as sincronias. Por isso, complementamos a análise com um caso do século XVII, sendo este, em nossos dados, o registro mais antigo do uso de um verbo cognitivo. Mantemos a mesma organização das análises anteriores, e as instanciações estão elencadas por século e sequência tipológica.

Começamos pelo verbo *concluir*:

Século XIX

- **Sequência narrativa**

(6) Um medico americano, John Wilson, observando que ella se desenvolvia a bordo dos navios, longe dos continentes e durante o curso de qualquer viagem, entendeu que a decomposição das madeiras exercia qualquer influencia sobre isto. Passando, pois, a estudar algumas localidades das índias Occidentaes notou, diz elle, que os palèluyiers (espécie de arbusto de mangue do gênero *rhizophora*) abundavam nos lugares em que a febre amarella apparecia, e que estes vegetaes alternativamente cobertos e descobertos pelo fluxo e refluxo das águas eram, sob a acção de um sol ardente submettidos á uma decomposição rápida; accrescentou ainda, que nos Estados Unidos a febre amarella principiava sempre pelo porto e na direcção dos molhes, onde ha muitas construcçõesde madeiras, e ***dahi concluiu, que*** a decomposição influía poderosamente em seu desenvolvimento.

(BBM – Historia e descripção da febre amarella epidemica⁴⁴. José P. Rego, 1851)

⁴⁴ Historia e descripção da febre amarella epidemica que grassou no Rio de Janeiro em 1850. Rego, José Pereira, 1816-1892 (Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1851)

Período contemporâneo

- **Sequência expositiva**

(7) argumento_cosmológico Qualquer linha de raciocínio que tente provar a existência de Deus a partir da relação entre a existência inexplicável do universo e a sua criação por um ser alegadamente autofundamental — Deus. O argumento cosmológico, apesar de ter a sua origem na Grécia antiga, com Aristóteles, tem conhecido diversas formulações. Uma das versões parte do pressuposto de que tudo tem de ter uma causa, para **daí concluir que** Deus deva existir, porquanto Ele será a primeira causa, ou a causa fundadora do universo.

(CP – argumento cosmológico⁴⁵)

Período contemporâneo

- **Sequência argumentativa**

(8) Desde os primeiros tempos, pois, a biblioteca tinha uma atitude discriminatória, contemplando apenas uma elite letrada para a qual os livros eram destinados, quer pelos assuntos tratados, quer pelas idéias defendidas, quer pelo respeito quase religioso de que desfrutavam. A mudança de papel que essa instituição vai ter, ao longo da história, refere-se, por conseguinte, à abertura de suas portas a uma clientela cada vez mais ampla, à medida que a alfabetização se propagou e a cultura livresca passou a atingir classes sociais antes marginalizadas. Em última análise, o ideal a perseguir era o de a biblioteca estar ao alcance de todos os cidadãos indistintamente.

Daí se conclui que a biblioteca abriga um trabalho de animação cultural quando se compromete socialmente, isto é, quando acata as produções das diferentes vozes da sociedade e não apenas quando transmite a voz dominante às demais.

(DP – Biblioteca e formação de leitores. Vera Teixeira de Aguiar, 1994)

Em cada instanciação, *concluir* apresenta perfil morfossintático diferente. Em (6) está conjugado no pretérito perfeito (*concluiu*); em (7), encontra-se na forma infinitiva (*concluir*); em (8), no presente do indicativo (*conclui*). Diferentemente de *vir*, cujos sujeitos são todos oracionais, somente a instanciação (8) tem a oração completiva como sujeito; nas outras duas, o sujeito é representado por sintagmas nominais, e a oração completiva funciona como objeto direto. Todavia, a natureza desses sintagmas não é a mesma, pois seus usos e valores estão diretamente relacionados aos contextos dos quais fazem parte. Por sua vez, o pronome locativo *daí* participa da coesão textual, como elemento anafórico.

Na instanciação (6), o enunciador relata uma série de eventos observados por um médico, de modo que a sequência tipológica narrativa é predominante em todo o trecho. Embora os aspectos relacionados à cognição humana sejam pessoais e intransferíveis, é

⁴⁵ O *Corpus do Português* não fornece o nome da obra, sua autoria, nem a data de publicação, apenas o século (XX) e o gênero do texto, classificado como enciclopédico. O título *argumento cosmológico* é, na verdade, o verbete cuja abonação constitui o caso que analisamos.

característico das sequências narrativas que o enunciador faça as vezes de um narrador e, de forma onisciente, consiga controlar o que pensa, sente ou conclui uma personagem. Justifica-se, portanto, o uso da forma *concluiu*, no pretérito perfeito, cujo sujeito é *médico*, retomado por *John Wilson* ou *ele*. Outras formas verbais pretéritas na terceira pessoa do singular (*entendeu, notou, acrescentou*) ajudam a retomar o termo.

Todo esse sistema de referenciação, do qual o *dahi* faz parte, promove a coesão e coerência textuais, de modo a manter a unidade temática da sequência narrativa. Some-se a isso o fato de que *dahi* vem precedido de *e*, proximidade que dá ao locativo função semelhante à dos operadores de sequencialização, os quais, conforme Koch (1987:89), são “responsáveis pelo encadeamento sucessivo de enunciados, cada um resultante de ato de fala diferente, dando-lhes uma orientação discursiva e estruturando-os em texto”.

Por se tratar de um contexto atípico que tem, na oração matriz, um verbo cognitivo, poder-se-ia pressupor que as relações expressas seriam mais abstratas do que as apresentadas para o verbo *vir*, por exemplo. Entretanto, conforme avaliamos nos casos com *vir*, os dados apontam para estágio avançado de gramaticalização, sendo empregado em usos cada vez mais metafóricos, podendo, inclusive, denotar ação mental. De fato, o que se verifica com a forma verbal *concluiu* é o importante papel desempenhado pela sequência narrativa, associada ao gênero textual historiográfico, ambos exercendo pressões pragmático-discursivas fortes o bastante para que o uso verbal esteja plenamente ajustado ao contexto. Ademais, a ação de concluir também pode expressar o término de uma atividade, de um estudo, de uma observação. Parece-nos que, por ser o atípico um contexto no qual as implicaturas começam a ocorrer, há o surgimento incipiente de algumas ambiguidades, e, embora esteja clara a semântica cognitiva da forma *concluiu*, o fato de *vir* no final do relato, coincide com a conclusão deste, sem contar que também pode haver alguma relação com um evento externo: o término das observações feitas pelo médico.

É nesse cenário que *dahi* e *que* se apresentam: o primeiro para retomar anaforicamente, de forma resumitiva, a porção textual anterior, que codifica uma sucessão de fatos causadores do problema relatado; o segundo para promover a progressão do texto, codificado pela oração objetiva direta, encaminhando-o para o final da narrativa, que coincide com a conclusão a que chegou o médico (*a decomposição influía poderosamente em seu desenvolvimento*). Temos em foco uma relação de causalidade estrita, na qual se flagra um dos princípios fundamentais de gramaticalização, a iconicidade, segundo o qual “a estrutura

da língua reflete, de algum modo, a estrutura da experiência” (Furtado da Cunha, Costa e Cezario, 2003:30).

Na instanciação (7), a estrutura oracional complexa está inserida em uma sequência expositiva, e, não obstante ser tipologia diferente da reconhecida no caso anterior, em ambas, as formas verbais *concluiu* e *concluir*, respectivamente, são transitivas diretas, tendo dois argumentos: sujeito e objeto direto. O locativo *dahi* não é selecionado obrigatoriamente pelo verbo, tendo função textual apenas. Ressaltamos, no entanto, que não ser selecionado pelo verbo não significa que seja dispensável ao contexto; pelo contrário, sua função anafórica é primordial nas duas estruturas instanciadas, pois, como *concluir* não tem a semântica transferencial de *vir*, o trabalho de movimentar o texto cabe mais diretamente ao pronome locativo.

Outra semelhança entre as duas instancicações refere-se à natureza sintática do sujeito: sintagma nominal; contudo, em (7), trata-se de uma expressão que, diferentemente de *médico*, carece de agentividade: *Uma das versões*. O enunciador usa o mesmo recurso na frase anterior ao personificar um termo abstrato *O argumento cosmológico (...) tem conhecido diversas formulações*. Esses usos demonstram que a tipologia e o gênero textuais nos quais se inserem, respectivamente sequência expositiva e enciclopédia, apesar de primarem pela objetividade, podem acolher linguagem figurada, ainda mais se o tema em questão admite tais abstrações, e o verbete *argumento cosmológico*, cujo objetivo é apresentar o que se conhece sobre a existência de Deus, certamente admite. Podemos vislumbrar, ainda, semelhanças com a sequência argumentativa, visto que as sequências tipológicas não são estruturas linguísticas fixas, rígidas, havendo com frequência entrelaçamentos entre algumas. Contribui para essa semelhança o fato de se tratar de tema que normalmente gera polêmica, mas, por estar inserida em obra enciclopédica, especializada em “reunir conhecimentos humanos” (Dicionário Eletrônico Houaiss, s/d), não tem o caráter marcadamente persuasivo das argumentações. Assim, o enunciador adota atitude de distanciamento, ao empregar, na oração completiva, a forma verbal *deva*, no subjuntivo. Tal modalização epistêmica pode se dever à sua incompetência para assegurar a existência de Deus, ou esta talvez seja uma conclusão da qual ele não partilhe.

Não podemos perder de vista, contudo, que as características essenciais da tipologia textual expositiva estão claras: o uso de estruturas sintáticas complexas para expressar relações de causa e consequência tem codificação literal no trecho: *parte do pressuposto de que tudo tem de ter uma causa*. Em adição, nas relações de causalidade, a causa antecede a

consequência, exatamente o que flagramos no contexto atípico: *dahi* retoma o que vem antes, cujo ponto de partida (*parte*) é especificamente o *pressuposto de que tudo tem de ter uma causa*, e a conjunção integrante *que* apresenta o que se segue, a consequência, na forma da ação mental de *concluir*.

Na instanciação (8), a configuração morfossintática da forma verbal *conclui* aponta para apenas um argumento, o sujeito oracional⁴⁶, introduzido pela conjunção integrante *que*. Nessa estrutura, não se verifica morfossintaxe diferente para o *daí* em relação às anteriores: não é selecionado obrigatoriamente pelo verbo; porém, mais uma vez, é seu caráter pronominal que o coloca como articulador de partes do texto, retomando anaforicamente, neste caso em especial, não apenas uma ou duas frases anteriores, mas, sim, um parágrafo inteiro.

Associado ao pronome apassivador *se*, o verbo assume, dentre os três casos analisados, seu maior grau de objetividade. A impessoalização do sujeito em construções com *se* apassivador é uma das características das sequências argumentativas, nas quais se objetiva a discussão de ideias e a defesa de um ponto de vista, configurando-se, desse modo, como contexto linguístico em que predominam as ações mentais. Destaque-se que outro fator importante para essa objetividade é o gênero textual em questão: artigo acadêmico, no qual, ao longo de sequências argumentativas, hipóteses são apresentadas e justificadas por meio de argumentos.

No trecho instanciado, apresentam-se, de forma bem clara e marcada, duas sequências tipológicas diferentes, uma narrativa e outra argumentativa, porém é na segunda que o *daí* se insere. Cabe ressaltar que essa alternância de sequências está igualmente relacionada ao gênero textual, já que, em obras acadêmicas, é comum que se apresentem trechos narrativos como forma de argumentar, comprovando hipóteses e justificando a tese, o que decorre do fato de que os gêneros textuais também não são rigidamente estruturados. Trata-se, portanto, de contexto pragmático-discursivo que exerce forte impacto sobre a configuração sintático-semântica da estrutura oracional complexa que constitui o contexto atípico em (8).

A última instanciação a ser analisada neste grupo remonta ao século XVII e apresenta o verbo cognitivo *inferir* na oração matriz.

⁴⁶ Adotamos o tratamento dado pela tradição gramatical normativa para os casos de construções com o pronome apassivador *se*.

Século XVII

- **Sequência argumentativa**

(9) Concorriaõ os Corinthios a commungar juntos como nõs comungamos, & havia entre elles difcordias, & diffenções, pofto que não tam pezadas como as noffas. Soube S. Paulo o que paffava, & diz lhe affim por efcrito: *Convenientibus vobis in Ecclefiam, áudio fciffuras effe inter vos, & ex parte credo; nam oportet harefes effe*: Quando vindes commungar, ouço q ha defunioés entre vos, & em parte o creyo; porque he força q haja herefias. Notáveis confequencias faõ hoje as de S. Paulo. De maneira que porque he força q haja herefias, crê S. Paulo que ha defunioes entre os que comungãõ? E porq há defunioés entre os q cõmungaõ, **dahi inferre, q** he força haver herefias? A hererefia he peccado cõtra a Fé, a defuniaõ he peccado cõtra a caridade. Como chama logo S. Paulo à defuniaõ herefia? Divinamente o Apoftolo. Porque era defunião de homens que cõmungavãõ. A defuniaõ entre os outros homens, he pecado contra a caridade: a defunião entre os q cõmungaõ, he delito contra a Fé, & por iffo herefia.

(BBM – Sermoens. Pde. Antônio Vieira, 1692)

Assim como *concluire*, o verbo *inferir* é transitivo direto e, à semelhança de *concluire* na instanciação (6), seleciona dois argumentos obrigatórios: um sujeito, o sintagma nominal *S. Paulo*, e um objeto direto, o sintagma oracional representado pela oração completiva. *Dahi* se apresenta como articulador de duas porções textuais, inseridas em um contexto de alto teor argumentativo, promovendo a retomada do que foi dito antes no texto e lançando adiante para a oração completiva introduzida pela conjunção integrante *que*.

As prédicas do Padre Antônio Vieira são famosas pelo alto teor de persuasão. Cremos se tratar da instanciação em que percebemos mais claramente os jogos de linguagem da pragmática wittgensteiniana, definidos como “o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada” (Wittgenstein, 1999:30). Em face das motivações do enunciador, um padre incumbido de encaminhar seu rebanho, parece-nos ouvir Vieira falando para uma plateia, numa relação associada ao processo pragmático de intersubjetivação, conforme defendido Traugott (2010a), na construcionalização de elementos procedurais, como conectores e marcadores discursivos. De acordo com o que a autora propõe, vemos nesta instanciação, mais do que nas anteriores, marcas da multifuncionalidade do pronome *daí*, seja como elemento anafórico, atuando na articulação do texto, seja como operador argumentativo, atuando na articulação do discurso. Para Koch (1987:89), os operadores argumentativos são os elementos “responsáveis pela orientação discursiva global dos enunciados que encadeiam, dando ao texto orientação argumentativa, isto é, orientando seu sentido em dada direção”.

Na instanciação (9), verificamos a costumeira sedução discursiva de seu enunciador, que se baseia, primeiro, em uma citação a S. Paulo, argumento de autoridade dos mais fortes

em se tratando de uma obra de cunho religioso; segundo, em questionamentos codificados por frases interrogativas coordenadas, conduzindo, em seguida, o receptor a aderir à sua tese. É possível, na estrutura oracional que acolhe a articulação entre *daí* e *que*, assim como na que a antecede de imediato, observarmos, como parte desse jogo de linguagem persuasivo, uma suposta discordância de Vieira de sua fonte, por meio de questionamentos, estabelecendo entre eles relações de causalidade:

- *porque* he força q haja herefias, *crê* S. Paulo que ha defunioes entre os que comungaõ?
- *porq* há defunioés entre os q cõmungaõ, *dahi infere*, q he força haver herefias?

Trata-se de uma circularidade de raciocínio argumentativo, comum nas relações conclusivas (Pezatti, 2001:91), que se dá em dois movimentos. No primeiro, inicia-se a argumentação com a sentença que indica a causa do questionamento: *porque* he força q haja herefias; em seguida, apresenta-se uma hipotética conclusão: *crê* S. Paulo que ha defunioes entre os que comungaõ?. No segundo, o que era conclusão no questionamento anterior apresenta-se como causa: *porq* há defunioés entre os q cõmungaõ, seguida, por fim, pela suposta conclusão: *dahi infere*, q he força haver herefias?.

Embora o enunciador empregue o conector *porque*, canonicamente relacionado com causa, razão e justificativa, os fragmentos destacados reproduzem questionamentos, de modo que a associação com condicionalidade é inevitável por se tratar de situações hipotéticas. A esse respeito, Azeredo (2000:100) lembra-nos que “[a] fronteira entre causa e condição é (...) indefinida, ficando patente apenas nos pontos extremos”. Ainda segundo Azeredo (2000:101),

[a] condição exprime-se em três graus de hipótese segundo as especificações modotemporais dos verbos: grau mínimo com as formas do indicativo, médio com as formas do futuro do subjuntivo, e máximo com as formas do pretérito imperfeito do subjuntivo.

Nas duas estruturas oracionais que codificam as hipotéticas conclusões de S. Paulo, as orações matrizes apresentam duas formas verbais típicas de ações mentais, cognitivas: *crê* e *infere*, ambas no presente do indicativo, o que nos diz bastante a respeito do grau de crença que o enunciador tem em seus próprios questionamentos: máximo, inversamente proporcional ao grau de hipótese. Na verdade, o enunciador apoia-se totalmente na autoridade daquele em quem busca inspiração a fim de persuadir o interlocutor, de modo que, possivelmente, sua real intenção seja veicular a seguinte mensagem: se é força que haja heresias, é certo que há desuniões entre os que comungam; se há desuniões entre os que comungam, é força haver

heresias. O questionamento serviria para instigar sua audiência, induzindo-a, em primeira instância, a deduzir um possível erro de julgamento de S. Paulo; todavia, para Vieira, S. Paulo, de fato, *crê* em e *infere* o que se codifica nas orações completivas. Por fim, o enunciador traz à tona seu real objetivo e apresenta suas próprias conclusões, sempre com base em sua fonte de informação: *A defuniação entre os outros homens, he pecado contra a caridade: a defuniação entre os q cõmungaõ, he delito contra a Fé, & por iffo herefia*. Desse jogo de linguagem, que prima pelo raciocínio dedutivo, podemos abstrair o seguinte silogismo:

Premissa maior: Heresia é pecado contra a fé.

Premissa menor: Desunião entre homens que comungam é delito contra a fé.

Tese (conclusão): Desunião entre homens que comungam é heresia.

Não é demais ressaltar que tantas manobras linguísticas e discursivas são próprias das sequências argumentativas, especialmente se elas fazem parte de uma obra de teor religioso, como *Sermões*, de Padre Antônio Vieira.

Passamos, agora, à análise das sequências que apresentam a articulação entre *daí* e *que* intermediada pelo verbo *resultar*, único representante do grupo com valor semântico causal.

Século XVIII

- **Sequência argumentativa**

(10) Duas únicas espécies de espíritos há, que se dão pagos de si depois de se julgarem. 1º.) Ingenho super-eminentemente, e tal Ingenho nunca existiu. 2º.) Tolice extrema, que mais que muito entre nós abunda. A impotência em que esta se vê de dar tino do que lhe falta, supre, com efeito a dita falta: e **daí resulta, que** na distribuição da felicidade, não mui mesquinho foi dos tolos o quinhão.

(PrV – Obras Tomo IX Prosa, Filinto Elísio⁴⁷, 1789)

Século XIX

- **Sequência expositiva**

(11) Mas de novo se recorre ao nocivo palliativo, e bem depressa elle dissipa todos esses males. Huma nova vida factícia recomeça, com a differença sòmente de que ella dura menos tempo do que da primeira vez. Precisa-se pois incessantemente approximar as dóses do café, ou tomal-o mais forte, querendo-se que elle continue a reanimar a vida por algumas horas.

⁴⁷ O nome verdadeiro do autor é Francisco Manuel do Nascimento.

Dahi resulta que a constituição do homem sedentário se vai deteriorando cada vez mais. Os males produzidos pelo efeito secundário desta bebida medicinal aumentam-se e lançam raízes tão profundas, que já se não pôde conseguir dissipá-los, mesmo por algumas horas, aproximando e forçando as doses do paliativo.

(BBM – *Os efeitos do café*. Samuel Hahnemann, 1849)

Período contemporâneo

- **Sequência narrativa**

(12) Por isso, nas apagadas cinzas da alma dêsse grande e relapso mundano, espirravam vivarachas ardências de afecto, acendiam-se e crepitavam ternuras súbitas, por essa miudita existência, tam subtilmente alada, tam flébil, tam ténue, tam pouquita coisa, que o mais ligeiro atrito na vida poderia estilhaçá-la. Daí que a adorava té ao inverosímil; daí, desde a mais tenra infância, ele afervorando num desarrôlo enlevado e constante de mimos, atenções, cuidados; ***daí resultava que***, enternecidamente e a cada passo, ao trato egoista de si próprio furtava o Penalva disvelos que ia em alvoróço consumir no amoroso culto da filha. A sua aridez moral de vélho, tam fechada ao exterior, tam avara em carinhos, sómente se expandia e se tornava pródiga perante o desprevenido sonhar dessa criança.

(CP – *O Ângulo Raso*. Fernanda Botelho, 1957)

Nas três instanciações, as estruturas oracionais complexas nas quais *daí* se articula com *que* apresentam o verbo *resultar*, classificado como verbo transitivo indireto, cuja predicação exige dois argumentos: sujeito, codificado pela oração completiva, e objeto indireto, representado por *daí*, na função de complemento verbal, atuando, ainda, como elemento anafórico nos três casos. Uma vez que *resultar* é verbo especializado na expressão de relações de causa e efeito, a seleção de *daí*, nesse contexto, mais uma vez decorre das pressões metonímicas, geradas pelo contexto linguístico, e pragmático-discursivas.

Em (10), o fragmento instanciado não é muito extenso, mas é possível percebermos que se trata de uma avaliação crítica, de teor depreciativo, feita pelo enunciador a respeito de *duas únicas espécies de espírito*. Situação discursiva propícia ao desenvolvimento de uma sequência argumentativa, verificamos, nesse contexto, relações internas à situação comunicativa, no domínio epistêmico: trata-se das representações das impressões particulares do enunciador acerca do *ingenho super-eminente* e da *Tolice extrema*.

O discurso é orientado para a conclusão, codificada na oração completiva, de que os tolos recebem maior quinhão de felicidade, atribuindo ao *daí*, além do papel anafórico, características de operador argumentativo, à semelhança do que vimos na instanciação (9). Novamente, a presença da conjunção *e* antecedendo *daí* indica que o locativo pode sofrer pressões de informatividade e, também nesta instanciação, apresenta comportamento

multifuncional, o que o coloca em uma provável trajetória de construcionalização como conector.

Na instanciação (11), *daí* faz a articulação entre dois parágrafos, ambos com predomínio de sequência expositiva, de forma similar ao que verificamos em (8). Essa estruturação textual significa que a sequência tipológica não é determinante no tipo de articulação promovida pelo *daí*, podendo ser igualmente interfrásica em sequências argumentativas. Apesar de esse tipo de articulação denotar vínculo sintático mínimo entre os fragmentos interligados, verificamos que o vínculo lógico-semântico é forte, já que cada porção textual, anterior e posterior à articulação estabelecida pelo *daí*, expressa, respectivamente, relação de causa – a necessidade de *incessantemente aproximar as doses do café, ou tomal-o mais forte* – e consequência – *a constituição do homem sedentário se vai deteriorando cada vez mais*. Cabe destacar que o *daí* retoma anaforicamente a causa e, juntamente com a forma verbal *resulta*, encaminha a consequência, codificada pela oração subjetiva.

Uma possível justificativa para que o vínculo lógico-semântico seja forte, a despeito do distanciamento sintático, é o fato de, diferentemente do que ocorre na instanciação anterior, haver, em (11), predomínio de eventos externos à língua nas relações articuladas pelo *daí*, próprias das sequências expositivas, especialmente se inseridas em uma obra acadêmica, como a que está em análise. As marcas linguísticas, como verbos predominantemente no modo indicativo, ao mesmo tempo que contribuem para a maior independência sintática, fazem parte de uma exposição coordenada de causas cujas consequências são apresentadas no parágrafo seguinte. Em um contexto no qual se expõe um tema acadêmico, modalizações epistêmicas são menos frequentes, tratando-se, mais, de uma articulação entre eventos factuais, não dependentes com exclusividade, ou predominantemente, da perspectiva do enunciador.

Procedemos, por fim, à última análise referente ao *resultar*, completando o ciclo de predicadores das estruturas oracionais que compõem o contexto atípico.

A forma verbal *resultava*, no pretérito imperfeito do indicativo, está de acordo com a sequência tipológica e com o gênero textual em que se encontra: narrativa e obra de ficção classificada como romance, respectivamente. A recorrência de outras formas verbais no pretérito imperfeito (*espirravam, acendiam, adorava, furtava, ia, expandia* etc.) descortina uma sequência de ações contínuas, mas, um tanto diferente do que vimos nas sequências

narrativas anteriores, estas são todas metaforizadas e, por meio delas, acessamos o perfil psicológico da personagem *Penalva*.

Essa marcação temporal, além de permitir a ordenação de características emocionais da personagem, participa fortemente da coesão e coerência textuais, tanto da porção textual que antecede o uso do *daí* articulado com o *que*, quanto da que o sucede. Ademais, a articulação, por ser intermediada por um verbo causal, como *resultar*, orienta a narração para os efeitos gerados pelos sentimentos apresentados anteriormente. Nesse contexto, a forma verbal *resultava* aponta para um uso intermediário em termos de atitude do enunciador: nem tão subjetiva como em (10), nem tão objetiva como em (11). Por ser uma narrativa em terceira pessoa, a intermediação do narrador é fundamental para que o verbo assumira valores menos subjetivos; por outro lado, a própria natureza da obra não permite que proliferem as objetividades.

Portanto, ao participar desse ambiente linguístico e discursivo-pragmático, *daí* e *que*, assumem todos os traços morfossintáticos e semânticos do contexto atípico em que se inserem, mantendo, paralelamente, o que lhes é intrínseco: o primeiro a anaforicidade, que promove a movimentação textual e mantém a unidade temática, o segundo a introdução da oração completiva, que traz a informação nova e, simultaneamente, encerra o ciclo de causalidade.

Como vimos até aqui, as análises das instanciações de (3) a (12) descortinaram um contexto considerado atípico em virtude de, em cada caso, verificarmos as primeiras possíveis motivações para a construcionalização do conector *daí que*. Caracteriza-se pela distribuição inespecífica dos seus elementos constituintes, isto é, encontramos o pronome locativo *daí* articulado com a conjunção integrante *que* em uma estrutura oracional complexa, mas sem formar ainda um bloco estrutural.

Por fim, no contexto atípico, encontramos, ainda, alguns casos de estrutura oracional complexa que fogem ao padrão daquelas que selecionamos para analisar. Seguem três deles, todos do período contemporâneo, sobre os quais permitimo-nos fazer apenas breves comentários, sem nos aprofundarmos sobre as sequências tipológicas ou gêneros textuais:

Período contemporâneo

- **Sequência expositiva**

(13) Repare que não é bem verdade que as estrelas giram uma em torno da outra. Quer dizer, não é só uma delas que gira, enquanto a outra permanece parada. De fato, as duas dançam em

redor de um ponto situado entre elas. Batizado de centro de gravidade, ele fica mais perto da estrela mais “pesada” (a que tiver maior massa). A mais “leve” fica mais longe e é mais veloz. **Vem daí a impressão de que** uma gira em torno da outra: porque a mais pesada faz um círculo menor e roda mais devagar do que a mais leve.

(PerB – Estrelas. *Revista Superinteressante*, 1996)

- **Sequência narrativa**

(14) Estas discussões e declarações no Rio de Janeiro produziram efeito inesperado em Montevideo e nas cidades do Rio Grande do Sul. Em Montevideo acreditou-se que o deputado Pimenta Bueno excitara o governo brasileiro a proceder contra a Republica Oriental e **d'ahi tirava-se a conclusão de que** o Imperador muito desejava reaver a provincia perdida por seu pai. Era esta uma opinião tão arraigada nas regiões platinas, que nem mesmo os resultados da ultima guerra puderam destruil-a.

(BBM – *A Guerra da Triplice Alliança*. Louis Schneider, 1902)

- **Sequência argumentativa**

(15) É o governo de todos por alguns - mas estes são fornecidos por todos. Outros, porém, dão uma altitude especial à argumentação, encarando a idéia de uma maneira mais original e mais séria. Assim fazendo, confessam que ensarilham as armas ante o sistema geral de seus princípios. Vão mais longe - adotam-no inteiramente ante as duas ciências superiores - Moral e Sociologia - de onde se derivam as noções positivas do dever e do direito. Reconhecem que possui todos os elementos de ordem e que se presta à organização geral da sociedade. **Concluem daí forçosamente - que** é superior a todos. Mas combatem-no porque prevê as anomalias de sua adaptação empírica - aceitam a sua dinâmica - julgam-na inconveniente. É sempre mau fazer-se juízo antecipado.

(CP – Artigos. Euclides da Cunha, s/d)

As estruturas oracionais complexas instanciadas nestes três últimos casos não apresentaram frequência de uso representativa, mas consideramos interessante citá-las, haja vista que essa variação na atipicidade contextual, própria dos estágios iniciais de gramaticalização de contextos, é importante para surgimento do conector *daí que*.

Em (13), a oração matriz apresenta predicação com o verbo *vir*, no entanto, diferentemente do que vimos nas instanciações analisadas anteriormente, o sujeito da forma verbal *vem* encontra-se explícito na oração matriz – *a impressão* –, sendo este o elemento intermediário entre o *daí* e o *que*. Flagramos uma movimentação do *daí*, estando, neste caso, em posição pós-verbal, o que pode se dever à persistência de traços da sua origem adverbial, mas também a pressões pragmático-discursivas que o retiram do foco da frase, forçando-o a um retorno à posição não marcada.

Na instanciação (14), a oração matriz estrutura-se com verbo suporte mais um sintagma nominal que funciona como sujeito: *tirava-se a conclusão*. Chama a atenção o caráter abstrato dos sujeitos desta e do caso instanciado em (13): *impressão* e *conclusão*. Trata-se de dois usos associados a ações mentais, cognitivas, e, tal qual os verbos *vir*, *concluir*, *inferir* e *resultar*, contribuem bastante para os valores sintático-semânticos que *daí* e *que* vão gradativamente adquirindo.

Também com um elemento interveniente entre *daí* e *que* diferente de verbo, a instanciação (15) apresenta, na oração matriz do contexto atípico, um advérbio modalizador epistêmico. Nesta categoria, estão advérbios cuja função, segundo Neves (2000:245), “é asseverar, é marcar uma adesão do falante ao que ele diz, adesão mediada pelo seu saber sobre as coisas”. Muito oportuno para um contexto que se insere em uma sequência argumentativa, na qual há defesa de ideias por parte do enunciador. Possivelmente esse uso adverbial contribua para que os micropassos da mudança dos constituintes da microconstrução *daí que* se deem rumo a valores sintático-semânticos cada vez mais próximos dos conectores em situações pragmático-discursivas nas quais predominem os valores consecutivos e conclusivos. Cabe destacar, no entanto, que essas mudanças não param por aqui, estendem-se e aprofundam-se no próximo tipo de contexto que vamos analisar, o contexto crítico.

5.1.2 Contexto crítico

Assim como o contexto atípico, o crítico é formado por uma oração matriz, de cujo predicado o pronome locativo *daí* faz parte, mais uma oração completiva introduzida pela conjunção integrante *que*. A diferença entre ambos reside, principalmente, na distribuição dos constituintes da oração matriz: no crítico, *daí* encontra-se em posição pós-verbal, situando-se ao lado de *que*, sem qualquer elemento entre um e outro; porém, não descartamos que questões pragmático-discursivas suscitem relações mais ambíguas do que no atípico, possivelmente originando o *chunk* formado por *daí* e *que*. No que diz respeito à predicação verbal, o predomínio é dos verbos transitivos diretos e indiretos; diferentemente do que acontece no contexto atípico, os transitivos relativos são menos representativos.

Nos 69 contextos críticos, foram identificados 16 verbos e locuções diferentes, dentre os quais *concluir*, *resultar*, *inferir*, *seguir-se*, *decorrer* e *deduzir*. Mantemos a estratégia de otimização das análises, por isso optamos pelos verbos cujos valores semânticos se mostram

mais recorrentes nos achados relacionados ao contexto em foco. O processo de categorização e o critério de seleção são os mesmos do estudo de casos anterior, a diferença residindo no mínimo de ocorrências, duas, para constarem na listagem dos grupos, ficando, dessa forma, coerente com o percentual de inclusão nos grupos do contexto atípico.

Valor semântico dos verbos:

a) transferenciais – implicam uma mudança de uma fonte ou origem para uma meta ou destino:

- SEGUIR-SE: 11 ocorrências, distribuídas por todas as sincronias;
- vir: 4 ocorrências, distribuídas no século XVII e no período contemporâneo;
- ir: 2 ocorrências no período contemporâneo;

b) cognitivos – indicam o processo mental de percepção, memória, juízo e/ou raciocínio:

- CONCLUIR: 12 ocorrências entre o século XIX e o período contemporâneo;
- deduzir: 6 ocorrências entre o século XIX e o período contemporâneo;
- inferir: 2 ocorrências entre o século XIX e o período contemporâneo;

c) causais – expressam uma relação de causa e efeito entre dois elementos do domínio do verbo, a qual é vista tipicamente como um acontecimento:

- RESULTAR: 13 ocorrências distribuídas entre o século XVIII e o período contemporâneo;
- decorrer: 9 ocorrências entre o século XIX e o período contemporâneo.

O desenvolvimento das análises igualmente obedece ao critério instituído para os casos anteriores, de forma que as instanciações de contexto crítico foram selecionadas considerando-se o verbo prototípico de cada grupo. Mais uma vez, o valor semântico cognitivo precisa contar com a análise de dois verbos: *concluir* e, de forma complementar, *deduzir*. Mantemos como critério iniciar a apresentação dos casos pela sincronia mais antiga na qual encontramos os verbos selecionados. Alertamos que nem sempre encontramos contexto crítico em todas as sequências tipológicas ou em todos os séculos.

Começamos pelas instanciações que apresentam as formas verbais relativas a *seguir-se* na oração matriz da estrutura oracional complexa.

Século XVII

- **Sequência expositiva**

(16) Nas armadas, e frotas defta Coroa fucedem cafos notáveis de grandiffimas perdas, por furtarem, ou pouparem ninherias. Parece que não vay nada em prover de vafilhas, para os

Soldados tomarem fuas raçoens de água, e mantimentos; e **fegue-fe *dahi, que*** por não terem, em que guardem a água, quando fe reparte, haõ de bebella, ou vertella a deshoras: comem depois o toucinho falgado, e mal afiado em efpeto, que fazem dos arcos das pipas , e ficão eftalando á fede.

(BBM – *A arte de furtar*⁴⁸. Manuel da Costa, 1652)

Século XVIII

- **Sequência narrativa**

(17) Temo que este homem é um daqueles que hao-de morrer queimados em algum dos incêndios naturais e interiores que se têm observado em muitas pessoas, que cometeram no uso do vinho os seus excessos. O que ele me fez beber quinta-feira é vinho que ainda me dura e, como V. A. legislou naquela ocasio que as saúdes se haviam de jazer em roda com a mesma quantidade e com a mesma qualidade de vinho com que o barao as principiasse, **seguiu-se *daí que*** satisfiz por força e por política às ordens que nem por serem de V. A. deixaram para mim de ser tiranas.

(CP – Cartas familiares, Francisco Xavier de Oliveira, 1736)

Período contemporâneo

- **Sequência argumentativa**

(18) O que define uma ciência não é o objeto que ela considera, é o ponto de vista em que ela o considera. Se se propõe definir uma ciência pelo seu objeto, é preciso dizer-se que esse objeto não é tal qual existe nas coisas, mas tal qual ele é para a ciência. A ciência vem a ser, portanto, um ponto de vista sobre as coisas. **Segue-se, *daí, que***, sendo as ciências extensivas sobre as coisas, a filosofia a bom título pode constituir um conhecimento, constituindo como que um resíduo, que se vai alterando sem cessar, para se perder finalmente no sistema de ciências.

(CP – *Diário Íntimo*. Lima Barreto, 1953)

Nas instanciações de (16) a (18), as formas verbais *segue-se* e *seguiu-se* são empregadas em três sequências tipológicas diferentes. Em nossos dados, *seguir-se* é verbo transitivo relativo pronominal, não tendo ocorrido sem o pronome *se*; assim como *vir*, expressa, canonicamente, deslocamento espacial físico, porém todos os usos estão abstratizados, indicando movimento textual. Por outro lado, diferentemente de *vir*, *seguir* não indica a origem do movimento, tarefa que é executada exclusivamente pelo *daí*, em face de esta microconstrução ter, em sua formação, a preposição *de*, elemento que, semanticamente, faz essa indicação. Esses traços morfossemânticos exercem pressão de informatividade sobre

⁴⁸ Arte de furtar, espelho de enganos, teatro de verdades, mostrador de horas minguadas, gazua geral dos Reynos de Portugal. Offerecida a el rey Nosso Senhor D. João IV. para que a emende. Composta pelo padre Antonio Vieyra, zelozo da Patria. Vieira, Antônio, 1608-1697 (Amsterdam: Na Officina Elvizeriana, 1652). Há controvérsias sobre a autoria da obra, hoje predominantemente atribuída a Manuel da Costa (1601-1667).

o pronome locativo, de modo que, em todas as três instanciações, *daí* é argumento do verbo. Juntos, participam do processo de coesão textual, retomando, anaforicamente, a porção textual anterior, promovendo, por meio da oração completiva, a continuidade do texto.

Em (16), há predomínio de ações no presente e no infinitivo, em conformidade com as características da sequência tipológica expositiva. Nesta, as estruturas sintáticas complexas também se devem a pressões pragmático-discursivas próprias de um contexto no qual se veiculam causas e consequências. Podemos confirmar essa relação por meio das porções textuais articuladas pelo conjunto *segue-se dahi, que*:

Causa:

- Parece que não vay nada em prover de vafilhas, para os Soldados tomarem fuas raçoens de água, e mantimentos;

Consequência:

- por não terem, em que guardem a água, quando fe reparte, haõ de bebella, ou vertella a deshoras: (...)

O principal objetivo de se veicularem informações por meio dessa tipologia, ainda mais se inserida em um gênero textual como o tratado, caso da instanciação em análise, é a apresentação de situações ou fatos de forma didática, sem que se destaque a atitude do enunciador. Todavia, as sutilezas das escolhas lexicais e, principalmente, o tema da sequência – o fato de soldados não terem vasilhas para suas rações de água e de mantimentos – denunciam, de forma subliminar, a perspectiva crítica do enunciador. Como já discutimos anteriormente, as sequências tipológicas e os gêneros textuais são estruturas flexíveis, devendo ser compreendidas em termos de predominância de seus traços mais marcantes. *Arte de furtar* é obra na qual se desfilam ironias, cujo enunciador, na verdade, apresenta as numerosas formas de roubo e as múltiplas espécies de ladrões, porém opta por um discurso supostamente de cunho didático, intrínseco aos tratados.

É nesse universo de práticas discursivas ambíguas que flagramos o uso de *daí* articulado, lado a lado, com a conjunção integrante *que*. O enunciador se situa entre uma atitude forjada de distanciamento e uma real perspectiva crítica diante de um fato.

Em (17), a sequência narrativa faz parte de uma carta, gênero no qual, em virtude da distância física entre os interlocutores, comumente se relatam acontecimentos vividos pelo enunciador. No fragmento que antecede a oração matriz, as orações são complexas, havendo predomínio de usos verbais nas formas pretéritas – *fez, legislou, haviam, principiasse* –, além de marcação de tempo por meio de advérbios – *quinta-feira e naquela ocasião*. Ao retomar os

eventos narrados anteriormente, *daí* promove, em associação com as formas verbais pretéritas e os elementos adverbiais, a coesão e a coerência textuais.

Destaque-se, no entanto, que não se trata de um simples desfilar de eventos passados. A categoria tempo tem papel crucial, também, na relação de causalidade estabelecida entre a porção anterior e a posterior à articulação de *daí* com *que*, uma vez que, nas relações externas à língua, as causas antecedem as consequências. Nesse contexto, ambos os elementos articulados participam de uma prática discursiva na qual a veiculação da causa:

- como V. A. legislou naquela ocasião que as saúdes se haviam de fazer em roda com a mesma quantidade e com a mesma qualidade de vinho com que o barão as principiase

é retomada pelo pronome locativo *daí* com o objetivo de manter a atenção do interlocutor voltada para a consequência, introduzida pela conjunção integrante *que*:

- satisfiz por força e por política às ordens que nem por serem de V. A. deixaram para mim de ser tiranas.

Portanto, na instanciação (17), verificamos o uso de *daí* articulado com o *que* a serviço da expressão tanto de uma sequencialidade de eventos no plano temporal, quanto da relação lógica de causa e efeito, ambiguidade comum às sequências narrativas e aos gêneros textuais nos quais estas predominam.

No caso apresentado em (18), a estrutura oracional complexa faz parte de uma sequência argumentativa. Nesta, desenvolve-se raciocínio argumentativo, ao longo do qual o enunciador claramente expõe seu ponto de vista sobre o tema em discussão, sendo observadas, nos fragmentos que circundam o contexto crítico, marcas claras de sua atitude epistêmica, que oscilam entre a asseveração: *é preciso dizer-se*, e um discurso mais modalizado: *pode constituir*. Esse traço de forte subjetividade se deve, ainda, à natureza da obra, classificada como diário e, mesmo que esta não siga os moldes tradicionais desse gênero textual, nela são registradas as impressões do enunciador.

Assim como nas instancias anteriores, verificamos o pronome locativo *daí* e a conjunção integrante *que*, posicionados lado a lado, fazendo parte de um contexto linguístico e situacional que se destaca pela relação de causalidade entre as proposições. No entanto, no caso em foco, essa relação não aponta para uma consequência factual, como vimos na instanciação (17), por exemplo, mas, sim, para o resultado de uma ação cognitiva: a conclusão, que vem expressa na oração completiva.

A seguir, passamos à análise das estruturas oracionais complexas que apresentam o verbo *concluir* na oração matriz. Por não termos, no contexto crítico, registro de uso desse

verbo em sequência narrativa, complementamos as interpretações com o verbo *deduzir*, que também pertence ao grupo de valor semântico cognitivo.

Século XIX

- **Sequência argumentativa**

(19) Em quanto solicitava esta mercê, o supplicante não fazia questão, e até mesmo se compromettia a desistir de ordenados atrasados, correspondentes ao tempo em que permanecera demitido, como consta de alguns dos seus requerimentos e memoriaes.

Obtida, porém, a mercê, requer agora o supplicante o pagamento do que deveria ter vencido desde o dia de sua demissão até o da sua aposentadoria, fundando esta sua pretensão em ter sido revogado o decreto de 6 de Julho que o demittira pelo decreto de 9 de Setembro que o aposentara; e **concluindo dahi, que**, reintegrado como foi no lugar de thesoureiro, deve ter direito ao respectivo vencimento.

(BBM – Imperiaes Resoluções⁴⁹, vol. 4, 1871)

Período contemporâneo

- **Sequência expositiva**

(20) O que diariamente se passa às nossas vistas pode colocar-nos na pista do que se passou na origem dos tempos, porquanto as leis da Natureza não variam.

Visto que são os mesmos os elementos constitutivos dos seres orgânicos e inorgânicos; que os sabemos a formar incessantemente, em dadas circunstâncias, as pedras, as plantas e os frutos, podemos **concluir daí que** os corpos dos primeiros seres vivos se formaram, como as primeiras pedras, pela reunião das moléculas elementares, em virtude da lei de afinidade, à medida que as condições da vitalidade do globo foram propícias a esta ou àquela espécie.

(DP – *A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Allan Kardec, trad. Guillon Ribeiro, 1944)

Muito do perfil sintático-semântico do verbo *concluir* foi apresentado nas análises do contexto atípico e, basicamente, não verificamos, no contexto crítico, diferença nesse aspecto; novamente se destaca por ser o verbo que mais apresenta variação morfossintática, sendo empregado, nas instâncias (19) e (20), respectivamente, no gerúndio, *concluindo*, ou no infinitivo, como núcleo da locução verbal *podemos concluir*. Portanto, procuramos olhar, de forma mais acurada, as questões de ordem pragmático-discursivas, especialmente as que geram ambiguidades, marca principal do contexto em foco.

⁴⁹ Imperiaes Resoluções do Conselho de Estado na Seção de Fazenda: desde o ano em que começou a funcionar o mesmo Conselho até o presente. Anos de 1856-1860 (Volume 4) Brasil. Conselho de Estado. Seção de Fazenda (Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1871).

Na instanciação (19), encontramos o desenvolvimento de um raciocínio argumentativo próprio de textos jurídicos. O enunciador, provavelmente um juiz ou advogado, fala em nome de um *supplicante*, expondo o direito deste a uma *mercê*. Trata-se de uma sequência muito próxima da expositiva, por verificarmos, em face do gênero textual, certa objetividade na apresentação inicial dos fatos; entretanto, na porção textual que antecede a oração matriz, sobressai o argumento a favor do *supplicante*: *ter sido revogado o decreto de 6 de Julho que o demitira pelo decreto de 9 de Setembro que o aposentara*. Ademais, *dahi* participa de uma circularidade comum ao raciocínio argumentativo: no trecho que antecede o uso do locativo, a sentença *requer agora o supplicante o pagamento do que deveria ter vencido* aponta para a posterior conclusão do raciocínio, ideia que é apresentada novamente na oração completiva, de forma um pouco modificada: *deve ter direito ao respectivo vencimento*. Fecha-se, assim, o círculo argumentativo.

A proximidade entre as sequências expositiva e argumentativa foi alvo de observações anteriores, mas, no contexto crítico, assume especial relevância, em vista de este ser um ambiente linguístico no qual as implicaturas pragmático-discursivas e as consequentes ambiguidades promovem mudanças na superfície textual, como a colocação de *dahi* ao lado de *que*. Com relação ao uso de vírgula entre eles, reiteramos o que dissemos anteriormente: especular sobre essa pontuação, que pode se dever, inclusive, um deslize, não só se mostra pouco produtivo para as análises, como também foge ao escopo desta pesquisa, visto que os sinais de pontuação reproduzem pausas e entonações da fala, e nossos dados são retirados de textos escritos.

Uma implicatura comum ao discurso jurídico é a veiculada pela modalização deôntica, como a que verificamos no predicado *deve ter direito*, expresso na conclusão. Normalmente, esse tipo de relação modal está condicionado a um enunciador que exerce maior controle sobre o que é necessário. Trata-se, conforme Neves (2010:174), de uma “obrigação material, externa, ditada por imposição de circunstâncias externas”. Todavia, no fragmento, a conclusão não é veiculada como sendo do enunciador, mas, sim, de quem ele representa ou sobre quem fala. Deparamo-nos, então, com mais uma ambiguidade: o enunciador expõe, simplesmente, o que *requer agora o supplicante*, ou, na qualidade de representante legal do requerente, apenas mascara um distanciamento, que, na verdade, não passa de estratégia argumentativa? Seria o enunciador capaz de controlar o que pensa e conclui o *supplicante*, como se fora um narrador onisciente? Podemos estar diante do traço de outra tipologia textual, a narrativa, haja vista que o argumento apresentado se baseia em fato passado: *ter sido revogado o decreto de 6 de Julho*

que o demitira pelo decreto de 9 de setembro que o aposentara. Essas questões podem estar associadas, ainda, ao próprio ato cognitivo de *concluir*, pessoal e intransferível, que, em casos como esse, gera mais de uma possibilidade de leitura.

A instanciação não é o bastante para esclarecer a dúvida, pois se trata de intencionalidade não codificada linguisticamente nela, entretanto o fato é que estamos lidando com ambiguidades pragmático-discursivas e semânticas, sendo estas absorvidas pelo *dahi, que*. A colocação de ambos os elementos lado a lado denuncia opacidade estrutural, isto é, ambos os elementos mantêm suas propriedades gramaticais intrínsecas, ainda são analisáveis separadamente, suas fronteiras ainda estão delimitadas – *daí* pertence à oração matriz e *que* introduz a oração completiva –, todavia, estando estruturalmente juntos em usos frequentes, permitem que os usuários os interpretem como uma unidade.

Na instanciação (20), encontramos a oração complexa inserida em uma sequência expositiva. O reconhecimento dessa tipologia para essa instanciação se dá pelo predomínio de determinados traços característicos de uma exposição, como um enunciador que se coloca na perspectiva do conhecer, abstraindo tempo e espaço. Flagramos essa particularidade especialmente nos dois trechos que circundam a oração matriz, na qual *daí* está articulado com *que*. Entretanto, não coincidentemente, registramos outra ocorrência de modalização, mas, dessa vez, epistêmica, por meio do auxiliar modal *podemos*, na oração matriz. Por meio da flexão desinencial de primeira pessoa do plural *-mos*, verificamos tratar-se de um enunciador que se assume como uma das fontes, ou a fonte, do conhecimento, ao mesmo tempo que modaliza o nível desse conhecimento, que se situa mais no âmbito da crença do que no da ciência. Corrobora esta interpretação o gênero textual de onde o fragmento foi retirado, uma obra sobre o espiritismo, que se destaca pelo discurso religioso.

Como se pode observar, recorrentemente, o contexto crítico apresenta subjetividades construídas pelo enunciador que dão ao interlocutor diferentes possibilidades de interpretação. Em (19) e (20), os dois usos de *concluir* seguido pelo *daí* ao lado de *que*, embora em sequências tipológicas, em tese, distintas, entremeiam-se, sendo possível reconhecer, no primeiro, traços da tipologia expositiva, pela presença de um enunciador que exerce menos controle, que está mais distanciado do ato de concluir, apesar da modalidade deôntica; no segundo, são perceptíveis traços da argumentação, apresentando um enunciador mais subjetivo, que tem maior controle do seu discurso, apesar da modalidade epistêmica.

Passamos à última análise deste grupo, apresentando um caso com o verbo *deduzir*.

Período contemporâneo

- **Sequência narrativa**

(21) adorada por Hitler, o que se viu foi um show alucinante em que elementos históricos do cinema alemão foram realizados em todas as suas virtudes em *O Triunfo da Vontade*. Nas palavras de Riefenstahl, citadas por Kracauer, no comentário que dedica à sua obra, “Os preparativos para o congresso do partido foram feitos em conexão com os preparativos para o trabalho de câmera”. Rapidamente Kracauer **deduz daí que** o filme foi planejado como sendo não apenas uma “espetacular reunião de massa, mas também como um espetacular filme de propaganda”.

(CP – Imagem-movimento⁵⁰. Tese de doutorado. Mauro L. Rovai, 2001)

Seguindo a mesma predicação de *concluir* nas instanciações anteriores, a forma verbal *deduz* tem dois argumentos: o sujeito *Kracauer* e o objeto direto codificado pela oração completiva. Em (21), predomina a sequência narrativa, identificada em duas instâncias: nas palavras do próprio enunciador e em uma citação literal. É nesta segunda que se encontra a porção textual retomada pelo *daí*, de modo que, além de a dedução não ser diretamente do enunciador, o locativo faz a remissão de palavras que não são dele. Porém, não há indícios no fragmento instanciado que comprovem como sendo, de fato, de *Kracauer* a ação de deduzir. São tantas estratégias discursivas, diretas e indiretas, que não descartamos a possibilidade de o enunciador partilhar dessa dedução atribuída a outro.

Chama atenção o uso do presente do indicativo da forma *deduz*, não obstante se tratar de sequência narrativa. Mais uma vez entramos na seara das ambiguidades próprias do contexto crítico. Assim como *concluir* ou *inferir*, *deduzir* é verbo comumente empregado na expressão de raciocínio argumentativo, no qual predominam formas verbais no presente. Com efeito, a primeira instância da narrativa é um argumento:

- Os preparativos para o congresso do partido foram feitos em conexão com os preparativos para o trabalho de câmera,

o qual, após ser retomado anaforicamente pelo *daí*, conduz à dedução, expressa na segunda instância narrativa:

- o filme foi planejado como sendo não apenas uma “espetacular reunião de massa, mas também como um espetacular filme de propaganda”.

Ao final da análise do grupo de verbos cognitivos, observamos que são os que mais frequentemente apresentam sujeito na oração matriz, com uma especial característica: traço [+

⁵⁰ O título completo da tese é *Imagem-movimento, imagens de tempo e os afetos “alegres” no filme o triunfo da vontade, de Leni Riefenstahl: um estudo de sociologia e cinema*.

humano]. Uma justificativa para esse achado pode ser o fato de que raciocinar, principalmente para a defesa de pontos de vista, é competência e habilidade humanas. Não perdemos de vista, entretanto, que, em dois dos casos instanciados, (19) e (21), a ação cognitiva foi atribuída a terceiros, não ao enunciador. A esse respeito, reforçamos o que já defendemos anteriormente: podemos estar lidando com um enunciador onisciente, que controla o que pensa o ser reportado, não sendo fator determinante a sequência tipológica.

As instanciações que seguem encerram a análise dos casos selecionados. O verbo *resultar* é o representante do último grupo.

Século XIX

- **Sequência expositiva**

(22) No meu entender, o governo imperial concedendo ao banco a faculdade de elevar a sua emissão normal ao triplo do fundo disponível, com expressa exclusão da emissão adicional, autorizada pelo art. 18 dos estatutos, não considerou por certo a referida cláusula como uma restrição absoluta (...) de modo que a cláusula do art. 18, relativa á emissão adicional, sendo interpretada como convém, deverá accomodar-se á ambos aquellos limites da emissão normal, isto é, prescrevendo que a emissão adicional nunca exceda tanto na hypothese do duplo, como na outra do triplo a importância do fundo disponível, **resultando dahi, que** as duas emissões tomadas juntamente, ou, por outros termos, que a emissão circulante representará, no seu máximo valor, o triplo, ou quádruplo do fundo disponível.

(BBM – Imperiaes Resoluções⁵¹, vol. 5, 1871)

Período contemporâneo

- **Sequência argumentativa**

(23) Os bens ou os males da educação são de tal modo confundidos uns com outros, que é impossível dizer claramente onde uma educação trouxe um proveito, onde ella trouxe um desastre. (...)

(...) Demais, na própria educação que se nos ministra, e que não passa de um *Chemowitz* moral e elegante, com formulas e receitas para as abstracções da vida, há um principio altamente positivo para agir como escudo e máscara no convívio das gentes, e vem a ser este aphorismo machiavelico: “a ninguém confesses a tua fraqueza”. **Resulta d'ahi que**, tudo quanto confessamos, deve ser forçosamente o inverso daquillo que não confessamos; a verdade sobre os factos está com o segredo, e o segredo é a miséria, a vergonha, a ruina, a gangrena.

(BBM – *A educação negativa*. Periódico Floreal⁵², Domingos R. Filho, 1907)

⁵¹ Imperiaes Resoluções do Conselho de Estado na Seção de Fazenda: desde o ano em que começou a funcionar o mesmo Conselho até o presente. Anos de 1861-1865 (Volume 5) Brasil. Conselho de Estado. Seção de Fazenda (Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1871).

- **Sequência narrativa**

(24) A Ditadura de Vargas e a retórica de Segurança Nacional trouxeram à tona a preocupação com a defesa das fronteiras nacionais. Sobre essa questão, a Constituição de 37, em seu artigo 6º, previa a criação de territórios como interesse da defesa nacional, reflexo da instabilidade política internacional que já prenunciava a 2ª Guerra Mundial, com a ascensão do nazismo. (...) “Além disso, o Brasil deveria acautelar-se em relação à Argentina que, à época, mostrava-se belicosa e melhor armada que o Brasil, e em relação à França, que levantava reivindicações sobre terras do Amapá” (*O Estado de São Paulo*, 27/05/1959).

Resultou daí que, em 1941, o “Presidente Getúlio Vargas erigiu em território federal o arquipélago de Fernando de Noronha, até então sob a jurisdição do Estado de Pernambuco, e lhe organizou o governo sob a dependência direta da União” (*O Popular*, 28/09/1943).

(DP – *O discurso autonomista do Tocantins*. Maria do E. S. R. Cavalcante, 2003)

Consideramos *resultar* o verbo que representa de forma mais clara as relações que vimos observando e descrevendo desde o início das análises: causa e efeito/consequência. Se no contexto atípico foi, do trio de valores semânticos, o que teve menor frequência de uso, no crítico esse percentual se inverte, sendo o que ocorreu mais vezes. Não observamos mudança quanto à predicação: é verbo transitivo indireto, que seleciona dois argumentos, sujeito, codificado pela oração matriz, e objeto indireto, codificado pelo locativo *daí*. Reconhecido o perfil morfossintático e semântico, passamos ao escrutínio das instanciações no que diz respeito mais diretamente às inferências sugeridas pelo contexto, motivadoras das mudanças que temos verificado na superfície da estrutura oracional complexa, o *chunk* formado por *daí* e *que*.

No fragmento instanciado em (22), a estrutura oracional complexa que compõe o contexto crítico está inserida em uma sequência predominantemente expositiva; contudo o trecho é formado por uma única longa frase, cujo início é claramente argumentativo, marcado pela atitude epistêmica do enunciador – *No meu entender* –, ao apresentar sua avaliação sobre ações governamentais. Na segunda metade da instanciação, a expressão explicativa *isto é* introduz orientação, de forma didática, sobre normas relacionadas ao tema em discussão. É nessa porção textual que encontramos o pronome locativo *daí* articulado com a conjunção integrante *que*, envolvidos na expressão de resultado, decorrente daquilo que o enunciador apresentou, anteriormente, como prescrição.

Portanto, confirmando o que vimos ocorrer em contextos críticos anteriores, *daí* e *que* estão imersos em universo linguístico caracterizado por ambiguidades semânticas e

⁵² Periódico Floreal: publicação bimensal de crítica e literatura, ano 1, n. 3, 12 nov. 1907. (Rio de Janeiro: Typ. da Revista dos Tribunaes, 1907).

estruturais. Se fizermos um movimento de retrocesso no texto, *daí* retoma o fragmento anterior predominantemente expositivo; este, por sua vez, introduzido por *isto é*, à semelhança dos conectores, retoma o fragmento argumentativo. Esse jogo articulatório do qual *daí* e *que* fazem parte estabelece, até certo ponto, relação de igualdade entre o que se argumentou e o que se explicou. Some-se a isso o fato de que as marcas linguísticas de ambas as tipologias textuais são semelhantes: predomínio de verbos no presente e estruturas complexas; a diferença é que, na argumentação, verificamos pressuposições, inferências e modalização epistêmica do enunciador:

- No meu entender, o governo imperial (...) não considerou por certo,

ao passo que, na exposição, o enunciador se distancia e apresenta objetivamente a causa:

- prescrevendo que a emissão adicional nunca exceda tanto na *hypothese* do duplo, como na outra do triplo a importância do fundo disponível,

e a consequência, ou melhor, resultado, relativos às ações do *governo imperial*:

- as duas emissões tomadas juntamente, ou, por outros termos, que a emissão circulante representará, no seu máximo valor, o triplo, ou quádruplo do fundo disponível.

Em (23), não observamos o mesmo jogo articulatório da instanciação anterior, pois em todo o fragmento predomina a sequência argumentativa. Embora, nessa tipologia, mais frequentemente encontremos predomínio da modalidade epistêmica (Neves, 2010:186), no caso em questão a defesa de ideias parte de um enunciador que se posiciona de forma mais incisiva sobre o tema debatido, sendo, por vezes, até irônico – *não passa de um Chemowitz moral e elegante, com formulas e receitas para as abstrações da vida*.

Assim, a modalidade deôntica se destaca na fala de um enunciador que procura controlar o interlocutor, quando, por meio de uma citação, ordena, ou numa leitura mais suavizada, orienta: *a ninguém confesses tua fraqueza*, e, mais adiante, faz uso do verbo modal *deve*, reforçado, ainda, por um advérbio modalizador, *forçosamente*, ambos expressando obrigatoriedade. Esse é o cenário que acolhe a semântica de resultado expressa pelo verbo da oração matriz, *Resulta*. Tal significação deôntica emerge de um contexto discursivo-pragmático próprio dos artigos de opinião/crônicas argumentativas, gênero que provê o enunciador de maior liberdade para expressar clara e marcadamente seu ponto de vista, do que o gênero jurídico ou a sequência expositiva, como vimos na instanciação anterior.

Vale lembrar que textos de opinião se destacam pela apresentação de argumentos na defesa de uma tese. Na instanciação em análise, a porção textual retomada pelo locativo *d'ahi* apresenta o argumento, traduzido pelo *aphorismo machiavelico*: *a ninguém confesses a tua*

fraqueza; a tese vem expressa na oração completiva, introduzida pela conjunção *que*: *tudo quanto confessamos, deve ser forçosamente o inverso daquilo que não confessamos*; (...). Como em todos os casos anteriores, identificamos relação de causalidade entre essas duas porções textuais, respectivamente, anterior e posterior ao uso de *d'ahi* articulado como *que*; todavia, nesta instanciação em especial, essa relação não se dá entre duas proposições: na porção retomada pelo locativo, a causa se apresenta sintetizada pela citação de uma orientação. Trata-se de um “proferimento performativo”⁵³ (Austin, 1990:93), isto é, um enunciado que realiza o ato que está sendo enunciado, no caso, orientar, verificável gramaticalmente pelo modo verbal no imperativo: *a ninguém confesse*. Em seguida, o enunciador se utiliza da força ilocucionária dessa orientação para encaminhar sua tese, uma declaração na qual verificamos intenção de influenciar ou persuadir o interlocutor a agir como deseja, configurando o que Austin (1990:93) chama de ato perlocucionário, o qual “pode incluir o que, de certo modo, são consequências (...). Sempre introduzimos nesse caso uma gama maior ou menor de ‘consequências’”. De fato, a tese apresentada pelo enunciador da instanciação (23) é a consequência, ou resultado, esperado de sua orientação.

Esse sumário resgate de alguns princípios da Teoria dos Atos de Fala segundo Austin (1990) comprova a importância que temos atribuído às motivações discursivo-pragmáticas, entre elas a (inter)subjetificação, para os usos linguísticos e para as codificações tanto de declarações, quanto de intenções. Relembramos o que preconiza Traugott (2010a) a esse respeito: em casos de subjetificação, os significados são recrutados pelo enunciador para codificar e indexar sua atitude ou ponto de vista; em se tratando de intersubjetificação, os significados são recrutados pelo enunciador para codificar e indexar sua relação e atenção para com o receptor.

Com efeito, tantas inferências sugeridas resultam, entre as duas porções textuais, em elo estrutural mais frouxo do que verificamos nos casos em que a relação se dá entre eventos mais factuais, de maior vínculo semântico. Essa característica sintática se reflete na superfície textual, haja vista a posição interfrásica do *d'ahi* e o emprego de verbos no modo indicativo na oração completiva.

⁵³ Segundo Austin (1990), precursor da Teoria dos Atos de Fala, quando falamos, não fazemos apenas declarações, mas praticamos atos, como ordenar, perguntar, pedir, lamentar, julgar etc. Para o autor, dizer algo equivale a executar três atos simultâneos: o ato locutório, centrado no nível fonético, sintático e de referência; o ilocutório, que tem força performativa, associado ao modo de dizer algo e ao modo como esse dizer é recebido; e o perlocutório, correspondente à indicação dos efeitos causados sobre o interlocutor, servindo para influenciá-lo ou persuadi-lo.

Na instanciamento (24), assim como na anterior, flagramos *daí* e *que* articulando duas porções textuais cujo elo estrutural é mais frouxo do que o identificado em (22): novamente, a retomada da porção textual anterior é executada pelo locativo *daí* na posição interfrásica. As relações, porém, são outras, uma vez que no fragmento instanciado em (24) predomina a sequência narrativa, que se caracteriza pela ordenação de eventos no tempo, com uso de verbos no passado (*trouxeram, denunciava, erigiu, organizou* etc.): os anteriores são eventos-causa; os posteriores, eventos-consequência. Embora o elo estrutural seja mais frouxo, como em (23), o vínculo semântico é mais fortemente articulado, como em (22).

Por se tratar de situações externas à língua, mais factuais, observamos menor incidência de modalização epistêmica ou deôntica, mas isso não significa que estejamos diante de um enunciador menos comprometido com o seu dizer, o que está de acordo com o gênero textual da obra da qual a sequência narrativa foi retirada, um estudo acadêmico. Some-se a isso o fato de que o discurso do enunciador se desenvolve com o objetivo de avaliar outro discurso, explícito no título do livro: *O discurso autonomista do Tocantins*. Nesse cenário discursivo-pragmático, o vínculo causa-consequência entre as porções textuais articuladas pelo *daí* confere argumentatividade à instanciamento, na qual o uso de citações literais, retiradas de periódicos – *O Estado de São Paulo* e *O Popular* – são formas de fundamentar o que se apresenta, logo no início da instanciamento, como tese: *A Ditadura de Vargas e a retórica de Segurança Nacional trouxeram à tona a preocupação com a defesa das fronteiras nacionais*.

Por fim, como apontamos na análise da tabela 2, encontramos apenas uma sequência injuntiva nos contextos iniciais, especificamente no contexto crítico. Passamos, a seguir, para sua apresentação e alguns breves comentários.

Século XVIII

- **Sequência injuntiva**

(25) À maneira das Abelhas, diz Horácio, que com grandíssimo cansaço vão pesquisando pela floresta, e pelas abas dos ribeiros, as recedentes flores, vou eu os versos meus tecendo. (1) **Entendamos *daí, que*** do estudo que à Filosofia dera, espremia o puro mel da sua poesia.

(PrV – Obras Tomo IX Prosa, Filinto Elísio, 1789)

Ainda que a sequência injuntiva não constitua tipologia favorável ao uso do *daí* articulado com o *que* em estrutura oracional complexa, nessa instanciamento verificamos cenário compatível com os que analisamos até aqui. Na oração matriz, é empregado um verbo com

valor semântico cognitivo, no modo imperativo, sendo esse caráter modal o que se tem de mais evidente da injunção. O enunciador, empenhado em incitar o interlocutor a executar uma ação, também se insere na ação verbal, marcada pela desinência de primeira pessoa do plural, *–mos*, modalizando o que se pode entender como um convite ou sugestão. O fato de a porção textual retomada pelo *daí* ser uma sequência expositiva suscita a relação de causalidade, própria das exposições, sem contar que a injunção nos permite subentender que, se a sugestão não for seguida, poderá haver consequências.

Portanto, é essa diversidade de fatores pragmático-discursivos que possibilita o uso da injunção no contexto crítico, mesmo não sendo esta tipologia facilmente encontrada na rota de evolução do *daí que*.

Encerramos, aqui, a análise do contexto crítico, mas, antes de prosseguirmos para o contexto de isolamento, gostaríamos de pontuar, e, por vezes, retomar, algumas das observações anteriores a respeito dos dois contextos iniciais.

Ao longo das análises dos contextos atípico e crítico, apresentamos questões relevantes para a demonstração das mudanças construcionais que afetam gradativamente os dois constituintes do conector lógico-argumentativo *daí que*. Nos dois contextos, verificamos que *daí* e *que* mantêm sua composicionalidade, tendo, cada um, preservadas suas propriedades morfossintáticas, mas estão inseridos em ambientes semânticos e pragmático-discursivos nos quais predominam relações de causa-consequência, factuais ou não; argumentatividade; modalizações e (inter)subjeficações, sofrendo pressão de informatividade.

A seguir, apresentamos algumas das micromudanças observadas, estabelecendo comparação entre os dois contextos.

5.1.3 Micropassos da mudança: análise comparativa dos contextos atípico e crítico

Esta subseção tem como objetivo reorganizar e sintetizar as análises a respeito de cada um dos estágios das mudanças flagradas na construcionalização do conector lógico-argumentativo *daí que*. Para esta apresentação, definimos quatro parâmetros relativos à gradualidade da mudança: grau de abstração das predicções da oração matriz; multifuncionalidade do *daí*; articulação intra e interfrásica; grau de esquematicidade.

a) Grau de abstração das predicções da oração matriz

Em todos os fragmentos instanciados de (3) a (25), *daí* se articula com *que* sob a influência direta de formas verbais *que*, não obstante seus usos canônicos terem diferentes valores semânticos, nos casos analisados estão todas em maior ou menor grau de gramaticalização como verbos de ação mental, cognitivos. Ao selecionarmos grupos de instanciações com o mesmo verbo na oração matriz, foi possível verificar diferentes níveis de abstração das predicções.

Para exemplificar, citamos três casos do contexto atípico, instanciações (6), (7) e (8), cujas orações matrizes apresentam o mesmo verbo, *concluir*:

Instanciação (6)

- (...) acrescentou ainda, que nos Estados Unidos a febre amarela principiava sempre pelo porto e na direcção dos molhes, onde ha muitas construcçõesde madeiras, e ***dahi concluiu, que*** a decomposição influía poderosamente em seu desenvolvimento.

O predicado *dahi concluiu* está inserido em um contexto linguístico no qual se relatam eventos externos à língua, numa relação de causa e consequência, sendo verificado o valor menos abstrato dos três usos e, ao retomar anaforicamente eventos da realidade externa, *dahi*, na qualidade de pronome, assume essa mesma característica.

Instanciação (7)

- Uma das versões parte do pressuposto de que tudo tem de ter uma causa, para ***daí concluir que*** Deus deva existir, porquanto Ele será a primeira causa, ou a causa fundadora do universo.

Nesse caso, *daí concluir* é um predicado com grau intermediário de abstração, já que está inserido em contexto no qual predomina a exposição de conhecimentos. O enunciador se coloca na posição de apresentar uma conclusão, que não é necessariamente dele; por sua vez, ainda verificamos relação de causalidade entre as porções textuais articuladas pelo *daí*, igualmente em nível mais abstrato do que no caso anterior.

Instanciação (8)

- Em última análise, o ideal a perseguir era o de a biblioteca estar ao alcance de todos os cidadãos indistintamente.

Daí se conclui que a biblioteca abriga um trabalho de animação cultural quando se compromete socialmente, (...)

Em (8), acreditamos ter flagrado o predicado mais abstrato dos três, em face de este fazer parte de um contexto que debate ideias direcionadas para uma tese, ou conclusão. A objetividade verificada pelo apagamento do sujeito na oração matriz é somente uma estratégia argumentativa para a defesa da tese, haja vista que as ideias discutidas são assumidamente do enunciador.

No contexto crítico, verificamos o mesmo fenômeno, mas destacamos casos do atípico justamente por este ser o primeiro estágio da mudança, o contexto no qual ocorrem rupturas com os sentidos mais básicos de *daí*, sendo empregado com verbos de valor semântico cognitivo ou com outros metaforizados como tal, caso de *vir*, *seguir-se*, *decorrer* ou *resultar*, por exemplo.

b) Multifuncionalidade do *daí*

Em todos os casos analisados, considerando-se os dois tipos de contexto, as abstrações afetam o *daí* mais do que ao *que*, pois aquele é o elemento de maior teor lexical do par, com possibilidades, portanto, de sair de um estatuto de dêitico espacial, seu uso canônico, para dêitico textual, chegando ao uso mais gramaticalizado como conector, percurso que, como já mencionamos anteriormente, foi demonstrado em estudos sobre *daí* e *aí* (Tavares, 2006; Braga e Paiva, 2012 e Souza, 2012). Em nossos dados, não registramos qualquer uso dêitico espacial de *daí* quando está articulado com a conjunção integrante *que*. Em todos os casos, sua função é textual anafórica, havendo casos em que se aproxima dos operadores de sequencialização e outros em que se aproxima dos operadores argumentativos (Koch, 1987:89).

Seguem recortes das instanciações nas quais verificamos usos próximos aos dos operadores de sequencialização (6) e (10) e dos operadores argumentativos (7) e (8):

Instanciação (6)

- (...) acrescentou ainda, que nos Estados Unidos a febre amarella principiava sempre pelo porto e na direcção dos molhes, onde ha muitas construcçõesde madeiras, e **dahi concluiu, que** a decomposição influía poderosamente em seu desenvolvimento.

Instanciação (10)

- A impotência em que esta se vê de dar tino do que lhe falta, supre, com efeito a dita falta: e **daí resulta, que** na distribuição da felicidade, não mui mesquinho foi dos tolos o quinhão.

Instanciação (7)

- Uma das versões parte do pressuposto de que tudo tem de ter uma causa, para **daí concluir que** Deus deva existir, porquanto Ele será a primeira causa, ou a causa fundadora do universo.

Instanciação (8)

- Em última análise, o ideal a perseguir era o de a biblioteca estar ao alcance de todos os cidadãos indistintamente.

Daí se conclui que a biblioteca abriga um trabalho de animação cultural quando se compromete socialmente (...).

Nos casos instanciados em (6) e (10), a conjunção *e* antecede o locativo, o que pode contribuir para que este, além da função anafórica, assuma, também, a de sequenciador. Cabe destacar que o fato de termos reconhecido usos do *daí* semelhantes ao de operador de sequencialização ou operador argumentativo apenas no contexto atípico está de acordo com o modelo de gramaticalização de contextos de Diewald (2006). Segundo a autora, nesse estágio, há uma expansão inespecífica do item lexical para contextos nos quais a unidade ainda não havia sido usada. Na verdade, *daí* já não é mais uma unidade lexical, visto que, nos dados relativos aos contextos iniciais, seus usos são todos textuais, próprios de um item em processo de gramaticalização; contudo, há indícios de que é no contexto atípico que se dá o início da trajetória da articulação do locativo *daí* com a conjunção integrante *que*.

Paralelamente, o fato de não termos identificado usos do *daí* como sequenciador no contexto crítico indica que, também de acordo com os pressupostos da autora, o “gatilho para a gramaticalização” (Diewald, 2006) foi disparado. Esse é o estágio em que mais recorrentemente identificamos (inter)subjeficações; o enunciador recruta, cada vez mais, os significados para codificar suas atitudes e pontos de vista. Ademais, o *chunk* formado por *daí* e *que*, posicionados lado a lado, é uma estrutura marcada, encontrada apenas no contexto crítico. Portanto, situações de múltiplas opacidades – estruturais, semânticas ou pragmático-discursivas – contribuem para que os usuários, por meio de inferências sugeridas, realizem neoanálises, atribuindo ao *chunk* valores relacionados à expressão de resultado.

c) Articulação intra e interfrásica

Uma distribuição inespecífica observada no contexto atípico diz respeito à articulação que o pronome locativo estabelece com as porções textuais anteriores, podendo estas ser intrafrásicas, isto é, entre orações da mesma frase, ou interfrásica, retomando informações de

outras frases ou, até mesmo, de parágrafos inteiros. Houve grande equilíbrio entre as duas possibilidades: uma amostragem, considerando apenas orações matrizes cujos verbos apresentam predicação e valor semântico semelhantes aos dos casos analisados entre (3) e (15), demonstrou haver 52 casos em que o *daí* ocupa a posição intrafrásica e 56, a interfrásica.

Ademais, o registro de *daí* articulado com *que* em diferentes sequências tipológicas também aponta para usos ainda não entrincheirados da dupla, próprios do contexto atípico. Por exemplo, flagramos a multifuncionalidade do *daí* em usos semelhantes aos de um operador argumentativo, mas sempre se mantendo vinculado, sintática e semanticamente, ao verbo da oração matriz da estrutura oracional complexa. Reconhecemos, entretanto, que, apesar de a posição frásica não ser fator determinante, a alta predominância de ocorrências do contexto atípico em sequências argumentativas (cf. tabela 2) é um indicativo de que as mudanças construcionais que afetam os elementos constituintes do conector *daí que* se dão, na maioria, em contextos especializados nas relações de causalidade, externas ou internas à língua.

Por sua vez, no contexto crítico, o mesmo recurso da amostragem indicou que os dois tipos de articulação frasal executada pelo *daí* se deram de forma diferente da verificada para o contexto atípico, havendo no crítico predominância da articulação interfrásica, com 27 casos, contra 15 da intrafrásica. Esse achado aponta para maior fixação do *daí*, que começa a apresentar traços dos conectores canônicos, especialmente os operadores argumentativos, que articulam porções frasais com vínculo sintático-semântico mais frouxo e mais abstrato.

Inter-relacionado a esse quadro, está o papel das sequências tipológicas no contexto crítico, com predomínio para a argumentativa, apresentando-se como a mais favorável a acolher as mudanças construcionais em curso. Esse cenário é favorável ao que defendemos nesta tese: o contexto crítico é o gatilho para a construcionalização do conector lógico-argumentativo *daí que*.

d) Grau de esquematicidade

No início desta seção, apresentamos a configuração esquemática de cada contexto inicial:

a) contexto atípico: *daí* + verbo + *que* + oração completiva;

b) contexto crítico: verbo + *daí* + *que* + oração completiva.

Confirmamos, com base em Traugott e Trousdale (2013:14), que as estruturas esquemáticas representativas dos contextos iniciais constituem uma dupla de construções que

são, conscientemente ou não, percebidas pelos usuários como tendo relação bastante próxima uma da outra, em uma rede construcional maior do sistema linguístico. A análise desses dois subesquemas objetivou delinear a rota de evolução de *daí que*, como parte do objetivo maior desta tese: apresentar e discutir sua construcionalização como conector lógico-argumentativo.

Por serem os espaços destinados ao verbo preenchidos por diferentes verbos cognitivos (verbo_{cog}) e haver uma ampla gama de codificações da oração completiva, lidamos com estruturas parcialmente esquemáticas, cujos elementos fixos são *daí* e *que*. Nessas configurações sintático-semânticas, não encontramos usos prototípicos do componente mais lexical do par, *daí*, de modo que esse constituinte se apresenta polissêmico e em estágio avançado de gramaticalização como elemento coesivo. A esse respeito, atestamos, também, a confluência de duas vertentes da gramaticalização: gramaticalização por redução (GR) (Lehmann, 1995, *apud* Gonçalves e Carvalho, 2007:71) e gramaticalização por expansão (GE) (Hummelmann, 2004:32).

No que tange à GR, *daí* tem reduzido seu uso como dêitico espacial, forma mais lexical, prototípica, uma vez que passa a ser empregado em outros contextos, como articulador textual, com função anafórica, mais procedural. Tem reduzida, ainda, sua autonomia tanto no eixo paradigmático, quanto sintagmático, à medida que contrai relações de coesão com outros signos, como verbos cognitivos, muitos deles igualmente esvaziados de seus valores lexicais, além de se articular, obrigatoriamente, com a conjunção integrante *que*.

Por sua vez, é justamente essa nova relação de coesão que configura expansão de uso (GE), primeiramente, pragmático-discursiva e, por fim, via neoanálise, sintático-semântica. Ao ser usado apenas com verbos cognitivos, *daí* passa a ser neoanalisado como um elemento que participa da transferência de valores mentais; ao ser vinculado obrigatoriamente a *que*, *daí* passa por outra neoanálise e começa a assumir características de conjunção, fixando-se ao seu lado no contexto crítico, etapa imediatamente anterior à construcionalização do par como conector lógico-argumentativo. Cada uma dessas expansões é resultado de neoanálises realizadas no nível de construto, isto é, no uso linguístico, as quais constituem graduais mudanças construcionais.

No quadro 5, comparamos os resultados relacionados ao grau de esquematicidade relacionados com a expansão de uso dos constituintes de cada subesquema, ou cada contexto:

Quadro 5. Grau de esquematicidade e características dos contextos iniciais

<p align="center">Contexto atípico <i>Daí</i> + verbo_{cog} + <i>que</i> + or. completiva</p>	<p align="center">Contexto crítico Verbo_{cog} + <i>daí</i> + <i>que</i> + or. completiva</p>
39 verbos ⁵⁴ diferentes preencheram o espaço do verbo	16 verbos diferentes preencheram o espaço do verbo
Esquematicidade crescente: do uso de 7 verbos diferentes no século XVII, para 30 no período contemporâneo.	Esquematicidade crescente, mas em menor grau: do uso de 2 verbos diferentes no século XVII, para 13 no período contemporâneo.
<i>Vir</i> (47 ocorrências) foi o verbo mais usado; <i>concluir</i> (26 ocorrências), <i>resultar</i> (16 ocorrências) e <i>inferir</i> (9 ocorrências) também se mostraram produtivos.	<i>Resultar</i> (13 ocorrências) foi o verbo mais usado; <i>concluir</i> (12 ocorrências), <i>seguir-se</i> (11 ocorrências) e <i>decorrer</i> (9 ocorrências) também se mostraram produtivos.
<p>Pré-condições de gramaticalização:</p> <ul style="list-style-type: none"> • presença de implicaturas – ruptura com os sentidos mais básicos de <i>daí</i> e dos verbos. • expansão inespecífica da distribuição do <i>daí</i> para contextos nos quais ainda não havia sido usado – articula-se com o <i>que</i> em estruturas oracionais complexas; pode complementar verbos cognitivos ou metaforizados como tal; atua como anafórico textual 	<p>Gatilho para a construcionalização de <i>daí que</i>:</p> <ul style="list-style-type: none"> • opacidade estrutural – os constituintes <i>daí</i> e <i>que</i> se apresentam lado a lado; • estrutura altamente marcada; possibilita a interpretação do novo significado gramatical.

No contexto atípico, verificamos esquematicidade condizente com o que Diewald (2006) chama de estágio I da mudança, em que as primeiras condições de gramaticalização começam a se manifestar, estando *daí* e *que* imersos em contextos cuja semântica expressa ação mental. Por conta das expansões ainda de caráter inespecífico, a esquematicidade é maior.

Já no contexto crítico, a esquematicidade permanece, mas em menor grau, visto que o número de verbos com os quais *daí* se coloca se reduz bastante. Não obstante essa redução, a imanência do aspecto cognitivo é a mesma verificada no contexto anterior, sendo ainda mais específica, pois flagramos a inversão de posição relativa aos verbos: os transferenciais, como *vir* e *seguir-se*, deixam de ser os mais recrutados para ceder lugar aos de ação mental, como *resultar* e *concluir*. Há indícios de que essa mudança esteja relacionada com o segundo estágio de gramaticalização de contextos (Diewald, 2006), o qual começa a possibilitar a leitura do novo significado gramatical de *daí* e *que*, em vias de constituírem um pareamento forma-significado, sendo neoanalisados como conector lógico-argumentativo, ao qual dedicamos a segunda e última seção de análise.

⁵⁴ Acolhemos as diferentes formas verbais – verbos na forma simples, locuções verbais e construções com verbo suporte – na denominação *verbo*.

5.2 CONTEXTO DE ISOLAMENTO: CONSTRUCIONALIZAÇÃO DO *DAÍ QUE*

Por estar totalmente isolado do uso mais lexical de seus constituintes, damos o nome de contexto de isolamento ao ambiente linguístico no qual *daí que* se codifica. Nesse contexto, não é mais possível estabelecer qualquer relação com o dêitico espacial *daí* ou com os pronomes neutros latinos *quid* e *quod*, de cuja coalescência se originou primordialmente a conjunção subordinativa integrante *que* (Câmara Jr., 1979:184).

Na seção anterior, as análises evidenciaram as mudanças em micropassos que promoveram a mudança linguística de *daí que*. Iniciamos esta seção discutindo o papel da analogização como mecanismo igualmente presente na construcionalização do conector em estudo. Nesta seção, consideramos a dimensão sincrônica desta pesquisa, sendo relativa aos dados do período contemporâneo (séculos XX e XXI), especificamente a partir de 1954, ano em que encontramos o uso mais antigo do conector lógico-argumentativo *daí que*. Vale lembrar que, assim como procedemos nas análises dos contextos iniciais, os dados que apresentamos são retirados de textos escritos, de uso efetivo, haja vista que, dentre as possíveis mudanças que afetam, diacronicamente, uma construção, é no nível do construto que se realizam as neoanálises de forma e/ou de significado, fenômeno de capital importância na construcionalização gramatical.

A instanciação a seguir apresenta o conector *daí que* em contexto de isolamento. Lembramos que os negritos e itálicos são nossos:

(26) Decidimos, então, investigar os professores afrodescendentes, e suas trajetórias escolares e profissionais, (...). Portanto, houve a necessidade de conhecer mais e melhor o intelectual negro brasileiro, em especial quanto a sua formação profissional. Entendemos que a educação passa pela formação dos processos que interferem na existência do cidadão enquanto ser social e político, ***daí que*** o interesse em dar continuidade ao trabalho intelectual, ao aprimoramento pessoal foram as razões que nos conduziram ao doutorado em educação por considerá-lo o locus privilegiado para questionamentos acerca de saberes profissionais.

(Tese de doutorado, Maria Solange Pereira, 2001)

Diferentemente do que observamos para os contextos atípico e crítico, configurados como duas estruturas esquemáticas, *daí que* apresenta nível esquematicidade zero, cujos espaços estão plenamente preenchidos. É possível que, por meio do mecanismo da analogização, as construções de *types* específicos, isto é, as microconstruções mais convencionalizadas, como *de forma que*, *de maneira que*, *de modo que* ou *de sorte que*, tenham servido de exemplares para a formação do *daí que* por similaridade morfossintática e

semântica. Na instanciação (26), essa similaridade se confirma quando substituímos *daí que* por algumas das formas mais convencionalizadas:

- a educação passa pela formação dos processos que interferem na existência do cidadão enquanto ser social e político, ***de modo que*** o interesse em dar continuidade ao trabalho intelectual (...) foram as razões que nos conduziram ao doutorado;
- a educação passa pela formação dos processos que interferem na existência do cidadão enquanto ser social e político, ***de maneira que*** o interesse em dar continuidade ao trabalho intelectual (...) foram as razões que nos conduziram ao doutorado.

Apesar de, morfossintaticamente, apresentarem diferenças – *forma, maneira, modo e sorte* são sintagmas nominais, enquanto *daí* é pronome locativo –, semanticamente *daí que, de forma que, de maneira que, de modo que* ou *de sorte que* expressam o mesmo valor: resultado. Os primeiros são formas e usos já experienciados na expressão desse valor semântico e armazenados na memória; possivelmente, os usuários da língua se basearam neles para promover a construcionalização do *daí que* como locução conjuntiva. Contribui também para o mecanismo da analogização a possibilidade de expansão do espaço em aberto do esquema [X-que], que é preenchido pelo usuário com a microconstrução *daí*, a qual, por sua vez, também é forma experienciada e armazenada na memória como elemento de função textual. Esse preenchimento decorre do acionamento frequente do *chunk* formado por *daí e que* no contexto crítico e, uma vez consolidada sua mudança estrutural após processos de neoanálises diacrônicas, *daí que* alinha-se a um paradigma já existente, o das locuções conjuntivas, sendo recrutado para a expressão de resultado.

O presente estudo não abarca todo o esquema [X-que], mas nos parece claro que a analogização do conector *daí que* é decorrente das neoanálises que afetaram os dois constituintes. Dessa forma, confirmamos o pressuposto de Traugott e Trousdale (2013:58), segundo o qual a analogização necessariamente envolve mudança em micropassos, isto é, neoanálise.

Como vimos na análise dos contextos atípico e crítico, *daí que* emerge como conector a partir de relações de subordinação entre as orações que *daí* articula com *que*. Apesar de um maior detalhamento sobre as formas de organização do período fugir aos propósitos que elencamos, cabem algumas observações importantes, e uma delas diz respeito ao modo verbal.

Ao longo desta tese, temos evitado usar termos canônicos, como coordenação ou subordinação, visto que nosso objeto de estudo não se enquadra plenamente em quaisquer

dessas formas de organização do período, sendo perceptível a imprecisão de fronteiras. Seguindo orientação de Wittgenstein (1953), não temos como objetivo as fronteiras, mas sim a estrutura correlacional entre as porções de texto. Por isso, procuramos nos referir aos fragmentos que antecedem ou sucedem *daí que* como *porções textuais*, ou, se for o caso, simplesmente *orações*. Há uma razão bastante lógica e simples para essa opção: examinamos o contexto como um todo, linguístico e, sempre que possível, extralinguístico, de sorte que, muitas vezes, a análise extrapola o período sintaticamente organizado. De qualquer forma, entre as porções textuais articuladas por *daí que*, as relações, sejam elas de coordenação, sejam elas de subordinação, sejam elas ambíguas, existem e exercem importante papel nos valores sintático-semânticos verificados no nosso objeto de estudo.

Sendo assim, organizamos a análise que segue em duas subseções. A primeira trata dos padrões de uso sintático-semânticos do conector lógico-argumentativo *daí que*, considerando-se o uso do conector, dos modos verbais e de outros recursos de modalização, os quais estabelecem vínculos de maior ou menor dependência entre as porções textuais. A segunda analisa a ambiguidade pragmática observada nos usos do conector e a consequente gradiência, ambas relacionadas aos tipos aos gêneros textuais.

5.2.1 Padrões de uso sintático-semânticos do conector lógico-argumentativo *daí que*

Traço persistente em sua rota de evolução, o conector *daí que* mantém-se atuando na zona da causalidade, relacionando causa, na porção anterior ao seu uso, e consequência, na oração que encabeça. Nos dados coletados, causalidade se estabelece em dois níveis: causalidade estrita, relativa à expressão de factuais, isto é, de relações externas à língua, nas quais registramos, mais comumente, verbos no modo indicativo; e causalidade eventual, fora do protótipo da factividade (Neves, 2012:171), relativa à expressão de relações internas à língua, subjetivas, nas quais registramos, mais frequentemente, uso de verbos no modo subjuntivo e outros elementos modalizadores. Essa dupla possibilidade se desdobra em um painel de traços relacionados a fatores sintático-semânticos e pragmático-discursivos: *daí que* promove articulação intra e interfrásica, estabelecendo vínculo sintático-semântico entre as porções textuais; a dependência entre estas pode se dar em maior ou menor grau, variando num *cline*.

Diante do exposto, reconhecemos quatro padrões de uso do conector lógico-argumentativo *daí que*:

- a) articulação intrafrásica e verbo da oração⁵⁵ encabeçada por *daí que* no modo subjuntivo;
- b) articulação interfrásica e verbo da oração encabeçada por *daí que* no modo subjuntivo;
- c) articulação intrafrásica e verbo da oração encabeçada por *daí que* no modo indicativo;
- d) articulação interfrásica e verbo da oração encabeçada por *daí que* no modo indicativo.

Passamos, a seguir, à análise de cada caso.

a) articulação intrafrásica + verbo no modo subjuntivo

(27) Me parece indispensável, ao procurar falar de tal importância, dizer algo do momento mesmo em que me preparava para aqui estar hoje; dizer algo do processo em que me inseri enquanto ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, *daí que* a posterior leitura desta não **possa prescindir** da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.

(DP – *A importância do ato de ler*⁵⁶. Paulo Freire, 1989)

O primeiro padrão analisado é o que apresenta o vínculo mais forte entre a oração que antecede o conector e aquela que o sucede. A conexão estabelecida se dá em nível intrafrásico, o que já tenderia a uma maior dependência sintático-semântica da segunda em relação à primeira. Some-se a essa configuração o fato de que a oração encabeçada por *daí que* apresenta predicado sobremodalizado: o modal *possa*, ao mesmo tempo que expressa possibilidade deôntica, está empregado no modo subjuntivo, conferindo à predicação caráter não factual, atélico, aberto à futuridade. Verificamos, ainda, no contexto, relação de causalidade não estrita, isto é, causa:

- A leitura do mundo precede a leitura da palavra

e consequência:

- *daí que* a posterior leitura desta não **possa prescindir** da continuidade da leitura daquele.

são proposições, passíveis de serem verdadeiras ou falsas, estando atreladas à perspectiva do enunciador.

Segundo Neves (2010), os verbos modais interagem com elementos linguísticos e extralinguísticos que contribuem para produzir significados sentenciais múltiplos e/ou

⁵⁵ Empregamos o singular de forma generalizante, pois há casos em que a porção textual introduzida pelo conector *daí que* é composta por mais de uma oração.

⁵⁶ Trabalho apresentado na abertura no Congresso Brasileiro de Leitura, realizado em Campinas, novembro, 1981.

discursivos compatíveis com a sua semântica. No fragmento instanciado, encontramos situação discursiva de abertura de um congresso, gênero acadêmico, portanto, no qual predomina a sequência argumentativa, com uma pequena inserção de sequência narrativa. A parte inicial – *Me parece ... crítica do ato de ler* – é menos formal, na qual verificamos breve relato do enunciador, com uso de um modalizador epistêmico prototípico: *parece*; a partir daí até o final, observamos texto com traço mais academicista, com linguagem mais objetiva, mas nem por isso menos autoral: trata-se de um enunciador que, por si só, constitui argumento de autoridade: Paulo Freire. Nesse contexto, a dupla modalização expressa por *possa* é reflexo tanto da autoridade do próprio enunciador para fazer tal asserção, conferindo ao trecho orientação deôntica, como do caráter não factual, subjuntivo, mais subjetivo, próprio da modalização epistêmica, compatível com a atitude proposicional do início da instanciação, expressa por *Me parece*, ou *procurar falar*.

Assim, o conteúdo da segunda proposição está codificado de forma a não ter autonomia sintático-semântica, para o que concorre a polissemia no uso do modal. Ao lado da leitura deôntica de obrigatoriedade, cabe interpretação de valor epistêmico, de possibilidade virtual, em face de o enunciador apresentar a segunda proposição modalizada pelo subjuntivo, modo do fato possível ou desejado, licenciando conclusão ou inferência.

b) articulação interfrásica + verbo no modo subjuntivo

(28) o braço político da ETA, obtém os seus melhores resultados eleitorais: maioria relativa de 37.6 por cento nas municipais de 1995. # Porém, desde 1991, Hernani tem como “alcalde” (presidente da Câmara) um nacionalista moderado, José Antonio Rekondo, 39 anos, que representa o Eusko Alkartasuna (EA), o partido do ex-Lendakari (presidente do governo basco), Carlos Garaikoetxea. Com apenas 23,86 por cento de votos, Rekondo governa em coligação com o também moderado Partido Nacionalista Basco (PNV) e com o Partido Socialista de Euskadi (PSE-PSOE). *Daí que* não *seja* apreciado pela HB, que o considera um “cipayo” (traidor). # “Durante mais de 15 anos, a HB utilizou a Câmara como foco de agitação política permanente, a favor da ETA. Agora mostra o seu fundo leninista, não aceitando as regras do jogo democrático”, segundo nos afirmou Rekondo numa entrevista realizada há poucas semanas.

(CP – *A aldeia que é a montra da ETA*. Jornal Expresso, 19/7/1997)

A instanciação em questão enquadra-se no segundo estágio de dependência, por não identificarmos vínculo sintático-semântico entre as duas porções articuladas pelo *daí que* tão forte quanto no caso anterior. O fato de o conector estar em posição interfrásica denota que a oração que ele introduz tem maior autonomia sintática em relação à anterior; contudo, o uso

de verbo no subjuntivo – *seja* – mantém dependência semântica entre elas, à semelhança do que ocorre em (27).

Por se tratar de discurso jornalístico, mais especificamente uma reportagem, a modalização epistêmica é bastante comum, pois, nesse gênero, o enunciador, ao mesmo tempo que apresenta fatos, deixa transparecer seu ponto de vista, de forma bastante sutil. Não por acaso, todo o fragmento apresenta uma mistura de duas tipologias: expositiva e argumentativa, que resulta em uma relação de causalidade também mista. A primeira acolhe os períodos que antecedem o uso de *daí que*, com a apresentação de causas factuais – *tem como “alcalde”*, ou *Rekondo governa*. A segunda predomina no período introduzido pelo conector, na qual o enunciador avalia a realidade em termos do seu conhecimento, da sua perspectiva, com a apresentação de uma consequência subjetiva: *Rekondo não ser apreciado pode ser uma situação real, extralinguística*, mas o enunciador opta pelo uso do subjuntivo como forma de, num recurso comum no discurso jornalístico, proteger sua face. Em seguida, mantendo-se no propósito de se proteger, mas dando continuidade ao ciclo de inferências, apresenta outro ponto de vista, desta vez reportado – *HB (...) o considera um “cipayo”*.

c) articulação intrafrásica/verbo no modo indicativo

(29) O Artigo 2º determina que as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, têm como objetivo

[...] adequar o projeto institucional das escolas do campo às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Médio, a Educação de Jovens e Adultos (...).

O que se deduz da citação acima é que as Diretrizes Curriculares para as escolas do campo são as mesmas que foram estabelecidas para as escolas da rede urbana, o que muda é a maneira de operacionalização, *daí que* o MEC **estabeleceu** e o Conselho Nacional de Educação (CNE) **aprovou** as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.

(DP – *As várias faces da educação básica brasileira*⁵⁷. Nilce Fedatto e Maria E. da Paz, 2008)

Na instanciação exemplificada em (29), *daí que* promove articulação entre partes do texto ainda com níveis oscilantes de dependência, porém menor do que se verifica nas duas

⁵⁷FEDATTO, Nilce A. da S. F.; PAZ, Maria E. V. da. As várias faces da educação básica brasileira: a educação do campo. In: FREITAS, Dirce N. T.; FEDATTO, Nilce A. da S. F (org.). *Educação básica: discursos e práticas político-normativas e interpretativas*. Dourados: Ed. Da UFGD, 2008.

anteriores: ao mesmo tempo que as duas porções textuais articuladas encontram-se na mesma estrutura frasal, o que lhes confere forte vínculo sintático-semântico, o uso de formas verbais no modo indicativo e a maior objetividade do enunciado trazem-lhe menor dependência.

O encadeamento promovido pelo conector expressa, mais uma vez, relação de causalidade. Trata-se de causalidade estrita (Neves, 2010), em nível próximo ao *dictum*, no campo das factuais: parte de uma causa que tem como núcleo a asserção de um fato – *são as mesmas* – para chegar a uma consequência também assertiva – *daí que o MEC estabeleceu e o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou*. A expressão de ambas as asserções se dá por verbos no modo indicativo, a forma mais básica dos modos, denotando relações externas à língua. Verificamos alto grau de certeza do enunciador sobre o fato que apresenta, o que pode se dever ao argumento de autoridade que emprega no início do fragmento instanciado: o Artigo 2º. das Diretrizes Curriculares para a Educação Básica. Essa estratégia confere ao trecho leitura preferencialmente epistêmica, sendo a fonte de informação evidenciada de forma explícita.

Assim, além do aspecto sintático-semântico, os aspectos pragmático-discursivos concorrem para a configuração que está em análise. Nessa instanciação, verificamos, exclusivamente nas orações encabeçadas pelo conector *daí que*, sequência narrativa, afeita ao relato, ficcional ou não. Por sua vez, essa tipologia encontra-se inserida em uma obra do gênero acadêmico, no qual, muitas vezes, os relatos ocorrem para justificar determinados pontos de vista, com predomínio da argumentatividade. E é exatamente essa a relação presente no fragmento instanciado, o que pode ser indicativo de que o conector lógico-argumentativo *daí que*, mesmo na expressão de factuais, dificilmente está empregado em contextos “puros”, para usar um termo de Neves (2012:169), quando a autora aponta alguns “componentes que interferem na relação de causalidade, tornando-a menos pura, e especialmente complicando a correspondência com uma parataxe”.

d) articulação interfrásica + verbo no modo indicativo

(30) A permanência da população negra no ensino superior constitui-se num grande desafio para a sociedade que pretende ser verdadeiramente democrática, que se auto-compreende como diversa e plural. O acesso dos negros a esses espaços tem logrado significativos avanços, entretanto, os mecanismos facilitadores da sua permanência estão muito aquém dos desejados.

A pesquisa demonstrou que a UFF, como outras universidades, tem ainda uma dificuldade muito grande em tratar da temática da inclusão e permanência dos segmentos afrobrasileiros. Ela não se preparou para trabalhar o processo educacional e a produção do

conhecimento na perspectiva da convivência com a diversidade. *Daí que* suas ações, via de regra, não **são** concebidas à luz da superação dos processos de desigualdades existentes entre negros e brancos, ou seja, à luz da superação dos processos excludentes.

(DP – O Desafio da Permanência do(a) Aluno(a) Negro(a) no Ensino Superior.⁵⁸ José G. Rocha, 2007)

O fragmento (30) instancia o último padrão de uso identificado para o *daí que*. Sua posição interfrásica e a forma verbal no modo indicativo na oração que encabeça fazem com que, das quatro analisadas, a articulação estabelecida pelo conector, nesse caso, seja a que expressa menor dependência sintático-semântica entre as porções textuais que antecedem e sucedem *daí que*.

Verificamos predomínio de sequências argumentativas, nas quais as proposições são orientadas por encadeadores discursivos, como indica, por exemplo, o uso, no primeiro parágrafo, do operador de contra-argumentação *entretanto*. Porém, à semelhança das instanciações anteriores, esta apresenta mescla de tipologias textuais: o período que antecede aquele introduzido pelo *daí que* codifica sequência narrativa, que tem na forma verbal *preparou* um elemento coesivo, que permite ordenação temporal dos fatos apresentados. Lançando-se um olhar global sobre o fragmento, observamos que se trata de obra do gênero acadêmico, no qual comumente se expõem ideias em defesa de uma tese. Assim, não surpreende que o trecho narrativo faça parte de todo um movimento argumentativo circular: na qualidade de argumento, fica em posição fronteira entre a apresentação da tese e a retomada e reforço desta na conclusão:

Tese

A pesquisa demonstrou que a UFF (...) tem ainda uma dificuldade muito grande em tratar da temática da inclusão e permanência dos segmentos afro-brasileiros.

Argumento:

Ela não se preparou para trabalhar o processo educacional (...).

Conclusão:

Daí que suas ações, via de regra, não **são** concebidas à luz da superação dos processos de desigualdades (...).

Confirma-se, assim, o traço mais marcante do conector lógico-argumentativo *daí que*, que é o de articular porções textuais que estabelecem relação de causalidade: a causa está expressa na sequência narrativa e a consequência, ou conclusão, na sequência argumentativa

⁵⁸ ROCHA, José G. O Desafio da permanência do(a) aluno(a) Negro(a) no ensino superior. In: LOPES, Maria A.; BRAGA, Maria L. de S. (orgs.) *Acesso e Permanência da População Negra no Ensino Superior*. Brasília: MEC, 2007.

introduzida pelo conector. Essa mescla de sequências está diretamente relacionada com a forma como se dá a expressão de causalidade na instanciação em foco: a causa é expressa pela constatação de um fato demonstrado em uma pesquisa acadêmica – *a UFF não se preparou* –; já a conclusão é apresentada pelo viés da avaliação do enunciador – *suas ações, via de regra, não são concebidas à luz* (...), numa retomada da tese igualmente modalizada pela apreciação deste – *a UFF tem ainda uma dificuldade muito grande* (...).

Em face da recorrência de *daí que* na expressão de causalidade, ao lado de um padrão sintático-semântico que, na instanciação (30), aponta para o menor grau de dependência verificado entre as proposições articuladas pelo conector, reconhecemos que este se encontra em uso muito próximo ao de um operador argumentativo de conclusão. Segundo Koch (1987:92), esses operadores introduzem enunciado de valor conclusivo em relação a dois atos de fala anteriores, como pode ser ilustrado no seguinte silogismo:

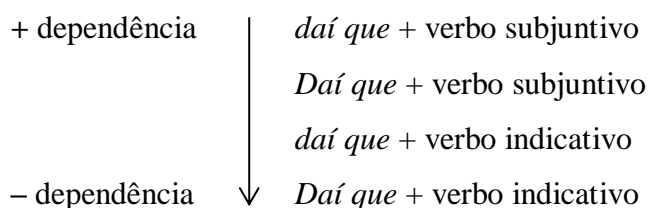
Premissa maior: a UFF tem ainda uma dificuldade muito grande (...)
(tese)

Premissa menor: Ela não se preparou para trabalhar o processo educacional (...)
(argumento)

Conclusão: *suas ações, via de regra, não são concebidas à luz da superação* (...)
(reforço da tese)

Portanto, nas análises do conector lógico-argumentativo *daí que*, também precisamos “modalizar” no que diz respeito ao tratamento dos vínculos que suas articulações intra ou interfrásica estabelecem. Assim como há variação nas relações de causalidade, verificando-se desde as mais factuais, externas à língua, em nível de *dictum*, até as mais subjetivas, argumentativas, internas à língua, em nível de *modus*, observamos um *cline* nos padrões de uso do conector *daí que*, indo do maior ao menor grau de dependência, como se pode demonstrar pela figura a seguir:

Figura 4. Cline de dependência entre as porções textuais articuladas pelo *daí que*



No cenário sintático-semântico que acabamos de delinear, não observamos relação necessária entre maior dependência e relações menos factuais ou menor dependência e

relações mais subjetivas. As sutilezas presentes no uso do conector lógico-argumentativo *daí que* são muitas, ficando claro que o papel exercido pelo ambiente linguístico e extralinguístico maior no qual *daí que* se codifica é de grande importância. O conector sofre pressões metonímicas e de informatividade primeiramente das sequências tipológicas, nas quais se codificam as orações que articula; em segunda instância, do gênero textual, que define o ambiente discursivo no qual as sequências se inserem.

Na tabela a seguir, apresentamos os achados numéricos relacionados às sequências tipológicas e ao contexto de isolamento, ao longo dos séculos estudados.

Tabela 3. Distribuição de *daí que* por sequência tipológica e por século

Conector <i>daí que</i> em contexto de isolamento				
Sequências tipológicas	Séculos			
	XVII	XVIII	XIX	XX/XXI
Argumentativa	–	–	–	107 (60%)
Narrativa	–	–	–	43 (24%)
Expositiva	–	–	–	25 (14%)
Injuntiva	–	–	–	4 (2%)
Total por século	–	–	–	179 (100%)

Como já havíamos alertado, não encontramos, nos dados, qualquer ocorrência do conector *daí que* em sincronias anteriores ao período contemporâneo. Ao avaliarmos a distribuição dos casos por sequência, fica claro que a tipologia argumentativa se destaca como *locus* preferencial de ocorrência do nosso objeto de estudo. A narrativa, com frequência bem inferior, ocupa a segunda posição; em seguida aparece a expositiva, com baixa representatividade; por fim, semelhante aos achados dos contextos iniciais, a injuntiva também não se apresenta como tipologia propícia ao uso do conector *daí que*.

Fizemos levantamento estatístico semelhante a fim de estabelecer relação entre o uso total do conector (179 ocorrências) e os gêneros textuais. Observamos a distribuição do *daí que* por sete gêneros diferentes, ocorrendo, predominantemente, nos textos jornalísticos (66/179); outros gêneros relevantes para a ocorrência do *daí que* são o enciclopédico (36/179)

e o discurso religioso/filosófico (33/179); menos frequentes são os usos em obras acadêmicas (23/179) e romances (18/179); mostrou-se ínfima a ocorrência do conector em nota/notícia (2/179) e manual (1/179), sendo aqui registrada porque, uma vez que a presente tese é prioritariamente qualitativa, entendemos que o baixo registro também significa algo: estes dois últimos não se enquadram como preferência dos usuários para empregar o conector lógico-argumentativo *daí que*, independentemente da sequência tipológica.

Considerando-se as tipologias textuais, os quatro padrões de uso do conector *daí que* se distribuem de forma bastante coerente com o que temos apresentado até aqui. A tabela 4 explicita essa relação:

Tabela 4. Ocorrências dos padrões de uso de *daí que* segundo sequências tipológicas

Tipologia textual	Padrões de uso*				Total por tipologia
	a	b	c	d	
Argumentativa	11	47	14	35	107
Narrativa	6	18	1	18	43
Expositiva	8	9	2	6	25
Injuntiva	–	–	1	3	4
Total por padrão	25	74	18	62	179

*Padrões de uso:

- a) articulação intrafrásica e verbo da oração encabeçada por *daí que* no modo subjuntivo;
- b) articulação interfrásica e verbo da oração encabeçada por *daí que* no modo subjuntivo;
- c) articulação intrafrásica e verbo da oração encabeçada por *daí que* no modo indicativo;
- d) articulação interfrásica e verbo da oração encabeçada por *daí que* no modo indicativo.

Cruzando-se os dados expostos na tabela 4, observamos predomínio absoluto da sequência argumentativa (107/179) e do padrão de uso *b* (74/179); não por coincidência, este é o padrão que predomina na sequência argumentativa (47/107). Ao articular porções textuais na posição interfrásica, encabeçando oração com verbo no modo subjuntivo, *daí que* está imerso em contexto pragmático-discursivo no qual a exposição de ideias é o fio condutor. Dedicamos as análises das instanciações (31) a (34) exclusivamente ao padrão de uso *b* em sequência argumentativa.

Segundo colocado na escala de dependência entre as orações articuladas pelo *daí que*, o padrão de uso *b* aponta para a expressão de causalidade pautada em relações mais ou menos

factuais, mas vale destacar que não registramos, no cruzamento em foco – padrão de uso *b* em sequência argumentativa –, fatos concretos, isto é, factualidade estrita, marcada por eventos externos à língua. Para lidar com esse cenário de subjetividades, decorrente do mecanismo de (inter)subjetificação, buscamos amparo em Neves (2010:199) e pautamos as análises que seguem considerando dois níveis das camadas de constituição da frase: nível da predicação e nível da proposição.

O que aqui consideramos mais factuais são as relações entre estados de coisa, no nível da predicação; nesse caso, na modalidade epistêmica, o enunciador avalia a realidade do estado de coisas em termos do seu conhecimento de mundo, enquanto, na modalidade deôntica, avalia a realidade do estado de coisas em termos de normas morais, legais e sociais. As instanciações (31) e (32) são ilustrativas da modalidade epistêmica e deôntica, respectivamente, no nível da predicação:

(31) A começar pelo nome do herói: Potter é o sobrenome da inglesa Helen Beatrix Potter (1866-1943), uma escritora e ilustradora de livros infantis – Harry Potter seria assim um equivalente brasileiro a, digamos, Zeca Lobato.

Em sentido amplo, Hogwarts funciona como um mundo paralelo. Lá se inventa a vida a cada dia; lá nascem amigos imortais; lá se aprende o valor do estudo; lá é preciso negociar sua vontade no coletivo; lá se conhece a confiança e a traição, o sublime e o horroroso. Ora, ora: não é assim em qualquer escola? *Daí que* Harry Potter **ganhe** nosso coração na primeira leitura.

(PerB – *Os 7 segredos de Harry Potter*. Revista Superinteressante, 2004)

Nesta instanciação, duas sequências expositivas antecedem o início da argumentação propriamente. Nas primeiras, são apresentadas factualidades virtuais, de um mundo ficcional, literário; na sequência argumentativa, o enunciador expressa o efeito, ou resultado, do que expõe na anterior. Uma pergunta, que resume o conhecimento de mundo até então apresentado pelo enunciador, intermedeia as duas tipologias – *Ora, ora: não é assim em qualquer escola?* Trata-se de recurso pragmático-discursivo que tem a força ilocucionária de um ato de fala que convida o interlocutor a partilhar da conclusão introduzida pelo conector: *Daí que Harry Potter ganhe nosso coração na primeira leitura*. Essa interlocução contribui para o processo de subjetificação do conector.

Parece-nos claro que há avaliação positiva do tema discutido; no entanto, trata-se de texto jornalístico e recomenda-se que a assunção categórica de pontos de vista não façam parte desse gênero textual; possivelmente seja este o motivo para que a forma verbal *ganhe* apresente-se modalizada pelo subjuntivo.

(32) Na cultura ocidental, a manifestação de vontade dos noivos essencial à celebração do casamento reveste sempre a forma solene, devendo ser prestada perante a autoridade competente para a receber – o conservador do registo civil no casamento, o pároco ou outro sacerdote seu delegado no casamento católico. De acordo com a religião cristã, a natureza do casamento como instituição do Direito natural não pode ser alterada por nenhum poder humano ou lei do Estado. *Daí que* nunca *seja* lícito nem válido o divórcio, isto é, a dissolução do vínculo matrimonial em vida dos dois cônjuges. Só a morte dissolve o casamento. O casamento cristão além de compromisso humano adquire uma dimensão sagrada como sinal eficaz de graça ou vinculação a Deus, pois é um dos sete sacramentos.

(CP – Casamento. Verbete enciclopédico, s/d)

No caso em destaque, o uso de *daí que* em sequência argumentativa é igualmente antecedido por oração codificada em sequência expositiva. Nesta, encontramos modalização deôntica do predicado – *não pode ser*, de polaridade negativa. Por sua vez, na oração encabeçada pelo conector, o predicado é modalizado pelo uso do subjuntivo, que assume valor deôntico ao ser modificado pelo advérbio *nunca*, também de polaridade negativa. Toda essa configuração está a serviço da exposição de factuais, ou estados de coisa, de natureza religiosa, por meio das quais são passados valores morais e sociais associados ao credo.

Todavia, a força exercida pela argumentação permite que se instalem ambiguidades, como, por exemplo: a conclusão está pautada somente no argumento de autoridade – *De acordo com a religião cristã* –, ou há polifonia, tendo o enunciador assumido também a mesma crença da religião cristã? Não identificamos, no fragmento, informações suficientes que nos permitam comprovar essa segunda opção; porém, uma vez que a conclusão está codificada em sequência argumentativa, é possível que o ponto de vista que se anuncia no argumento de autoridade seja também partilhado pelo enunciador. Ademais, as ambiguidades se ampliam quando consideramos que argumentos de autoridade são recursos comuns na modalidade evidencial, mais frequente na articulação de proposições. Novamente, ancoramo-nos em Neves (2010:202) quando, pautada nos pressupostos da linguística funcional de Dik e Hengeveld, propõe que as modalidades podem combinar-se entre si e incidir uma sobre a outra.

Na verdade, o que verificamos nesse caso, assim como em vários analisados anteriormente, está de acordo com o que temos defendido para o conector lógico-argumentativo *daí que*: o espectro de sutilezas sintático-semânticas e pragmático-discursivas é bastante amplo nos contextos linguísticos em que é usado.

Dando continuidade à análise do padrão de uso *b* em sequência argumentativa, apresentamos, nas instâncias (33) e (34), casos em que a oração imediatamente anterior ao uso do conector também está codificada em sequência argumentativa. Em ambos os fragmentos são expressas relações menos factuais, que se dão no nível da proposição, ou dos fatos possíveis, configurando, segundo Neves (2010:199), modalidade epistemológica. Essa modalidade se subdivide em evidencial, na qual o enunciador dá indicação de como obteve informação sobre a qualidade da proposição, e subjetiva, na qual o enunciador toma a responsabilidade pessoal em relação ao conteúdo da proposição.

(33) “(...) é, suponho, um ser pensante e inteligente que possui razão e reflexão e pode considerar-se a si mesmo em diferentes momentos e lugares, o que acontece unicamente por virtude dessa consciência que é inseparável do pensamento e me parece ser-lhe essencial; pois é impossível a qualquer homem perceber sem perceber que percebe”. É deste conceito de liberdade que vai partir todo o Liberalismo europeu. A liberdade, para Locke, consiste num poder que o homem tem de obrar ou de não obrar conforme o que lhe inspira a sua razão. ***Daí que*** não **deixe** de ser livre se se submete a uma razão pública comum a todos, que diz o bom e o mau, pois é por seu consentimento que faz sua essa razão pública.

(CP – O chefe do estado em Portugal⁵⁹. Costa Carvalho, 28/12/1995)

O fragmento instanciado reproduz um texto jornalístico, possivelmente um artigo de opinião ou uma reportagem. Por si só, esse gênero textual configura-se como propício para acolher sequências argumentativas. De fato, toda a instânciação é argumentativa, seja na citação direta a *Locke*, seja no trecho do enunciador propriamente, o qual, mesmo assumindo a fala, mantém ancoragem no pensamento do filósofo, lançando mão da modalidade epistemológica evidencial.

A evidencialidade é uma estratégia discursiva e argumentativa utilizada para atribuir credibilidade aos argumentos apresentados na defesa de uma tese⁶⁰. Em (33), na oração que antecede a que é introduzida pelo conector *daí que*, o enunciador deixa pistas sobre como obteve a informação, cujo conhecimento asseverado é marcado sintaticamente em *para Locke*. Ao utilizar essa estratégia, indica uma fonte diferente dele próprio, denotando baixo comprometimento com o conteúdo da informação, dando ao interlocutor a possibilidade de avaliar, por si mesmo, a confiabilidade desta. Por outro lado, na oração encabeçada por *daí que*, o enunciador apresenta grau um pouco maior de comprometimento com a informação,

⁵⁹ Não há indicação no Corpus do Português, de onde foi retirado o fragmento, se este se trata de artigo de opinião ou reportagem. Diz-se apenas que é jornalístico.

⁶⁰ A discussão feita sobre evidencialidade tem como referência os estudos de Dall’Aglio-Hattner (2001), Casseb-Galvão (2004) e Lucena (2008).

pois, ainda que seja com base na citação anterior, apropria-se do conteúdo e orienta-o para a conclusão.

Nesse contexto, o uso do subjuntivo *deixe*, um dos indícios da dependência sintático-semântica entre as orações articuladas pelo conector *daí que*, aponta, também, para a dependência pragmático-discursiva que existe entre o conteúdo veiculado pelo enunciador na conclusão e o que foi citado por ele na porção textual anterior. Embora, na conclusão, o enunciador se mostre mais comprometido com a informação, esta é fruto da polifonia estabelecida nas sequências argumentativas anteriores, recurso do qual se utiliza para convencer o interlocutor de que seu ponto de vista é válido e verdadeiro.

(34) Inicialmente me parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. *Daí que* também não **pudesse** reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados.

(DP – *A importância do ato de ler*. Paulo Freire, 1989)

Em termos de tipologia textual, na instanciação em foco, temos o mesmo cenário da anterior: o conector *daí que* encabeça oração codificada em sequência argumentativa, promovendo a articulação desta com a oração anterior, também codificada em sequência argumentativa. No entanto, diferentemente do que vimos na instanciação anterior, nesta não há registro de uma fonte de informação que não seja o próprio enunciador. Numa atitude de alto comprometimento com a informação, ele se apresenta como a fonte do conteúdo asseverado. Contribui para esse quadro o fato de que o enunciador – Paulo Freire – é reconhecidamente um educador de grande importância para a sociedade brasileira.

O uso recorrente de primeira pessoa do singular, codificada por pronomes (*me, mim*) ou formas verbais (*vi, pudesse*), denota o caráter autoral do trecho inteiro. Contudo, em uma atitude muito comum ao ato de argumentar, persuadir o interlocutor a compartilhar de um ponto de vista, o enunciador modaliza sua fala, por meio de formas (*parece*) e modos (*seria, pudesse*) verbais modalizadores.

Aqui, novamente, verificamos diferença, de ordem pragmático-discursiva, em relação à instanciação anterior. Em (33), o enunciador apresenta sua conclusão como fruto de um movimento argumentativo voltado para o convencimento do interlocutor, estimulando seu raciocínio, haja vista os argumentos de autoridade empregados e a polifonia que se estabelece com estes no final; em (34), a atitude do enunciador é a de quem procura persuadir o

interlocutor por meio da sensibilização deste, para o que apresenta provas morais, afirmando ser impossível *engajar-me num trabalho de memorização mecânica*. Todavia, como contraponto para essa ação modalizadora, o fragmento inteiro indica alto grau de comprometimento do enunciador com o conteúdo da informação, uma vez que ele próprio é a fonte do conteúdo asseverado.

Por fim, ao introduzir uma oração conclusiva na instanciação (34), o conector *daí que* participa de uma predicação organizada com um verbo modal duplamente modalizado, já que está na forma verbal do imperfeito do subjuntivo: *pudesse*. Essa configuração sintático-semântica e pragmático-discursiva contribui para que o conector assuma, possivelmente, seu mais alto grau de subjetificação, sem que demonstre, ainda, independência sintática na orientação argumentativa que promove.

A análise que acabamos de realizar demonstra que as ambiguidades presentes na rota de evolução do conector *daí que* mantêm-se no uso já construcionalizado. Como um verdadeiro conector, articula orações no mesmo período ou em períodos diferentes, as quais podem se relacionar de forma mais ou menos dependente. Em sua posição predominante, a interfrásica, articula tanto predicações, quanto proposições interdependentes nos níveis sintático-semântico e pragmático-discursivo. Introduce oração cuja predicação se desenvolve em torno de formas verbais modalizadas pelo subjuntivo, oscilando entre o estatuto de um elemento subordinador e o de um coordenador.

É sobre essa ambiguidade pragmática que dedicamos a subseção seguinte.

5.2.2 Ambiguidade pragmática

Ao longo da análise que acabamos de empreender, apresentamos, em perspectiva sincrônica, os padrões de uso e a conseqüente gradiência dos valores sintático-semânticos e pragmático-discursivos veiculados pelo conector lógico-argumentativo *daí que*. O foco sobre o padrão de uso *b* em sequência argumentativa apontou para usos em contextos modalizados, nos quais o conector articula não só eventos mais factuais, externos à língua, como as relações lógicas de causa e conseqüência, mas também eventos mais abstratos, como as proposições nas relações de argumentação, presentes na inferência ou dedução, em nível de *modus*. Trata-se de gradiência decorrente do que Traugott e Trousdale (2013:200) chamam de ambiguidade pragmática, caso em que uma construção tem um só valor semântico, o qual é pragmaticamente aplicado de formas diferentes, de acordo com o contexto pragmático.

No que se refere ao *daí que*, o conector tem um só valor semântico, o de resultado, que, pragmaticamente, pode expressar consequência factual ou conclusão⁶¹. Esses valores emergem, por pressão de informatividade, das sequências tipológicas nas quais verificamos o uso do *daí que*, seja em articulação intrafrásica, seja em articulação interfrásica. Portanto, ao levantarmos a frequência de uso do conector *daí que* na expressão de consequência ou de conclusão, os tipos textuais se confirmam como fatores norteadores, conforme demonstramos nas tabelas 5 e 6.

Tabela 5. Frequência *token* de uso de *daí que* na expressão de consequência e conclusão, em articulação intrafrásica e interfrásica, conforme as sequências tipológicas

Sequências tipológicas	Articulação intrafrásica		Articulação interfrásica		Total por sequências
	consequência	conclusão	consequência	conclusão	
Argumentativa	11	19	27	50	107 (60%)
Narrativa	8	–	34	1	43 (24%)
Expositiva	8	2	11	4	25 (14%)
Injuntiva	–	1	–	3	4 (2%)
Total por valores	27	22	72	58	179
Total por articulação	49 (27%)		130 (73%)		(100%)

Tabela 6. Frequência *token* do conector *daí que* na expressão de consequência e conclusão, em ambas as posições frásicas, conforme sequências tipológicas

Sequências tipológicas	<i>Daí que</i>	
	Consequência	Conclusão
Argumentativa	38 (38%)	69 (86,3%)
Narrativa	42 (42%)	1 (1,2%)
Expositiva	19 (19%)	6 (7,5%)
Injuntiva	–	4 (5%)
Total por expressão	99 (100%)	80 (100%)
Total geral	179	

⁶¹ Embora não sejam sinônimas, consideramos *conclusão* a palavra de referência para expressar, também, *inferência* e *dedução*.

De acordo com o exposto na tabela 5, a articulação interfrásica (130/179) tem predomínio absoluto sobre a intrafrásica (49/179). Paralelamente, a tabela 6 demonstra que a expressão de consequência (99/179) predomina sobre a de conclusão (80/179) em ambas as posições frásicas ocupadas pelo conector, contudo a diferença é pequena, com valores próximos. Esse perfil sintático-semântico condiz com as ambiguidades que temos demonstrado no uso de *daí que*: ao mesmo tempo que oração introduzida pelo conector apresenta menor dependência sintática da anterior, expressa consequência factual, normalmente em relação semântica estreita com a antecedente, que é sua causa.

Na tabela 5, verificamos que, quanto à distribuição da expressão de consequência e conclusão pelas sequências tipológicas, o conector pode ser usado em todas, com predomínio absoluto da sequência argumentativa (107/179). Ressalvamos que não há registro, nos dados coletados, do seu uso em sequência injuntiva, em ambas as posições frásicas, quando expressa consequência. Além de esta tipologia (4/179) ter se mostrado pouco acolhedora para o uso do *daí que* de modo geral, talvez não tenha se configurado como ambiente favorável à expressão de consequência factual porque, embora a injunção possa expressar relações de causalidade estrita, em nossos dados, os gêneros textuais que acolheram essa tipologia foram o acadêmico (um caso), o jornalístico (um caso) e o discurso religioso/filosófico (dois casos), nos quais predomina a situação discursiva de exposição e defesa de ideias. Também não encontramos uso do conector em sequência narrativa para a expressão de conclusão na articulação intrafrásica, tendo sido registrada apenas uma ocorrência na interfrásica. Igualmente nos parece ser quadro condizente com o perfil sintático-semântico que temos observado para o *daí que*: dificilmente um valor conclusivo, marcado pela subjetividade e atitude do enunciador, emergiria de uma narrativa. O fato de as sequências argumentativa e expositiva serem as únicas a se distribuírem, sem exceção, em ambas as articulações e valores expressos pode ser decorrente das semelhanças morfossintáticas entre as duas tipologias.

Por sua vez, na tabela 6, quando consideramos apenas a coluna relativa à expressão de consequência, a distribuição do uso de *daí que* entre as três principais tipologias textuais apresenta diferenças numéricas, que não chegam a ser marcantes entre as tipologias argumentativa (38/99) e narrativa (42/99). Verificamos, portanto, usos menos entrincheirados do *daí que* nessas situações pragmático-discursivas. No entanto, ao considerarmos somente a coluna relativa à expressão de conclusão, a sequência argumentativa (69/80), mais uma vez, predomina de forma absoluta sobre as outras, que apresentam índices de baixos a ínfimos. Trata-se de indício claro de que o conector tende a ser mais recrutado na tipologia prototípica

para a apresentação de teses e argumentos na defesa de pontos de vista, sendo possível que estejamos diante de um processo de entrincheiramento do *daí que* nessas situações sintático-semânticas e pragmático-discursivas.

Diante do exposto, passamos a apresentar instanciações nas quais o conector lógico-argumentativo *daí que* expressa consequência ou conclusão, nas articulações intra e interfrásica. Selecionamos somente casos nos quais o verbo da oração introduzida pelo conector encontra-se na forma do indicativo, uma vez que os casos com formas verbais no subjuntivo já foram discutidos na seção anterior.

Nas instanciações (35) a (46), apresentamos usos do *daí que* em contextos nos quais é possível flagrar a ambiguidade pragmática, dentro do espectro do valor semântico de resultado, em diferentes tipologias textuais. De (35) a (40), os fragmentos instanciam consequência factual; de (41) a (46), conclusão. Vale lembrar que as sequências tipológicas que norteiam as análises são as que acolhem as orações encabeçadas pelo conector, as quais delimitamos por colchetes.

Consequência factual

- Sequência narrativa

(35) O Artigo 2º determina que as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, têm como objetivo

[...] adequar o projeto institucional das escolas do campo às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Médio, a Educação de Jovens e Adultos (...).

O que se deduz da citação acima é que as Diretrizes Curriculares para as escolas do campo são as mesmas que foram estabelecidas para as escolas da rede urbana, o que muda é a maneira de operacionalização, [*daí que* o MEC **estabeleceu** e o Conselho Nacional de Educação (CNE) **aprovou** as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.]

(DP – *As várias faces da educação básica brasileira*. Nilce Fedatto e Maria E. da Paz, 2008)

(36) O avô foi removido de ambulância e ficou no hospital apenas três dias: tomou liberdades com as freiras que lhe faziam curativos. Uma delas, ao trocar a sonda, foi surpreendida com uma brutal ereção que terminou em ejaculação – o avô não apenas recebeu alta hospitalar mas teve cassado o seu título de sócio remido da Ordem Terceira da Penitência. A expulsão era mais ou menos esperada por todos, acho que, inclusive, pelo próprio avô. [*Daí que* não fora providenciada a arrumação que botasse as coisas no lugar.]

(CP – *O Piano e a Orquestra*. Carlos H. Cony, 1996)

- Sequência expositiva

(37) As cigarras, muitas vezes, se agrupam nas pontas dos galhos como se fossem inflorescências; enquanto os gafanhotos imitam gravetos, chegando a enganar as mariposas, que pousam em sua superfície para tomar sol. Essas artimanhas, no entanto, podem não ser o suficiente, [*daí que* a maioria dos insetos das florestas tropicais **liberam** substâncias tóxicas para se defender.]

(PerB – *As florestas da fome*. Revista Superinteressante, 1992)

(38) O tetra-hidrocanabinol (THC) tem uma composição química muito parecida com a dos endocanabinoides e simula estímulos semelhantes aos da substância que já existe. Ele se liga aos receptores CB1 e CB2, os mesmos ativados pelos endocanabinoides. LSD O ácido fornece estímulos extras aos receptores de dopamina dos neurônios. [*Daí que* o usuário da droga **vê** cores mais vivas, ouve sons mais intensos e alucina.]

(PerB – *Corpo humano*. Revista Superinteressante, 2012)

- Sequência argumentativa

(39) Na altura, aquele ex-vereador de Abílio Curto (ver TB de 14/12/95) escrevia que provocar eleições antecipadas seria a melhor solução para legitimar e reforçar o executivo de Maria do Carmo Borges. Mas o PS não ia na conversa e Fernando Cabral dava argumentos para recusar esse acto eleitoral para a Câmara Municipal da Guarda (ver TB de 07/03/96), alegando, por um lado, que os votos que elegeram o primeiro da lista, elegeram, também, os restantes eleitos, [*daí que* os actuais eleitos têm total legitimidade para exercerem o mandato.]

(CP – *Curto de volta*. Jornal da Beira, 20/3/1997)

(40) Fizeram-se algumas tentativas para mudar o carácter marcadamente académico dos programas de educação de adultos, mediante a criação de oficinas e escritórios. Entretanto, a capacitação oferecida está mais em função das possibilidades da escola do que das necessidades da população. [*Daí que* muitas dessas oficinas se **restringem** à carpintaria e a corte e costura.]

(DP – *Educação de adultos em áreas marginalizadas*. Jorge Rivera, 1993)

Nas instanciações (35) a (40), o conector *daí que* introduz orações que expressam consequência factual, aproximando-se do que Koch (1992) denomina *conector lógico*. Se, de um lado, verificamos, em todos os casos, relação semântica mais estreita entre as orações, em face do encadeamento lógico de causa e consequência factual, de outro, a articulação interfrásica em (36), (38) e (40) aponta para maior autonomia sintática da oração encabeçada pelo conector do que na articulação intrafrásica.

Em três das instanciações – (36), (37), (38) –, a oração introduzida pelo *daí que* está codificada na mesma tipologia da porção textual que a antecede, uma narrativa e duas

expositivas, respectivamente. Esse cenário pode se dever ao fato de que, no gênero textual de cada caso, predominam as sequências em questão: o fragmento instanciado em (36) é parte de um romance, no qual predominam as sequências narrativas; em (37) e (38), temos um periódico de teor científico, no qual exposições de ideias e desenvolvimento de raciocínio objetivo são mais explorados.

Já em (35), (39) e (40), verificamos sequências diferentes no entorno de *daí que*. Em (35), a oração que antecede seu uso se desenvolve em movimento argumentativo (*O que se deduz da citação acima*) e, para comprovar sua tese, o enunciador se ancora em eventos factuais, ordenados no tempo. Contribui para essa ambiguidade o gênero da obra, acadêmico, no qual o enunciador normalmente apresenta argumentos para a defesa de uma tese, sendo os argumentos, muitas vezes, fatos externos à situação comunicativa. Em (39), o contrário acontece: a sequência argumentativa está antecedita de uma narrativa; ademais o fragmento faz parte de uma reportagem, gênero, por excelência, misto, no qual a apresentação de eventos se mistura à apresentação de ideias e pontos de vista. Em (40), a instanciação também faz parte de obra acadêmica, o que pode justificar a mescla de sequência narrativa, no início, com as sequências argumentativas seguintes. Nesses dois casos, os fatos narrados servem como argumentos para a defesa do fato apresentado como consequência pelo enunciador. É possível que o quadro delineado nessas três últimas análises esteja diretamente relacionado com as ambiguidades que permeiam os usos do conector lógico-argumentativo *daí que*.

Por fim, não foram observados usos de modalizadores adverbiais ou formas verbais modalizadas nas sequências tipológicas em que o *daí que* encabeçou a oração consecutiva, o que condiz com a expressão de factualidades, nas quais predominam relações externas à situação comunicativa, mais referenciais e com pouca interferência do enunciador.

A seguir, analisamos as instancias nas quais o conector lógico-argumentativo *daí que* introduz oração conclusiva em relação a uma proposição apresentada anteriormente.

Conclusão:

- Sequência narrativa

(41) Este amor do conhecimento, este amor pelo saber, é o que se chama filosofia. O filósofo é o que ama o saber, e eis que o princípio e o fim da cadeia se unem no circuito de auto-crescimento. O amor quer, então, o saber, para iluminar-se; e este querer move a ação diletante de buscar o saber. Amor no começo, e sabedoria no fim, porque o amor é sabedoria, ou a sabedoria é amor. [*Daí que*, tendo pedido Salomão um coração reto e justo, Deus lhe

promete satisfazer o anseio, fazendo-o o mais sábio dos homens de quantos vieram antes, e viriam depois.]

(DP – *Terceira jornada filosófica*. Luiz Caramaschi, s/d)

- Sequência expositiva

(42) Pensar é organizar idéias, dispô-las em hierarquia, arranjá-las em unidade, em sistema. Como cada coisa se nos mostra como unidade, como organização, em nosso espírito, o mundo se reflete como é, como sistema. [**Daí que** a filosofia é a visão geral do mundo, da qual se extrai uma norma de conduta.]

(DP – *Terceira jornada filosófica*. Luiz Caramaschi, s/d)

- Sequência injuntiva

(43) Ignorantes e fracos, a noite os enlouquecia de horror. Adoravam coisas de todas as espécies chamando-as deuses. O egoísmo engendrou a tirania, e esta criou o trabalho escravo, impedindo, ao mesmo tempo, o esforço da pesquisa da verdade. Por causa da inversão do amor em egoísmo, o mundo todo se mostrou invertido também, e, como num negativo fotográfico ou numa fôrma, tudo tem de ser entendido pelo avesso; [**daí que** onde nos diz, a fôrma, saliência, é **para entender-se** reentrância ou depressão; onde o negativo nos diz luz, é **para entender-se** escuridão, e onde, negro, é **para entender-se** branco.] Porque tudo se mostrou invertido, o Mal foi tomado pelo Bem e o Bem pelo Mal.

(DP – *Terceira jornada filosófica*. Luiz Caramaschi, s/d)

(44) Como se vê, o caso de que se cogita pode ser alcançado pela modificabilidade prevista na segunda parte desse inciso, pois não se questiona acerca da proporcionalidade inicial das prestações, mas apenas da superveniente onerosidade excessiva. ao contrário das teorias clássicas da imprevisão, a alteração de cláusulas que se tornaram excessivamente onerosas não reclama, dentro do regramento da legislação consumerista, o pressuposto da imprevisibilidade, bastando que um novo ambiente fático tenha afetado com aguda gravidade a prestação a cargo do consumidor. [**Daí que**, para a aplicação do dispositivo transcrito, **basta** a verificação da onerosidade excessiva do contrato, ocorrida em razão de fatos supervenientes à sua celebração.]

(CP – Nulidade de cobrança em dólar no arrendamento mercantil⁶², autoria desconhecida, s/d)

- Sequência argumentativa

(45) Pois que é, ó Grande Pastor, ó pares, o que é a Verdade ? Ei-la ! Cristo no-la deu nos exemplos da sua vida, e no-la declarou no seu Evangelho: a *Verdade é o Amor*. Porém, o

⁶² *O Corpus do Português* não fornece a autoria nem a data do fragmento, apenas indica que é obra brasileira do gênero acadêmico.

amor coexiste com a liberdade, [*daí que* não **pode haver** amor forçado, amor escravo; logo, a liberdade é o instrumento do amor, e é por ela que ele se efetiva.]

(DP – *Terceira jornada filosófica*. Luiz Caramaschi, s/d)

(46) As incontáveis comunidades criadas via redes sociais estão renovando a experiência da política. Focalizar o debate sobre a exigência por qualidade dos serviços públicos devolve-lhe a clareza.

A estrutura do poder reflete hoje somente um determinado modo de encaminhamento das decisões no labirinto organizacional da máquina pública. [*Daí que* novas formas de corrupção **podem** florescer.] Todos os que tiveram a oportunidade de enriquecer a discussão acerca dos problemas levantados doravante carregam parte da responsabilidade na busca por soluções efetivas.

(PerB – Sem Automatismo, Tarcísio Padilha Jr., *Jornal do Brasil*, 2013)

O fragmento instanciado em (41) é o único caso no qual *daí que* expressa conclusão em uma sequência narrativa. Em (42), a instanciação apresentada é a única da tipologia expositiva que apresenta forma verbal no indicativo ao veicular conclusão. Possivelmente, esse cenário se deva às questões pragmático-discursivas que envolvem a expressão de conclusão, normalmente pouco relacionada com fatores como ordenação de fatos no tempo ou objetividade, próprios das tipologias narrativa e expositiva, respectivamente.

Vale destacar que três instancicações são do mesmo autor, tendo sido retiradas de obra de cunho religioso/filosófico. Por si só, esse gênero textual já propicia situações discursivas comuns à argumentação, levando a uma interação maior entre os interlocutores, o que é comum no processo de (inter)subjeficação. A esse respeito, destacamos as instancicações (41) e (43).

Em (41) temos uma sequência predominantemente argumentativa, sendo verificada sequência narrativa única e exclusivamente na porção textual introduzida pelo conector *daí que*. Ademais, não se trata de narrativa canônica, uma vez que o verbo da oração principal está no presente, ou melhor, presente histórico. Segundo Koch (2009:35-38), ao analisar a proposta de H. Weinrich sobre a função dos tempos verbais, essa introdução de um tempo do mundo comentado no mundo narrado configura metáfora temporal. No mundo narrado, os eventos estão relativamente distantes e, “ao passarem pelo filtro do relato, perdem muito de sua força, permite-se aos interlocutores uma atitude mais ‘relaxada’”. No mundo comentado, por outro lado, as situações comunicativas são mais tensas, pois se trata de coisas que afetam o enunciador diretamente, de modo que “[c]omentar é falar comprometidamente” (grifo da autora). Assim, ao mesmo tempo que, por meio da sequência narrativa, o enunciador adota atitude menos tensa, não deixando o interlocutor em alerta, o uso do presente reforça a

situação comunicativa predominante do fragmento instanciado, que é a persuasão ou o convencimento do interlocutor. Apesar de se tratar de contexto bastante incomum em nossos dados, em que uma sequência narrativa expressa conclusão, consideramos, para a categorização tipológica, as marcas linguísticas próprias do mundo narrado presentes justamente na estrutura frasal introduzida por *Daí que*.

Na sequência injuntiva de (43), o enunciador adota atitude de, mais do que persuasão, convencimento do interlocutor. A longa porção textual que antecede a injunção é marcada por trechos narrativos; estes servem como argumentos para a conclusão que, de forma deôntica – *é para entender-se* –, é anunciada ao interlocutor, direcionando-o, ou melhor, comandando-o, a adotar a mesma atitude. Nesse caso, a intersubjetificação é clara, uma vez a conclusão codifica significados centrados no receptor (Traugott, 2010a:4). Em (44), ainda que o fragmento instanciado também seja injuntivo, não observamos a mesma atitude do enunciador, o que denuncia a importância do gênero textual. Neste caso, trata-se de texto acadêmico, e o tom é mais de persuasão, com uso, logo no início, de modalizadores epistêmicos – *Como se vê* ou *pode ser*. Na conclusão, a forma verbal no indicativo encaminha uma orientação ao interlocutor, igualmente de forma mais suavizada do que na injunção anterior.

Por fim, as duas últimas sequências instanciadas são argumentativas, as que mais frequentemente acolhem conclusões como resultado de proposições anteriores. Em (45), novamente temos uma situação discursiva do domínio religioso/filosófico. Como fator de argumentação, o enunciador profere uma espécie de oração, que se aproxima do gênero textual que Marcuschi (2005:24) denomina *jaculatória*; em atitude de fervor, o enunciador atrai mais facilmente a atenção do seu interlocutor. Em seguida, ainda em ação marcadamente argumentativa, apresenta definições – *A Verdade é o Amor* – e contra-argumentações – *Porém, o amor coexiste com a liberdade*. Finalmente, após esse exercício discursivo de convencimento, introduz sua conclusão por meio do conector *daí que*, numa atitude em que se observa ambiguidade deôntica e epistêmica: *não pode haver amor forçado* pode ser compreendido como a ausência de possibilidade ou como um impedimento obrigatório. Em (46), o fragmento instanciado ilustra um artigo de opinião, gênero do domínio jornalístico classicamente a serviço da exposição de ideias e de apresentação de argumentos para a defesa de teses. A conclusão introduzida por *daí que* refere-se a proposições anteriores expressas igualmente em sequências argumentativas. O modal *poder* (*podem florescer*) expressa

possibilidade epistêmica, denotando atitude cuidadosa do enunciador para tratar de um tema normalmente delicado: *corrupção*.

Embora percebamos ambiguidades comuns ao uso do conector lógico-argumentativo *daí que*, na expressão de conclusão elas são menos difusas do que nos usos consecutivos. Aqui, mesmo nas sequências que não são argumentativas, a atitude do enunciador é marcadamente persuasiva ou de convencimento e, dependendo do gênero textual, modalizações epistêmicas podem ceder lugar às deônticas. Em todas as instanciações, são verificadas relações mais abstratas, inferenciais, internas à situação comunicativa, sendo possível reconhecer o processo de (inter)subjetivação, presente na construcionalização de elementos procedurais, como os conectores. Consequentemente, o vínculo sintático entre as porções textuais articuladas pelo conector *daí que* é mais frouxo do que o verificado na expressão de consequência, aproximando-se do que Koch (1992) chama de *operador argumentativo*.

Em face das análises e interpretações dos padrões de uso do *daí que* em contexto de isolamento, consideramos ser viável apresentar o *daí que* como elemento coesivo que, na expressão de resultado, situa-se numa faixa que abrange desde as relações mais lógicas até as mais argumentativas. A (inter)dependência entre as porções textuais que *daí que* articula aponta para usos gradientes entre os dois polos da ambiguidade pragmática: a expressão de consequência e a de conclusão. Apresentamos vários casos que não se situam exclusivamente em um polo ou no outro, o que significa que, mesmo reconhecendo apenas dois valores pragmáticos para a expressão de resultado, existem usos intermediários entre eles, cujas diferenças são estabelecidas pelo emprego do modo indicativo ou subjuntivo, pela articulação intra ou interfrásica, pela presença ou ausência de modalizadores epistêmicos ou deônticos.

Acreditamos, por fim, que a ambiguidade pragmática do conector lógico-argumentativo *daí que* na expressão de resultado, com usos gradientes entre consequência e conclusão, está diretamente ligada à sua rota de evolução. A investigação dos contextos atípico e crítico descortinou fatores sintático-semânticos e pragmático-discursivos que, por via do princípio da persistência de Hopper (1991), ainda se fazem presentes no contexto de isolamento: o uso do conector lógico-argumentativo *daí que* mantém traços da anaforicidade, função textual do componente mais lexical do par: recupera, da porção anterior, uma causa e faz o texto progredir introduzindo sua consequência; retoma um raciocínio lógico e o orienta para a conclusão. Por outro lado, sincronicamente, não há mais as implicaturas conversacionais do contexto atípico, ou a ambiguidade semântica e estrutural do contexto

crítico; também não há mais a mobilidade do *daí*, resquício de seu uso adverbial. No contexto de isolamento, o paradigma das locuções conjuntivas recebe uma nova microconstrução, cujos componentes se afetam mutuamente: *daí* assume a imobilidade própria das conjunções integrantes, e ambos assumem posição fixa no início da oração que introduzem; *que* absorve a semântica de resultado expressa por *daí*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da presente tese, focalizamos a rota de evolução de *daí que* como conector lógico-argumentativo. Trata-se de elemento linguístico de uso recente na língua portuguesa, seja na variante brasileira, seja na variante europeia: o registro mais antigo, em nossos dados, data de 1954. Empregado em contextos que expressam resultado, *daí que* pode articular relações tanto de causalidade factual, como argumentativas, expressando consequência ou conclusão, respectivamente. Apresenta-se, assim, como um conector pragmaticamente ambíguo, fortemente relacionado com as situações discursivas nas quais é empregado pelo usuário da língua.

Em face desse quadro, partimos de dois questionamentos iniciais, que nortearam as hipóteses e objetivos deste estudo:

1. Quais as motivações para o surgimento do conector lógico-argumentativo *daí que*?
2. Que relação essas motivações têm com seus padrões de uso?

A fim de responder à primeira pergunta, esta pesquisa se desenvolveu ancorada na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que promove a interface entre o funcionalismo linguístico de orientação norte-americana e a linguística cognitiva. Nessa perspectiva, a gramática é vista como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a linguagem, podendo ser afetada pelo uso da língua. Assim, o caráter empírico legitimou os achados, enquanto a metodologia prioritariamente quantitativa permitiu a interpretação do conector lógico-argumentativo *daí que* considerando-se as situações discursivas, os contextos linguísticos de uso e as questões externas e internas à língua.

Para descrever e explicar os fatos linguísticos relacionados com o conector *daí que* com maior propriedade, integramos sincronia e diacronia, numa abordagem pancrônica. A dimensão diacrônica da pesquisa permitiu o reconhecimento dos fatores que, por hipótese, teriam motivado o surgimento do conector *daí que*. Flagramos três tipos, ou *types*, de

contextos presentes na rota de evolução do *daí que*: dois do estágio inicial – um contexto atípico e um contexto crítico – e um do estágio final, contexto de isolamento.

No quadro a seguir, apresentamos os três contextos lado a lado, a fim de que as já exploradas diferenças entre cada um sejam visualizadas, sinteticamente, sob outra perspectiva:

Quadro 6. Quadro sinóptico dos contextos atípico, crítico e de isolamento

Contexto atípico	Contexto crítico	Contexto de isolamento
<p>(47) O ponto da praça de Portugal entendo que não será necessário, e verdadeiramente eu o tive sempre por muito indecente, e assim o escrevi a S. M. , quando ainda de Paris lhe falei sobre as cauções, mas temos por certo que não há-de bater por aí a maior dificuldade. Não sei em que S. M. se pudesse conformar com o que escrevi a V. Ex.a, se <i>de aí</i> se <i>infern</i> que V. Ex.a não há-de fazer tratado, principalmente que o estado a que V. Ex.a o reduziu ultimamente é de muito diferente condição que as passadas, e se aqui fizemos as pazes, como se espera, é o caso em que eu convinha que dêssemos dinheiro e navios, porque então considerava que o podíamos fazer, e assim estimarei que V. Ex.a me diga com mais clareza o que há nisto.</p> <p>(BBM – Cartas. Pde. Antônio Vieira, 1648)</p>	<p>(48) que se procedesse a devassa acerca de algumas notícias que recebera, e que tornavam mui suspeito o procedimento e fidelidade de alguns vassalos da capitania de Minas Gerais, e ainda mesmo daqueles que, pelos empregos que exerciam no real serviço, deviam ser dele os mais zelosos. Entre estas notícias considerava o vice-rei como de maior ponderação as que lhe comunicara o governador da mesma capitania. Temia que a esta pela vizinhança e relações mercantis se viesse a comunicar o mal, que exagerava sincera ou aparentemente, o que ele entendia não dever prevenir mas destruir inteiramente. <i>Inferiu daí que</i> lhe era fácil achar na capital da colônia americana alguns dos conjurados da capitania de Minas Gerais.</p> <p>(CP – <i>História da Conjuração Mineira</i>. Joaquim Norberto de Souza Silva, 1860)</p>	<p>(49) Como, porém, as desgraças e a cólera do povo pediam cada dia têrmos novos para se exprimirem, “inócuo” foi inchando de mais significações.</p> <p>Quando o Rainha deu um tiro de caçadeira, num dia de arraial, ao homem da amante, chamaram-lhe, evidentemente, inoque, por ser um devasso e um assassino de caçadeira. <i>Daí que</i> fôsse fácil meter também no inoque o assassino de faca e a cróia de porta aberta. “Inócuo” dera volta à aldeia, secara todo o fel das discórdias, escoara todo o ódio da população.</p> <p>(CP – <i>A Palavra Mágica</i>. Vergílio Ferreira, 1976)</p>

No uso ilustrado em (47), é possível perceber que os elementos constituintes do conector mantêm, cada um, suas propriedades sintático-semânticas: *de* e *aí* ainda não formam a microconstrução *daí*, mas juntos articulam partes do texto, participando da continuidade e progressão textuais; por sua vez, *que*, encontra-se na função textual canônica de conjunção integrante.

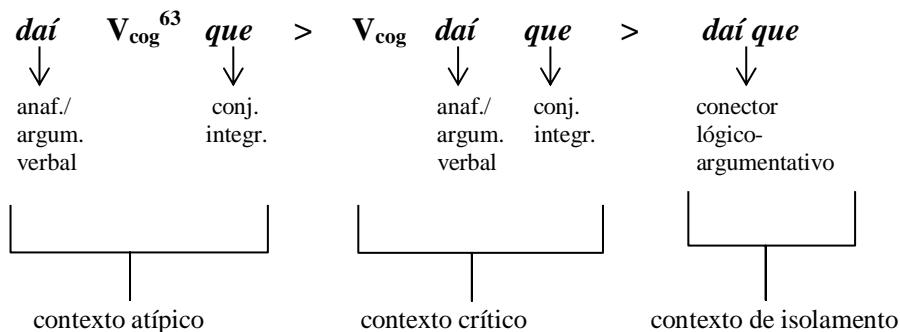
No entanto, a movimentação do *daí* para a posição pós-verbal, situando-se ao lado do *que*, como em (48), é indicativa de que pressões de informatividade e inferências sugeridas (Traugott e Dasher, 2005) começam a atuar de forma mais contundente, em face de um contexto em que predominam ações cognitivas, por meio das quais se expressam inferências.

Esse ambiente linguístico gera ambiguidades e, metonimicamente, permite leituras cada vez mais metafóricas para os constituintes do conector *daí que*, não obstante os dois constituintes terem, composicionalmente, suas funções gramaticais preservadas. Nesse estágio, está também presente o processo cognitivo do *chunking* (Bybee, 2010:7), que envolve as atividades tanto de produção da mensagem, quanto da sua decodificação.

As aplicações repetidas desse novo *chunk* levam à formação da nova unidade sequencial *daí que*, configurando-se como o contexto mais propício à mudança linguística que acontece no estágio seguinte, representado em (49). Já em uso como conector, *daí que* articula porções textuais, participando da expressão de resultado, em relações internas ou externas à língua.

A confirmação da existência desses três contextos permitiu que evidenciássemos a rota evolutiva do *daí que*. O esquema a seguir ilustra os micropassos percorridos, permitindo melhor visualização de cada estágio das mudanças construcionais que o levaram à construcionalização como conector.

Esquema 2. Estágios da construcionalização do conector lógico-argumentativo *daí que*



Portanto, por meio da perspectiva teórica adotada e da metodologia de análise, respondemos ao primeiro questionamento: os dois contextos iniciais emergem como favorecedores das mudanças construcionais operadas sobre os constituintes *daí* e *que*, levando à construcionalização do conector lógico-argumentativo *daí que*, no contexto de isolamento.

Retomamos, então, o segundo questionamento e passamos a investigar a relação existente entre essas motivações e os padrões de uso do conector *daí que* em contexto de isolamento. Mais uma vez, confirmamos que pesquisar dados de uso efetivo na língua com base na LFCU é fundamental. O caráter empírico legitimou os achados, enquanto a

⁶³ V_{cog} = Verbo cognitivo ou metaforizado como tal; anaf. = anafórico; argum. = argumento; conj. integr. = conjunção integrante

metodologia prioritariamente quantitativa permitiu a interpretação do nosso objeto de estudo, considerando-se as situações discursivas, os contextos linguísticos de uso e as questões externas e internas à língua.

O conector *daí que* forjou-se em ambiente sintático-semântico e pragmático-discursivo marcado pelas relações de causalidade, estritas ou não. A ambiguidade consequência-conclusão presente nos contextos iniciais são a marca de seu uso em contexto de isolamento. Na veiculação do valor semântico de resultado, pragmaticamente pode expressar relações mais factuais, assemelhando-se a um conector lógico, ou relações mais argumentativas, aproximando-se dos operadores argumentativos. A estrutura frasal da qual *daí que* faz parte codifica essa ambiguidade pragmática, por meio do maior ou menor vínculo sintático-semântico entre as predicções ou proposições que o conector articula. De fato, as motivações dos contextos iniciais estão espelhadas nos padrões de uso do *daí que*, sendo por isso caracterizado como *conector lógico-argumentativo*.

O quadro 6 e o esquema 2 são apenas esboços ilustrativos do detalhamento morfossintático, semântico e pragmático-discursivo que apresentamos no decorrer da análise de dados. Esse detalhamento comprovou que, por motivações distintas, a construcionalização gramatical pode compreender gramaticalização como redução (GR), segundo os pressupostos de Lehmann (1995), e gramaticalização como expansão, de acordo com Himmelmann (204). Por meio da investigação da rota de evolução do *daí que*, ambos os processos aparecem conciliados no desenvolvimento do conector ao longo do tempo.

No que diz respeito à GR, verificamos:

- a) decréscimo de composicionalidade – embora não seja impossível, é difícil analisar cada componente separadamente;
- b) redução de esquematicidade – do espaço preenchido por diferentes verbos no esquema oracional a esquematicidade zero como conector;
- c) redução de autonomia – *daí* perde mobilidade dos dêiticos e contrai coesão com *que*;
- c) redução de material linguístico – de estrutura oracional complexa a conector.

Quanto à GE, também foi possível verificar os seguintes processos gradativos:

- a) expansão categorial – além da categoria dos pronomes locativos, vinculado a *que*, *daí* passa a integrar o paradigma das locuções conjuntivas;
- b) expansão dos contextos sintático-semânticos – além do uso anafórico, *daí*, ao se articular com o *que*, passa a atuar como conector, fixando-se na frase; por sua vez, essa articulação

expande o *que* para além do uso como conjunção integrante, sem valor semântico significativo, passando a veicular consequência e conclusão;

c) expansão dos contextos pragmático-discursivos – expressão de ações mentais pela frequência de uso com verbos cognitivos; maior (inter)subjetificação, com aumento do recrutamento de significados para expressar atitudes e pontos de vista

Em face desse quadro, justifica-se *daí que* não constar dos compêndios que se orientam pela tradição gramatical, pois foge ao escopo da proposta normativa. É arrolado por duas gramáticas que vão além dos aspectos morfossintáticos, com clara preocupação semântica, mas, ainda assim, a taxonomia gramatical dicotômica está latente: *daí que* ou se alinha à coordenação, ou se alinha à subordinação. Diversos estudos linguísticos sobre conectores também não tratam especificamente de nosso objeto de estudo, mas apontam para a possibilidade de tratamento metodológico do seu uso, como é o caso da obra de Lima-Hernandes (2010) sobre as estruturas x-que do português.

Portanto, sem descartar os possíveis vieses de seleção do *corpus*, nem algumas dificuldades encontradas para coletar material em sincronias mais antigas, cremos que esta tese se conclui indicando que as hipóteses foram confirmadas e os objetivos traçados foram atingidos. Em suma, por meio de uma abordagem pancrônica, foi possível confirmar que o conector lógico-argumentativo *daí que*:

- Responde ao modelo de Croft (2001), ao parear forma-significado, com perda de composicionalidade e ao apresentar idiossincrasias próprias da sua forma e função. Forma um novo nó na rede construcional do esquema [X-que].
- Responde ao modelo de Diewald (2006), tendo percorrido rota evolutiva, em contextos atípico, crítico e de isolamento. Não confirmamos, no entanto, o desaparecimento do contexto atípico quando o de isolamento se consolidou. Possivelmente esse quadro se deva a termos estudado fenômenos linguísticos de natureza diferente.
- Responde ao modelo de Traugott e Trousdale (2013), por ter sido afetado por mudanças construcionais graduais. Por meio do mecanismo da analogização aumenta a produtividade do esquema [X-que], passando a fazer parte do paradigma das locuções conjuntivas. Em perspectiva sincrônica, encontra-se construcionalizado como conector lógico-argumentativo.

Confirmamos, portanto, as hipóteses de que, após passar por mudanças construcionais ao longo da sua rota de construcionalização, a microconstrução *daí que* configura-se, hoje,

como um conector lógico-argumentativo, pareando forma-significado. Funciona como elemento coesivo, alinhando-se ao paradigma das locuções conjuntivas e, assim como *de modo que*, *de maneira que* ou *de sorte que*, o conector *daí que* vem se especializando na expressão de resultado, sendo empregado pragmaticamente em relações mais factuais, como as consecutivas, ou mais modalizadas e subjetivas, como as conclusivas.

Esperamos ter contribuído para os estudos de linguagem em geral e, especificamente, para os estudos sobre mudança linguística centrada no uso. Importa deixarmos claro que esta pesquisa não traz respostas categóricas nem apresenta uma análise cabal do uso do conector lógico-argumentativo *daí que*. Temos consciência de que apenas iniciamos um estudo que tem muitos caminhos a serem seguidos, entre eles, investigação das outras microconstruções do paradigma das locuções conjuntivas que expressam resultado. O conector *daí que* foi investigado na qualidade de microconstrução; merece, agora, junto a *de modo que*, *de maneira que* ou *de sorte que*, estudo inserido na rede a que pertence, no nível mesoconstrucional.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENA, Ana Beatriz. *Multifuncionalidade e polissemia do então: um estudo pancrônico*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Instituto de Letras -Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008.

AUSTIN, John L. *Quando Dizer é Fazer*. Trad. de Danilo Marcondes de S. Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à Sintaxe do Português*. 8ª. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

———. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2ª. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARRETO, Therezinha M. M. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1999.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BENEDITO, Luciano S. B. *Polissemia e ordenação do item mal no português escrito: uma análise diacrônica*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

BONINI, Adair. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L., BONINI, A., MOTTA-ROTH, D. (orgs.) *Gêneros, Teorias, Métodos e Debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRAGA, Maria Luiza. As sentenças clivadas no português falado do Rio de Janeiro. *Organon*, Porto Alegre, v 5, n. 18, 1991.

BRAGA, Maria Luiza. Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista. *Matraga*, Rio de Janeiro, v16, n. 24, 2009.

BRAGA, Maria Luiza; PAIVA, Maria da Conceição. Multifuncionalidade categorial e funcional da proforma *aí*. In: *Funcionalismo Linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012, pp. 53-65.

BRONCKART, J. P. *Atividades de Linguagem, Textos e Discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

BYBEE, Joan. Mechanisms of Change in Grammaticization: the role of frequency. In JOSEPH, Brian D. and JANDA, Richard D. (eds). *The Handbook of Historical Linguistics*. Blackwell Publishing, 2004. Blackwell Reference Online. 08 July 2009 <http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9781405127479_chunk_g978140512747921>

———. *Language, Usage and Cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

———. Usage-based theory and exemplar representations of constructions. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2013. p. 49-69.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 2ª. ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CARONE, Flavia de B. *Subordinação e Coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 2006.

CASSEB-GALVÃO, Vânia C. De predicação matriz a operador evidencial. A gramaticalização de *diz que*. *Veredas*, v. 8, n. 1 e n. 2, Juiz de Fora, jan./dez. de 2004, pp. 163-181.

CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, Vanda M. *Pequena Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2000.

CEIA, Carlos. E-Dicionário de Termos Literários. http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=985&Itemid=2 (acessado em 17/12/2014).

CIPRO NETO, Pasquale e INFANTE, Ulisses. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione, 2003.

CROFT, William. *Radical Construction Grammar. Syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

CROFT, William. Language structure in its human context: new directions for the language sciences in the twenty-first century. *Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences*, ed. Patrick Hogan. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. (PDF)

CROFT, William. Connecting frames and constructions: a case study of 'eat' and 'feed'. *Constructions and frames*, vol. 1. n. 1, June 2009, pp. 7-28.

CUNHA, Celso F. da; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. *Modalidade e evidencialidade: forma e função*. São Paulo: FAPESP (Relatório Científico), 2001.

DICIONÁRIO de Português Online Michaelis. São Paulo: Melhoramentos, [s/d]. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/>>. Acesso em: 9 de set. 2014.

DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, versão 1.0, [s/d]. CD-ROM

DIEWALD, Gabriele. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*, Cidade, SV 1-9, 2006 (www.constructions-online.de)

———. Pragmaticalization (defined) as grammaticalization of discourse functions. *Linguistics*, vol. 49, pp. 365-390, 2011

FARACO, Carlos E. e MOURA, Francisco M. *Gramática*. São Paulo: Ática, 1999.

FISCHER, Olga. Grammaticalization as analogically driven change? *View[z]*, vol. 18, no. 2, dez. 2009, pp. 3-23

FURTADO DA CUNHA, Maria A. A linguística centrada no uso (ou linguística cognitivo-funciona). In: SOUZA, Medianeira et al. (orgs.) *Sintaxe em Foco*. Recife: PPGL/UFPE, 2012: 29-49.

FURTADO DA CUNHA, Maria A.; COSTA, Marco A. e CEZARIO, Maria M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria A.; OLIVEIRA, Mariangela R. de e MARTELOTTA, Mário E. (orgs.) *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GARCIA, Afrânio da S. Uma tipologia semântica do verbo no português. *SOLETRAS*, Ano IV, Nº 08. São Gonçalo: UERJ, jul./dez.2004

GOLDBERG, Adele E. Constructions: a new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences*, 2003, vol.7, no.5:219-224.

GONÇALVES, Sebastião C. L. e CARVALHO, Cristina dos S. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião C. L.; LIMA-HERNANDES, Maria C. e CASSEB-GALVÃO, Vânia C. (orgs.) *Introdução à Gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLIDAY, Michael A. K; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. Londres/Nova Iorque: 2014.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D. e JANDA, Richard D. *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

HIMMELMANN, Nikolaus. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus; WIEMER, Björn (eds) *What Makes Grammaticalization? A look from its fringes and its components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p 21-42.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C. e HEINE, B. (orgs.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

KOCH, Ingedore G. V. Dificuldades na leitura/produção de textos: os conectores interfrásticos. In: CLEMENTE, Elvo (org.) *Linguística Aplicada ao Ensino de Português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

———. *Inter-ação pela Linguagem*. 6a. ed., São Paulo: Contexto, 2001.

———. *A Coesão Textual*. 19ª. ed., São Paulo: Contexto, 2004.

———. *Desvendando os Segredos do Texto*. São Paulo: Cortez, 2005.

———. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 2009.

KOCH, Ingedore G. V.; ELIAS, Vanda M. *Ler e Compreender os Sentidos do Texto*. São Paulo: Contexto, 2008.

KUTEVA, Tania. *Auxiliation. An enquiry into de nature of grammaticalization*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2001.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization*. Munich: Lincom Europa, 1995.

LEONI, Francisco E. *Genio da Língua Portuguesa, ou Causas Racionais e Philologicas: de todas as formas e derivações da mesma lingua, comprovadas com innumeraveis exemplos extrahidos dos autores latinos e vulgares*. Lisboa: Panorama, 1858.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Processos sociocognitivos da mudança gramatical: estruturas X-que do português*. São Paulo, 2010. 208 p. Tese de Livre-docência – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

LUCENA, Isabel L. A expressão da evidencialidade: uma análise do discurso político. *Estudos Linguísticos*, n. 37. SP: jan./abr. de 2008, pp. 93-102.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela P., MACHADO, Anna R e BEZERRA, Maria A (orgs.) *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz A *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, Mário E. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria M. e MARTELOTTA, Mário E. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.

MARTELOTTA, M. E. Advérbios – conceito e tendências de ordenação. In: Oliveira, Mariangela R. de e Cezário, Maria M. (orgs.) *Adverbiais: Aspectos gramaticais e pressões discursivas*. Niterói: Eduff, 2012, pp. 13-96

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. *Scientia (Rivista di scienza)*, vol. XII (1912), n° XXVI, 6. Acessado em 10/12/2014: http://ctlf.ens-lyon.fr/voirtexte.asp?fic=5314_fr_Meillet_1_T09&f=txt&num=1033&auteurs=Meillet,%20Antoine&titre=

MIRANDA, NEUSA S. Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais. In: *Veredas: revista de estudos linguísticos*. Juiz de Fora, v. 3, no. 1, pp. 81-95, 1999.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico Resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1966.

NEVES, Maria Helena de M. As construções causais. In: Neves, M. H. M *Gramática do Português Falado, vol. VII*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999: 461-496.

———. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

———. *Texto e Gramática*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

NOËL, Dirk. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. *Functions of Language*, 2007; 14/2: 177-202.

NOVO Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

OLIVEIRA, Leonor A. B. *Marcadores da organização do padrão discursivo narrativo: uma abordagem funcional centrada no uso*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2013.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. *Descrição do Português à Luz da Lingüística de Texto*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2001.

OLIVEIRA, Mariangela R.; VOTRE, Sebastião J. A trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista. *Matraga*, v. 16, no. 24, pp. 97-114, jan/jun 2009. Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Mariangela; BATORÉO, Hanna. Construções com pronomes locativos (loc) do tipo LOCV e VLOC no PB e no PE: correspondências e distinções. *Lingüística*, v. 30 (2), Diciembre 2014: 171-208.

PEZATTI, Erotilde G. O advérbio *então* já se gramaticalizou como conjunção? *Revista D.E.L.T.A.*, 17(1):81-95, 2001.

PINTO, Carlos Felipe da C.; RIBEIRO, Ilza. Um estudo sintático-discursivo comparativo da clivagem em línguas românicas. In: MOURA, Denilda (org.). *Os desafios da língua: estudos em língua falada e escrita*. Maceió: EDUFAL, 2008, pp. 401-404.

ROCHA LIMA, Carlos H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed., 1973.

ROSÁRIO, Ivo da C. do. *Gramaticalização de até: usos na linguagem padrão dos séculos XIX e XX, 2007b*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

———. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, DATA?

SILVEIRA, Eliete F. B. Verbos cognitivos: estrutura e semântica. *Revista Diadorim*, Vol. 6. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

SOUZA, Edson Rosa. Um estudo discursivo-funcional de *assim*, *já* e *aí* no português falado do noroeste paulista. In: *Funcionalismo Linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012:67-92.

TAVARES, Maria Alice. Abordagem pancrônica à gramaticalização do *daí* como conector. *Signum: Estud. Ling.*, n. 9/2, pp. 245-271, dez. 2006.

TERRA, Ernani. *Curso Prático de Gramática*. São Paulo: Scipione, 2002.

Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2005 - v.9, n.2 (2013) Semestral ISSN 1808-835X 1.

Linguística - Periódicos. 1. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Linguística. CDD410 TRAUGOTT, Elizabeth C. Entrevista com a professora Elizabeth Closs Traugott. *Revista Linguística*, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth C. Toward a coherent account of Grammatical Construcionalization. Draft for a volume on historical construction grammar edited by Elena Smirnova, Jóhanna Barðdal, Spike Gildea, and Lotte Sommerer. March 2nd, 2012.

———. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: Davidse, K., Vandelanotte, L. e Cuyckens, H. (eds). *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010a, pp 29-71.

———. Gradience, gradualness and grammaticalization. In: Traugott, Elizabeth C. e Trousdale, Graeme (eds). *Typological Studies in Language*, 90. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company: 2010b, pp 19-44.

———. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of Degree Modifiers in English. In: (REGINE, E.; GERHARD J. e TONJES, Y.) *Variation, Selection, Development Probing the Evolutionary Model of Language Change*. New York: Mouton de Gruyter, 2008a:219-252.

———. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. Draft version, 2008b. (For Merja Kytö (ed.). *English Corpus Linguistics: Crossing Paths*. Rodopi.)

———. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (eds.). *A Handbook of Historical Linguistics*. London: Blackwell, 2003:624-647.

———; DASHER, Richard B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

———; KÖNIG, Ekkehard. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: Traugott, E. C. e Heine, Bernd (eds.), *Approaches to Grammaticalization*. Vol. 1, Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 189-218

———; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, Graeme. Constructions in grammaticalization and lexicalization: evidence from the history of a composite predicate construction in English. In: TROUSDALE, Graeme. e GISBORNE, Nikolas. (orgs.) *Constructional Approaches to English Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008a.

———. Words and constructions in grammaticalization: The end of the English impersonal construction. In MINKOVA D. e FITZMAURICE S. (orgs.) *Empirical and Analytical Advances in the Study of English Language Change*. (Topics in English Linguistics) Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008b. pp. 301-326.

———. On the relationship between grammaticalization and constructionalization. *Folia Linguistica* 48/2, 557–577, 2014.

VILELA, Mário e KOCH, Ingedore V. *Gramática da Língua Portuguesa: gramática da palavra – gramática da frase – gramática do texto/discurso*. Coimbra: Livraria Almedina Ed., 2001.

WITTGENSTEIN, Ludwig J. J. *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (PDF)

8 ANEXOS

8.1 ENDEREÇOS E PERFIS DOS *CORPORA ONLINE*

Endereços eletrônicos e respectivos perfis de cada *corpus* pesquisado:

- Corpus do Português⁶⁴: (CP)

<http://www.corpusdoportugues.org/>

Banco de dados que conta com mais de 45 milhões de palavras, de quase 57 mil textos em português brasileiro e europeu, os quais variam do século XIV ao XX.

- Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM)

<http://www.bbm.usp.br/>

Neste acervo, cerca de três mil títulos estão disponíveis para livre acesso. Destacam-se os livros de história, de literatura e crítica literária, os relatos de viajantes e missionários e os almanaques e uma coleção de periódicos nacionais dos séculos XIX e XX.

- Portal Domínio Público

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>

O portal constitui-se em um ambiente virtual que permite a coleta, a integração, a preservação e o compartilhamento de conhecimentos, sendo seu principal objetivo o de promover o amplo acesso às obras literárias, artísticas e científicas (na forma de textos, sons, imagens e vídeos), já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, que constituem o patrimônio cultural brasileiro e universal.

⁶⁴ Davies, Mark and Michael Ferreira. (2006-) *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Available online at <http://www.corpusdoportugues.org>.

- Projeto Vercial

<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/>

O Projecto Vercial pretende divulgar o maior número possível de autores de língua portuguesa, desde a Idade Média até à actualidade. Os diversos autores estão inseridos em determinado período literário (literatura medieval, clássica, barroca, neoclássica, romântica, etc.). É apresentada uma nota biográfica de cada autor, alguns estudos teóricos e uma antologia de textos.

- Jornal do Brasil

<http://www.jb.com.br/capa/>

Tradicional jornal brasileiro, fundado em 1891. Publicado diariamente na cidade do Rio de Janeiro e impresso até setembro de 2010, quando se tornou exclusivamente digital.

- Revista Superinteressante

<http://super.abril.com.br/>

Publicação com enfoque em artigos na área de ciências exatas e biológicas e também de ciências humanas e sociais.

- Revista Marie Claire

<http://revistamarieclaire.globo.com/>

Publicação mensal, sobre moda, beleza, celebridades e comportamento, voltada ao público feminino.

- Revista científica Ambiente e Sociedade

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1414-753X&lng=en&nrm=iso

Ambiente e Sociedade é uma publicação quadrimestral da ANPPAS- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, que contribui na área de conhecimento produzida pela interface entre as questões do Ambiente e Sociedade, com foco interdisciplinar.

8.2 CONTEXTOS ATÍPICOS E CRÍTICOS E DE ISOLAMENTO, POR SEQUÊNCIAS TIPOLÓGICAS E GÊNEROS TEXTUAIS

Gêneros textuais	Sequências tipológicas												TOTAIS	
	Argumentativa			Narrativa			Expositiva			Injuntiva				
	Atíp.	Crít.	Isol.	Atíp.	Crít.	Isol.	Atíp.	Crít.	Isol.	Atíp.	Crít.	Isol.		
Jornalístico ⁶⁵	35	9	47	8	2	12	–	–	6	–	–		119	
Acadêmico ⁶⁶	33	21	17	1	1	4	12	6	2	–		1	98	
Discurso religioso/filosófico	17	6	28	2	1	1	3	2	2	–	1	2	65	
Romance/Conto	13	1	4	12	1	14	–	–	–	–	–	–	45	
Enciclopédico ⁶⁷	2	–	10	–	–	11	1	–	14	–	–	1	39	
Jurídico	4	5	–	2	–	–	3	–	–	–	–	–	14	
Tratado	12	–	–	–	1	–		1	–	–	–	–	14	
Historiográfico	6	–	–	3	2	–	–	–	–	–	–	–	11	
Carta	5	4	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	10	
Manual (catecismo)	4	–	1	–	–	–	1	–	–	–	–	–	6	
Nota/Notícia	1	–	–	2	–	2	1	–	–	–	–	–	6	
Apólogo/Texto teatral	3	–	–	1	1	–	–	–	–	–	–	–	5	
Diário/Memorial	1	1	–	–	–	–	1	–	–	–	–	–	3	
Biografia	1	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–	2	
Relatório	–	1	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	2	
Discurso político	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	
TOTAIS	Contextos	138	48	107	32	10	44	22	10	24	–	1	4	440
	Sequências	293			86			56			5			

⁶⁵ Jornalístico: artigos de opinião, crônicas argumentativas, reportagens, crônicas esportivas e editorial (textos com perfil opinativo).

⁶⁶ Acadêmico: artigos, monografias, dissertações, teses, ensaios, anais, resenhas críticas, crítica literária.

⁶⁷ Enciclopédico: dicionários e enciclopédias.

8.3 OCORRÊNCIAS DE VERBOS E LOCUÇÕES VERBAIS: CONTEXTO ATÍPICO

Verbos e locuções	Séculos				Total
	XVII	XVIII	XIX	Ctp	
vir	8	6	19	14	47
concluir			7	19	26
pode (podia) ser	1		13	4	18
resultar		1	3	12	16
dizer				10	10
inferir	4	2	2	1	9
seguir		2		4	6
decorrer				5	5
provir			3	2	5
chegar à/tirar a conclusão			1	3	4
coligir	2	1	1		4
deduzir			1	3	4
nascer	1	2		1	4
perceber				4	4
ver			1	3	4
ser possível/natural			2	2	4
achar				1	1
acreditar				1	1
afirmar				1	1
certificar				1	1
colher	1				1
conhecer		1			1
consolidar				1	1
constatar				1	1
convencer	1				1
depreender			1		1
descobrir				1	1
entender				1	1
explicar				1	1
inculcar			1		1
mostrar		1			1
possibilitar				1	1
pressupor				1	1
proceder		1			1
resolver				1	1
supor			1		1
surgir (a ideia)				1	1
ter (= equações)				1	1
Total					192

8.4 OCORRÊNCIAS DE VERBOS E LOCUÇÕES VERBAIS: CONTEXTO CRÍTICO

Verbos e locuções	Séculos				Total
	XVII	XVIII	XIX	Ctp	
resultar			4	9	13
concluir			3	9	12
seguir	1	2	3	5	11
decorrer			1	8	9
deduzir			2	4	6
vir	1			3	4
depreender				3	3
inferir			1	1	2
ir (<i>vai daí que</i>)				2	2
ver				2	2
considerar				1	1
entender		1			1
perceber				1	1
postular				1	1
presumir		1			1
Total					69